Campeã de vendas de e-books no site da Amazon

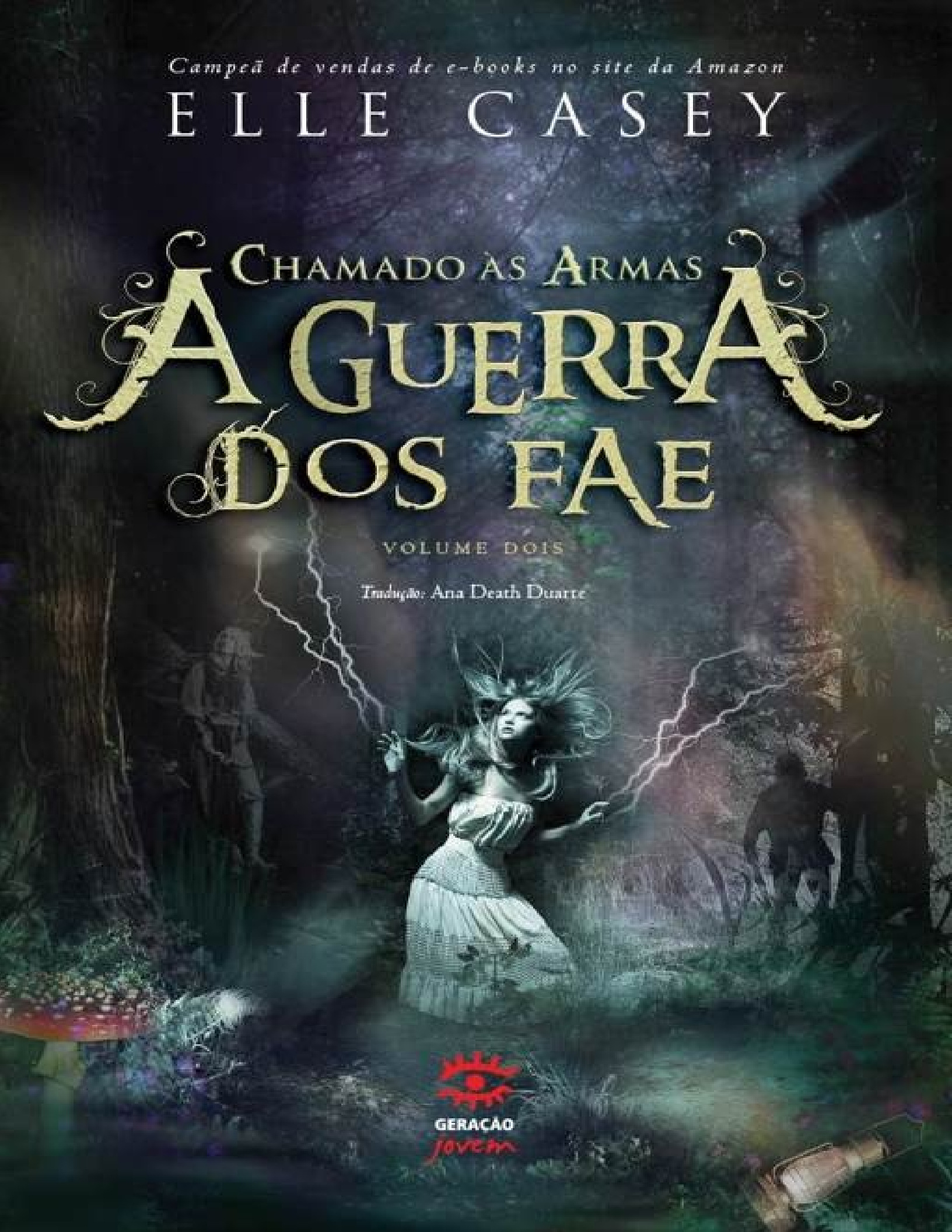
ELLE CASEY

A GUERRA DOS FAE

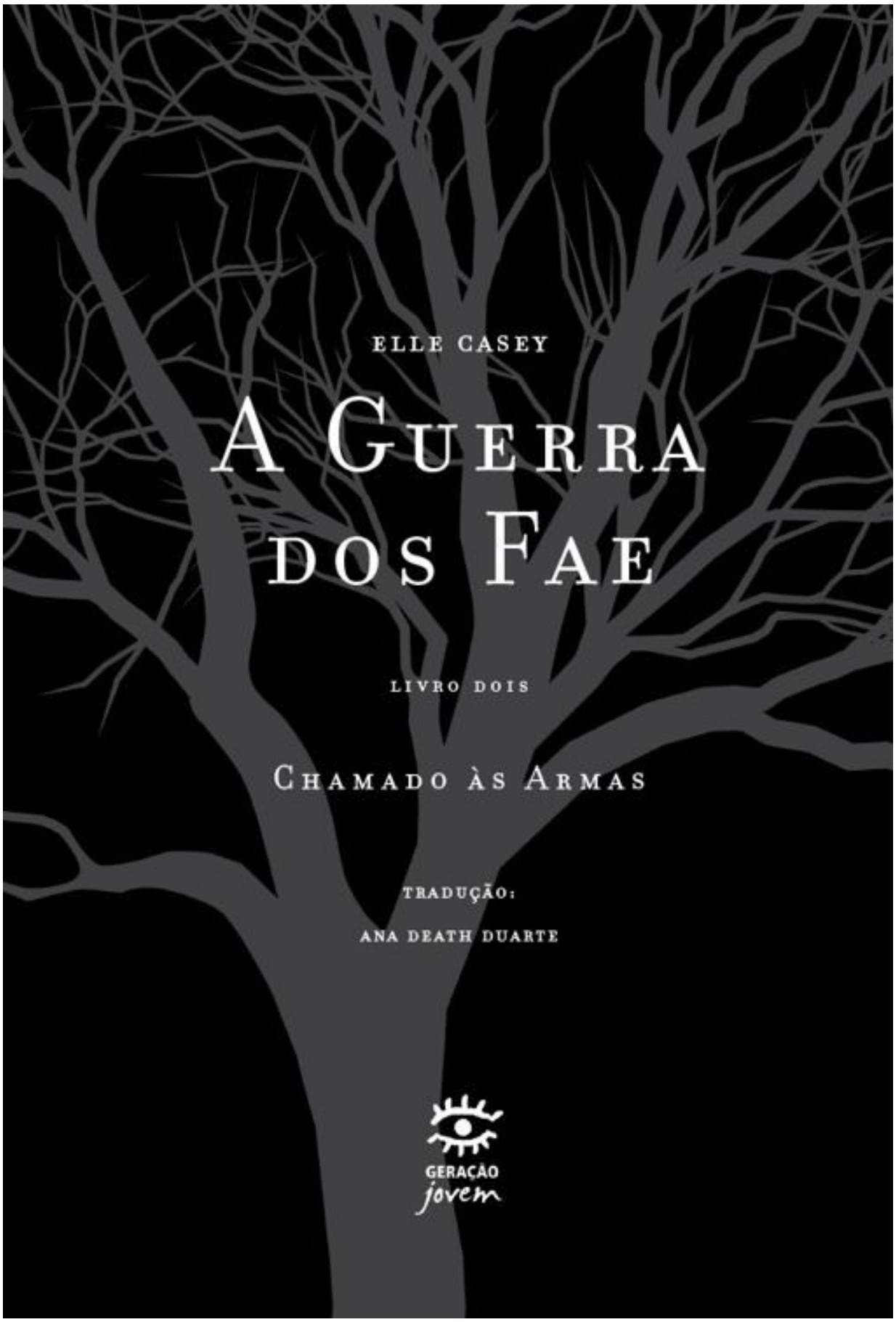
CHAMADO ÀS ARMAS

VOLUME DOIS

Tradução: Ana Death Duarte



GERAÇÃO jovem


ELLE CASEY
A Guerra dos Fae
LIVRO DOIS
Chamado às Armas
TRADUÇÃO:
ANA DEATH DUARTE
GERAÇÃO
jovem

Título original:
War of the Fae: call to arms

Copyright © 2012 by Elle Casey All rights reserved.
Translated with permission of Elle Casey

1ª edição — abril de 2014

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica
Priscila Hernandez

Assistente Editorial
Carla Anaya Del Matto

Auxiliar de Produção Editorial
Isabella Vieira

Capa
Alan Maia

Projeto Gráfico e Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Preparação de Texto
Sandra Martha Dolinsky

Revisão
Marcia Benjamim
Josias Andrade

Conversão para epub
Obliq Press

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casey, Elle

A guerra dos Fae : chamado às armas / Elle Casey ; tradução Ana Death Duarte. – São Paulo : Geração Editorial, 2014. – (Coleção guerra dos fae)

Título original: War of the fae: call to arms.
ISBN 978-85-8130-228-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

14-02439
CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 — Lapa
CEP: 05075-010 — São Paulo — SP
Telefax: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Este livro é dedicado a meu menino, Jeff.
Ele é uma mistura de Chase, Spike, Finn, Tim, Jared e Tony, todos eles reunidos em um único carinha adorável e incrível! Eu amo você!

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Você odeia suspense?
Sobre a autora
Uma nota pessoal de Elle…
Outros livros de Elle Casey
Agradecimentos

Capítulo 1

PARECIA QUE MEU MUNDO ESTAVA SENDO IMPLODIDO. Ou, pelo menos, era como se estivessem puxando o tapete debaixo dos meus pés e eu houvesse caído com a cara no chão de um jeito cosmicamente horrível. No espaço de uma hora, descobri que eu e meu melhor amigo, Tony, somos membros de uma espécie de criaturas chamadas “fae”, e que temos a maior oportunidade de nossa vida de nos tornarmos alguém ou algo extraordinário. Podemos aceitar a mudança que despertará o sangue fae que corre em nossas veias, para nos transformarmos de humanos em fae, e nos tornarmos crianças trocadas.

Porém, Tony optou por voltar à sua casa na Flórida... negar a mudança e permanecer completamente humano em vez de se transformar. Ele não vai partilhar essa nova aventura comigo, abandonando-me quando eu mais preciso dele. Até pior que isso, ele está disposto a ter sua memória apagada, e assim, não vai se lembrar do inferno pelo qual passamos nos últimos dias fazendo o teste que provava aos fae que partilhamos o sangue deles. Ele não vai nem saber mais sobre os fae. A única coisa que, no fim das contas, pode vir a se tornar o que tenho de mais especial, a coisa mais especial que eu poderia algum dia vir a reivindicar para mim mesma... e Tony nunca *saberá* e nunca *poderá saber*. *Como foi que isso aconteceu?*

— O que você quer dizer com isso de que não vai fazer a mudança? — perguntei a ele, com desespero na voz.

Nossos amigos, Spike, Chase, Finn e Becky, estavam tão pasmados quanto eu.

— Eu sei que é um choque. Sei que você acha que eu deveria passar pela mudança, mas simplesmente não posso fazer isso. É demais para mim. Você viu o que aconteceu lá. Viu o que todos aqueles fae fizeram. Eles mataram pessoas... mataram uns aos outros. Você me conhece, Jayne: eu sou uma pessoa não violenta.

— Vá se ferrar, Tony! Você apontou uma arma para Brad Powers. Você é uma pessoa agressiva, sim!

Eu e Tony confrontando Brad, o valentão, do lado de fora da escola, foi

meio o que deu início a essa coisa toda. Em primeiro lugar, fugimos juntos para Miami, onde conhecemos Jared e os outros. Acabou que Jared era um *daemon* recrutador dos Fae da Luz se passando por adolescente; mas, quando respondemos a um anúncio que oferecia quinhentas pratas em troca de fazer um teste, não tínhamos como saber, de jeito nenhum, quem ou o que ele realmente era, ou que estava nos levando a alguma coisa. O teste foi realizado em uma floresta encantada em algum lugar aí, aonde fomos levados depois de dopados por Ivar, o lacaio bobalhão e musculoso dos Fae da Luz. Durante dois dias e duas noites travamos batalhas com diversas criaturas dos fae, até que, finalmente, saímos vivos, evidência de que provavelmente sangue fae corria em nossas veias. Nossa recompensa foi que, se quiséssemos, e se o teste deles identificasse corretamente que tínhamos mesmo sangue fae, poderíamos nos tornar fae por completo. Mas agora, Tony estava recusando a oferta.

Tony abriu um sorriso triste.

— Isso foi há milhões de anos, antes de eu saber realmente o que era usar uma arma. Não posso assumir essa responsabilidade... de possivelmente ter que acabar com a vida de alguém.

Becky olhou para ele.

— Mas, talvez você seja a versão masculina de uma ninfa, como eu. Somos uma raça não violenta.

— É, mas você ouviu o que Niles disse. Há uma guerra a caminho, e todos vocês serão chamados a defender seu povo, os fae.

Tony se levantou de seu assento e se dirigiu a mim, estendendo-me a mão e me puxando para que eu me levantasse.

— Jayne, ouça. Você sabe como você é importante para mim. Você é minha melhor amiga no mundo todo, e isso não vai mudar. Não quero fazer parte disso; não é minha praia. Mas *é* a sua. Você nasceu para isso. Você detona! Você se levanta e luta pelo que é certo. Você não é apenas especial... você é extraespecial. Vá se tornar uma criança trocada e me esqueça por ora. Quando houver terminado de sacar tudo isso, volte para casa.

— Mas, Tony, e se eu não puder voltar? Além do mais, você não vai se

lembrar de nada dessa droga!

Eu estava tão estressada, que não sabia se chorava ou se gritava, se o abraçava ou se batia nele.

Tony tinha a inquietante habilidade de sentir as minhas emoções e a direção dos meus pensamentos, mesmo que ainda fosse apenas humano.

— Escolha o amor e o entendimento, Jayne. E, por favor, não me bata.

Puxei-o para mim e dei-lhe um abraço muito apertado.

— Não sei se consigo fazer isso sem você.

Ele deu uns tapinhas amigáveis em minhas costas.

— Sim, você consegue, vai dar tudo certo. Você tem Spike, Chase e Finn para cuidar de você.

— E eu! — disse Becky, radiante.

Todos levantaram da mesa e deram a volta para ficar junto a nós. Lágrimas rolavam por meu rosto. Parecia que Tony já havia ido embora, mesmo estando parado ali na minha frente.

Finn se curvou para falar ao ouvido de Becky:

— Docinho, acho que você devia ir dizer a eles que estamos prontos. Não há por que arrastar esse lance mais que o necessário.

Becky desapareceu para ir dizer a nossos anfitriões que havíamos aceitado nos tornar crianças trocadas. E, quando digo desapareceu, quero dizer literalmente isso. Ao que tudo indica, as ninfas da água podem se teletransportar pelo ar, porque há muita umidade nele. Esse foi só um tantinho de cultura inútil sobre os fae que aprendemos hoje.

Instantes depois, Dardennes e Céline, os elfos prateados que eram nossos anfitriões, entraram na sala.

— Vocês tomaram suas decisões? — perguntou Dardennes.

Finn voltou o rosto para ele.

— Sim, senhor, tomamos.

— Quem decidiu se tornar uma criança trocada?

Todos, menos Tony, ergueram as mãos. Eu o vi lá, parado, com os braços nas laterais do corpo, e comecei a chorar de novo, um choro silencioso.

— E aqueles que decidiram ter a memória apagada?

Tony ergueu a mão.

Senti vontade de vomitar. Eu supliquei em minha cabeça, mas ele só balançou a cabeça, em silêncio, respondendo que "não". Tive que desviar o olhar ou ia começar a chorar e soluçar alto como um bebê.

— Meu jovem, vamos começar com você... Por favor, venha por aqui.

Tony se voltou para mim.

— Acho que, por ora, é adeus.

Eu não podia confiar em mim mesma, então, não disse nada. As lágrimas rolavam por meu rosto, escorrendo por meu queixo e ensopando minha camisa. Não queria fazê-lo se sentir culpado por sua escolha — que eu entendia —, de modo que não implorei. Tony é uma pessoa que ama, não é alguém que luta. O único momento em que ele apontou aquela arma para Brad Powers foi uma aberração; aquele não era o Tony de verdade. Eu não poderia lhe pedir que fosse contra sua natureza; não seria justo e nem correto, mas, às vezes, realmente odeio fazer a coisa certa.

Dei-lhe um abraço de urso choroso, desejando poder apertá-lo e enfiar um pouco de bom senso nele com meu abraço. Mas soltei-o. Chase colocou o braço em volta de mim e enterrei o rosto em seu peito enquanto ele, sem graça, dava uns tapinhas amigáveis em minhas costas. Ele é do tipo forte e silencioso, e não fica nem um pouco confortável com emoções de menininha.

Tony começou a caminhar para sair dali, e eu me empurrei para longe de Chase no último esforço de prolongar a despedida.

— Posso ir com ele?

Céline se aproximou de mim e disse baixinho:

— Não, você não pode ir com ele. Apenas a pessoa e o apagador de memórias estarão lá.

Funguei.

— Ok, mas certifique-se de que ele não apague coisas demais.

Ela sorriu.

— Farei isso.

— Adeus, Tones.

Tony olhou de relance para trás ao sair.

— Tchau, Jayne. A gente se vê em breve.

A porta se fechou atrás dele e de Céline.

Eu não confiava que fossem fazer o que disseram que fariam.

— Vocês podem tentar apagar as memórias que ele tem de mim, mas eu vou reverter isso!

Dardennes só olhou para mim, sem dizer nada.

— Eu faço isso mesmo, droga! — murmurei baixinho.

Spike se inclinou em minha direção e sussurrou ao meu ouvido:

— *E eu sei que você seria capaz de fazer isso.*

Sorri e sussurrei em resposta.

— *Pode apostar que eu consigo!*

Spike deu uma risada espontânea, daquele jeito *sexy* que era sua marca registrada, mas então, de imediato, assumiu uma expressão séria (querendo rir por dentro) para Dardennes e seu grupo.

— O restante de vocês, por favor, acompanhe-me.

Sequei os olhos e o nariz da melhor forma que pude, acompanhando Dardennes para fora da câmara e descendo o corredor. Mais cedo, quando passei por ali depois de terminar o teste dos fae, ao conseguir passar pela Floresta Verde e derrotar uma diversidade de obstáculos sobrenaturais, eu havia pensado que era um longo corredor com uma sala no fim; mas, ao que parecia, eu não havia notado todas as portas nas laterais. Não sei ao certo como aquilo havia acontecido... provavelmente alguma droga de mágica fae.

Dardennes parou em frente a uma das portas à direita, batendo três vezes na madeira, que parecia pesada.

A porta se abriu e entramos. Ivar, o leão de chácara musculoso e braço direito de Dardennes, já montava guarda.

Ali dentro era uma espécie de sala de estar. Havia tapetes de estilo oriental no chão, tapeçarias nas paredes e móveis formais e delicados dispostos em vários lugares, criando pequenas áreas para conversas. No fim da sala havia uma

escrivaninha grande e ornamentada em cima da qual dispunham-se diversos livros que pareciam velhos, assim como papéis, tudo empilhado. Também havia ali uma balança, uma lupa e algumas outras quinquilharias que eu não conseguia identificar. A iluminação da sala era provida por diversos abajures e algumas velas em candeeiros.

As paredes estavam cobertas com prateleiras de livros por toda parte onde não havia uma tapeçaria pendurada. A maior parte da sala era de madeira, e o que não era de madeira, era de pedra. Parecia antiga. Não havia nenhuma janela ali. Parecia o lugar perfeito para encontros secretos e a metamorfose de crianças trocadas.

— Por favor, queiram se sentar.

Com um gesto, Dardennes indicou uma área para nos sentarmos, perto da grande escrivaninha, atrás da qual ele mesmo se postou. Pegou uma grande caixa de madeira de cima da escrivaninha e a levou até nós. Com o olhar, fez um sinal a Ivar, que apareceu um instante depois com uma pequena mesa nas mãos, posicionando em frente a Dardennes.

Dardennes colocou com cuidado a caixa em cima da mesa, abrindo-a de modo a ficar voltada para ele. A tampa reta, presa pela dobradiça nos impedia de ver o que havia dentro da caixa.

— Vamos começar com você, Finn.

Dardennes colocou a mão dentro da caixa e tirou algo. Foi andando até Finn e parou à sua frente.

— Por favor, queira se levantar.

Finn se levantou, limpando as mãos na parte da frente da calça *jeans*. Ele estava nervoso. Eu podia ver o suor em sua testa e em suas têmporas.

— Como mencionei antes, não há nenhuma garantia de que você seja realmente fae; porém, se for, este amuleto haverá de conectá-lo à mágica e revelará sua raça.

A espécie fae é composta de diversas raças, que incluem elfos, ninfas, anões, *daemons*, íncubos e muitos outros, e eu nem sabia ainda de muitos deles.

Dardennes pegou um bracelete de metal e colocou-o no pulso de Finn.

— Por favor, sente-se.

Dardennes voltou até a caixa.

— Chase. Por favor, queira se levantar.

Ele selecionou algo de dentro da caixa e foi se postar na frente de meu grande amigo. Passou um colar pela cabeça de Chase, que se assentou em seu peito.

— Pode se sentar.

Dardennes voltou à caixa novamente.

— Spike, por favor, queira se levantar. — Fez sua seleção e voltou até Spike, colocando um anel em seu dedo médio. — Por favor, sente-se.

Voltou à caixa mais uma vez. Ficou olhando dentro dela por um bom tempo.

Eu me perguntava o que ele tiraria de lá. *Colar? Bracelete? Anel?*

Dardennes tinha uma expressão estranha no rosto; disse:

— Ivar, traga-me a outra caixa.

Ivar pareceu confuso por um instante, e depois, um pouco surpreso.

— A... outra caixa?

— Sim, a *outra* caixa. Por favor.

Ivar ergueu as sobrancelhas, mas fez o que lhe havia sido pedido. Arrastou uma escada de mão enganchada em um trilho fixado em uma das estantes de livros até outra estante, na parede oposta. Subiu a escada quase até o topo, de modo a poder alcançar uma prateleira que ficava uma fileira abaixo do teto. Tateou ao longo de um ponto vazio, bem longe da vista das pessoas. Sua mão surgiu à vista com uma pequena caixa de madeira. Demorou um instante para limpar a poeira de cima da caixinha, espirrando quando o pó voltou para seu rosto. Desceu a escada, cruzou o aposento e entregou a caixa a Dardennes, espirrando mais uma vez.

— Obrigado, Ivar. Agora, vamos ver se esta dá conta do recado.

Ele abriu a caixa e, em seguida, olhou para mim, sorrindo:

— Ah, sim, achei que poderia... Jayne Sparks, queira se levantar, por favor.

Ah, então agora somos formais.

Eu me levantei, esperando por Dardennes em frente à minha cadeira.

Ele enfiou a mão dentro da caixa e puxou algo de dentro, mas eu não

conseguia ver o que era. Veio andando, parando bem à minha frente. Era desconfortável tê-lo assim tão perto. Parte de mim estava pasmada, e outra parte queria dar-lhe um soco no estômago. Eu sonhava com isso havia dias, para falar a verdade, quando estava lá fora, na floresta, sendo molestada ou perseguida por um destacamento de anões, lobisomens, sereias e um íncubo insano. Mas, agora, provavelmente não era hora de fazer isso. Talvez eu tivesse outra chance depois.

Ele estendeu a mão e pegou na minha, deslizando um anel por meu dedo médio antes de dar um passo atrás e me encarar, olhando bem em meus olhos.

— Queira se sentar, por favor, Jayne.

Fiz o que ele pediu, examinando o anel enquanto me abaixava para sentar de volta na cadeira. O anel era pesado e parecia realmente velho. Era feito de um grande e límpido cristal no formato de uma pirâmide, com a ponta voltada para cima. Garras de um dourado claro prendiam o cristal no espaço quadrado, dos quatro lados. O aro era de um prateado manchado.

Dardennes dirigiu-se a nosso grupo.

— Todos, por favor, repitam depois de mim:

Faço um chamado ao sangue fae que corre em minhas veias
Peço à mágica fae que traga a mudança
Eu sou um fae
Uma criança trocada eu serei
A partir de agora
Por toda a eternidade.

Repetimos o que ele disse, verso a verso. Quando terminamos, senti um formigamento no dedo, onde estava o anel. Virei a mão e baixei o olhar para ele bem na hora em que um feixe de luz verde irrompeu e saiu do cristal, atingindo-me bem nos olhos e me cegando momentaneamente.

A luz não machucou. Fez-me lembrar d’O Verde: o poder da rede interligada de árvores e coisas verdes na floresta, e os fae e suas sombras que permaneciam ali, que eu podia, de alguma forma, tocar quando estava lá. Abri um sorriso em memória a isso tudo. Por mais que a floresta houvesse me deixado assustada, com todos os fae perigosos correndo em volta dela, eu queria voltar.

Queria me conectar novamente. Por algum motivo, eu era capaz de me comunicar com O Verde e com outras coisas vivas nele, embora eu não fosse fae ainda. Era um lugar ao qual eu sentia que pertencia, e isso era muito importante.

A luz verde foi se esvanecendo aos poucos até que desapareceu. Soltei um suspiro cheio de prazer e um pouquinho de melancolia. *De volta ao mundo real*.

Olhei ao redor, para os carinhas batendo palmas.

Todo o mundo olhava para mim sem dizer nada.

— Pessoal? Alôôôôôôôôô?

Todos me olhavam como se chifres houvessem brotado em minha cabeça. Até Dardennes e seu lacaio, Ivar.

Tentei resistir à necessidade urgente de colocar a mão no topo de minha cabeça, mas fracassei. Pigarreei e, nervosa, ergui a mão e encostei-a em meu cabelo. Fazia vários dias que não tomava banho e sabia que devia estar com uma aparência terrível. A maquiagem que eu havia passado quando essa coisa toda começara estava ou totalmente borrada ou já era fazia tempo.

Eu não conseguia mais aguentar o silêncio.

— Que diabos há de errado com vocês, pessoal?!

Dardennes foi o primeiro a se recuperar.

— *A-ham*, Ivar? Acho que precisamos convocar uma reunião. Por favor, providencie isso. — Voltou sua atenção para nós quando Ivar saiu da sala. — Então, todo o mundo menos Jayne, por favor, devolvam seus amuletos.

Os rapazes tiraram as joias e lentamente as devolveram, ainda me olhando de relance.

— Não sinto nada — disse Spike. — Houve um brilho como aquele ao meu redor?

— Você não vai... não de imediato... e não, não houve brilho, mas isso não quer dizer nada. O brilho não é... típico — disse Dardennes. — Vamos apresentar a vocês, em breve, as habilidades de suas raças. Fico feliz em dizer que cada um de vocês teve a confirmação, por seus respectivos amuletos, de que é fae. Prefiro que tenham a assistência de alguém de suas raças para ajudá-los a se ajustar, então vou levá-los até eles.

Baixei o olhar para meu anel. Eu nunca havia visto nada como aquilo. Eu me perguntava por que havia brilhado daquele jeito, visto que, aparentemente, brilhar não era uma parte normal do programa; mas estava feliz porque Dardennes não quis o anel de volta imediatamente. Era maior que os anéis que eu normalmente usava, mas tremendamente incrível.

— Cada um de vocês vai começar a sentir algumas mudanças dentro da próxima hora. Vamos, agora, até uma sala de reuniões, onde tentaremos identificar suas raças, embora eu já tenha uma ideia do que são. A maioria de vocês, pelo menos.

Ele olhou de relance para mim por um breve instante, e a incerteza estava gravada em seu rosto.

Pela reação de todos e pela "reunião especial", deduzi que meu amuleto não havia produzido exatamente o resultado que eles esperavam. Suponho que, por ora, serei um grande mistério em termos de criança trocada. Esperava que isso fosse uma coisa boa. *Ah, bom.* Eu não tinha ninguém em quem colocar a culpa além de mim mesma; havia desejado ser *extraordinária*. E minha mãe sempre me dizia para tomar cuidado com o que eu desejava...

Capítulo 2

ACOMPANHAMOS DARDENNES PARA FORA DA SALA DE estar e corredor adentro. Ele nos conduziu corredor abaixo, e por fim chegamos a outra porta, na qual ele bateu novamente três vezes para entrar. A porta se abriu e entramos atrás dele.

Dentro da sala havia uma larga e longa mesa de madeira, com muitas pessoas já sentadas em volta dela. Várias outras pessoas estavam em pé atrás de cadeiras que circundavam a mesa, algumas das quais eu reconhecia como fae que havia visto na floresta; e outras eu não conhecia mesmo.

Tão logo todos viram Dardennes entrar, a conversa parou e os fae ocuparam seus assentos. Havia quatro lugares vazios na extremidade mais afastada da mesa, ao lado de Becky, que sorria e fazia gestos indicando que nos juntássemos a ela.

Dardennes dirigiu-se ao grupo.

— Prezados amigos e membros do conselho, obrigado por virem. Em primeiro lugar, quero apresentar a vocês nossas mais novas crianças trocadas. Creio que descobrimos de que raças são, pelo menos a maior parte, então, peço a vocês que tiverem uma nova criança trocada aqui de sua raça, por favor, assegurem-se de que recebam a atenção necessária depois da reunião. Espero que vocês as acomodem e as preparem para o treinamento, agendado para começar amanhã. Não temos tempo a perder.

Notei algumas cabeças assentindo em concordância em volta da mesa. Todos pareciam muito sérios. Olhei de relance para Becky à minha esquerda e vi que ela também estava toda séria. Era estranho vê-la com aquela expressão. Eu estava acostumada a um sorriso perpetuamente grudado em seu rosto.

— Primeiramente, gostaria de apresentar Spike — ele acenou em nossa direção.

Spike se levantou por um segundo, acenando para o grupo.

— Acredito que Spike seja um membro da raça dos íncubos. Valentine, espero que você cuide de tudo que Spike precise, certo?

Cara, acertei em cheio ou não? De jeito nenhum Spike poderia ser alguma outra coisa que não um íncubo sugador de vida, com aqueles dentes e aquele sorriso *sexy*.

O íncubo extremamente afeminado que havia atacado Chase na floresta durante nosso teste fae se levantou. Olhou para Spike de cima a baixo, dando-lhe um grande sorriso cheio de dentes, e uma piscadinha, com ares de flerte.

— Pode crer que sim, Anton.

Dardennes revirou os olhos e soltou um suspiro.

— Obrigado, Valentine. Sei que sempre podemos contar com sua entusiástica participação no treinamento.

Valentine se aprumou por alguns segundos e depois se sentou, repentinamente distraído da reunião por causa de sua manicure. Esticou as mãos na mesa enquanto examinava suas cutículas de longe.

Spike parecia um pouco nervoso, e eu não o culpava nem um pouco por isso. Aquele tal de Valentine era sinistro. Não era a bichice dele, e sim seus dentes e seus olhos. Eu me sentia como uma presa sempre que ele me olhava, e não gostava de me sentir assim. Se bem que ser presa de Spike… bem, isso até que não seria ruim…

— Em seguida, gostaria de lhes apresentar Chase.

Chase se levantou e acenou com a cabeça para o grupo.

— A princípio, achei que Chase fosse um membro da raça dos ogros, como Ivar, mas agora acho que você é um *daemon*. Fique um pouco ao lado dos *daemons* grandes, Chase, e vamos ver o que eles acham. — Dardennes voltou sua atenção para o fae à sua direita. — Jared, vou deixar que você cuide dele. Fale comigo se precisar que eu o transfira a Ivar.

Jared assentiu com a cabeça uma vez para Dardennes e uma vez para Chase, que retribuiu o gesto e se sentou, sem dizer nada, como de costume.

Eu me perguntava o que exatamente era um *daemon*. A princípio, achei que Dardennes houvesse dito “demônio” (*demon*), mas soava mais como “daymon”. Tinha esperanças de que *não fosse* algo como um demônio. Não me parecia que Chase pudesse ser malévolo, de modo que decidi não me preocupar… por ora, de

qualquer forma.

— O próximo é Finn. Não há dúvidas: ele é um membro dos duendes verdes.

O olhar no rosto de Finn dizia tudo: ele olhou para mim, mexendo a boca para dizer sem palavras: *Que diabos?*

Definitivamente, tive a impressão de que ele não estava feliz em ser duende. Tenho certeza de que ele estava pensando nos duendes dos biscoitos Keebler e na casinha na árvore. *Pobre Finn.* Porém, recentemente, percebi que os duendes eram um bando bem durão. Haviam salvado minha vida pelo menos duas vezes até agora, e Finn também havia feito isso, na verdade. Não era de se admirar que eles tivessem tanta certeza de que ele era um deles.

Ele se levantou devagar, parecendo levemente decepcionado.

Se Dardennes notou alguma infelicidade em Finn, ignorou-a.

— Ash, pode cuidar de Finn para nós?

Um homem magro, que usava as roupas camufladas dos duendes verdes — o grupo que havia batalhado com os orcs enquanto eu estava parada na entrada do quarto ponto de rota — levantou-se para reconhecer aquele por quem estava encarregado. Inclinou a cabeça para Finn e sentou-se. Finn acenou mais uma vez e sentou-se também, não parecendo nem um pouco animado.

— Por último, mas não menos importante, temos Jayne.

Fez uma pausa, esperando que eu me levantasse.

Levantei-me e fiquei na frente de minha cadeira; olhei ao redor da mesa para os fae, que olhavam fixo para mim, incapaz de ler a expressão na face de qualquer um deles. Eu não ia querer jogar pôquer com nenhum desses caras, disso tinha certeza.

— Como vocês devem ter notado, Jayne continua usando seu amuleto. Assim será até futuro anúncio.

Os fae em volta da mesa encararam meu anel, e a seguir, inclinaram-se na direção uns dos outros, sussurrando. Alguns gesticulavam em direção a meus dedos, que se contraíam de espasmos devido a meu nervosismo. Os murmúrios ao redor da mesa foram ficando gradualmente mais altos. Dardennes ergueu as mãos

para silenciá-los.

— Eu e Céline discutimos as habilidades de Jayne e seu desempenho durante o teste, e acreditamos que possivelmente Jayne é... um elemental.

As conversas e discussões irromperam quase de imediato. Olhei para eles enquanto alternavam os olhares, boquiabertos, entre mim e Dardennes. Alguns pareciam realmente felizes, genuinamente animados. Isso fez que eu me sentisse incrível. Então, havia aqueles que pareciam irritadíssimos, o que não me deixou uma sensação tão cálida e suave.

— Por favor, pessoal, vamos relaxar e não ficar animados demais. Isso ainda não foi confirmado. Como vocês sabem, não temos um elemental entre nós há várias centenas de anos. E se ela for um elemental, ainda não sabemos qual é a extensão de sua conexão com os elementos; se bem que estamos bem certos de que sua ligação é com a Terra. Temos motivos para acreditar que possa também estar ligada à Água, mas isso ainda precisa ser testado.

Tudo em que eu consegui pensar quando ele falou sobre a água foi na Dama do Lago, normalmente conhecida, carinhosamente, como a vadia ou vagaba da água, a prostituta da água e aquela que devia morrer por matar minha amiga Becky. É claro que, visto que Becky havia sobrevivido, esse último apelido provavelmente não ia pegar.

— Jared, ainda precisamos encontrar um *daemon* para Jayne, o mais rápido possível. Espero que você possa resolver isso.

— Sim, Anton, providenciarei isso.

Jared não parecia muito feliz com sua nova tarefa. *Ah, bem... é um saco ser Jared*. Eu ainda não o havia perdoado por seu logro durante o teste na floresta. Não sabia se um dia seria capaz de confiar nele de novo. Porém, eu me perguntava o que Dardennes queria dizer com achar um *daemon* para mim. Eu sabia que Jared era um deles, e provavelmente Chase também. Eu me lembrava de alguém mencionar que havia guardiões de guerreiros, ou algo do gênero, mas aquilo não fazia sentido para mim. Eu não era uma guerreira, bem longe disso, para falar a verdade. Sim, eu havia matado um orc e mutilado alguns outros. E, indiretamente, havia feito que alguns orcs se voltassem uns contra os outros. E, ah, sim, pode ser que eu houvesse

matado uma bruxa má. Mas, ainda assim, não era nenhuma guerreira. Acho que seria mais apropriado me chamar, com base no modo como aquelas mortes realmente aconteceram, de uma desajeitada sortuda. Se Tony estivesse aqui agorinha mesmo, estaria rindo do absurdo de tudo isso.

Pensar em Tony me deixou instantaneamente triste. Cara, ele não havia nem saído desse lugar ainda e eu já sentia sua falta. Seriam longas poucas semanas. Era esse o tempo que eu daria a essa coisa toda antes de voltar para casa. Mas ainda não havia contado isso a ninguém.

Dardennes prosseguiu:

— Como vocês sabem, demos as boas-vindas a Becky em nosso meio outro dia.

Fez uma pausa no que estava dizendo para abrir um sorriso para ela, que devolveu seu reconhecimento com um largo sorriso brilhante como uma lâmpada de mil *watts*. Era quase impossível sacar essa garota, ou fae, que acho que é como eu deveria me referir a ela agora. Ela havia dito que as ninfas da água são uma raça não violenta. Isso devia ser uma coisa boa, porque se todos eles fossem tão pequeninos como ela, não seriam capazes de fazer muita coisa; talvez bagunçar o cabelo de um cara malvado ou algo assim, mas só isso. Pensei em suas habilidades de teletransporte, em como seria conveniente para espionar caras maus ou para enviar e receber mensagens se não houvesse nenhum telefone por perto ou se as pessoas não quisessem fazer uso deles por motivos de segurança. Acho que até os fae pacíficos poderiam fazer parte de um exército. Para falar a verdade, esse era um pensamento depressivo. Eu não queria a guerra nem a necessidade da existência de exércitos. Não sou tão ingênua assim a ponto de pensar que exércitos não são necessários ou algo do tipo; só desejava que não precisássemos deles.

— Becky começou seu treinamento, e fomos informados de que está se saindo bem. Àqueles que vêm ajudando Becky nesta diligência, nós agradecemos.

Ele meneou a cabeça em direção a um cara diminuto que ocupava um lugar um pouco além do de Becky, que sorriu em resposta. *Acho que todas as ninfas são fae felizes.*

— Só para que saibam, tínhamos outra criança trocada em potencial, Tony,

mas ele optou por ter sua memória apagada. Essa operação está sendo realizada neste exato momento. Ele deve ser devolvido a seu lar dentro das próximas doze horas. Realmente lamentamos que não tenha desejado se juntar a nós. Acredito que ele poderia ter capacidades extraordinárias como fae, e é um infortúnio que o tenhamos perdido. E, como todos sabem, uma vez que um candidato recusa o amuleto, fica eternamente proibido de passar pela Mudança.

Vi algumas cabeças se abaixarem com o que parecia ser tristeza. *Por que estavam tristes em relação a alguém que nem sequer conheciam?* Se alguém tinha um motivo para estar triste, esse alguém era eu. E estava triste, mas entendia a decisão dele. O que não me impedia de desejar que as coisas fossem diferentes. Eu me perguntava quando conseguiria ligar para ele ou lhe mandar um *e-mail*. Era melhor que fosse logo, ou eu tornaria essa visitinha um tanto mais breve, falando sério.

— Crianças trocadas, caso vocês tenham alguma pergunta a fazer em relação a seu treinamento, eu os encorajo a discutir o assunto com os membros de suas raças, que não apenas gerenciarão o treinamento de vocês, como também sua integração em nossa família como um todo. Agora, passando para outras questões cruciais... como todos sabem, os orcs que estavam aprisionados naquilo que conhecemos como Floresta Sombria foram libertados. A boa notícia é que a floresta está verde outra vez.

Dardennes fez uma pausa enquanto rostos felizes trocavam sorrisos e alguns gritos de alegria ressoavam.

— Sim, isso foi uma coisa muito boa, muito boa mesmo. Todavia, a má notícia é que, depois que foram soltos, travamos combate com um exército deles, por volta de 150 fae mais ou menos, e perdemos vários bons membros na batalha.

Todas as cabeças em volta da mesa se abaixaram. Olhei para minha esquerda e direita, e meus amigos também estavam de cabeça baixa. Era natural mostrar respeito pelos mortos, mas eu me sentia especialmente mal por saber que havia libertado aqueles canalhas que mataram os fae. A culpa ardia em meu peito e minhas orelhas estavam vermelhas de vergonha.

— Nossos pêsames pelos camaradas caídos. Porém, não vamos esquecer a

importância e o valor de ter nossa floresta livre dessas bestas do Submundo dos Fae das Trevas representa para todos nós, membros dos Fae da Luz.

As mesmas cabeças que se haviam abaixado em reverência agora assentiam em concordância, todas e cada uma delas. Alguns dos fae tinham lágrimas nos olhos, mas estava claro que a libertação dos orcs das árvores era considerada por todos uma coisa boa. No entanto, eu ainda me sentia horrível em relação aos fae que haviam pago o preço supremo por isso. Não sabia ao certo se conseguiria ser assim tão altruísta, capaz de lutar por tal causa intangível. E não tenho certeza de que me sentiria do jeito que os fae que estavam em volta da mesa pareciam se sentir, se estivesse na posição deles. Será que seria capaz de perdoar outro ser responsável pela morte de alguém que eu amasse em troca de que algumas árvores ficassem verdes? *Não acho que seria capaz disso.* A floresta deve ser muito importante para esses fae. Eu podia apreciar o fato de que não eram árvores comuns; elas praticamente falavam. Mas ainda assim...

— Infelizmente, não temos tantas fontes de informações sobre as atividades dos Fae das Trevas quanto gostaríamos; contudo, sabemos que estão recrutando novos membros para suas raças, assim como estamos fazendo com as nossas. É claro que seus métodos são diferentes.

Com isso, seguiram-se alguns resmungos. Um dos anões socava o ar com a mão enquanto conversava com Valentine, o íncubo. Dava para ver que estava com raiva.

Dardennes ergueu as mãos para pedir silêncio.

— Sei que alguns de vocês acham que deveríamos considerar o uso de alguns desses mesmos métodos, mas os anciões do conselho não concordam. Forçar a mudança sequestrando os candidatos não é uma forma decente de se tratar humanos, e de jeito nenhum inspiraria lealdade. Nossas crianças trocadas devem vir a nós por livre e espontânea vontade, e tomar a decisão de aceitar seu fado sem nenhuma influência sobrenatural.

O anão raivoso se pronunciou.

— Não temos nenhum relato de que as crianças trocadas dos Fae das Trevas lamentem ter sido forçadas a passar pela Mudança.

— Isso pode ser verdade; mas não quer dizer que não exista arrependimento.

Eu não conseguia evitar; nunca guardava minha opinião para mim mesma. Meu pai sempre dizia que um dia isso ia me colocar em encrenca. Ergui a mão mesmo assim.

— Jayne, tem algo a acrescentar?

— Sim, tenho. — Olhei ao meu redor na mesa, para todos os fae que me observavam com atenção, e tentei não engasgar com meu nervosismo. — Se meu amigo Tony estivesse aqui, provavelmente tentaria me impedir de dizer isso; mas ele não está, então, eis o que penso: quando fui trazida até aqui, ou recrutada, ou seja lá o que for, foi meio como sob falsas alegações. Assim que me vi na floresta, eu me senti enganada. Ter sido dopada no avião definitivamente me pareceu um sequestro, como vocês disseram. Porém, no fim das contas, a escolha foi minha, e eu a fiz de livre e espontânea vontade. Acho que se vocês houvessem me forçado a isso, eu estaria aqui sentada pensando em como dar o troco, como realizaria minha vingança. E, acreditem, eu sei guardar ressentimento.

Quando comecei a falar, notei que o rosto normalmente sereno de Dardennes assumia um ar sombrio. Porém, perto do final de meu discurso, ele assentia, não mais com raiva. Olhei para o anão. Ele também assentia com a cabeça, devagar, franzindo o cenho e olhando para os outros a seu redor, analisando suas reações. Quase todo o mundo à mesa concordava. Era como uma sala cheia daqueles bonequinhos *bobbleheads*.

O anão se pronunciou.

— A criança trocada demonstra que tem razão. Os anões apoiam a decisão dos anciões do conselho.

Dardennes assentiu levemente.

— Obrigado.

Tentei não me sentir o máximo, porque os fae adultos achavam que eu tinha algo de valor a dizer, mas era impossível. Tinha plena certeza de que o sorriso ia ficar em meu rosto à noite toda.

— Então, a última informação que temos a compartilhar com vocês é que

temos motivos para acreditar que os Fae das Trevas também têm agora um elemental entre eles.

E foi assim que meu sorriso desapareceu.

A sala irrompeu em ofegos, conversas em voz alta, sussurros e movimentos frenéticos. Presumi que essa notícia não era das boas. Ele disse que havia um elemental. Era isso que ele havia dito que provavelmente eu também era, o que queria dizer que havia outro fae como eu do lado dos Fae das Trevas. Eu me perguntava como seria ele. Seria submetido a um teste, como eu havia sido? Ou, de alguma forma, eles o haviam sequestrado? E o que exatamente significava um sequestro nesses casos? Havia perguntas demais a fazer, e não havia respostas o bastante nessa droga de lugar.

O carinha que era um lobisomem foi o primeiro a se pronunciar.

— Esse elemental tem afinidade por quais elementos?

— Até agora, tudo o que fomos capazes de determinar é que provavelmente seja com o Fogo.

Mais gritos e agitação irromperam do grupo reunido em volta da mesa. Chase, Finn, Spike, Becky e eu olhamos ao redor, para aquele caos, e depois nos entreolhamos. Tenho certeza de que eu tinha a mesma expressão no rosto que os outros. *Que diabos...?*

O carinha feliz encarregado do treinamento de Becky disse:

— Sugiro, com base nessa informação, que nossa primeira ordem dos negócios deva ser determinar se a criança trocada Jayne tem afinidade com a Água.

— Isso mesmo, isso mesmo! — disse o anão raivoso.

— Quem é a favor? — quis saber Dardennes.

Todos aqueles que não eram crianças trocadas levantaram a mão, sem hesitação.

Dardennes olhou para Céline, que deu de ombros devagar, com elegância até.

— Fica acordado, então. Amanhã, Jayne irá com Becky até os campos de treino das ninfas para determinar se tem alguma afinidade com a Água. Depois disso, seguirá com os elfos prateados para treinar. Céline será seu contato, Jayne.

Céline sorriu para mim. Acho que isso queria dizer que Céline era um desses elfos prateados, seja lá o que isso quisesse dizer. Mas era um bom nome para descrevê-los. Tanto ela quanto Dardennes tinham um tanto de coisas cinza ou prateadas neles, seus olhos, seus cabelos, até suas roupas. Eu sabia que um duende verde passava um bom tempo bancando Robin Hood na Floresta Verde, e me perguntava o que faziam os elfos prateados. *Passeavam na neve, talvez? Poderiam se mesclar totalmente com ela.*

Meus pensamentos foram interrompidos, porque a reunião estava sendo encerrada.

— Obrigado, meus amigos. Até a próxima reunião.

Todos se levantaram; alguns permaneceram perto de suas cadeiras para conversar e outros saíram imediatamente da sala. Fui me juntar aos meus amigos em um canto da sala. Não sabia ao certo aonde deveríamos ir.

— Então, pessoal, o que acham? — quis saber Becky. — Eu disse que vocês seriam imediatamente incluídos.

— A reunião foi de boa, acho. — Spike olhou de relance para Valentine, que estava engajado em uma acalorada discussão com o anão. — Mas não sei bem se não é loucura eu trabalhar com o cara que quase matou Chase. — Ele ergueu o olhar para nosso grande amigo *daemon*.

Chase deu de ombros.

— Ele não foi bem-sucedido na tentativa.

Aparentemente, quanto ao próprio Chase, Valentine estava perdoado.

Spike abriu um fraco sorriso.

— Acham que todos os íncubos são tão... exuberantes quanto aquele Valentine?

Eu dei risada.

— Obviamente que não, visto que você é um deles.

Becky sorriu também.

— Não se preocupe. Há tantas personalidades entre os fae quanto entre os humanos. Valentine é totalmente exagerado, mas não é um cara mau. Ele me assusta um pouco, mas acho que é apenas seu magnetismo natural. Você também tem esse

magnetismo, Spike.

Eu emiti um som que fez com que todo o mundo olhasse instantaneamente para mim. Foi um som que queria dizer “você sacou isso direitinho”, meio como um cruzamento de uma risadinha boba com uma bufada de desdém. Fiquei com o olhar fixo no teto tentando fingir que o surto não havia saído de minha pessoa.

O que Becky disse definitivamente era verdade. Spike tinha magnetismo antes, mas agora estava ampliado ao nível oito... nove, talvez. Devia ser aquela conexão com a mágica que havia feito que nossos amuletos soltassem faíscas. Eu tinha que parar de olhar para ele. Estava preocupada com a possibilidade de eu acabar me jogando em cima dele se fizéssemos contato visual. Eu estava ficando excitada, e essa não era a hora e nem o lugar para isso. Olhei de relance para Becky, mas ela parecia resistente ao magnetismo dele.

— Sorte sua — disse Finn com amargura.

— Você está chateado, Finn? — perguntou-lhe Becky franzindo o cenho.

— Um pouco. Você não estaria?

Ela balançou a cabeça, confusa.

— Não, acho que não. Do que está falando?

— Bem, eu sou uma droga de um *duende*, para começo de conversa.

— Você está chateado por *isso*?

— Claro que sim! Não quero ser uma droga de um duende fracote.

Becky arregalou os olhos.

— Oh, Finn, você entendeu *tudo* errado! Os duendes não são *nem um pouco* fracotes. Eles são, tipo, os guerreiros durões da floresta. Mataram todos aqueles orcs e só perderam um do grupo deles. Todos os outros que morreram eram anões. — Becky inclinou-se para frente e falou, sussurrando — Eles tendem a entrar com seus machados flamejantes, se é que me entende. Também são meio... baixinhos. Então, sofrem mais perdas, em geral, que as outras raças quando há uma batalha. Dardennes e Niles estão trabalhando no treinamento para tentar extirpar esse instinto deles, mas é muito difícil. Os anões são muito audazes, e estão dispostos a aceitar riscos inacreditáveis. — Ela se levantou e falou com um tom de voz normal novamente. — Finn, dê uma chance a eles. Tenho certeza de que verá por que são

tão respeitados por aqui, especialmente agora que estamos tão próximos de uma guerra com os Fae das Trevas.

Finn assentiu lentamente com a cabeça.

— Bem, se você está dizendo... vou dar uma chance a eles. Mas se eu não ficar feliz logo, vou pedir uma transferência, ou seja lá o que for.

Becky deu risada.

— Não tem como ser transferido... você é o que é. Ser um elfo é algo que está em seu sangue. Tenha orgulho disso. É uma raça nobre; e é adequada para você, porque você é um cara nobre.

Spike deu um soco no braço dele, fazendo que Finn abrisse um sorriso.

— É, cara, você é nobre.

Eu me juntei nessa.

— É mesmo. Ninguém é mais nobre que nosso Finn. Duende verde durão, cara.

Finn não conseguiu evitar, e acabou abrindo um largo sorriso. Até os cantos dos lábios de Chase se ergueram.

Antes que pudéssemos nos lançar a mais uma saraivada de provocações, Céline caminhou até nós.

— Jayne, você está preparada para ir?

— Ir? Ir aonde?

— Ao seu quarto. Gostaria de deixá-la acomodada e com suas provisões para o treinamento de amanhã.

Dei de ombros.

— É, acho que sim.

Olhei para meus amigos. Seus treinadores estavam chegando também.

— Bem, pessoal, acho que a gente se vê no outro extremo.

Becky me deu um abraço rápido antes de sair e ir se juntar a seu pequeno amigo treinador.

Eu me virei, seguindo a forma de Céline, que se afastava da sala, perguntando-me quando veria meus amigos de novo.

Capítulo 3

CÉLINE DESCEU O CORREDOR EM DIREÇÃO À primeira sala onde havíamos estado; aquela na qual me despedira de Tony. Entramos na sala e a atravessamos para entrar por uma porta do outro lado. Essa era a porta pela qual eu havia visto todos os fae entrando e saindo quando nos entregaram comida, mais cedo. A mesa no centro da grande sala havia sido esvaziada, e agora estava altamente reluzente. Pela primeira vez, notei a bela textura da mesa: padrões de círculos concêntricos e faixas de diferentes cores. Lembrei-me de ter sentado àquela mesa com Tony apenas algumas horas antes.

— Como está Tony? — perguntei enquanto entrávamos no corredor do outro lado da porta.

— Ele está bem. A operação de apagar suas lembranças dos fae foi completada, e no momento, ele está sendo deixado no avião que o levará para casa. Ele pediu para ir até West Palm Beach.

Assenti.

— É lá que seus pais moram. Vai ficar melhor lá que em Miami.

Tentei comprimir a dor que se irradiava por meu peito ameaçando levar lágrimas aos meus olhos de novo. Eu me perguntava se o teriam derrubado com aquele líquido cor de âmbar novamente. Isso de pensar em Tony sendo dopado e colocado naquele avião estava me matando. Estive com Tony praticamente todos os dias pelos últimos dois anos, e havia um bom motivo para isso. Eu o amava como se ele fosse meu irmão; mais que um irmão comum; como um gêmeo ou algo do gênero.

Eu tinha que parar de pensar nele desse jeito ou ia acabar enlouquecendo.

— Então, quais são os planos para amanhã? — eu quis saber, tentando me distrair.

— Virei buscá-la no salão principal amanhã para seu primeiro dia de treinamento. Depois, você saberá aonde ir, e eu a estarei esperando. O treinamento tem início às seis da manhã. Nós...

Não ouvi nada do que ela disse depois de “seis da manhã”. Inter-rompi-a.

— Hmm, com licença, você disse *seis* da manhã? Seis horas da manhã?

— Sim. Fazemos uma pausa para o almoço ao meio-dia. Em seguida, treinamos da uma da tarde até as seis da noite. Você tem um intervalo de uma hora antes de o jantar ser servido no salão principal. Outra pessoa irá buscá-la para jantar, e depois de hoje, espera-se que você chegue ao salão principal para as refeições sem ajuda.

Eu balançava a cabeça lentamente em negativa.

— Você devia ter mencionado esse cronograma de treinamento *antes* de me dar aquele amuleto.

Senti que havia sido ludibriada de novo. *Droga!*

Céline parou de caminhar abruptamente e se voltou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Você escolheria não se tornar fae porque começamos o treinamento às seis da manhã?

Quando ela colocou as coisas desse jeito, realmente soou estúpido. Mas, que diabos!? Seis horas da manhã? Ninguém devidamente são da cabeça acorda a essa hora, a menos que seja obrigado.

Dei de ombros, embaraçada.

— Talvez.

Eu não estava preparada para admitir que era tão imatura assim. Para falar a verdade, fico de boa por ser uma garota imatura de dezessete anos. O mais cedo que já acordei para ir à escola foi às sete da manhã. Usava um rabo de cavalo que era superfácil de arrumar, de forma que me facilitasse sair de casa por volta das oito. *Eu me pergunto até que horas vou poder dormir para estar pronta por volta das seis...*

Céline continuou caminhando, parando apenas algumas portas abaixo daquela.

— Aqui estamos nós.

Ela empurrou a porta na frente da qual estava parada, revelando uma pequena sala sem janela, com paredes e chão de pedra, grande o suficiente apenas

para acomodar uma cama de solteiro, uma mesinha de cabeceira, uma pia e uma cômoda com uma pequena bandeja de prata e um espelho acima.

— Os banheiros ficam, descendo o corredor por ali, à esquerda.

Fomos interrompidas por sons vindos do corredor atrás de nós, de onde havíamos acabado de vir. Jared surgiu, seguido de perto por Chase.

— Seu quarto fica logo aqui.

Pararam à porta ao lado da minha. Fiquei com um grande e largo sorriso no rosto, tão feliz porque pelo menos um dos meus amigos ia ficar perto de mim.

Chase me viu e assentiu em reconhecimento de minha presença.

Soltei um suspiro. Provavelmente não haveria nenhuma sessão de fofoca tarde da noite com esse vizinho. Gostaria que fosse Becky ali, em vez dele. Não que eu não goste de Chase, é só que eu não gosto de conversar com pessoas que sei que não gostam de conversar. Ainda assim, era um bom cara para se ter por perto. Eu me perguntava se o estavam colocando a meu lado por causa do que Dardennes havia dito na reunião; que eu precisava de um *daemon*. *Hummmm...*

Céline e eu entramos em meu quarto para dar espaço para os caras passarem; Jared estava mostrando a Chase onde ficava o banheiro dos rapazes. Fiquei aliviada ao descobrir que não tinham banheiros unissex ali. Posso ser ousada, mas prefiro manter meus hábitos pessoais no banheiro o mais privados possível, mesmo em uma república, que era como eu me sentia nesse caso.

— Vai encontrar roupas que servem em você nas gavetas ali. Há uma escova e pasta de dentes, e outras coisas de que pode precisar no armário embaixo da pia.

Olhei ao redor do quarto. Era esparso, meio como uma cela de prisão, mas tinha o que eu necessitava. Fui me sentar na cama. *Firme.*

— Sugiro que você não fique vagando pelos corredores em sua primeira noite. É fácil se perder aqui. Precisa estar completamente descansada amanhã. O treinamento será... difícil.

— Obrigada — foi tudo em que consegui pensar e dizer.

Obrigada por me enganar, por quase me matar, por me transformar em uma fae misteriosa, e por me dar uma cela de prisão para dormir.

— De nada. Até amanhã. Alguém estará aqui às cinco e trinta para lhe trazer o café da manhã. Por favor, esteja pronta.

A porta se fechou atrás dela. *Cinco e trinta... putz!* Eles deviam estar fazendo algo imensamente sério ali para, voluntariamente, estar em pé assim tão cedo. Não sabia bem se conseguiria perseverar nisso. Caí na cama, bocejando, perguntando-me como acordaria a tempo. Olhei para a mesinha de cabeceira e vi um despertador ali. *Perfeito.* Agora sabia que não conseguiria perder a hora "sem querer".

Ouvi um ruído no corredor, e então, poucos segundos depois, uma batida à minha porta.

— Entre!

A porta se abriu e Chase entrou. Fechou a porta atrás de si e ficou ali, parado.

Isso era uma surpresa. Eu podia esperar que fosse Becky ou Spike, ou até mesmo Finn, mas não Chase.

— O que houve?

Ele se aproximou e se sentou na cama, perto dos meus pés, dando de ombros.

— Nada.

Sentei direito, apoiando as costas na parede e puxando os joelhos junto ao peito.

— Bem, alguma coisa deve estar acontecendo. Você não é bem o tipo de pessoa sociável.

Ele abriu um breve sorriso.

— Acho que foi só para ver como você está. É muita coisa para processar.

Pfff.

— Esse seria o eufemismo do ano.

Chase baixou o olhar para suas mãos.

— Sei que você sente falta de Tony.

Um nó se formou em minha garganta; tudo que pude fazer foi assentir.

— Não sou nenhum substituto para ele, mas queria que você soubesse que

estou aqui para o que der e vier.

Ele permaneceu em meu quarto por mais alguns segundos, e então, levantou-se e foi até a porta.

Eu dei um pulo e fui até ele, agarrando-o em um abraço. Peguei-o enquanto ele estava em pé, meio de lado, pronto para sair de meu quarto, de modo que ele me abraçou de volta com um dos braços; a outra mão estava na maçaneta da porta.

— Obrigada, Chase. Isso significa muito para mim. — Soltei, recuando um passo, esfregando as mãos, nervosa, na traseira de minha calça *jeans*. — Acho que a gente se vê amanhã no café da manhã, certo? Às cinco e meia?

— É.

Ele abriu a porta e saiu, fechando-a com suavidade atrás de si.

Exalei o ar que, inconscientemente, vinha prendendo. *Uau! Isso foi esquisito.* Chase era cheio de surpresas. Mas eram boas as surpresas dele.

De repente, captei meu cheiro. Cara, eu realmente precisava tomar um banho! Fui andando, procurei nas gavetas e encontrei calças *jeans*, umas coisas longas tipo blusa-túnica, calcinhas brancas e sutiãs esportivos, não muito *sexy*, meias grossas e mocassins. Uma das blusas era comprida o bastante para usar como pijama. Havia toalhas na gaveta inferior.

Peguei minha toalha, uma muda de roupas, a escova e a pasta de dentes antes de cruzar o corredor sorrateiramente até o banheiro, onde encontrei os vasos sanitários e os chuveiros. Havia sabonete lá, assim como xampu e condicionador em dispensadores fixos nas paredes, na parte interna das cabines dos chuveiros. Teria que procurar uma lâmina para minhas pernas peludas outra hora.

Levei mais ou menos uma hora debaixo da água antes de sentir que finalmente havia conseguido tirar toda a sujeira que emporcalhava meu corpo... ou a maior parte dela, pelo menos. Olhei para minhas unhas, mas ainda tinham aquela coisa preta embaixo. Isso me fazia lembrar de todas as vezes que havia afundado as mãos no chão da floresta nos últimos dias, comunicando-me com O Verde. Se eu fosse fazer mais isso, nunca teria unhas limpas. Eu me perguntava se havia esmalte de unhas nesse lugar. Pelo menos ninguém veria a imundície.

Sequei-me com a tolha e vesti meu pijama temporário e a roupa de baixo.

As meias grossas eram macias e os mocassins serviram perfeitamente. Fui andando até a porta sem fazer nenhum barulho, preparando-me para abri-la e sair ao corredor, quando, de repente, ouvi vozes. Minha mão ficou congelada no lugar enquanto eu esperava que passassem, mas pararam do outro lado da porta. Estava prestes a anunciar minha presença ali quando ouvi falarem meu nome. Calei a boca de imediato e fiquei tentando ouvir o máximo que conseguia. A porta era tão grossa, que os sons estavam bem abafados.

— ... A criança trocada Jayne pode ou não ser aquela que estávamos procurando. De qualquer forma, precisamos dar um jeito de eliminar aqueles sobre os quais discutimos. Não podemos entrar nessa situação com eles no lugar...

As vozes foram sumindo enquanto aqueles que falavam desciam o corredor novamente.

Aquela que estão procurando? Procurando para quê? Não reconheci a quem pertenciam aquelas vozes, mas deu para notar que uma era masculina e outra feminina. A palavra "eliminar" soava ameaçadora. Estariam se referindo a crianças trocadas? Fae? *Será que estou na lista de eliminação deles?*Meu coração batia tão alto, que tive medo de que eles ouvissem. Rezei para que continuassem andando e não decidissem, de repente, que precisavam fazer xixi ou algo do gênero.

Por fim, depois do que pareceu uma era, não conseguia mais ouvir seus passos. Abri a porta do banheiro devagar, rezando para que não rangesse, dando uma espiada no canto tão logo estivesse levemente aberta. Por sorte, a porta se abriu sem fazer nenhum barulho. Assim que verifiquei que os donos daquelas vozes haviam ido embora, voltei na ponta dos pés para meu quarto, entrando rapidamente e fechando a porta tão rápido e tão silenciosamente quanto possível atrás de mim. Tinha esperanças de que quem quer que fosse que estivesse descendo o corredor pensando em seus planos de eliminação não houvesse me ouvido. Esperei alguns segundos para ver se alguém voltava ou se eu ouvia mais alguma voz, mas o corredor permaneceu em silêncio. Meu coração, que martelava meu peito, lentamente voltou a seu ritmo normal. Limpei o suor do rosto com minha toalha ensopada e fui andando até minha cama, e me sentei nela.

Meus cabelos estava totalmente molhados, então, passei alguns minutos

tentando secá-los com a toalha, o tempo todo preocupada com o que havia ouvido. Estavam planejando matar alguém? Um dos meus amigos, talvez? Eu? Será que eram Fae das Trevas trabalhando como espiões ali?

Acabei de secar os cabelos com a toalha e usei a escova para desembaraçá-los. Assim que terminei, coloquei a toalha molhada em cima do radiador na parede ao lado da cômoda e uma toalha seca em cima de meu travesseiro, planejando ficar ali deitada e analisar profundamente a droga da conversa que havia acabado de ouvir por acaso.

Devo ter pegado no sono, porque a próxima coisa que notei foi Chase e Becky batendo em minha porta dizendo que teríamos que estar no salão para tomar o café da manhã em cinco minutos.

Capítulo 4

ABRI A PORTA E PUXEI BECKY PARA dentro.

— Chase, você vai ter que esperar aí fora.

Fechei a porta na cara dele sem esperar resposta.

— Oh-oh, alguém perdeu a hora.

— É, shhh, ajude-me a encontrar algo para vestir.

Com pressa, passei a escova nos cabelos, encolhendo-me quando ela ficou presa nas centenas de nós que haviam surgido da noite para o dia.

Becky abriu as gavetas de minha cômoda.

— Oh, que coisas legais! Eu tenho que usar as roupas das ninfas da água.

Pela primeira vez notei o que ela estava vestindo. Era uma túnica, meio parecida com a minha, só que de um verde-azulado, que evocava a água à qual ela estava ligada, já que era uma ninfa da água. A túnica parecia mudar de cor, passando de azul a verde conforme ela se mexia. Vestia uma calça *legging* debaixo da túnica e mocassins como os meus.

— Tome, vista isso.

Ela puxou para fora uma de minhas túnicas, um sutiã esportivo branco e uma calça *jeans*. A túnica parecia igual àquela que eu estava vestindo, só que mais curta. Puxei a túnica que estava usando como pijama por cima da cabeça e joguei-a sobre a cama, vestindo o sutiã e a nova túnica que Becky me entregara em exatamente dez segundos. Chutei os mocassins para fora dos meus pés e peguei a calça *jeans*, vestindo-a o mais rápido que consegui. Fiquei feliz ao ver que servia perfeitamente em mim. *Como eles sabem qual é meu tamanho? Quem estava analisando tão de perto meus seios para providenciar o sutiã do tamanho certinho?*

Eu ainda estava de meias, de modo que os mocassins foram os próximos a voltar aos meus pés. Deslizaram confortavelmente, e fechei-os com os cadarços de couro da mesma cor do sapato. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo, escovei os dentes rapidinho, borrifei um pouco de água no rosto e estava pronta para ir.

— Cinco minutos. Você é boa.

— Não usar maquiagem facilita as coisas, mas gostaria de passar um pouco. Eu me sinto nua sem delineador e sem rímel.

Becky abriu um sorriso.

— Você não precisa disso para ficar bonita. Mas eu vi alguns fae usando maquiagem, de modo que tenho certeza de que você poderia arranjar alguma, se quisesse. É só pedir.

Saímos de meu quarto e entramos no corredor, onde Chase nos esperava.

— A quem eu peço?

— Não sei ao certo se é o mesmo para você, mas eu tenho que pedir as coisas a Chip. Eu deixo um bilhete para ele em cima de minha cômoda. Ele é o cara que arruma para nós tudo de que precisamos. É um *brownie*.

Balancei a cabeça negativamente, instantaneamente imaginando um pedaço de bolo mastigável andando por aí sobre duas pernas.

— O que é um *brownie?* Porque tenho certeza de que não é o que estou visualizando agora, o que, para falar a verdade, está me deixando com muita fome.

— Um *brownie* é um fae que faz todo tipo de coisa. Mas, principalmente, ele limpa, organizam e encontra as coisas para nós. Consegue encontrar quase qualquer coisa. Quando você sair hoje, ele vai limpar seu quarto. Você deve deixar alguma coisa para ele pegar naquela bandeja de prata que está em cima de sua cômoda. Caso contrário, ele vai pegar qualquer outra coisa... algo que você não quer que ele pegue, ou vai mexer com você de alguma forma. Em meu primeiro dia, eu não sabia que devia deixar para ele um símbolo de meu apreço, e quando voltei, ao fim do dia, todos os pés direitos de minhas meias não estavam mais lá.

— Eu não deixei nada — falei sentindo-me um pouco mal, porque ia irritar o *brownie* logo no primeiro dia.

Eu não queria fazer isso, especialmente agora que sabia que ele ou ela ia limpar meu quarto para mim e ser meu *office-boy* ou minha *office-girl*. *Uau! Uma camareira! Um* office-boy! *Eu sou praticamente uma celebridade!*

— Vai haver coisas no café da manhã que você poderá deixar. Só se certifique de voltar ao seu quarto e deixar a oferenda lá antes de seu treinamento. Eles fazem a limpeza enquanto estamos fora.

Chase ouvia nossa conversa sem dizer nada. O único indicativo de que estava realmente prestando atenção era a ocasional pontinha de um sorriso ou cenho franzido que eu via em seu rosto.

Chegamos ao grande salão, onde havíamos nos reunido depois de terminar o teste. Havia uma mesa de bufê cheia de comida na extremidade mais afastada da sala e muitas pessoas sentadas à grande mesa redonda de madeira no centro, comendo em volta dela. Alguns fae estavam comendo em pé, conversando com outros. Finn e Spike estavam à mesa, já na metade do que quer que fosse que houvesse em seus pratos. Acenaram quando nos viram, fazendo gestos para que ocupássemos os assentos vagos ao lado deles.

— Vamos pegar a comida primeiro — disse Becky. — Temos de andar logo.

Fomos até o bufê, e tudo em que consegui pensar quando cheguei lá foi que esse devia ser o bufê mais esquisito que eu já havia visto na vida.

O bufê tinha algumas das coisas normais de comer, como linguiça, ovos e frutas; mas havia algumas carnes misteriosas sobre as quais eu tinha medo de saber mais... algumas delas se mexiam um pouco. Também vi umas coisas assustadoras que pareciam vegetais, legumes, e então vi algumas coisas que não eram nem carne nem vegetais, mas que estavam cobertas de terra. *Quem diabos come coisas cobertas de terra no café da manhã?*

— Oi, criança trocada, como vai seu primeiro dia como fae? — perguntou Gilly, parada a meu lado vestindo seu *kilt*.

Eu não a havia notado se aproximar, provavelmente porque ela é muito baixinha. Ela esticou a mão para cima e pegou um punhado das coisas grumosas e cheias de terra, colocando um pouco daquilo em seu prato e um dentro da boca.

Bem, isso explica muita coisa.

— Estou bem. E você? Quais são as novidades? Aquelas, hmm, bolas de terra parecem... deliciosas.

— Bolas de terra? Ah, você deve estar falando dos túberos. São uma rara iguaria. Eu poderia comer todos, ah, se poderia! Mas isso não seria educado de minha parte, certo? Hoje em dia, não se vê muita gente preocupada com os bons

modos, mas não eu. Bons modos é o que faz deste um bom mundo para se viver; na verdade, outro dia, eu estava falando com Gander...

Desliguei de Gilly enquanto colocava poucas coisas em meu prato. A gnoma divagante nem percebeu que eu não estava prestando atenção no que ela falava. Não queria ser rude nem nada, especialmente porque bons modos eram meio importantes para ela, mas não ia deixar meu *brownie* sem sua retribuição e me arriscar a ficar sem camareira. Se tivesse que escolher entre ter um gnomo como amiga e um *brownie* como empregada doméstica, o *brownie* ganharia sempre. Tinha que terminar meu café da manhã e voltar voando para meu quarto.

— ... e ele disse, "Gilly, você tem que parar com o..."

Cortei o que ela dizia.

— Tenho que ir comer agora, Gilly. Aproveite seus... túberos.

Saí andando enquanto ela ignorava que eu havia ido embora e continuava falando com quem quer que houvesse ido até o bufê depois de mim.

— Quem era aquela? — perguntou Spike quando me sentei, com um grande e largo sorriso no rosto.

— Aquela? É Gilly. Ela é uma gnoma, e come túberos com terra e usa um mini-*kilt* que é curto demais atrás. Sugiro que você nunca olhe diretamente para o traseiro dela, visto que ela é dada a se curvar, e então, coisas ruins acontecem com o *kilt*, sobre as quais eu preferiria não falar agorinha mesmo.

Todo o mundo que estava ao meu redor deu risada, inclusive um dos lobisomens que eu me lembrava de ter visto na noite passada ao lado do carinha lobisomem gostoso, aquele que havia planejado devorar Becky, eu e Tony na floresta só alguns dias antes. Afastei os pensamentos de Tony de minha cabeça rapidamente, antes que pudessem arruinar minha manhã e me lançar de volta no mundo de tristeza infinita.

Olhei para o prato de Chase.

— Minha nossa, Chase, não é de se admirar que você seja tão gigantesco!

O prato dele tinha comida suficiente para cinco pessoas. Tinha até um pouco da carne que se mexia.

— Hmm, não sei se você percebeu, mas um pouco de sua comida ainda está

viva.

Chase espetou a carne que se mexia com o garfo e a enfiou na boca, observando todos nós enquanto mastigava.

Encarei-o, junto com os outros, todos com nojo e curiosos para ver o que ia acontecer.

Ele engoliu aquilo, lambeu os lábios e disse:

— Salgado.

Finn e Spike deram altas risadas, Becky abriu um sorriso e eu só estremeci. Precisava parar de ficar observando os outros e simplesmente terminar minha linguiça e meus ovos. Cutuquei a linguiça algumas vezes para ver se estava boa e morta.

— Vejo que você gosta de enguias jovens, Chase — disse Jared sentando-se ao lado dele.

Chase deu de ombros.

— A enguia minúscula que você acabou de comer. Uma enguia jovem. Um pouco salgada para meu gosto.

— Ah, eca! Chase, você acabou de comer uma enguia viva — falei sentindo toda a repulsa novamente.

— Não, não estava viva, só estava se mexendo, como se estivesse viva — disse Jared.

Sua explicação era a típica resposta dos fae: clara como lama.

Tanto faz. Eu ainda não gostava de conversar com ele. Acho que, em parte, culpava-o por eu e Tony estarmos separados agora. Talvez, se Jared houvesse sido honesto desde o princípio, Tony não teria se sentido tão sobrepujado e... não sei... como um peixe fora d'água, ou seja lá o quê.

— Vamos lá, pessoal. Temos que deixar nossos presentes para nossos *brownies* e ir para o treinamento.

— Presentes para nossos o quê? — quis saber Finn.

— Vocês têm que dar um pequeno símbolo de apreciação ao fae que fará a limpeza de seu quarto, de suas roupas e de suas coisas. Há uma cesta naquela mesa com oferendas — Becky fez um gesto apontando para uma cesta de vime cheia de

coisas embrulhadas, que pareciam doces. — Os *brownies* não podem encostar naquela cesta, pois está encantada, mas nós podemos. Temos que tirar uma coisa por dia dali e colocá-la na bandeja de prata que fica na cômoda em nossos quartos.

— Cantada? Quem ia passar uma cantada numa cesta? — perguntou Finn, obviamente confuso.

— Não, pateta, *encantada*, como enfeitiçada; uma bruxa colocou um feitiço na cesta.

— Oh, ok. Entendi. Como quiser, chefe — disse Finn em tom amigável.

Fomos todos até lá e pegamos uma oferenda. A minha estava embrulhada em um papel-alumínio brilhante e reluzente, quase do tamanho de uma grande bola de chiclete dessas que se compram por 25 centavos naquelas máquinas em pizzarias.

Seguimos o corredor até nossos quartos. O meu e o de Chase eram os primeiros. Deixamos nossas oferendas nas bandejas. Os quartos de Becky, Finn e Spike ficavam um tanto quanto longe dos nossos. Depois que deixaram suas oferendas em seus quartos, voltamos ao salão de refeição. Fiquei toda confusa seguindo Becky, que era nossa guia.

— Como se acha alguma coisa aqui? Já estou perdida — falei frustrada. — Como vou entrar sorrateiramente nos quartos de vocês se não consigo nem achar o caminho?

— Os corredores são encantados; o lugar inteiro é enfeitiçado, na verdade. É de propósito, para impedir que os Fae das Trevas consigam entrar aqui e causar problemas.

Isso me fez lembrar daquelas vozes que ouvi do lado de fora do banheiro, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Becky prosseguiu:

— Vocês vão aprender a encontrar as coisas no primeiro treinamento. Assim que eles nos mostram isso, fica bem fácil. Porém, quando não se sabe o segredo, fica-se vagando por aí no mesmo corredor para sempre. Todas as portas parecem iguais, e às vezes nem sequer vemos as portas que estão lá. As coisas mudam o tempo todo. Ou, pelo menos, parecem estar mudando. Mas, na verdade, não estão. Pelo menos *eu acho* que não.

Spike olhou para ela, nervoso.

— O que você quer dizer com “eu acho”?

Chase e Finn foram à frente, olhando para a porta do salão de refeições bem ali. *Acho que eles estão ansiosos para começar o treinamento. Tolinhos.*

Becky deu de ombros.

— Não estou aqui há tempo suficiente para entender de verdade muito do que acontece. Tive só um dia de treinamento. Tenho certeza de que vamos todos entender isso, no fim das contas.

Ela apressou o passo para alcançar Chase e Finn, que estavam abrindo a porta no fim do corredor.

Obviamente, não estava muito preocupada, então, decidi não me preocupar também.

Spike balançava a cabeça.

— Não sei, cara. Primeiro, descubro que sou um sugador de vida, depois, que meu mentor é Valentine, o íncubo frutinha que pode ter uma forte atração sexual por mim, e *então*, fico sabendo que um fae vai roubar minhas coisas se eu não der um presente para ele todos os dias... e agora, descubro que esse lugar é um labirinto onde eu poderia ficar preso para sempre? Estou começando a me arrepender de minha decisão.

Não dava para saber se ele estava falando sério ou não.

— Spike, acho que você devia ver o que vai acontecer hoje antes de começar a se arrepender de alguma coisa. É isso que vou fazer. Ninguém disse que ia ser fácil.

— Não estou preocupado que seja fácil ou não. Só me preocupo com minha sanidade quando tudo isso acabar.

— Achei que você gostasse de doideira — falei, flertando deliberadamente com ele.

Ele lançou um dos braços por cima dos meus ombros enquanto Chase abria a porta.

— Seu tipo de doideira? Sim. Doideira de fae? Nem tanto.

Ele deixou o braço cair e me deu um tapa de leve no bumbum, enquanto eu entrava na sala à sua frente. Ele tinha sorte de haver testemunhas fae ali, caso

contrário, eu teria lhe dado um belo de um golpe de caratê. Em vez disso, voltei-me e olhei feio para Spike, mas ele só deu risada e mexeu os lábios, sem emitir som, para me dizer *"Comporte-se"*.

Sussurrei em resposta:

— *Nunca!* ...

Imediatamente, Céline entrou pela porta do lado oposto da sala.

De súbito, lembrei-me de novo das vozes que havia ouvido na noite anterior, do lado de fora do banheiro, mas era tarde demais para falar com Becky e os caras sobre isso agora, visto que já estavam se afastando. Tinha que me lembrar de trazer esse assunto à tona na hora do almoço.

— Está na hora de começarmos nosso treinamento — disse Becky. — Vamos lá, pessoal, vocês podem me acompanhar.

Ela foi andando até a mesma porta pela qual Céline havia acabado de entrar, deixando a sala principal com os caras andando atrás dela.

Capítulo 5

— Preparada para sua primeira sessão de treinamento? — perguntou-me Céline caminhando em minha direção.

— Como assim, não vou com eles? — perguntei vendo a porta se fechar atrás dos meus amigos.

— Eles têm um cronograma de treinamento diferente do seu. O seu é... personalizado, por ora. Isso pode vir a mudar, no futuro.

Ela se voltou e foi andando de volta até a porta por onde Becky e os caras haviam acabado de sair, segurando a maçaneta e dando um passo para o corredor.

— Vamos ver como você se sai hoje.

Meus amigos já haviam desaparecido. *Deve ser aquele lance mágico dos corredores.* Eu a acompanhei até que chegamos a uma porta na extremidade mais ao longe. Tinha certeza de que sairíamos do quarto obelisco quando passássemos por aquela porta, mas quando dei um passo para fora e olhei ao meu redor, não havia nenhum ponto de rota e nenhuma clareira. Estávamos no meio da Floresta Verde. Voltei-me de novo para olhar para a porta, mas ela não estava mais lá. Havia uma árvore antiga, mas nada de porta, nada de dobradiças, e nada de maçaneta. *Droga de mágica. De novo.*

— Achei que fôssemos fazer algo no lago hoje — falei lembrando-me do voto na reunião de ontem sobre alguma coisa comigo e uma possível afinidade com a água.

— Você fará isso mais tarde, porém, em primeiro lugar, gostaria de começar nossa sessão matinal só tendo uma ideia do que você já desenvolveu sozinha. Vamos nos sentar.

Ela se sentou em uma tora de madeira caída e eu me ajeitei no chão à sua frente.

— Conte-me sobre suas experiências com a floresta.

Ela fixou o olhar em mim, paciente, esperando que eu começasse.

Seus olhos prateados e seus modos calmos eram um pouco intimidantes. Eu

me senti um pouco tímida, o que é uma sensação estranha para mim. Minha conexão com O Verde era meio pessoal, de certa forma, então, era difícil simplesmente começar a tagarelar sobre isso. Eu não queria me gabar, mas era difícil não sentir que me gabava quando falava do assunto, porque era algo imensamente legal e incrível. É quase como se eu não quisesse dizer nada porque se tratava de algo tão particular e tão bom! Não queria desvalorizar aquilo. Eu era incapaz de decifrar isso em minha cabeça naquele instante, de modo que apenas soltei um suspiro, alto, em vez de falar.

— Sinto que você está reticente. Por que não quer falar sobre isso?

Dei de ombros.

— Não sei. É tipo, um assunto privado ou algo do gênero. É pessoal. Entre mim e eles.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Eles? Eles quem?

Fiz um gesto apontando a meu redor.

— *Eles.* As árvores. As plantas. A Terra... Eles... O Verde.

— O Verde.

Ela falou como se declarasse um fato, e não em forma de pergunta, de modo que não disse nada em resposta.

— Você disse O Verde — prontificou-se ela a dizer.

— Sim, eu disse.

— Por que você o chama assim?

Dei de ombros de novo.

— Não sei. Apenas me pareceu adequado. Por quê? Está errado?

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, é correto dizer isso. É como os duendes verdes se referem à área da floresta.

— Bem, quando eu disse "O Verde", não estava falando disso exatamente.

— Explique-se, por favor.

— O Verde, para mim, de qualquer forma, não se resume apenas à área da floresta... é tudo que ela contém e toda a energia que flui dela, e por ela, e ao redor dela, a energia que vem das plantas, das criaturas, do ar, do... *droga*, não sei. Todas

as coisas aqui.

Isso é uma idiotice. Joguei as mãos para cima e deixei que caíssem nas laterais de meu corpo. Inconscientemente, meus dedos cavaram o solo. Senti a centelha d'O Verde em resposta, esperando que eu me conectasse com ele.

Céline baixou os olhos para minhas mãos.

— Por que você está fazendo isso... com os dedos?

Baixei o olhar para minhas mãos, confusa.

— Fazendo o quê?

— Colocando os dedos na terra desse jeito?

Exalei uma rajada de ar, frustrada.

— *Droga*, você vai me perguntar por que eu faço cada coisinha? Veja, estou revirando os olhos agora, quer saber por que estou fazendo isso?

Céline abriu um sorriso indulgente para mim.

— Peço desculpas. Estou tratando você como se fosse um rato de laboratório.

— Sim, está mesmo — falei, levemente tranquilizada por ela entender meu sarcasmo e não ficar ofendida.

— Eu devia ter lhe explicado algumas coisas primeiro. Permita-me começar de novo. Quer que eu fale o que sabemos de você e o que não sabemos? Isso pode tornar minhas perguntas mais fáceis de lidar.

— É claro, vá em frente. Conte-me o que vocês sabem.

Eu estava mais à vontade ouvindo em vez de falando.

Céline entrelaçou as mãos em seu colo.

— Ok. Então, nossa atual teoria, com base na qual estamos trabalhando, é que você é um elemental. Um elemental é um fae que tem ligações, por meio da mágica, com um ou mais elementos, sendo eles Terra, Ar ou Vento, Fogo e Água. Alguns incluem Espírito como um elemento, porém, para os propósitos de nossa discussão, isso não é relevante. Por você ter mostrado que tem uma ligação muito forte e íntima, de um jeito incomum, com O Verde, suspeitamos que sua força elemental vem principalmente da Terra.

Ela baixou o olhar para minhas mãos, que estavam novamente cavando o

solo — eu não conseguia evitar. Puxei-as e as sacudi, deixando-as em meu colo.

Ela sorriu e prosseguiu.

— Alguns elementais particularmente fortes têm ligações com mais de um elemento. A Sereia, aquela que você conhece como a Dama do Lago, suspeita que você possa ter uma ligação com o mundo dela, que inclui o elemento Água. Assim que eu tiver uma ideia de sua conexão com a Terra, depois do almoço, vamos ver se ela está certa.

— Como é que vamos fazer isso?

— Isso não foi completamente determinado ainda. Nós, do conselho, vamos discutir o assunto durante o intervalo do almoço. Então, continuando... não temos um elemental com os Fae da Luz há várias centenas de anos. Alguns de nós já estávamos aqui quando o último elemental era vivo, mas nenhum de nós conhecia sua mágica muito bem. Ele era um indivíduo fechado, que optava por ficar com seu elemento mais que com outros fae.

— Qual era o elemento dele?

— Ar.

Franzi o cenho, tentando visualizar como aquilo funcionaria.

— Como é que um cara anda com o ar?

Céline soltou um suspiro.

— Ele se conectava com o Ar e desaparecia nele. Essencialmente, ele *era* Ar. Por fim, era Ar com tanta frequência, que nunca mais foi fae. Seu espírito foi sumindo aos poucos, até que ele se foi. Para falar a verdade, foi triste. Isso começou, talvez, há 700 anos, ou mais...

— Bem, isso parece completamente maluco. Isso vai acontecer comigo?

O quê? Será que eu ia me transformar em uma árvore ou algo do gênero? Quantos anos eu teria? Será que, no fim das contas, eu ia acabar enlouquecendo?

— Não. Conhecemos os perigos de afundar na mágica. Treinaremos você, da melhor forma que conseguirmos, para que lide com suas ligações com os elementos.

Ela pigarreou e se sentou mais ereta, continuando a falar:

— Você deve ter notado a forte reação dos fae quando Anton anunciou que

você era um elemental.

Assenti.

— Isso se deve a vários motivos. Em primeiro lugar, você é a única Fae da Luz de sua espécie. Seus poderes, se conseguir aprender a canalizá-los e usá-los corretamente, são quase inigualáveis no mundo fae. Até as bruxas ficam em segundo lugar em termos de poder, perdendo para um elemental apenas. Isso é tanto uma coisa boa quanto ruim.

— Como assim?

Eu tentava não me sentir uma maioral por ser capaz de detonar seriamente em breve, mas estava difícil.

— É algo bom porque, como dissemos, temos uma guerra a caminho. O número dos Fae das Trevas está aumentando. Não concordamos com a filosofia deles, mas eles não se importam com isso. Em algum ponto, vão nos forçar a um confronto. Ter poderes como os seus do nosso lado seria extremamente benéfico para nossa causa e para a causa dos humanos, quer eles saibam ou não.

Hummmm. Salvadora da raça humana. Eu sou o máximo ou não sou?

— Mas é uma coisa ruim, porque mesmo entre os Fae da Luz haverá alguns que ficarão com ciúmes de você, que haverão de se sentir ameaçados por você, e que desejarão lhe causar algum mal. Os fae podem ser vaidosos e arrogantes também. É uma condição natural para aqueles que são sobrenaturais e que podem comparar sua superioridade com um mundo de fracos e frágeis humanos. Porém, é óbvio que a vaidade é perigosa. Ela anuvia o bom senso, encoraja os comportamentos imprudentes, e, de modo geral, causa sentimentos hostis. Nós, os fae, acreditamos muito tanto na energia positiva quanto na negativa. Infelizmente, seus poderes únicos farão que algum grau de energia negativa entre em nosso cuidadosamente guardado mundo dos Fae da Luz.

— Que ótimo. Então, tenho inimigos mesmo antes de ter feito por merecê-los.

— Bem, de certa forma, isso é verdade. Mas acreditamos que nossos camaradas fae, aqueles que sentimos que estão mais aptos a ficar enciumados, e incluo aqui bruxas e alguns outros, acabarão por fim compartilhando nosso modo

de pensar e a verão como a aliada que eu e Anton achamos que você poderia vir a ser. Quer dizer, se decidir ser nossa aliada.

Ela ergueu a sobrancelha para mim com um ar de desafio amigável.

Será que eu queria ser aliada deles? Não sabia ao certo nem se tinha escolha. Se não fosse aliada deles, então, estaria com os Fae das Trevas. Eu não sabia muita coisa sobre eles, mas a ideia de Tony ou de minha mãe sendo comidos por um orc... *De jeito nenhum, cara. Não vai rolar.* Agora, o namorado de minha mãe... essa é outra história. Eu colocaria salsinha recém-cortada na cabeça dele se achasse que os orcs iam gostar mais assim. *Babaca!*

— Não pretendo ir para o lado dos Fae das Trevas, se é o que quer dizer.

— Não, de jeito nenhum. O que estou dizendo é que você pode envidar seus melhores esforços para aprender a usar e controlar seus poderes e, por meio disso, fazer por merecer o respeito e a admiração de seus companheiros. Ou pode usar um esforço mínimo, aprender umas poucas coisas, e então ser morta ou fazer que outro alguém seja morto quando por fim tivermos um conflito, fazendo por merecer, com isso, um túmulo precoce, desrespeito entre os seus companheiros ou ambos. Isso cabe totalmente a você.

Olhei para ela boquiaberta.

— Bem, caramba, Céline... você não doura a pílula mesmo, né?

Ela deu risada.

— Não há porque mentir. Você é uma adulta em nosso mundo. Faz e vive com suas próprias escolhas.

— Não há porque mentir para mim *agora,* você quer dizer.

Céline inclinou-se em minha direção e pegou minhas mãos, fitando-me nos olhos. Pela primeira vez notei que a íris de seus olhos não ficava parada, como nos olhos das pessoas normais. O cinza ficava girando, movendo-se, girando em volta de si mesmo. Parecia... o vento, a forma como alguns artistas às vezes desenhavam o vento em movimento.

— Jayne, não vou pedir desculpas pelo que fizemos com você e seus amigos. Estou lutando pela sobrevivência de minha raça, por meu povo, por minha família... por minha *espécie*. Fizemos uso dos mais respeitosos métodos que

pudemos conceber para despertar a mágica dentro de vocês, e lhes deixamos a liberdade de escolha de se tornarem ou não crianças trocadas. Seu amigo Tony é prova dessa verdade. Você tem que se livrar de sua amargura e raiva, porque isso não serve a nosso propósito. Libere isso; eu lhe imploro. Por favor, olhe dentro de seu coração e pergunte a si mesma se teria feito algo diferente, sabendo o que sabe sobre nosso povo e nossa situação agora.

Não sei como ela conseguia continuar fazendo isso… fazer que eu me sentisse imatura e idiota. *Droga!* Ela era como a mãe mais imensamente poderosa de todos os tempos. Eu achava que minha mãe era ruim, mas essa dama fae era assustadora para caramba! Talvez esse fosse o talento mágico especial dos elfos prateados: habilidades insanas de criar os filhos.

— De qualquer forma, o que faz um elfo prateado? Quais são seus poderes, além de jogar para cima da gente imensas sensações de culpa?

Ela soltou minhas mãos e se sentou ereta de novo, com um sorriso de orgulho no rosto.

— Somos servos do vento. Somos rápidos, podemos voar, e somos bem habilidosos com uma lança e uma espada.

— Isso é legal demais! Voar! Como vocês fazem isso sem asas?

— Cavalgamos o vento.

Ah, é. Mais uma vez, claro como lama. Droga de fae. Não me dei ao trabalho de pedir uma explicação melhor porque sabia que não a receberia. Talvez ela fosse me mostrar isso depois.

— Então, os duendes verdes… qual é a deles?

— Você já viu o que eles podem fazer. Eles são os servos d'O Verde. São caçadores, rastreadores, arqueiros… servem como nossa infantaria na Floresta Verde. Eles também conhecem muito as ervas e os remédios da floresta, como os xamãs de seus índios americanos. São excelentes curandeiros.

— Meu amigo Finn é um duende verde. Ele não está feliz com isso.

— Ele vai mudar de ideia. Os duendes verdes são altamente respeitados aqui. São uma raça nobre… uma das mais antigas, na verdade. O sangue deles corre forte e leal em suas veias. Seu amigo Finn é um acréscimo valioso à raça.

— E quanto a Chase? Vocês o colocaram ao meu lado porque ele é um *daemon?*

Ela soltou um suspiro.

— Não posso partilhar as informações de tudo que fazemos com você.

— Mais segredos?

— Não, não se trata de um segredo. Queremos nos certificar de que o que aconteça com você e com Chase ocorra como resultado do que *deveria* ser, e não do que queremos que seja. Nós não devemos influenciar vocês provendo-lhe mais informações que o necessário.

— Então, o que isso quer dizer? Vocês estão tentando bancar os casamenteiros ou algo do gênero? Porque acho Chase legal, e tal, mas ele não faz meu tipo para ser meu namorado ou qualquer coisa assim.

Céline deu risada.

— Não temos que bancar os casamenteiros em nosso mundo. Isso acontece espontaneamente, quando é a hora certa. Você descobrirá que não somos tão tensos quanto o mundo humano em se tratando de relacionamentos.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir isso. Não sei ao certo se ela pretendia dizer as coisas desse jeito, mas, para mim, isso significava que ficar com alguém era de boa para eles. *Legal!* Visões do sorriso de Spike acenderam-se em minha mente.

— Devo avisá-la, porém, que muitos dos nossos irmãos e irmãs fae têm poderes que fazem que sejam muito mais atraentes do que normalmente seriam. Farei o que puder para ajudar você a reconhecer os efeitos desses poderes; porém, se não for forte, pode vir a ser uma presa do desejo sexual de um fae.

— Ah, bem. Isso *poderia* ser ruim. Por outro lado...

— Acredite em mim. Nunca é uma coisa boa quando seu livre-arbítrio é tomado de você. Há muito arrependimento depois.

O olhar de Céline estava voltado para longe. Demorei um segundo para perceber que ela devia estar trilhando o caminho de suas lembranças em algum lugar. Ou talvez voando por ele. Quebrei o clima perguntando:

— Então, onde estávamos?

Céline voltou ao momento presente.

— Ah, sim... estávamos falando de suas escolhas. Vou ajudar você a aprender tudo que puder sobre sua mágica, eu e outros; e então, você poderá decidir por si mesma o que fazer com esse conhecimento.

Assenti com a cabeça. Isso era bom o bastante para mim. Por ora, pelo menos.

— Certo. Vamos começar, então. O que quer saber?

— Diga-me por que você coloca as mãos no solo.

— Eu realmente não sei. Sinto-me mais conectada desse jeito.

— O que quer dizer com "conectada"?

— Acho que poderia se dizer que O Verde é como uma imensa rede de computadores para mim. Meio como a internet. Eu me conecto com o toque e a conexão fica mais forte.

— Mais forte que...

— Como se eu simplesmente não tocasse em nada.

— Então, você consegue se comunicar com O Verde mesmo sem contato físico?

— Sim, mas é uma ligação mais fraca.

— Você consegue se conectar com O Verde quando está dentro de seu quarto, no complexo?

— Não sei. Não tentei.

Porém, deveria tentar, de modo que decidi remediar isso quando voltasse.

— O Verde alguma vez entra em contato com você?

— Às vezes.

Eu sempre podia ouvir seu murmúrio, se me concentrasse. Era como se ele estivesse esperando que eu desse um sinal de que queria a conexão, e então, *bam*, lá estaria ela.

— Consegue se lembrar de quando isso aconteceu pela última vez?

Na segunda vez que ela me fez essa pergunta, tive um *flashback*, do tipo infeliz.

— Sim, quando Becky se afogou e fiquei muito preocupada.

Eu podia ver que a ideia d'O Verde ter uma mente própria a deixava

intrigada. Começou a fazer perguntas com mais rapidez.

— O que O Verde fez, então?

— Acho que estava tentando curar minha tristeza.

— Curar sua tristeza?

— É, fazer que fosse embora.

— E ele conseguiu curar sua dor?

— Não.

— Ah, ele não conseguiu.

— Não, eu não deixei.

— Como você fez isso? Como você o impediu?

— Eu o afastei.

— O Verde já curou você alguma vez antes?

— Não, não a mim.

— Outros?

— Sim, Finn e Becky.

— Como exatamente ele fez isso?

— Eu me conectei com ele e encostei em Becky ou em Finn, e pedi que O Verde os curasse.

— Simples assim?

— É, praticamente.

— Então, O Verde fala português com você.

— Não, para falar a verdade, de jeito nenhum. Nós conversamos por meio de imagens e sentimentos. É melhor assim.

— Por que é melhor?

— É mais preciso, há menos chance de ocorrer algum mal-entendido.

— Você já passou por mal-entendidos antes?

— Só uma vez, quando pedi a'O Verde que nos protegesse enquanto dormíamos, e especificamente pensei só nas coisas que nos causariam mal; e, bem, Becky passou pela guarda d'O Verde porque ela não nos desejava mal algum. Mas não faço ideia se isso funciona com qualquer cara malvado. Eu dormi como um bebê.

Céline deu risada, e sua alegria ressoava pela floresta como se fosse um sino. Por uns poucos instantes, ela se abandonou a seu humor. Ele a transformava, fazendo que passasse de velha de aparência sofisticada a jovem e bela. Eu a observava, incapaz de não sorrir junto, mesmo que não fizesse a mínima ideia do motivo pelo qual ela achava aquilo tão divertido.

— Ah, acredite em mim — disse ela secando seus olhos cintilantes. — Funcionou. Funcionou *muito* bem.

— É mesmo? Conte-me!

Inclinei-me para frente, ansiosa para ouvir o que ela teria a dizer.

Seus olhos brilhavam enquanto ela me relatava a história.

— Bem, durante seu teste de fae, Niles tinha em mente armar um ataque noturno a seu acampamento. Não preciso dizer que ele teve uma surpresa desagradável ao se encontrar pendurado nas árvores, junto com alguns amigos, quando chegou perto de onde vocês estavam dormindo. Eles só foram soltos quando vocês saíram da área, no dia seguinte. Quando O Verde finalmente os deixou partir, eles quase não sentiam mais os braços e as pernas, e foram jogados de cabeça no chão da floresta de cerca de dez metros de altura. Passaram por uns maus bocados para conseguir voltar, e não estavam lá muito felizes com a zombaria que receberam dos lobisomens e dos elfos.

— Está brincando! Sério?!

— Sim. E até agora, todos achávamos que haviam sido as bruxas que estavam se divertindo à custa deles, mas elas negaram com veemência o tempo todo. Vou ter que falar com os anões e explicar a eles o que aconteceu de modo que possa acalmá-los um pouco. Eles tendem a guardar ressentimentos por um bom tempo.

— Eles realmente parecem um tantinho… mal-humorados.

Céline abriu um sorriso.

— Essa seria uma boa descrição geral de todos os anões.

— Bem, é bem legal que O Verde tenha feito isso… para mim, não para os anões.

— Para todos nós, para falar a verdade. Há uma possibilidade de que esse

problema que temos com os Fae das Trevas acabe chegando à Floresta Verde. Ter O Verde ciente do problema e nos ajudando poderia ser algo muito valoroso. — Céline se levantou. — Acho que já cutuquei seu cérebro o bastante por ora. Gostaria de dar uma volta?

Eu me levantei, limpando-me.

— Claro, por que não?

— Há alguma coisa especial que gostaria de ver?

— Tipo o quê?

— Qualquer coisa. Temos muitos fae na Floresta Verde. Poderíamos visitar muitos deles.

Tive um pensamento tortuoso. Ela me havia feito desempenhar meu papel a manhã inteira...

— Gostaria de ver você voar.

Ela olhou de esguelha para mim enquanto caminhávamos.

— Para quê?

— Ah, vamos lá, você só pode estar brincando! Nunca vi alguém voar *de verdade*. Efeitos de computador e coisas do gênero não contam. Quero ver alguém voar de verdade.

Céline parou de andar.

— Não acredito que vou fazer isso.

— O quê?

— Voar sob comando.

— Fiquei respondendo a perguntas sob comando durante uma hora ou mais. E aposto que você vai me fazer desempenhar alguma tarefa sob comando muito em breve, também.

— É justo — capitulou Céline. — Aqui está, então.

Ela parou de andar e fez um gesto para mim, indicando que eu fosse para o lado. Ficou parada no lugar, balançando os braços e revirando os ombros e a cabeça, erguendo-se no ar.

— Então... esta sou eu, uma elfa prateada da Floresta Verde, voando.

Fiquei observando enquanto a parte cinza de seus olhos girava de um jeito

insano. Suas pupilas ficaram menores e quase desapareceram em meio àquele cinza todo. Seus cabelos se levantaram, como se houvesse um grande ventilador embaixo. Vi a cabeça e os ombros de Céline parecerem se expandir, estreitando-se e ficando mais altos. Seu corpo inteiro se esticava, ficando cada vez mais fino. O topo de sua cabeça tornou-se uma ponta, transformando-se em uma névoa serpeante que havia se formado acima dela. O restante de seu corpo girava em um círculo, como um remoinho, contorcendo-se para cima e nos arredores, seguindo a direção em que a cabeça havia ido. Para cima, e mais acima ela foi, ficando cada vez mais estreita e mais indistinta, até que deixou de ser visível. A névoa rodopiante era *ela,* ampliada... e depois, ela desapareceu por completo.

Fiquei ali, parada, sozinha na floresta, respirando rápido, não sabendo ao certo se havia visto o que achava que havia acabado de ver. Céline havia se transformado em um minitornado e desaparecera no ar que nos circundava.

— Hmm, Céline? *Céline?!* Você está aí?

Não houve resposta.

De repente, senti um sopro forte e rápido de vento à minha direita. Olhei para o lado bem a tempo de ver um tornado em miniatura descendo bem ao meu lado. Seus giros foram se desacelerando até girar devagar o suficiente para que eu conseguisse ver uma figura humana tomando forma. A forma de Céline. Quando os giros pararam, Céline estava ali, em pé. Fiquei observando enquanto seus cabelos se assentavam, de volta a seu estado perfeito, exatamente como estava antes de alçar voo.

— Isso foi simplesmente *incrível!* — gritei, superexcitada com a dose instantânea de adrenalina que havia disparado por minhas veias, com o coração também em disparada, em uma aceleração selvagem, como se eu houvesse acabado de correr um quarteirão da cidade.

Céline alisou os cabelos com a mão.

— Obrigada. Agora, é sua vez.

Ela deu uma piscadela para mim.

Muito bem. Ela queria ver ação; eu mostraria um pouco de ação a ela.

— Venha comigo.

Eu tinha um grande sorriso no rosto. Isso era divertido.

Caminhei pela floresta até que encontrei um das Antigas. Fui até ele e o toquei brevemente, compartilhando minhas ideias. Eu sentia a cálida e familiar resposta d'O Verde. Acho que ele havia sentido minha falta, e me dei conta de que havia sentido falta dele também. E ele também estava se sentindo tão brincalhão quanto eu. Eu e O Verde estávamos prontos para nos divertirmos um pouco com essa elfa sempre fria e calma.

— Ok, então, venha até aqui e coloque seus braços em volta da árvore.

— Em volta da árvore?

— É. Abrace-a. Abrace a árvore.

Ela ergueu a sobrancelha para mim com ares de questionamento, mas deu um passo à frente e ficou parada na base da árvore. Colocou as palmas das mãos na casca da árvore para se equilibrar e depois se estendeu sobre ela, esticando os braços para os lados.

Dei um passo para o lado dela, olhando seu rosto enquanto me posicionava.

— Eu me sinto um pouco tola parada aqui desse jeito — disse ela.

Eu sorri, sem dizer nada. Queria ver a expressão em seu rosto quando sentisse a energia pela primeira vez.

Apoiei-me na árvore, sem pressa, e coloquei primeiro a mão direita e depois a esquerda na casca massuda e quente da árvore. A energia d'O Verde estava zunindo, zumbindo, fluindo por todas as partículas de meu ser. *Uau, que sensação boa essa de estar de volta aqui!* Recebi em resposta as boas-vindas d'O Verde.

Levei minha mão mais para perto da dela, que estava a apenas alguns centímetros de distância.

— Está pronta? — perguntei a ela, encostando a bochecha no tronco da árvore.

— Sim — disse ela baixinho.

Mexi a mão e coloquei-a por cima da dela. Vi nos olhos de Céline que ela estava sentindo a energia; o cinza de seus olhos girava agora mais rápido.

Solicitei mais energia. E mais energia veio.

Céline arregalou os olhos, e a íris de seus olhos ficou violetas, com

espirais e ondas azuis, movendo-se ao redor cada vez mais rápido.

Enviei outra solicitação. *Mais.* E mais veio.

— Ah, nossa... isso é... inacreditável! — disse ela com lágrimas nos olhos.

Fiz uma última solicitação. Pedi que O Verde mostrasse tudo a ela. Que lhe mostrasse a beleza. O amor.

Senti uma rajada vindo antes que chegasse. Agarrei a mão de Céline com força, na esperança de que não houvesse nenhum problema em fazer isso com ela.

Ela franziu o cenho vendo a expressão de meu rosto por uma fração de segundo antes que aquilo a atingisse.

Um raio de luz prateada irrompeu dos olhos dela, reluzindo diretamente dentro dos meus, cegando-me temporariamente. Tudo que eu conseguia ver era prata líquida. Senti Céline ofegar e soltar um grito. Ela puxou a mão para longe da minha e ouvi o som de uma pancada.

Enviei meu obrigado ao Verde, que rapidamente levou a energia de volta a seus mais baixos níveis normais. Interrompi minha conexão com a árvore e me sentei, esperando que minha visão voltasse ao normal.

A droga daquela fae havia me cegado com o *laser* de seus esquisitos olhos prateados.

Ouvi o fraco gemido dela ao meu lado. Minha visão ficou límpida e vi que ela estava deitada no chão, coberta de folhas. Seus cabelos estavam bagunçados e ela tinha alguns galhos na túnica.

Fui rastejando até ela, cutucando seu ombro.

— Céline? Está tudo bem com você?

Ela só soltou um gemido fraco, e então, ficou inconsciente.

Droga. Agora eu havia feito isso. Havia feito que minha treinadora tivesse um AVC. Eu devia estar em sérios problemas. Fui rastejando de volta e encostei no tronco da Antiga, pedindo que achasse um duende verde para mim, deixando claro que era urgente.

Minutos depois, o duende que eu chamava de Robin Hood apareceu. Por fim, eu conseguia enxergar normalmente de novo, e a visão de *laser* prateado havia desaparecido por completo.

— O Verde me trouxe até aqui. O que houve?

Ele estava olhando para baixo, para Céline, que estava deitada no chão sem se mexer.

— Hmm, eu... hmm... estava mostrando umas coisas a ela e... bem... aconteceu isso.

O duende se curvou e colocou a mão na testa dela, mantendo-a lá por alguns segundos.

— Ela não está morta.

Ainda bem!

— Bem, isso é um alívio.

— Mas eu não sei o que há de errado com ela.

Droga, droga! Estou ferrada.

— Vou levá-la de volta ao complexo.

Ele se curvou para baixo para pegá-la. Ela era uma mulher alta, mas ele a ergueu com facilidade.

— O que devo fazer?

— Volte para o complexo.

— Hmm, não sei onde fica.

— Acompanhe-me.

Acompanhei-o pela floresta até uma porta que havia no meio de um punhado de árvores. Ele segurou a pesada maçaneta de ferro, uma argola, e puxou-a. A porta se abriu, revelando um corredor, que parecia exatamente com todos os outros corredores no complexo.

Ele entrou ali e eu fui atrás, seguindo-o pelo corredor enquanto ele serpeava e virava pelo que pareceu uma longa distância. Por fim, ele parou do lado de fora de uma porta que eu não reconheci.

— Espere neste aposento.

Abri a porta e vi que estava em pé na frente de meu próprio quarto. Fiquei observando da entrada enquanto o duende verde continuava descendo o corredor, dirigindo-se até o salão de refeições. Ou, pelo menos, eu achava que estava seguindo esse caminho. A mágica idiota dos corredores tornava impossível que eu

tivesse certeza disso.

Entrei e me sentei na cama, soltando um alto suspiro.

— Uau, aquilo foi incrível.

— O que foi incrível? — disse uma voz de um canto de meu quarto.

Dei uma olhada na criatura que estava ali parada e comecei a gritar sem parar.

Capítulo 6

A CRIATURA OLHOU PARA MIM, QUE ESTAVA gritando, ficou com uma expressão de pânico no rosto e começou a berrar também.

Aaaaahhhhhh!!!

Meus gritos foram sumindo quando me dei conta de que a criatura estava com tanto medo de mim quanto eu dela. Mas aquilo não fazia muito sentido, visto que *aquela* era a criatura, e não eu.

— Por que *você* está gritando? — perguntei.

— Por que *você* está gritando? — ele me perguntou em resposta, com o pânico se esvaindo no meio de sua pergunta.

— Eu perguntei primeiro.

A coisa fungou enquanto tirava algum fio imaginário do casaco de seu fraque.

— Eu estava sendo educado.

— Educado?!

— Sim. Não queria que você se sentisse mal por ficar assustada e gritando como uma garota humana.

— Acho que você estava tão assustado quanto eu.

— Não seja ridícula. *Brownies* não se assustam com tanta facilidade assim.

— Oh! Você é meu *brownie!*

— Bem, eu não diria que eu sou *seu brownie*. Sou *um brownie*. Estou em seu quarto, mas não pertenço a ninguém. Os *brownies* foram libertados há milhares de anos pelo grande e poderoso Landor. Todo o mundo sabe disso.

— Ah, certo, é, Landor, o... que seja. Sinto muito, não quis dizer meu nesse sentido. De qualquer forma, obrigada por limpar e arrumar as coisas aqui.

Era um grande alívio descobrir que ele não estava lá para me comer, mas sim para fazer a limpeza depois que eu saísse. *Grande diferença.*

Ele ergueu o olhar para a bandeja de prata que ficava sobre minha cômoda, que agora estava vazia.

— Sim, posso ver isso. Adoro as de cor púrpura.

— É minha cor predileta.

O *brownie* pulou do canto de meu quarto para a ponta de minha cama, assustando-me de novo; porém, dessa vez não gritei. Só me encolhi um pouco.

— É minha cor predileta também!

Ele ficou lá com ares de expectativa, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

— Hmm, o que tem dentro da embalagem?

— Simplesmente o doce mais delicioso já feito no mundo! Um pedacinho redondo de céu. A comida dos deuses. Vou lhe dizer uma coisa, quando eu como aquilo, sou transportado a outro reino. Não há nada igual. — O *brownie* se inclinou mais para perto de mim, com ares conspiratórios. — Quer ver?

Dei de ombros.

— Claro.

Ele puxou a lembrancinha púrpura de dentro de seu bolso e lentamente a desembrulhou. Fiquei observando seu rosto enquanto ele destorcia com cuidado as pontas e puxava para trás, com gentileza, a pontinha do papel de embrulho. Parecia uma criança no Natal.

Dentro da embalagem havia uma bola de chocolate.

— Está vendo a coisinha deliciosa? A deleitosa coisinha marrom?

— Cara. Isso é uma bola de chocolate.

— Não. Isso é o céu.

— Parece uma bola de chocolate para mim.

O *brownie* embrulhou de volta a lembrancinha, às pressas, e colocou-a com cuidado no bolso do peito de seu colete.

— Não sei nada desse tal de “chocolate”. Você é uma confusa garota fae e vou perdoá-la por não apreciar a *deliciosidade* das lembrancinhas.

— Acho que a palavra *deliciosidade* não existe...

— Sim, e você chama minhas *deliciosidades* de “chocolate”, que tanto eu quanto você sabemos que é uma palavra que não existe, então, já sei que você não deve ser consultada quando se tratar de vocabulário apropriado.

Ele assentiu com a cabeça uma vez, para enfatizar o que havia acabado de dizer.

Abri um sorriso, rindo por dentro. Algum fae brilhante havia sacado que os *brownies* eram doidos por chocolate e haviam embrulhado algumas meras bolinhas em papéis coloridos para usar como iscas para que eles limpassem as coisas. *Incrível!* Eu poderia apostar que seria capaz de fazer esse *brownie* ficar doidão com um saquinho de M&Ms de amendoim. *Talvez eu peça para Tony me mandar alguns.*

— Quase terminei de limpar seu quarto. Se me permitir, vou terminar agora.

— Sim, claro, vá em frente. Só vou me deitar aqui e sair do caminho.

O *brownie* puxou um pano de um dos bolsos e começou a se mover em volta do quarto, limpando superfícies e levantando pó. Não sou nenhuma especialista em limpeza, mas essa técnica não me parecia muito eficaz. *Tudo bem,* contanto que eu não tivesse que fazer isso.

— Vou embora agora, a menos que haja algo que deseje especificamente que eu encontre para você.

Ele ficou parado perto da porta, com suas curtas e grossas, porém delicadas, pontas dos dedos de ambas as mãos pressionadas umas nas outras perto da cintura. Ele me passava a impressão de um minúsculo lorde inglês, só que com nariz e orelhas pontudas. Parecia um pouco com as fotos que eu havia visto de goblins, só que sem os dentes afiados, as garras e a cabeça grumosa. Na maior parte, o corpo dele era proporcional, só que muito pequeno. Era até menor que Becky. Talvez do tamanho de um anão bem pequeno.

— Realmente, seria bom se eu tivesse um delineador preto e um rímel da mesma cor. Ah, e uma lâmina de barbear descartável para raspar minhas pernas.

— De que tipo?

Franzi o cenho. Ele queria que eu dissesse alguma marca? *Provavelmente não.*

— Quanto ao delineador, daqueles que a gente gira e ele sai do tubo, preto, à prova d’água. Quanto ao rímel, sei lá, não importa o tipo. Só quero que seja preto.

E a lâmina de barbear? Não sei. Azul?

Não conseguia pensar em nenhuma marca assim, sob pressão.

— Considere isso feito. Você tem a boa sorte de ter Netter como seu *brownie*. Netter pode achar *qualquer coisa.* Tenha um bom-dia.

Ele estalou os dedos uma vez dentro do quarto e abriu a porta, saindo antes que eu pudesse lhe agradecer.

Olhei para trás, na direção de minha cômoda, e vi que todas as partículas de poeira que flutuavam no ar haviam sumido. Não restava nenhuma sujeirinha que fosse. *Que estranho.* Parecia que a técnica dele funcionava, sim.

Alguém bateu à porta. Levantei para ver quem era e me deparei com Dardennes parado ali no corredor. Recuei um pouco, instantaneamente preocupada. Duvidava que ele fizesse visitas pessoais aos quartos de crianças fae trocadas com muita frequência. Aquilo devia estar relacionado com Céline.

— Bom-dia, Jayne. Como você está?

— Hmm, eu estou bem. Como está Céline? Ela está bem?

— Sim, ela está se recuperando bem de seu... choque. Vou assumir o lugar dela em seu treinamento por hoje. Ela voltará para você amanhã. Por favor, queira me acompanhar.

Olhei de relance para trás, para meu quarto, enquanto seguia em direção à entrada. Preferiria ter ficado ali. Não conseguia confiar que seria educada com Dardennes, mas me sentia mal em relação a Céline, que estava colocando rédeas em meu temperamento. Decidi ir sem discutir. Devia pelo menos isso a ela.

Dardennes me conduziu para fora do complexo e passamos por outra porta na floresta, que se abriu ao lado de um lago. Olhei ao meu redor, de súbito reconhecendo onde estávamos.

— Esse é o lugar da Dama do Lago.

— Sim. O nome dela é Naida.

— Tenho um nome diferente para ela.

Meu olhar estava fixo na água, ameaçador, na esperança de que ela se mostrasse, de modo que eu pudesse trocar umas palavrinhas com a Vagaba.

— Sim, bem, acho que ela vai preferir que você use o nome dela de

verdade, em vez de um... apelido.

— Como queira. Então, o que estamos fazendo aqui?

— Estamos aqui para testar sua afinidade com a Água.

— Ah. E como vamos fazer isso?

— Venha comigo.

Eu o acompanhei até a beira da água.

— Naida, por favor, venha dizer um olá.

Seguiu-se uma perturbação no meio do lago. Eu podia ver algo se mover sob a superfície, em nossa direção. O Monstro do Lago Ness me veio à mente de novo.

— Ei, Jayne!

Levei a mão ao coração, tentando impedir que explodisse.

— Becky! De onde diabos você veio?!

Ela estava parada perto de meu cotovelo esquerdo com um grande sorriso abobalhado no rosto, como de costume.

— Da água, é claro.

Apontou com a cabeça para Naida, que se aproximava.

— Como é que você se teletransporta e ela surge como o Monstro do Lago Ness?

Becky deu de ombros.

— Acho que ela prefere uma entrada dramática.

Dardennes se pôs de lado, com um sorrisinho nos lábios.

— Bem, aparecer do nada e me assustar para caramba é bem dramático.

Becky sorriu.

— Nós, ninfas da água, temos uma quedinha pelo drama, acho.

Dei um tapinha nela, e ela segurou meu braço, fingindo estar ofendida.

— Veja bem o que você faz, Jayne, ou vou atacar você como o monstro grande e malvado de Naida.

— *Pfff*. Tenho a sensação de que é isso que vai acontecer aqui, de qualquer forma. Espero não acabar passando dessa para a melhor.

— Eles não deixariam que isso acontecesse com você, Jayne.

Olhei para Dardennes, que estava engajado em uma conversa com Naida, agora que ela havia finalmente terminado sua entrada sinistra.

— Não tenho certeza disso.

Becky olhou para Dardennes e para Naida. Sussurrou:

— Não sei dos detalhes específicos, Jayne, mas você vai ser testada hoje. Porém, não se preocupe, eles não vão deixar que morra. Você é importante.

— Importante quanto?

— Não sei ao certo, mas todo o mundo está dizendo isso. Alguma coisa sobre coisas que você fez na floresta.

Eu me encolhi, perguntando-me se ela estava se referindo às coisas que eu havia feito durante o teste, ou recentemente, quando quase matara Céline.

— Está se referindo a Céline?

Becky parecia confusa.

— O quê? Não. O que é que tem ela?

Balancei a cabeça.

— Não vem ao caso, depois eu conto.

Dardennes parou de conversar com Naida e veio em minha direção.

— Parece que estou pronta.

— Jayne, eu e Naida discutimos a situação, e nós dois sentimos que a primeira parte deste... experimento... deveria ser você tentar fazer uma conexão com a água.

— Entããããão... vocês querem que eu vá nadar, ou algo do gênero?

— Não, nós queremos que você simplesmente relaxe. Deixe que Naida assuma a partir daqui. Ela é a especialista, não eu.

Dardennes recuou um passo da beira do lago, caminhando de volta até ficar na linha das árvores. Uma vez lá, voltou-se para ficar de frente para o lago, entrelaçando as mãos atrás das costas.

Becky olhou para Naida; tinha uma expressão preocupada no rosto.

— Hmm, acho que vou indo, agora...

— Aonde você está indo? — perguntei, na esperança de que ela ficasse.

— Eu... hmm... tenho que ir.

E então, ela se foi. Desapareceu.

Eu odiava quando Becky fazia esse lance de se teletransportar. Ela estava sempre me assustando para caramba ou me abandonando num piscar de olhos.

Voltei-me para olhar para Naida, a vadia do lago. Eu ainda tinha uma treta a resolver com ela.

— Você quase matou minha amiga.

Ela assentiu para mim com um movimento de cabeça.

— Isso me deixou enfurecida.

Ela apenas olhou para mim, sem dizer nada, sem nenhuma expressão no rosto.

— Acho que você e eu precisamos chegar a algum tipo de entendimento.

Não sei ao certo o que eu queria com esse *show* de falsa ousadia, mas parecia a coisa certa a fazer naquela hora.

Em seguida, a dama do lago estava parada bem à minha frente, a uns cinco centímetros de meu rosto. Antes que eu tivesse tempo de reagir, ela me agarrou com ambos os braços em um horrível abraço de urso. Horrível porque ela havia praticamente matado minha amiga, e agora estava tentando me matar também; mas também porque ela cheirava como o lago. Lamacenta. Cheiro de peixe. Não muito agradável. Exatamente como eu imaginava que devia ser o cheiro de um monstro do mar assassino.

Lutei para me soltar dela.

— *O que é que há de errado com você?*

Ela estava me puxando para trás. Bem, para trás para ela, para frente para mim. Estava tentando me afogar. E eu não estava nada animada com esse tipo de teste.

— *Caia fora!*

Tentei empurrá-la para longe, mas ela estava perto demais de mim para que eu tivesse alguma vantagem. Minhas mãos estavam presas nas laterais de meu corpo. Eu procurava desesperadamente uma solução para meu problema de travamento total do corpo quando me lembrei da famosa cabeçada dos filmes. Cabeçadas sempre surpreendiam os caras malvados. *Poderia também...*

Dei uma cabeçada nela. *Das fortes.* Vi estrelinhas, e instantaneamente fui recompensada com uma dor de cabeça. Ela só olhou para mim, totalmente inabalável. *Nota mental: nunca usar cabeçadas em sereias.*

Estávamos à beira da água agora. Eu podia sentir a água em meus tornozelos, enchendo meus mocassins. Estava fria. *Deve ter sido isso que Becky sentiu.*

Lembrei-me d'O Verde e de como ele havia salvado meus amigos antes. Enviei um pedido de ajuda. *Salve-me!* A essa altura, a água já estava em meus joelhos.

Vi os olhos de Naida se arregalarem enquanto ela olhava para algum ponto por cima de meu ombro. Virei a cabeça o máximo que pude e vi as vinhas quase em cima de nós. *Sim!*

Naida rapidamente me puxou de volta para trás e para debaixo da água. Senti uma precipitação, como se estivesse sendo puxada por uma lancha, cada vez mais para longe da margem do lago. Seu corpo ainda estava totalmente travado junto ao meu.

Tudo que eu podia fazer era lutar com fraqueza e acabar me rendendo, por fim. Rapidamente fiquei sem fôlego. Pisquei debaixo da água, observando enquanto as últimas bolhas de meus pulmões dançavam acima de minha cabeça com pressa para chegar à superfície... o lugar onde eu gostaria de estar neste exato momento.

Os sons que eu estava acostumada a ouvir quando estava acima da água não estavam mais lá. O murmúrio do vento em meio às árvores e os sons de coisas se movendo entre um solo cheio de folhas mortas e crocantes desapareceram. Esse submundo emudecido era um cenário perfeito para um monstro marinho como ela. A água era turva. Tudo que eu conseguia ver era o rosto impassível de Naida e seus cabelos ondulando com as microcorrentes que nos cercavam.

Lentamente ela foi me soltando. Eu havia chegado a um lugar onde não mais seria capaz de fazer o necessário para escapar. Minhas pernas não conseguiam chutar. Meus braços não abririam caminho pela água para me levar à superfície. A queimação em meus pulmões já havia começado a desaparecer. Estranhamente, contudo, eu não estava em pânico, como provavelmente deveria. Senti que a melhor

coisa a fazer para sobreviver era me render, o que não fazia sentido algum. A falta de oxigênio devia estar fazendo que meus neurônios não funcionassem direito.

Meu cérebro mal funcionava, hesitando; porém, bem no fundo do último tremeluzir dele, consegui enviar um pedido mental de ajuda. *Alguém, alguma coisa, em algum lugar... por favor... salve-me!*

Um calor foi se formando em meu estômago. Movia-se para cima e para baixo, para meu coração e minhas pernas, para minha cabeça e pés. Logo meu corpo inteiro parecia brilhar com esse calor, esse fogo bem-vindo que não queimava.

A nebulosidade da água se dissipou. De repente, eu conseguia ver coisas... tudo. E *todo o mundo.* Não estava sozinha nesse lago com Naida. Havia outros, muitos outros. Fêmeas, machos, pequenos, grandes. Ninfas da água. E peixes. E criaturas que eu não conseguia identificar. E o lago não era só um lago. Era imenso, como uma cidade subaquática, só que sem prédios. Eu podia enxergar tudo nesse lugar. Minha visão estava aguçada e não havia nenhuma obstrução.

Movi os braços um pouco. Apenas uma leve agitação, seguida de um hesitante chute com as pernas. Eu conseguia me mover novamente. Meu corpo não estava mais totalmente travado. Eu movia os braços em pequenos círculos perguntando-me o que deveria fazer em seguida. Virei o corpo em um salto mortal de três giros, esquecendo por um instante que tinha que expirar pelo nariz para evitar que meus seios nasais ficassem cheios de água. Mas, então, eu me dei conta de que isso não fazia diferença. *Ah, caramba! Eu consigo respirar debaixo d'água!*

O que eu estava fazendo não era, na verdade, respirar. Simplesmente não precisava mais respirar enquanto estava ali. De alguma forma, meu corpo tirava oxigênio da água sem que passasse primeiro por meus pulmões. Devia ser algum milagre médico, ou algo do gênero. Isso era melhor que qualquer sonho que eu já havia tido em que eu estava debaixo d'água e respirando.

Naida apareceu à minha frente de novo. Ela não parecia tão hedionda debaixo d'água como acima. Para falar a verdade, ela era meio bonita, de certa forma, ali embaixo, em seu mundo. Ela ergueu uma das mãos devagar, colocando-a na parte de cima de meu braço. Esticou o outro braço, fazendo um gesto para trás

de mim.

Voltei-me e vi o perfil ondulado de uma silhueta parada em chão sólido ao lado do lago.

Voltei a olhar para Naida e ela assentiu para mim, talvez dizendo que eu tinha que voltar para junto de Dardennes e da floresta. Mas eu não queria voltar ainda. Queria descobrir um pouco mais desse lugar, agora que não mais parecia ameaçador. Ia seguir para longe da margem, mas diversas ninfas chegaram rapidamente e se moveram para bloquear meu avanço. Não pareciam perigosas, apenas firmes. Aparentemente, não me afogar não me qualificava automaticamente para reinar livremente no reino das ninfas da água.

Olhei para Naida e tentei dizer "obrigada", mas minha boca estava cheia de água. Acho que nem todas as leis da física paravam de operar nesse reino. Assenti com a cabeça e coloquei a mão no coração, na melhor imitação de um "obrigado" debaixo d'água que consegui pensar em fazer. Ela abaixou a cabeça em reconhecimento a meu agradecimento. Incrível, eu não queria mais socar a cara dela. Ela havia me mostrado um pouco de sua mágica especial, deixando que eu visse seu mundo, mesmo depois de eu ter lhe dado uma tremenda cabeçada. Sei que essa era uma oportunidade que poucas pessoas, ou fae, algum dia teriam.

Voltei-me e me movi em direção à silhueta parada na margem. A ela havia se juntado outra, menor. *Becky.* Minha cabeça agora estava acima da superfície e eu podia vê-la ali, parada, com seu grande sorriso no rosto. Dardennes parecia levemente preocupado.

Eu estava ensopada. Avancei pesadamente em meio à lama do lago e saí, parando à frente de Dardennes. Havia tantas coisas que eu poderia dizer a ele naquele instante, mas fiquei com a primeira, que estava na ponta da língua.

— Que diabos, Dardennes. Está tentando me matar?

Com uma expressão totalmente séria no rosto, ele disse:

— Bem, se estivesse, estaria fazendo um péssimo trabalho.

Becky olhou desconfortavelmente para mim e para ele, sem saber ao certo se estávamos brincando. Por fim, sua curiosidade venceu sua preocupação.

— Então? O que aconteceu? Foi incrível? Naida ficou feliz? E por que você

está tão molhada?

Olhei para ela como se ela tivesse ficado totalmente biruta.

— Por que estou molhada? Você ficou totalmente maluca? Eu praticamente acabei de me afogar na droga desse lago! Sei que você viu isso acontecer, sua coisinha sorrateira que desaparece!

— É, mas, veja bem... — Ela saiu correndo e pulou no lago, e depois saiu de dentro dele, andando, ainda totalmente seca. — Eu não fico molhada. Como é que você fica?

— Bem, acho que isso é bem óbvio: eu não sou uma maldita ninfa da água!

Dardennes soltou uma gargalhada antes de se recompor.

— Sim — concordou ele —, como você tão bem colocou, você não é uma ninfa da água, mas está completamente óbvio que você tem *sim* uma afinidade com a Água, o que é uma boa notícia. Venha conosco para que possa se limpar. Talvez, um dia, você domine o truque do nado a seco.

Desferi-lhe um olhar hostil, mas acompanhei-o. Eu mal podia esperar para tomar um banho quente e colocar roupas limpas. Quando estava no lago, a água parecia clara como cristal, mas, ao olhar para baixo, para minha túnica que era branca, eu me dei conta de que a água devia estar encantada, ou algo do tipo, para que parecesse límpida daquele jeito. Eu estava coberta de todos os tipos de... meleca. Cocô de peixes e de ninfas, provavelmente. *Eca!*

— A gente se vê depois, Jayne! — gritou Becky voltando para dentro d'água.

Acenei por cima da cabeça sem olhar para trás. Não conseguia pensar em nada além de ficar limpa e seca novamente. Tentava respirar pela boca de modo a não sentir o cheiro horrendo que meu corpo emanava.

Ainda bem que a caminhada de volta a meu quarto foi silenciosa. Dardennes me deixou à porta com instruções para que me lavasse e esperasse que alguém aparecesse para me acompanhar até o almoço.

Tomei um longo banho quente e fui para meu quarto descansar. Não sei exatamente quando foi que caí no sono ou por quanto tempo posso ter dormido, mas parecia que haviam se passado somente alguns minutos até que senti que

alguém encostava de leve em meu ombro e que minha cama afundava um pouco enquanto alguém se sentava a meu lado. Abri meus sonolentos olhos e me deparei com Spike ali sentado. Ele se inclinou em minha direção, com um leve sorriso *sexy* no rosto, e os olhos reluzindo com um vermelho intenso, brilhante.

Capítulo 7

— SPIKE? — FALEI, SONOLENTA.

Seus lábios se fecharam sobre os meus, quentes, insistentes.

Eu estava cansada demais para pensar com clareza no que estava acontecendo, então, por um segundo, fui no embalo. Cara, que sensação boa. E o beijo? Ah, caramba! Eu podia sentir meus motores substancialmente acelerados.

Mas, então, a realidade se insinuou em meu cérebro nebuloso. O que Spike estava fazendo no meu quarto? Por que estava me beijando?

— Hmm... Spike?

Era difícil falar, porque ele não parava de me beijar.

Empurrei um pouco seu peito, mas não fez diferença alguma. Ele me pressionava para frente, forçando-me ainda mais a fundo na cama.

Virei a cabeça para o lado.

— Spike! Pare! Saia de cima de mim!

Ele me pegou pelo queixo e me forçou a olhá-lo. Fitei seus reluzentes olhos vermelhos, perdendo-me na loucura sensual que via ali. Senti a luta e a raiva deixarem meu corpo.

Então, ele queria um beijinho? Por que eu simplesmente não o beijava?

Começamos a nos pegar com paixão. Eu senti suas mãos descerem e se colocarem debaixo de mim, e ele me envolvia em seus braços, puxando-me mais para junto de si, com mais força. Eu queria vê-lo sem camisa, com todas as suas belas tatuagens à mostra. Sem pensar, estiquei a mão para a parte de baixo de sua camiseta, pretendendo levantá-la e tirá-la. Ele riu baixinho, uma risada gutural, obviamente feliz com a direção que minha mente havia tomado.

Ouvi um som ao longe, mas minha mente já havia ido para o espaço fazia muito tempo para que eu reconhecesse que som era aquele.

Então, seguiu-se uma comoção.

Ignorei-a. Nada era mais importante que me afogar nesta paixão que eu sentia.

De repente, Spike foi puxado com tudo para longe de mim. Abri os olhos, confusa, tentando processar o que estava acontecendo.

Chase dera um abraço de urso em Spike ao lado de minha cômoda, e Jared estava parado entre mim e eles, com os pés bem afastados um do outro, parecendo pronto para chutar alguém. Ele movia a cabeça para frente e para trás, entre mim e eles, entre eles e mim.

Sentei-me devagar, tentando decidir o que era pior: a confusão ou a humilhação. Ambas as situações faziam que eu me sentisse vulnerável, e, portanto, deixavam-me enfurecida.

— Leve-o para fora — grunhiu Jared.

Chase arrastava Spike, cujos olhos reluzentes e vermelhos não se afastaram de mim em momento algum. Por algum motivo, eu queria acompanhá-lo para fora do quarto. Deixei de me sentir assim no instante em que Jared se pôs entre nós e eu não tive mais contato visual com Spike.

A porta se fechou atrás de Spike e Chase, deixando Jared sozinho no quarto comigo.

Corri para trás, para a parede na frente da cama, puxando os joelhos até meu peito. Pigarreei, mas não disse nada. Realmente, não sabia o que dizer.

— Você está bem?

— Hmm, sim, acho. Não sei exatamente o que aconteceu.

Meu rosto queimava, vermelho. Não que eu realmente me importasse com o que Jared pensasse de mim, mas tinha certeza de que ele me achava meio vadia, aproveitando qualquer oportunidade possível para fazer sexo com Spike.

— Spike é um íncubo, Jayne.

— E...?

— E isso quer dizer que ele passa grande parte do tempo ardendo de energia sexual. Ou imaginando maneiras de aumentar sua energia usando o sexo como gerador.

Assenti lentamente com a cabeça, de certa forma entendendo, e, por outro lado, não entendendo nada.

— Você o convidou a entrar?

— Não, por quê? Ele é como um vampiro? Não pode entrar a menos que eu o convide?

Jared sorriu.

— Não. Ele não é como um vampiro nesse sentido. Ele pode simplesmente entrar. Só estou surpreso por ele ter feito isso. — Jared se sentou ao pé de minha cama, colocando os cotovelos nos joelhos e entrelaçando as mãos, com os dedos meio soltos, entre as pernas. — Ele é similar a um vampiro no sentido de que vai sugar a vida da pessoa que não for capaz de controlar suas ânsias.

— E quanto aos fae? Ele pode fazer isso com os fae também?

— Sim, mas é mais difícil. Os fae têm mais força vital, de modo que levaria mais tempo. E nós somos geralmente mais fortes que os humanos, e não ficamos tentados com facilidade. — Ele ergueu o olhar para mim. — Mas você ficou.

Ergui o olhar para o teto, e a seguir olhei-o nos olhos.

— Você tinha que dizer isso, não é?

Jared sorriu, dando de ombros.

— Eu falo das coisas como as vejo.

— Tudo bem, não vou mentir. Acho Spike gostoso. Mais que gostoso. Em um minuto eu estava aqui, descansando em minha cama, e em seguida ele estava em cima de mim. A princípio, eu não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo; mas depois, vi seus olhos reluzentes, e, de repente, aquilo não me pareceu uma ideia tão ruim assim.

Jared assentiu lentamente, pensando. Levantou-se, caminhando em direção à porta.

— Aonde você vai?

— Vou cuidar de Spike.

— O que você vai fazer? Não vai machucá-lo, vai?

— Não. Vou ter uma conversinha com ele e com Valentine. Spike precisa aprender a se controlar de modo que não machuque ninguém.

— Spike não me machucaria, Jared, e você sabe disso.

Jared abriu a porta e parou, hesitante, voltando a olhar para mim.

— Jayne, você tem sorte de estarmos aqui para impedi-lo.

Senti o medo crescer em mim pela primeira vez.

— Por quê? O que teria acontecido?

— Nem mesmo eu quero saber a resposta a essa pergunta — disse ele de um jeito misterioso, dando um passo para fora e fechando a porta atrás de si.

Soltei um grito de frustração e joguei o travesseiro na porta, o que fez que eu me sentisse só um pouquinho, bem pouquinho melhor. Por que os caras eram um pé no saco? Por que se pegar não podia ser uma forma simples e divertida de passar o tempo? Isso queria dizer que toda vez que quisesse beijar Spike, estaria colocando minha vida em risco? Que idiotice! Qual a utilidade de todos esses superpoderes se não podemos nem ter uma simples sessão de pegação sem morrer por causa disso? *Idiotice, idiotice, idiotice.*

Levantei-me e peguei meu travesseiro, jogando-o de volta na cama antes de ir até minha cômoda e abrir a gaveta. Notei de imediato que Netter havia estado ali. Agora, eu tinha uma túnica recém-lavada para substituir a que havia usado como camisola, e em cima havia um delineador e um rímel novinhos em folha, exatamente como eu os havia descrito para ele. E havia uma lâmina de barbear azul também. Peguei o delineador com um sorriso no rosto.

Bem, não posso pegar Spike, mas posso mandar que me tragam maquiagem. Não era um consolo perfeito, mas era melhor que nada. Estava colocando a maquiagem de volta no fundo da gaveta quando minha mão encostou em algo duro e liso. Deixei cair a maquiagem e coloquei a mão em volta da coisa que havia tateado, puxando-a para fora.

— Blackie! — gritei com deleite.

Meu afiado graveto da morte. Por algum motivo, eu estava mesmo feliz por vê-lo ali em meu quarto. *Quem trouxe você aqui, seu diabinho?* Talvez Netter. Joguei-o de uma mão para outra, sentindo seu peso e equilíbrio. Estava tentando me lembrar do que a bruxa no bosque, aquela que eu havia matado no primeiro dia de teste, havia chamado meu graveto. Algo sobre “aguilhão” e “Blackthorn”? Na hora, não pensei, mas agora as palavras eram como sirenes soando em minha cabeça. *Blackthorn? Esse é o sobrenome de solteira de minha mãe!* Dardennes havia me

perguntado na entrevista quais eram os nomes de minha família, e ele e Céline pareciam particularmente interessados no sobrenome Blackthorn por parte de minha mãe. Por que o sobrenome de minha família e a palavra aguilhão estavam sendo usados para descrever minha arma predileta? Ou, para ser mais precisa, minha arma padrão, visto que, no dia em que escolhemos as armas, esse graveto afiado foi a única coisa disponível em minha vez de escolher uma arma. Eu devia escolher entre uma imensa faca *bowie* e esse graveto, mas aquele babaca daquele anãozinho de Niles havia deixado Becky escolher antes de mim, o que foi totalmente injusto, visto que estávamos escolhendo por ordem de tamanho, e ela era bem menor que eu. Se eu tivesse escolhido antes dela, definitivamente teria pegado a faca. Eu me pergunto se a faca teria matado a bruxa ou o orc como o Blackie havia feito.

Dei de ombros. O graveto havia me servido bem, então, não estava reclamando… pelo menos, não mais. Havia algo em relação a ele; parecia que era feito para mim. E quando apunhalei a bruxa com ele, um brilho verde, belo e intenso, saiu dele, lembrando-me a energia d'O Verde. Durante o teste dos fae, quando os orcs haviam sentido um gostinho dele, o brilho verde se irradiara do graveto e queimara todo o sangue preto de orc, deixando-o limpo e imaculado. Se eu havia aprendido alguma coisa em meus três dias nessa floresta, era que nada é o que parece. O Blackie pode não parecer nada além de um graveto pontudo e escuro, mas é muito mais que isso. É um matador de orcs e bruxas. Feroz. Assim como meu cachorrinho lulu da pomerânia, o Blackie durão, que sua pequenina alma descanse em paz.

Soltei um suspiro, colocando o graveto de volta onde o havia encontrado. Enquanto fechava a gaveta, ouvi uma leve batida na porta.

— Entre!

Não sabia ao certo se esperava que fosse Spike novamente ou se rezava para que não fosse.

A porta se abriu para dentro, e Finn estava parado na entrada.

— Finn! — disse, e fui correndo até ele para lhe dar um abraço.

Era legal ver alguém ali parado que não fosse tentar sugar minha vida ou

me afogar.

Ele esticou os braços, abraçando-me e me dando um apertãozinho amigável.

— Ei, garota. O que você andou fazendo?

Recuei um passo e dei risada, nervosa.

— Ah, nada demais. Fiz Céline ter um derrame, aprendi a respirar debaixo d'água, fui atacada por um íncubo muito *sexy*. E você? Como foi seu dia?

Finn olhou para mim como se eu houvesse enlouquecido.

— Espere. Volte a fita um segundo. Comece com o lance do derrame, só que bem devagar, para o povo do mato. Sou um duende, você sabe... — Ele sorriu, obviamente não mais tão irritado com seu destino.

— Você tem uma hora? Porque é mais ou menos isso que vai levar para eu lhe contar tudo.

— Vamos. Pode me contar durante o almoço. Tenho que levá-la ao salão de refeições.

— Sob as ordens de quem?

— Do sr. Anton Dardennes.

Eu não disse nada, acompanhando-o para fora e fechando a porta atrás de mim.

Fomos até o salão de refeições, o mesmo onde tomamos o café da manhã, e enchemos alguns pratos de comida. Eu me restringi aos grupos de alimentos que conseguia reconhecer. Sentia-me mais valente sendo fae, e tal, mas não o bastante a ponto de comer coisas que pareciam tripas ou esterco. E havia dessas coisas no bufê. Tentei, sem muito sucesso, suprimir um tremor por meu corpo.

Sentei-me à mesa entre Finn e Becky.

— Então, pode contar os segredos. Que história é essa de causar um derrame em Céline? Você derramou o que nela, hein?

— Não, quando falei "derrame", não quis dizer que derramei alguma coisa nela. Eu estava me referindo a um AVC.

O garfo de Finn parou no meio do caminho entre o prato e sua boca.

— Como assim?

Eu estava comendo um rolinho, e falei revirando a comida na boca.

— Mostrei a ela o lance do abraço, e ela ficou sobrecarregada, ou coisa assim.

— Bem, isso nunca aconteceu com a gente, aconteceu, Finn? — perguntou Becky.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— É... Bom, pode ser que eu... tenha dado a ela algo um pouco mais forte do que dei a vocês dois.

Engoli o pedaço de pão com um quê de culpa.

Finn deixou seu garfo cair no prato e revirou os olhos para o teto, inspirando fundo. Então, baixou o olhar para a mesa, balançando a cabeça lentamente.

— Ah, senhor, senhor, senhor... Jayne, Jayne, Jayne... o que vamos fazer com você?

Ele começou a comer de novo, com um sorriso no rosto.

Os olhos de Becky pareciam saltar de sua cabeça.

— Você *não* fez isso!

Fiquei meio sem graça.

— Fiz, sim.

Becky ficou boquiaberta. Ela estava sem palavras; seus olhos expressavam censura.

— Não fiz de propósito! Como é que eu ia saber que ela não ia conseguir suportar? Achei que esses fae fossem todos o máximo. — Espalhei minha comida pelo prato com o garfo, repentinamente sem apetite. — *Droga...*

Eu estava de mau humor agora. Como foi que virei a malvada da história? Só fiz o que Céline me pediu.

Finn se inclinou mais para perto de mim, dizendo em voz baixa.

— Pessoalmente, eu teria adorado ver isso. Uma parte bem pequena de mim está feliz por você ter dado o troco nela. Mas isso é só porque sei que ela está bem agora. Eu a vi há uns minutinhos... conversando com Dardennes. Veja...

Ele indicou a porta com um movimento de cabeça e parou de falar.

Ergui o olhar na direção que ele havia apontado e vi Céline entrando com Dardennes. Ela se movia um pouco mais lentamente que o normal, mas conseguia andar. Estava inteira, e sorria de algo que ele havia dito.

— Você devia pedir desculpas — sussurrou Becky.

— Vá se ferrar! Não vou pedir desculpas. Eu só estava fazendo o que ela mandou.

Becky soltou um suspiro e olhou feio para mim.

Droga, ela certamente seria uma boa mãe um dia. Fiz cara feia para ela e grunhi:

— *Certo.*

Levantei-me e fui até Céline, repentinamente nervosa. Ok, talvez eu tivesse pegado um pouquinho pesado com ela.

— *A-ham*, Céline? Posso falar com você um segundinho?

Ela fez um sinal para Dardennes e ele me deixou com ela, acenando com a cabeça ao passar por nós.

Pigarreei de novo.

— Hmm, só queria dizer que sinto muito por... pelo que aconteceu mais cedo. Eu não pretendia...

— Jayne, pare com isso. Você não tem que se desculpar. — Ela estendeu a mão e pegou as minhas, olhando diretamente em meus olhos e sorrindo. — Você me mostrou algo bonito. Algo incrível. Algo *poderoso.* Não peça desculpas por isso.

— É mesmo? Você não está morrendo de raiva de mim?

— Não. Só me faça um favor... da próxima vez? Avise-me.

Abri um sorriso.

— Vou tentar. Para falar a verdade, eu não sabia que aquilo ia acontecer. Bom, não daquele jeito.

Ela assentiu, compreensiva.

— Eu sei. Nós precisamos trabalhar isso. E vamos fazer isso, prometo. Agora, vá comer com seus amigos. Você e eu treinaremos mais depois do almoço.

Retornei à mesa onde havia deixado Becky e Finn e comecei a comer de

novo, com o apetite renovado.

Chase chegou e seguiu em linha reta até o bufê, juntando-se a nós depois de encher o prato.

— Você está bem, Jayne? — perguntou, sentando-se.

— Sim, estou bem.

Finn olhou de Chase para mim.

— Ah, é! Você estava falando alguma coisa sobre Spike.

Chase franziu o cenho, mas baixou o olhar para seu prato, espetando algo que parecia entranhas de bode e enfiando-o na boca.

Eu tentava não vomitar, mas olhar para ele não ajudava. Era como se não conseguisse evitar meu fascínio por sua habilidade de comer tudo e qualquer coisa. Eu me perguntava se ele comeria um anão, se fizesse parte do cardápio.

— O que aconteceu com Spike? — perguntou Becky, muito curiosa, cutucando-me com o cotovelo. — Hein? Hein? Conte! Especialmente os detalhes *calientes*, por favor!

Soltei um suspiro.

— Ele foi até meu quarto e usou seus olhos, aqueles adoráveis olhos de vodu como artifício para me fazer beijá-lo, e tal.

Finn engasgou com o que quer que fosse que estava tentando engolir. Pegou seu copo de água enquanto Chase dava uns soquinhos nas costas dele com uma das mãos para tentar ajudá-lo a respirar novamente. Chase continuou a comer as entranhas com a outra mão.

Finn se recuperou, e então olhou para mim.

— Ele fez *o quê?!*

— Conte a ele o que aconteceu, Chase. Não sei exatamente o que foi aquilo. Estou um pouco confusa, não sei como você e Jared acabaram também lá para me salvar.

Finn não esperou pela explicação de Chase.

— *Meeee-leca*, pessoal, vocês ficam com toda a diversão! Ficam fazendo as pessoas sofrerem AVC e fazem festinhas sexuais e resgates, enquanto eu fico andando a esmo na floresta, atirando em umas drogas de porcarias de alvos idiotas.

Ele se sentia desgostoso novamente por ser um duende.

Chase colocou o garfo na mesa e usou o guardanapo para limpar cuidadosamente a boca antes de dizer:

— Spike é um íncubo. Ele ansiava por energia, e encontrou um pouco em Jayne. Sendo um íncubo, seu modo específico de obter energia é por meio do comportamento de tipo sexual. Eu e Jared o encontramos no quarto de Jayne em uma... posição comprometedora com ela, que poderia tê-la colocado em perigo. Interviemos e neutralizamos a ameaça, porque é isso que fazem os *daemons*. Fim da história.

Ficamos ali sentados, encarando-o, boquiabertos. Esse foi o conjunto mais longo de sentenças conectadas que qualquer um de nós já havia ouvido Chase pronunciar.

Ele olhou para todos nós e deu de ombros.

— Vou voltar ao bufê. Querem alguma coisa?

Todos nós balançamos a cabeça, sem palavras.

Chase se levantou e foi encher novamente seu prato. Assim que ele se foi, Becky disse:

— Quem é aquele cara, e o que ele fez com nosso amigo Chase?

— Cara, você não está de brincadeira — disse Finn.

Todos nós ficamos ali encarando as costas de Chase enquanto ele enchia o prato de novo.

Um minuto depois, ele voltou para a mesa com outra gigantesca porção de repulsivas carnes misteriosas. Tentei não olhar para aquilo enquanto terminava minha salada e meu pão.

Todo o mundo ao nosso redor se levantava, dirigindo-se à saída que dava para o corredor de portas mágicas. Chase engoliu sua comida em tempo recorde. Era como observar um animal faminto comer.

— Tem certeza de que você é um *daemon*, e não um ogro? — perguntei antes de conseguir me impedir de fazer a pergunta.

Chase deu de ombros, nem um pouco ofendido, pelo que pude ver.

— Acho que sou um *daemon* com apetite de ogro.

— Venha, hora de ir ao treinamento de novo — disse Finn.

Eu me levantei.

— Não sei aonde devo ir.

— Você vem comigo — disse Finn.

— Vou?

— Sim. Recebi uma mensagem de Robin.

— Quem é Robin, e quando foi que você recebeu uma mensagem dele?

— Robin é o chefe do treinamento dos duendes verdes, e recebi a mensagem agorinha mesmo.

— Agora? Como isso é possível?

— O que foi? Você não ouviu? — Finn deu risada.

— Não. Isso é algum tipo de piada de duende?

— Sim, na verdade, é. Ele realmente acabou de me mandar a mensagem, mas foi bem aqui. — Finn deu uns tapinhas em sua têmpora.

— Uma mensagem telepática.

— É.

— Isso é muito legal!

— Não é?

— Sabe o que não é legal?

— O quê?

— Tirar sarro de pessoas deficientes.

— Do que você está falando?

— Bem, você não me vê enviando ou recebendo mensagens telepáticas, vê?

— Não.

— Bem, aí está. Deficiente. Você não me ouviu contar antes que fiz que uma elfa prateada sofresse um AVC? É melhor não mexer comigo.

Abri um sorriso malévolo para ele.

Ele retribuiu meu sorriso erguendo as mãos, fingindo estar se rendendo.

— Oh, desculpe, Sua “Maravilhesa”. Juro que nunca mais tirarei sarro de suas incapacidades novamente.

— Obrigada. E então, por hoje, optei por não fazer que você tenha um

AVC; mas não me deixe irritada, pois sou mulher, e tenho permissão para mudar de ideia.

Finn jogou o braço por cima de meus ombros enquanto caminhávamos porta afora.

— Você é ótima, sabia, Jayne?

— É, já me disseram isso antes.

Olhei por cima do ombro enquanto saíamos para ver se Becky estava atrás de nós. Meus olhos foram atraídos para a entrada, do outro lado da sala, onde vi Spike parado, com os olhos ainda ardendo, vermelhos. Seu olhar estava diretamente fixo em mim, e ele sorria, brincando com seus lábios sedutores.

Capítulo 8

ACOMPANHEI FINN PORTA AFORA E ENTRAMOS NOS campos de treinamento da floresta usados pelos duendes verdes.

— Como sabe aonde ir nesses corredores e eu ainda não?

— Robin me mostrou como fazer.

— Bem, você pode me mostrar?

— Claro. É só visualizar na cabeça onde quer estar e começar a andar. A porta certa vai se mostrar para você.

— Vai se mostrar para mim?

— É, você vai ver. Pode tentar quando voltarmos.

— E quando estamos fora da floresta? Como vamos saber onde estão as portas?

— Há várias portas... eu não conheço todas elas. Você simplesmente tem que ir até onde lembra que a porta estava e imaginar que está lá, ou *saber* que está lá, e a porta aparece.

— Mas você tem que saber que a porta já está lá — confirmei.

— É, e tem que saber como é a porta. Elas não são todas iguais. É por isso que você vem sendo escoltada até todos esses lugares por alguém que sabe onde estão as coisas. É preciso que lhe mostrem da primeira vez, caso contrário, não há como imaginar isso.

Assenti, gostando da magia.

— É um feitiço bem legal, ou seja lá o que isso for.

— É, mas não é perfeito. Um Fae das Trevas ainda poderia entrar aqui, mas teria que ser escoltado da primeira vez. Para isso, teriam que ter um agente duplo ou espião dentro do complexo.

Isso me fez lembrar das vozes que ouvi quando estava no banheiro ontem.

— Ouça, Finn, falando em espiões, queria conversar com vocês sobre uma coisa que ouvi outra noite...

Ele se voltou para mim com um ar questionador no rosto.

— Você ouviu algo sobre um espião?

— Bem...

Fui interrompida pelo som de uma voz familiar.

— Seja bem-vinda aos campos de treinamento dos duendes verdes, criança trocada Jayne.

Voltei-me e vi o rosto do duende que eu havia apelidado de Robin Hood. Sussurrei rapidamente no ouvido de Finn: *"Conto mais tarde"*. Ergui o olhar para o duende que se aproximava.

— Não me diga, deixe-me adivinhar. Seu nome é Robin.

— Sim, você está certa.

— Seria Robin Hood, por acaso?

O elfo parecia confuso.

— Não, é Robin, d'O Verde. Quem é esse tal de Robin Hood? É um Fae da Luz?

Finn me cutucou, olhando-me com olhos esbugalhados.

— Hmm, não, é só... não vem ao caso. Então, o que temos no cronograma hoje?

— Pediram que eu a familiarizasse com o trabalho dos duendes verdes para determinar o que suas habilidades poderiam fazer para aumentar ou inibir as nossas.

Essa parecia uma tarefa estranha, pelo menos a parte de inibir.

— Como exatamente minhas habilidades poderiam inibir as de vocês?

— Fui informado hoje de que você quase tirou a vida da elfa prateada, Céline. Acreditamos que isso justifique mais estudos para determinar quem mais você poderia matar acidentalmente quando estivesse usando seus poderes.

Cara, que jeito direto de me passar informação!

— Ouça, Robin, não foi de propósito, ok? Eu só estava fazendo o que ela havia me pedido.

Robin inclinou a cabeça para o lado.

— Ela pediu que você a matasse?

Soltei um suspiro alto de frustração.

— Não. Ela não me pediu que eu a *matasse*. Ela me pediu que eu lhe mostrasse meus poderes, e foi o que fiz.

Robin pensou por alguns segundos antes de responder.

— Se eu cometer o erro de lhe pedir o mesmo, espero que poupe minha vida.

Revirei os olhos.

— Tanto faz. Não vou matar você, Robin, e nem nenhum dos outros duendes verdes, ok? Isso faz que se sinta melhor?

— Sim, obrigado. Agora, vamos começar.

Ele fechou os olhos de repente, inclinando a cabeça para trás, em direção ao céu. Inspirou fundo, enchendo os pulmões de ar, e então exalou, deixando todo o ar sair, lentamente inclinando a cabeça para baixo. Abriu os olhos, olhando direto para mim. Suas pupilas estavam maiores. Mais pretas. E aquilo era terrivelmente assustador!

— Em primeiro lugar, gostaria de ver a extensão de seus poderes de autopreservação.

Autopreservação? Que diabos...?

Ele se voltou para um grupo de duendes que vi surgir de repente de partes diferentes da floresta. Havia mais ou menos trinta deles, e todos pareciam *muito* sérios, com arcos e flechas nas mãos. Alguns deles colocavam suas flechas em posição de ataque.

— Vou dar a você trinta segundos para planejar. Depois disso, minha equipe vai atacá-la. Seu plano deve incluir manobras evasivas, contra-ataque, ou ambos. Comece já.

Meus olhos quase caíram das órbitas.

— Você está falando sério? Eles têm armas! Eu nem estou com o gravetozinho preto! Não há como ser mais rápida que trinta flechas! Que diabos eu deveria fazer?

— Você tem vinte e cinco segundos.

Ele se afastou uns passos de mim.

Olhei para Finn com desespero nos olhos.

— Finn! Que diabos está acontecendo? Eles vão me matar! Veja! Eles têm flechas, caramba!

Finn estava tão chocado quanto eu.

— Eu... hmm... eu não faço a mínima ideia... Jayne, sinto muito...

Ele deu de ombros, assustado e sem palavras.

— Vinte segundos — gritou Robin de uma curta distância.

Cerrei os dentes, olhando para a fila de duendes parados, resolutos atrás de Robin, a cerca de quinze metros de mim. O rosto de cada um expressava uma sombria determinação.

Filho da mãe! Isso devia ser o troco por causa de meu fiasco com Céline. *Tudo bem.* Eles queriam brincar? Eu podia brincar. Se fosse cair, que fosse lutando. Passei do medo à raiva, simples assim. Estava ficando farta de ser forçada a entrar nessas situações que ameaçavam minha vida.

Eu me prostrei de joelhos, tocando nas coisas verdes ali, afundando as mãos no solo. Tinha que tentar alguma coisa; só queria saber o quê.

— Quinze segundos.

Robin agora estava em sincronia com os outros duendes assassinos.

Enviei imagens e sinais desesperados para O Verde. Eu sabia que aquelas flechas não eram uma ilusão. Elas não iam permanecer em seus arcos depois que Robin chegasse ao zero. Como diabos O Verde ia me ajudar a sobreviver a flechas mais rápidas que aviões de caça contra meu pequeno e fraco corpo? Eu não tinha como me teletransportar dali. Não sabia fazer um feitiço. Eu era um alvo fácil. *É uma droga isso de ser um elemental!*

O Verde geralmente me protegia respondendo às imagens mentais que eu lhe enviava. Eu lhe dizia com imagens o que queria, e ele me dava. Dessa vez, eu não tinha como fazer isso. Não conseguia nem mesmo imaginar o que O Verde poderia fazer para me salvar. Vinhas para atá-los? Não havia tempo suficiente. Galhos para nocauteá-los? Nenhum estava perto o bastante.

— Dez segundos.

Ajude-me! Não sei o que pedir! Eles vão me matar!

Recebi um sinal em resposta d'O Verde. Era calmante, apaziguador. O

amor vinha me livrar desse horror.

Lágrimas inundaram meus olhos. *Então é isso.* Eu havia vindo até tão longe, praticamente sacrificado minha amizade com Tony para estar aqui e aguentar infindáveis quantidades de baboseiras... só para morrer no chão dessa floresta como uma almofadinha de alfinete para as flechas dos duendes verdes. Pelo menos O Verde havia enviado uma sensação de paz para meus momentos finais.

Abaixei a cabeça e os ombros em sinal de derrota. Não havia nada a fazer. Exceto salvar Finn.

— Cinco segundos.

— Finn, afaste-se!

— Mas...

Ele deu um passo em minha direção, como se fosse me proteger, servindo de escudo para mim, olhando de um jeito frenético para a fileira de flechas.

— Vá! É inútil! Deixe-me aqui!

Ouvi seus pés se afastando.

A princípio, eu não queria olhar para as flechas vindo em minha direção, mas, no último segundo, mudei de ideia. *Deixe que esses malditos me olhem nos olhos quando me encherem de buracos.*

Ergui os olhos, enfurecida. Assustada, mas orgulhosa. Leventei-me, apoiada nos joelhos, erguendo e esticando os braços bem abertos.

— *Vão se foder, duendes verdes!* — gritei.

Vi as flechas sendo puxadas para trás e olhos se estreitando enquanto os duendes faziam mira.

E então, a voz de Robin correu pelo espaço entre nós.

— *Zero!*

Capítulo 9

DE REPENTE, UM BRILHO VERDE IRROMPEU DO chão a meu redor. Saiu como tiros de uma luminosidade verde de meu corpo, de minhas mãos, de minha cabeça, de tudo. Saía de todos os meus poros e da terra também.

Eu mal conseguia discernir as formas dos duendes pelo campo de treinamento em meio à névoa verde que me cercava. Não conseguia ouvir nada além do zunir d'O Verde, tocando todas as partes de meu corpo e o espaço perto de mim. Não sei por quanto tempo permaneci ali naquele campo de energia. O tempo parecia ter parado enquanto eu dava as boas-vindas àquilo, deixando que me acalmasse, que me preenchesse com sua presença. Eu me perguntava se morrer era assim... se era a luz que os sobreviventes de experiências de quase morte diziam que aparecia quando estava na hora de ir para o céu. Eu nunca havia ouvido ninguém descrever essa luz como verde, mas, ora, que diabos! Eu era fae agora. Talvez os fae à beira da morte vissem luzes verdes.

Lentamente a luz desapareceu. Senti a energia voltando ao Verde. Soltei o ar contido quando me dei conta de que eu estava de volta com minha conexão regular com O Verde, e, felizmente, não havia nenhuma flecha em meu corpo. Eu me sentia plena, energizada, *poderosa.*

Levantei-me, limpando-me, sem prestar atenção aos duendes, enquanto a maravilha da energia d'O Verde pouco a pouco se dissipava. Eu sentia como se pudesse manter aquela conexão para sempre, mas tinha que cair fora da Terra dos Malucos, também conhecida como campo de treinamento dos duendes verdes; e, para isso, tinha que me livrar da sensação de amor flutuante como a dos *hippies* que O Verde havia me enviado, pois ela fazia que eu quisesse permanecer ali, e não ir embora.

Quando terminei de retirar aos tapas os pedacinhos de folhas secas e ramos de minha túnica, eu me dei conta de que o lugar estava silencioso de um jeito incomum. Ergui o olhar e fiquei pasmada com a visão que me dava as boas-vindas.

Todos os duendes, inclusive Robin e Finn, estavam ajoelhados, apoiados

em um dos joelhos somente, com a cabeça baixa em reverência.

Mantive os olhos fixos neles, certa de que logo perceberiam que estava livre e pulariam para cima de mim para praticar tiro ao alvo de novo. Minha coisa verde brilhante devia tê-los cegado temporariamente, ou algo do tipo.

Está na hora de pegar Finn e cair fora deste lugar dos infernos. Fui andando sem fazer barulho até onde ele estava ajoelhado, a pouco mais de um metro de distância. Cutuquei seu ombro, sussurrando para ele o mais alto que me atrevi.

— *Finn! Venha! Vamos!*

Ele ergueu o olhar para mim com lágrimas nos olhos. Ficou me encarando, mas não se mexeu. Parecia paralisado.

Droga! Causei um AVC em todos eles! Eu estava em pânico, certa de que era possível acreditar em um AVC acidental... mas, trinta? Provavelmente não.

Fui andando até Robin, inclinando-me um pouco, tentando ver se ainda estava consciente. Ele ergueu o olhar quando ouviu minha aproximação. Também tinha lágrimas nos olhos, e se levantou enquanto eu falava.

— Ei, hmm, Robin? Ouça, sinto muito por isso... seja lá o que tenha sido...

— Mãe...

Uma palavra. Isso foi tudo que ele disse. Será que queria me xingar de "filha da mãe"? Porque, se fosse esse o caso, ele tinha um jeito engraçado de soltar o insulto. Não parecia nem remotamente enfurecido. Não parecia que queria me dar um chute na bunda. Parecia que... parecia que ia chorar um pouco mais. Quando *eu* chamava alguém de filho da mãe, geralmente estava bem enfurecida. Enfurecida no nível oito. Ele... não estava.

— Ceeeeeerto, então, de qualquer forma, acho que eu me saí... bem. Então, o que acham de eu e meu amigo Finn aqui voltarmos ao complexo?

Robin se voltou, fazendo um sinal para que suas tropas se levantassem. Obedientes, todos ficaram em pé, com os braços pendendo nas laterais do corpo.

Segurei o cotovelo de Finn, pronta para arrastá-lo comigo de volta para o meio das árvores. No minuto em que visse um único arco ou uma flecha vindo em minha direção, ia implorar a qualquer vinha ali por perto que se enrolasse nas

malditas bundas daqueles duendes com uma velocidade supersônica. Vá com o que você sabe fazer, isso era o que Tony sempre dizia. Não havia nada que eu quisesse mais nesse exato momento que conversar com meu melhor amigo. Eu sentia desesperadamente sua falta.

Essa situação havia me feito decidir. Se eles não me dessem um telefone ou não me arrumassem algum jeito de entrar em contato com Tony, eu ia cair fora dali. Todo esse lance de "seja bem-vindo ao grupo, agora vamos matar você" era uma baboseira só.

— Vamos, Finn, vamos embora daqui.

Finn me acompanhou aos tropeços, seguindo-me, mas sem dizer nada. Ele não estava nem um pouco bem.

— Onde fica a porta, Finn? Não sei como essa droga funciona.

Finn não respondeu; então, olhei para trás, gritando:

— Finn! Saia desse transe, cara! Preciso que você me diga onde fica a maldita porta!

Finn parou de andar, erguendo o olhar para mim, com a exaustão totalmente estampada em seu rosto. Abriu um sorriso sonolento.

Voltei-me e fiquei parada à sua frente. Ele me observava enquanto eu me aproximava, sem em momento algum tirar os olhos dos meus. Estalei os dedos na frente de seu rosto.

— Alôôôôôôô? Tem alguém aí?

— Sim, Jayne, eu estou aqui. O que você quer?

Joguei os braços para cima, frustrada.

— Que diabos há de errado com você? Já falei mil vezes! Onde fica a maldita porta que dá para a porcaria do complexo?

— Fica bem ali — disse Finn, apontando para sua direita.

— Abra-a.

— Certo, certo.

Dentro de segundos, a porta apareceu. Finn olhou para mim com um largo sorriso no rosto.

— Está feliz agora?

— Sim! Estou. *Esquisito.*

Finn apenas sorriu para mim, sem se mexer.

Eu agarrei o braço dele.

— Venha, seu zumbi caipira idiota. Vamos.

Dei um passo para o corredor, e então parei. *Para que lado, esquerda ou direita?* Imaginei a pequena sala de estar de Dardennes; talvez ele estivesse lá e eu pudesse ir confessar meus pecados. Senti uma vibração esquisita à minha direita, e então fui nessa direção, arrastando Finn comigo.

Spike apareceu, saindo de uma entrada à nossa esquerda, com os olhos reluzindo, vermelhos.

— Olá, Jayne.

Ele sorriu para mim com um de seus sorrisos famosos, largos, gostosos e *sexy*.

— Agora não, Spike, não tenho tempo para isso não.

Spike se surpreendeu. Entrou no modo regular, então, o de Spike... Spike não íncubo.

— Por quê? Qual é o problema?

— Só me ajude a levar Finn até o escritório de Dardennes.

Havia um brilho de velas ao redor de uma porta logo à minha frente. *Deve ser disso que Finn estava falando, que eu saberia qual era a porta quando a visse.*

Bati três vezes à porta.

— Entre! — disse uma voz lá dentro.

Empurrei a pesada porta, que se abriu para dentro, e entrei puxando Finn pela mão. Spike entrou em seguida e fechou a porta atrás de nós.

Dardennes estava sentado à sua escrivaninha e Céline estava em pé, à direita dele, olhando por cima do ombro de Anton para um mapa aberto na superfície. Niles, o anão, estava à esquerda de Dardennes, também examinando o documento. Ivar estava em pé no canto, a alguns passos atrás deles, perto de uma das muitas estantes de livros que iam do chão ao teto.

Dardennes ergueu uma sobrancelha enquanto nós nos aproximávamos.

— Sim, Jayne? Em que podemos ajudar?

Soltei um suspiro, sentindo-me um pouquinho culpada.

— Acho que fiz aquilo de novo.

— Fez o que de novo?

— Fiz que alguns duendes tivessem um AVC, ou algo do gênero. Como fiz com Céline.

Dardennes olhou para Céline e depois para Niles. Todos voltaram a me encarar com ar de questionamento nos olhos.

— Que duendes?

— Vocês sabem muito bem que duendes. Os duendes verdes. Aqueles que você mandou que tentassem me matar hoje.

Dardennes deu risada.

— Jayne, os duendes verdes não tentaram matá-la. Talvez esteja deixando sua imaginação ir longe demais.

— Ouça, meu velho, quando trinta duendes erguem flechas em seus arcos e avisam que você tem trinta segundos para pensar em como se defender, isso é tentativa de assassinato. Não é fruto de minha maldita imaginação!

Segurei Finn pelo ombro da túnica, puxando-o para frente.

— Conte a eles, Finn. Diga a eles o que os duendes fizeram.

Eles voltaram o olhar para Finn.

Finn não disse nada.

Dei-lhe um tapa nas costas.

— Finn! Acorde, seu caipira idiota! Conte a eles o que aconteceu.

— Espere, Jayne, deixe-me ver o que posso fazer — disse Céline dando a volta na escrivaninha e se dirigindo a nós, parecendo preocupada.

Parou à frente de Finn. Pegou as mãos dele nas suas e o fitou nos olhos. Eu podia ver seus polegares esfregando círculos nos dorsos das mãos dele.

Finn sorria, sem dizer nada.

— Finn. Onde você está neste exato momento?

— Estou na luz.

— Você está n’O Verde?

— Sim.

Céline desviou o olhar de Finn e voltou-o para Dardennes, assentindo para ele, que lhe retribuiu o gesto dando alguma espécie de aprovação.

Céline voltou-se novamente para Finn.

— Finn, preciso que você saia d'O Verde. Volte para nós, no complexo.

— Não.

— Sim — disse ela em tom austero, puxando suas mãos. — Você não pode permanecer n'O Verde. Sua mãe precisa de você aqui.

Finn tinha o olhar de uma criança petulante no rosto, uma criança que se recusava a atender a uma ordem dos pais; porém, relutante, cedeu. Fechou os olhos por poucos segundos e depois os abriu de novo.

Ele viu Céline parada bem à sua frente e ergueu a cabeça, levando-a para trás o máximo que pôde, sem dar um passo para longe dela. Puxou suas mãos das dela e se inclinou um pouco para a direita, olhando acima do ombro esquerdo dela para Dardennes e os outros que estavam perto da escrivaninha. Em seguida, virou a cabeça meio de lado, olhando para mim.

— Jayne? Que diab...? O que está acontecendo aqui?

Sorri aliviada.

— Seja bem-vindo de volta, Finn, seu maluco de uma figa. Você me assustou para caramba, sabia?

Spike deu risada.

— Uau! O que foi tudo isso? Foi incrível! Finn, cara, você estava meio em um transe ou algo do tipo. — Spike se voltou para mim. — Foi você que fez isso com ele? Faça isso comigo agora! Vamos, faça!

Ele dava leves tapinhas em seu próprio peito, totalmente animado com a ideia de ser enviado para O Verde, de onde, aparentemente, Finn havia acabado de voltar. Spike estava bem mais agitado do que eu estava acostumada a vê-lo.

Céline se afastou de Finn, voltando a postar-se ao lado de Niles.

— Precisamos que um grupo vá até os campos de treinamento dos duendes verdes imediatamente. Niles?

Niles assentiu com um pungente aceno de cabeça.

— Vamos cuidar de tudo.

Dardennes se voltou para olhar por cima do ombro.

— Ivar, pegue alguns dos ogros e inclua-os nessa tarefa também, por favor. Não quero que nenhuma flecha acabe sendo disparada.

Ivar assentiu e juntou-se a Niles, saindo porta afora.

— Alguém, por favor, pode me dizer que diabos está acontecendo aqui? Essa é a segunda vez que eu quase mato alguém. Só que agora foram mais ou menos trinta duendes verdes. E logo antes de isso acontecer, Robin Hood, ou seja lá qual for seu nome, havia me pedido especificamente para não fazer isso. Ele vai ficar enfurecido.

— Primeiramente, conte-nos exatamente o que aconteceu, então talvez possamos juntar as peças do quebra-cabeça.

Olhei para Finn.

— Você se lembra do que aconteceu?

— Não. Lembro-me de levar você até o campo de treinamento, de falar com Robin, e depois vim parar aqui. Também não faço a mínima ideia de como cheguei aqui.

Aparentemente, Finn seria inútil.

— Ok. Então, aconteceu que fui até lá fazer um treinamento com Finn. Robin disse alguma coisa sobre testarem meus instintos de autopreservação, e então, disse que eu tinha trinta segundos para me defender. Em seguida, sei que todos os trinta felizes duendes estavam preparados para puxar o gatilho, com suas flechas erguidas e preparados para atirar em mim e me matar, bem na frente de Finn. Eu me conectei com O Verde, mandei que Finn saísse da frente do maldito caminho e então a desliguei.

— Você a desligou? — disse Céline.

— É, foi isso que eu disse. Desliguei, cortei.

— Desligou, cortou o quê?

— A conexão. O poder. A energia. Você sabe, Céline. O Verde.

Céline assentiu com um sorriso nos lábios.

— Sim, eu sei mesmo.

— Só que foi diferente dessa vez.

— De que jeito? — quis saber Dardennes.

Eu estava prestes a responder, mas decidi que estava cheia das vinte perguntas deles. Era minha vez, para variar.

— Escutem. Estou ficando cansada de todas essas perguntas. Acho que está na hora de vocês responderem a algumas das minhas. Como, em primeiríssimo lugar, como é que todos os fae por aqui vivem tentando me matar ou me mutilar? E como é que vocês vêm me dizer que vão me ajudar a descobrir quais são meus poderes, como se isso fosse importante para vocês, e então fazem que outras pessoas tentem me afogar, me drenar ou atirar em mim? Por que os corredores secretos? Qual é a de enganar os *brownies* com bolas de chocolate? Por que é que meu quarto não tem janelas? Por que todo o mundo, menos eu, treina com um grupo de amigos? Onde está Tony e como posso entrar em contato com ele? E qual é a daquelas carnes misteriosas que ainda vivem se mexendo no bufê?

Eu tinha mais perguntas, mas estava sem fôlego. Estava me preparando para fazer mais um lote de perguntas quando Dardennes ergueu a mão.

— Ok. É justo. Você tem algumas coisas em mente, posso ver. Vamos fazer o que pudermos para esclarecer algumas dessas questões. Porém, não posso garantir que vá gostar das respostas que vai ouvir.

— Pelo amor de tudo que é mais sagrado, só me diga a maldita verdade, certo? Por favor! Estou cansada de todas as mentiras e de todos os segredos.

— Farei o melhor que puder — Dardennes pigarreou. — Respondendo às suas perguntas, se bem me lembro da ordem correta delas: nós certamente não planejamos que nenhum fae a machucasse e nem a ferisse. O que aconteceu no lago foi sancionado por mim, mas você não corria nenhum risco de morrer. O pior que poderia ter acontecido teria sido a necessidade de bombear seus pulmões... mas tínhamos bastante certeza de que você tinha afinidade com a Água, o que teria tornado esse resultado improvável. Quanto à situação com os duendes verdes, não temos certeza do que aconteceu lá. As ações tomadas por Robin não faziam parte do plano, de modo que precisaremos falar com ele para determinar qual foi seu raciocínio.

Eu o interrompi.

— É, boa sorte. Tudo que ele faz é chorar e me chamar de mãe.

Tanto Dardennes quanto Céline tinham expressões engraçadas no rosto. Fitaram um ao outro por uns longos segundos e depois voltaram seus olhares para mim.

— Tem certeza disso? Ele chamou você de mãe?

— Sim. E também não foi o primeiro a fazer isso.

— Quem mais chamou você assim? — quis saber Dardennes, ansioso.

— A bruxa. Aquela que eu matei durante o teste.

— Quando foi que ela chamou você assim? Logo que a viu?

— Não. Depois que eu a acertei com o Blackie... meu graveto afiado. O rosto dela ficou alterado... ficou mais jovem e bonito. Então, ela me chamou de mãe e... bem... desintegrou-se.

Spike me olhava boquiaberto. Deu um passo até mim e me cutucou com o cotovelo.

— Qual é a de todos esses segredos, mulher? Confesse aí. Que outras informações suculentas você está deixando de fora?

— Mais alguém a chamou de mãe?

— Não. Só a bruxa e Robin. Ah, e Finn também.

Finn olhou para mim como se eu fosse doida. Só balancei a cabeça para ele, desinteressada por sua confusão.

Dardennes voltou-se para Céline.

— Precisamos convocar uma reunião de emergência. Chamem todos no complexo. Agora, por favor.

Céline deixou a sala, dizendo:

— Finn, venha comigo.

Eles nos deixaram sem nem olhar para trás.

— Tudo bem, Dardennes, trate de explicar o que é que está acontecendo antes que eu saia do sério!

— Tudo será explicado na reunião. Creio que o mais cedo que conseguiremos reunir todo o mundo será dentro de uma hora. Os duendes verdes precisarão de ajuda, e preciso de todos na reunião. Por favor, queira juntar-se a nós

no grande salão de reuniões por volta das três e meia.

— Dardennes...

Ele parou enquanto saía da sala, pegando-me pelo braço e, com gentileza, colocando-me à sua frente. Spike vinha logo atrás.

— Jayne, sei que você tem perguntas. Acredite em mim, eu entendo. Prometo a você que vou responder a todas as suas perguntas da melhor forma possível na reunião. Por favor, seja paciente e espere um pouco mais.

Eu parei de andar, recusando-me a me mexer.

— Vamos fazer um trato: eu serei paciente por um tempinho mais se você deixar que eu envie um *e-mail* para Tony... agorinha mesmo.

Dardennes soltou um suspiro alto, obviamente irritado.

— Você pode esperar...

— Não! Não vou esperar! Pode me arrumar conexão de internet ou sai da minha frente, porque vou embora daqui!

Ele olhou para mim com um ar austero, fazendo-me lembrar por um instante de meu pai... e isso não era uma coisa boa. Lancei minha tática de encará-lo daquele jeito doido que eu fazia no colégio. Não havia jeito de ele me derrotar agora.

— Certo. Siga-me.

Isso mesmo, meu velho. Mas eu estava apenas levemente aplacada... ele ainda não havia respondido às minhas perguntas.

Ele conduziu a mim e a Spike corredor abaixo até uma porta que se abriu ao seu toque. Lá dentro havia três computadores alinhados um ao lado do outro em uma longa mesa.

— Pode usar os computadores aqui. Eles têm *firewalls* para proteção contra intrusos. Por favor, não se esqueça da reunião às três e meia.

Ele saiu apressado, antes que eu ou Spike lembrasse de perguntar onde ficava o grande salão de reuniões.

— Legal. Computadores. Internet.

Spike se sentou em frente a um dos computadores e moveu o *mouse* de um lado para o outro, inicializando a tela.

Eu me sentei bem ao lado dele, fazendo a mesma coisa, olhando para ele com desconfiança, e me perguntando se teria de me preocupar com que ele me mordesse ou algo parecido.

Ele me pegou olhando para ele.

— Escute, Jayne, sobre aquilo, mais cedo…

— É, o que foi aquilo, afinal?

— Não sei muito bem, mas o que sei é que, sendo um íncubo, qualquer impulso sexual que eu tinha antes fica, tipo, cem vezes multiplicado agora. Valentine está tentando me mostrar como controlar isso, mas, para falar a verdade, ele não é tão bom em controlar seu próprio instinto, então não é lá de grande ajuda. Para falar a verdade — ele fez uma pausa para dar risada —, Jared e Chase foram mais eficientes ao me ajudar que Valentine até agora.

— Como assim?

— Eles ameaçaram me bater muuuuito se eu pusesse as mãos em você de novo.

Eu não sabia muito bem como me sentia em relação a isso.

— Não cabe a eles decidir em quem eu ponho ou deixo de pôr a mão.

Spike ergueu a mão, não olhando para mim.

— Estou ligado, Jayne, vá por mim. Porém, nem mesmo por um segundo, nem pense em me dar nenhum sinal de que está interessada em fazer qualquer coisa comigo agora; nem mesmo um beijo, a menos que esteja literalmente preparada para ter sua vida sugada. Isso não é um jogo, percebi hoje. Essas coisas de fae são perigosas, e eu preciso sacar isso antes de fazer mais qualquer coisa com você.

Então, ele olhou para mim com um pedido de desculpas estampado no rosto.

— Não é nada pessoal. Você sabe, eu… bem, é como eu disse. É melhor eu não falar disso agora. Só vou ler aqui as páginas de esportes e tirar isso da cabeça.

Ele voltou para o computador.

A rebelde em mim queria fazer alguma coisa para tentá-lo. A sobrevivente em mim, aquela que havia acabado de repelir o ataque de trinta duendes verdes doidões, dizia para deixar isso para lá. Por ora, era o que eu ia fazer. Mas… depois?

Não ia prometer nada.

Entrei em minha conta de correio eletrônico e procurei um *e-mail* de Tony, mas não havia nenhum. Tentei não ficar chateada. Ele estava em casa havia apenas um dia, mais ou menos, e eu não sabia ao certo quanto aquele lance de apagar memórias o tinha afetado.

Comecei a redigir uma mensagem nova: *Ei, Tones. E aí? Como vai a escola? Bem, eu realmente sinto sua falta. Mal posso esperar para vê-lo. Abraços! Com amor, Jayne.*

Tinha medo de lhe dizer mais que isso. Nem sabia que história eles lhe haviam contado para explicar onde eu estava. Será que ele achava que eu tinha fugido? Será que eles fizeram que acreditasse que eu estava de férias? Será que me apagaram por completo da mente dele?

Só de pensar nisso meu sangue instantaneamente ferveu. Se tivessem feito isso, ah, iam me pagar, ah, seria um inferno para eles! Eu puxaria O Verde e colocaria cada um daqueles filhos da mãe em um maldito coma! Eu ia...

— Hmm, Jayne? Você está fazendo alguma coisa agorinha mesmo?

Olhei para Spike para ver qual era o problema. Seus olhos estavam reluzindo, vermelhos, de novo.

— Spiiiike...

E o vermelho se esvaneceu e ele deu risada.

— *Aff!* Por um segundo, achei que você ia me colocar no Verde, ou algo do gênero.

— Colocar você no Verde? Que diabos quer dizer isso?

— Você sabe... me enviar para a luz, ou seja lá o que for que você faça... onde Finn estava antes.

Eu o empurrei com força, quase derrubando-o da cadeira.

— Cale a boca, seu imbecil.

Spike sorriu, erguendo as mãos e acenando com elas para frente e para trás, como se fosse um palhaço doido.

— Nããããããoooo!! Não vá para a luuuuuuuuz!!!

Apontei o dedo para ele.

— Não me irrite, seu íncubo!

— Ah, que medo!

Seus olhos brilhavam de novo.

— Pode colocar esses seus lances aí de lado, seu merdinha. Agora não é hora de ser *sexy*.

O brilho se ergueu forte, mas depois foi morrendo, até que não passava de uma minúscula brasa, reluzindo lá no fundo de seus olhos.

— Adoro quando fala palavrões comigo.

— Spike, estou avisando...

— Como quiser... mãe.

Dessa vez eu o empurrei com uma superforça, fazendo que caísse da cadeira. Ele ria de bunda no chão. Continuava apontando para mim, tentando falar, mas por ora, estava histérico.

— Ma... mã... mã...

A porta se abriu e Chase estava parado na entrada.

— O que está acontecendo?

Eu e Spike ficamos olhando em silêncio para ele por uns dois segundos. Em seguida, ríamos tanto, mas tanto, que achei que eu fosse fazer xixi nas calças. Toda vez que eu olhava para um deles, ficava pior. Acho que o estresse de tudo que havia acontecido estava finalmente me atingindo. Minhas risadas pareciam uma reação extrema a algo que não era nem um pouco engraçado, mas que, ao mesmo tempo, parecia perfeitamente apropriado. Acho que sobreviver a um quase afogamento e a um esquadrão de execução havia entortado meu raciocínio.

Chase balançou a cabeça em silêncio e fechou a porta, entrando e dando um chute em Spike para tirá-lo do caminho, de modo que pudesse se sentar em frente a um dos computadores.

Ele clicou com o *mouse* algumas vezes e disse:

— Legal. Martha Stewart lançou um novo livro de receitas.

Já era. Aquilo foi a gota d'água. Eu estava rachando o bico, tanto, mas tanto, que bufava só de tentar respirar. Lágrimas rolavam por meu rosto. Spike estava ofegante no chão, enrolado como uma bola. Ele nem conseguia levantar de

tanto que ria.

Chase nem se deu ao trabalho de olhar para nós. Estava ocupado lendo resenhas no *site* da Amazon sobre o novo livro de receitas de Martha Stewart.

— Parece que é um ótimo livro também.

Coloquei a mão no ombro dele, tentando falar.

— Chase... cara... você está me matando... pare com isso!

Ele ergueu a mão e deu uns tapinhas amigáveis de leve na minha, sem dizer nada.

Eu havia acabado de conseguir me controlar quando Becky entrou.

— Ei, pessoal! Quais são as novidades?

Spike se sentou direito, esfregando as mãos no rosto e depois passando-as por seus cabelos pretos bagunçados e espetados.

— Ah, não muita coisa. Jayne estava detonando os fae na floresta. Eu a estou perseguindo. Chase aqui está babando pela Martha Stewart.

Apontei para ele.

— Não comece com isso de novo.

Solucei, tentando me impedir de cair em um surto de gargalhada outra vez. Se não tomasse cuidado, ia acabar vomitando.

— Uau! Parece que perdi todas as coisas boas. Sempre perco todas as coisas boas. Não é justo. — Ela olhou para o que Chase estava fazendo. — Oh, internet. Deixe-me usar!

Ele inclinou a cabeça, apontando para os outros dois computadores.

Estiquei a mão e apertei "Enviar" em minha mensagem e depois desconectei minha conta de *e-mail*. Tony estava seis horas atrasado em relação a mim, por causa do fuso horário, o que descobri fazendo uma rápida pesquisa *on-line* com base na localização do endereço de IP. Esse complexo dos Fae da Luz ficava em algum lugar na Europa... na França, acho. Então, eu não sabia ao certo se ele veria a mensagem só bem mais tarde. Nesse exato momento, ele devia estar na escola. Eu teria de pensar em algum jeito de voltar a esse lugar depois que as luzes se apagassem para ver se ele havia me enviado uma resposta.

— Que horas são? — quis saber Spike levantando-se do chão.

— Quase três — disse Becky enquanto navegava na internet.

— Temos uma grande reunião às três e meia — falei. — Todos temos que ir. Vai ser no grande salão de reuniões. Alguém sabe onde fica?

— Sei sim — disse Chase.

— Eu nunca estive lá — disse Becky. — As poucas reuniões a que eu fui foram realizadas na sala menor de reuniões, a informal.

Spike puxou uma cadeira da lateral da sala de modo a poder se sentar atrás de mim e de Becky.

— Então, Becky, o que fez hoje?

— Não muita coisa. Trabalhei no teletransporte a distâncias mais longas. Conheci mais algumas ninfas. Conheci um ninfo da madeira supergostoso hoje. Ele é totalmente sarado, Jayne, você não ia acreditar nos músculos que tem nos braços. Ele...

Segurei a mão dela para fazer que parasse de falar. Notei que Spike estava ouvindo com um pouco de atenção demais, e as brasas em seus olhos se incendiavam.

Estalei os dedos na frente do rosto dele.

— Pegue leve aí, coisa gostosa. Relaxe. Ela está falando de uma espécie de ninfo da madeira, caramba!

Spike balançou a cabeça, saindo do transe.

— Opa, desculpem. Eu devo ter me conectado à excitação sexual dela.

Becky olhou para ele com repulsa.

— Minha excitação sexual? Eca! Fique longe dela, Spike. Isso não é da sua conta.

Ele deu de ombros.

— Não consigo evitar. Se for uma conversa *sexy*, seja sua ou de qualquer outra pessoa, fico interessado. Posso sentir isso a uma looooonga distância também. — Ele mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo para nós. — Então, se precisarem de mim, é só me enviar um sinal que vou correndo.

Olhou para nós duas com um sorriso lascivo no rosto.

Dei um tapa em seu braço.

— É sério, Spike. Você está começando a ficar irritante agora. Eu gostava mais de você quando era mais modesto.

— Você gosta de caras modestos? Eu posso ficar modesto...

Chase se voltou na cadeira olhando feio para Spike.

— Apague esse fogo aí, ou vou apagá-lo para você.

Spike se sentou confortavelmente e relaxou, levantando as mãos, rendendo-se.

— Relaxe aí, *daemon*, relaxe. Não tenho fogo nenhum. — Olhou para nós com um ar de inocente, como se Chase fosse o doido ali. — Todos nós estamos fresquinhos aqui, não é, meninas?

Chase se voltou e Spike revirou os olhos.

Olhei para Chase com um novo respeito, recém-adquirido. Eu me perguntava que truques de *daemon* estava aprendendo que faziam que Spike sentisse medo dele daquele jeito. Nossa, eu queria que Chase estivesse comigo hoje. Eu me perguntava se ele teria entrado naquela névoa verde junto com todos os duendes verdes. Odiaria ter que arrastá-lo por aí todo estropiado também. Com Finn já havia sido ruim o bastante, mas, pelo menos, ele era pequeno e fácil de manobrar.

Becky e Chase se desconectaram ao mesmo tempo.

— Querem ir até o salão de reuniões agora, pessoal? Acho que não tem problema chegarmos antes da hora — disse Becky.

Todos concordamos em ir, e saímos da sala de internet acompanhando Chase corredor abaixo. Logo estávamos parados na frente de uma grande porta dupla. Era maior que qualquer porta que eu havia visto nesse complexo até agora. Imaginava por que não havia visto a maldita porta todas as outras vezes que havia seguido esse caminho.

Chase empurrou e abriu a porta e nos encontramos nos fundos de um anfiteatro. Havia um espaço na extremidade oposta da sala onde os conferencistas ou outras pessoas importantes ficariam em pé, e depois uma mesa em forma de semicírculo com uma única fileira de dez cadeiras, todas um pouco mais de um metro elevadas em relação à parte onde as pessoas ficavam em pé. Na frente delas havia fileiras e mais fileiras de mesas curvadas na direção oposta, e cadeiras, com

corredores entre elas no centro e nas pontas. Esses eram os assentos para o público. Devia haver lugar suficiente para uns duzentos fae ou mais, se incluíssemos os espaços nas laterais da sala e atrás da última fileira de assentos.

Já no lugar, na única fileira elevada de dez assentos, na extremidade da sala, estavam Dardennes, Niles, Robin, Naida, o cara-lobo e vários outros que eu não reconhecia. Vários fae entravam pela porta atrás de nós, passando e tomando seus lugares.

Eu estava aconchegada ao lado de Becky e Spike, com Chase em pé atrás de nós, quando dois fae entraram conversando um com o outro. Ouvi por acaso uma parte da conversa.

— Como disse antes, temos que tomar cuidado...

O fae parou de falar quando viu que eu o estava observando, segurando o amigo pelo cotovelo e guiando-o para longe de nós. Vi que dizia alguma coisa ao pé do ouvido do outro fae, que se voltou para olhar para mim antes de seu amigo o puxar pelo braço de novo e sussurrar todo febril outra vez.

Ele não me parecia familiar, então, por que parecia que o conhecia?

Cutuquei Becky.

— Ei, Beck. Você conhece aqueles fae?

Apontei para a dupla que se afastava apressada de nós.

— Não.

— Chase, você conhece algum daqueles caras?

Chase franziu o cenho, balançando a cabeça para indicar que não.

— Por quê? — quis saber Spike.

— Não sei. Lembro-me da voz dele de algum lugar, mas não consigo saber exatamente de onde.

Então, tive um lampejo.

— Espere! Eu sei onde o ouvi antes! Ele estava do lado de fora do banheiro na outra noite, falando sobre eliminar uns fae!

Capítulo 10

— QUEM ESTÁ ELIMINANDO FAE? — DISSE Finn, se aproximando de nós.

— Shhh! Não fale tão alto assim!

Olhei para trás, mas os dois fae haviam desaparecido na multidão.

— Onde diabos você esteve? — quis saber Becky.

— *Affff*. Limpando a sujeira de Jayne. — Ele se encolheu. — Droga, Chase, andou levantando muito peso, foi?

Finn esfregava o braço no lugar onde Chase havia acabado de lhe bater.

— Como assim, limpando sua sujeira? — perguntou-me Becky.

— Depois eu conto.

— É, vamos focar no lance do fae eliminando outros fae. Por que não fazemos isso? — disse Spike.

— Conte-nos — disse Becky.

— Cheguem mais perto.

Fiz um movimento para que todo o pessoal se juntasse. Não queria ninguém mais ouvindo o que eu tinha a dizer; não fazia a mínima ideia de quem era amigo de quem nesse lugar.

— Eu estava no banheiro outra noite, arrumando-me para sair, e ouvi vozes no corredor. Pararam bem na frente da porta, de forma que consegui ouvir o que estavam dizendo: alguma coisa sobre eu talvez ser aquela que eles estavam procurando e que precisavam eliminar algumas pessoas. Alguma coisa sobre certas crianças trocadas ou fae que não poderiam estar por perto quando fossem começar algo.

— Começar o quê? — quis saber Finn.

— Não faço a mínima ideia.

— Tem certeza de que mencionaram você especificamente? — quis saber Spike.

— Sim, eles disseram “a criança trocada Jayne”. Dessa parte eu lembro muito claramente.

— E eles usaram a palavra “eliminar”? — perguntou Finn.

— Sim. Isso me deixou apavorada. Acho que eles estavam falando sobre... — curvei-me mais para perto deles e abaixei ainda mais meu tom de voz —... matar alguém... ou “*alguéns”, no plural.*

Os olhos de Becky se esbugalharam.

— Talvez estivessem se referindo a nós. Tipo, nós, crianças trocadas.

Olhamos uma para a outra simultaneamente, trocando olhares cheios de preocupação.

Uma voz familiar ressoou na sala, interrompendo nossa discussão.

— Obrigado a todos vocês por virem. Se puderem achar um lugar para se sentar, de modo que possamos dar início à reunião, agradeço muito.

— Vamos falar sobre isso mais tarde, hoje à noite, no jantar — disse Finn.

Todos assentimos e fomos andando em direção ao corredor que cortava o centro do anfiteatro. Quando chegamos, percebemos que não havia mais lugar para sentar, de modo que ficamos em pé atrás da última fileira.

Olhei ao meu redor, para todos os fae reunidos na sala. Tinham todas as formas e tamanhos. Alguns se pareciam com meus amigos e eu. Outros, obviamente, não eram humanos: fae como Gander e até Niles. Ele poderia passar por um anão humano, mas todas as suas engenhocas militares tornavam menos provável que fosse capaz de se mesclar entre gente. Alguns fae estavam em pé perto da cabeceira da mesa; não precisava de nenhum quadro de identificação de fae para saber que eram ogros, como Ivar. Eram gigantescos e tinham grandes sulcos nas sobrancelhas. Ergui o olhar para Chase, que estava parado à minha esquerda, em pé. Ele não era tão grande quanto eles, mas eu podia entender por que Dardennes questionara se ele teria algum sangue de ogro. Parecia um ogro viquingue, ou algo assim, se é que isso existia, com seus cabelos loiros, olhos azuis e altas maçãs do rosto. Tentei não deixar meu olhar contemplativo se fixar por muito tempo em seu corpo incrível, mas era difícil. Ele era como um modelo masculino, do tipo atlético. Tive que me forçar a desviar o olhar de modo a não colocar Spike sob alerta novamente.

Todos os fae usavam mocassins e algum tipo de túnica por cima da calça,

mas as similaridades em termos de vestimenta acabavam aí. Devia haver pelo menos umas dez cores diferentes de túnicas e diversos tipos de calças também. Eu estava vestindo uma calça *jeans*, mas alguns dos fae usavam calças *legging*; alguns até usavam meias-calças. Olhei para Spike e notei, pela primeira vez, que ele estava todo vestido de preto, com seu uniforme fae — que ficava perfeito nele.

Alguns dos fae também usavam joias; as ninfas, especialmente, usavam os colares mais bonitos. Notei, pela primeira vez, que essas túnicas que estávamos vestindo eram ótimas para usar com correntinhas bem compridas, e me perguntava se eu conseguiria que Netter me arrumasse uma legal.

Vi Finn erguer a cabeça em cumprimento a um duende verde que estava sentado em um grupo de fae, todos vestindo as mesmas túnicas verdes escuras como a que o próprio Finn vestia. Eu me perguntava se era um dos duendes verdes que eu havia dopado mais cedo.

Assim que Dardennes começou a falar de novo, a sala ficou instantaneamente em silêncio.

— Amigos e familiares fae. Obrigado por virem a esta reunião convocada tão em cima da hora. Temos alguns negócios importantes a tratar e algumas coisas a discutir. Decidimos, depois de alguns eventos que ocorreram hoje, que isso não poderia esperar pela assembleia agendada regularmente.

Dardennes olhou para os fundos da sala e travou os olhos em mim.

— Criança trocada Jayne, por favor, queira vir para frente.

Entrei em pânico e agarrei o braço de Chase. Tinha uma terrível sensação de estar metida em encrenca. Isso era como ir à sala do vice-diretor, só que com uma imensa quantidade de pessoas observando, algumas das quais eu havia recentemente quase colocado em coma. Não havia jeito de isso ser bom.

Chase tirou minha mão de seu braço e a envolveu com a sua grande, forte e quente. Foi subindo o corredor, levando-me com ele. Meu coração palpitava em meu peito por causa da apreensão, mas eu me sentia muito melhor com ele ali comigo. Dane-se isso de ser uma mulher forte e independente. Eu queria meu *daemon* comigo.

— Obrigado, Chase, mas você pode permanecer lá atrás — disse

Dardennes.

— Não! — falei um pouco alto demais.

Depois, com uma voz mais calma, disse:

— Ele fica comigo.

Ergui o olhar para Chase e ele assentiu, dando um apertãozinho de leve em minha mão para que eu soubesse que ele estava de boa com isso.

— Como quiser.

Chegamos à frente da sala, voltados para a mesa principal cheia daqueles que eu presumia que eram os anciões do conselho dos fae que havíamos ouvido mencionarem algumas vezes. Havia apenas um assento vazio, na frente de Dardennes. Ele permaneceu em pé, encarando a mim e a Chase, assim como os demais fae no anfiteatro, com a mesa principal entre nós.

Dardennes inclinou-se para frente um pouco e falou em um tom baixo, só para mim.

— Jayne, por favor, vire-se e fique de frente para aqueles que aqui estão.

Eu me voltei, nervosa, olhando para todas as faces que estavam à minha frente. Sentia-me como se estivesse em um julgamento. Não sei o que teria feito se Chase não estivesse ali comigo. Provavelmente teria feito xixi nas calças ou vomitado em mim mesma. Tentei não apertar sua mão com uma força excessiva.

— Hoje, a criança trocada Jayne teve seu primeiro dia de treinamento. Suspeitamos, levando-a a essas sessões, que ela seja um elemental.

Alguns sussurros tiveram início, porém, acalmaram-se quando Dardennes continuou a falar.

— Confirmamos que ela tem uma forte, ou talvez devesse dizer, *muito forte* afinidade com a Terra.

Nos fundos da sala, um dos fae se levantou. Eu não conseguia ver claramente quem era porque estava longe demais.

— Como confirmaram isso?

Céline se levantou de sua cadeira à mesa principal.

— Eu me submeti pessoalmente a um teste de conexão dela. Posso confirmar que é verdade que ela se comunica com O Verde... — os murmúrios ao

redor da sala começaram antes de ela terminar de falar, de modo que Céline ergueu a voz para ser ouvida — ... e que O Verde faz sua vontade.

O rugido de vozes que irrompeu era inconfundível. Esses fae estavam enfurecidos com isso.

A mão de Chase continuava seca e quente. A minha ficou fria e úmida. Ele deu um apertãozinho de um modo tranquilizador em minha mão e se aproximou mais de mim, e sua forma grande e calorosa fez que eu me sentisse mais segura. Tudo em que eu conseguia pensar era ainda bem que ele comia aquelas carnes todas; tinha certeza de que seu apetite o ajudaria a mantê-lo tão enorme. Nunca mais ia pensar coisas ruins daquele bufê de carne que ficava se contorcendo. Por mim, ele podia comer aquelas porcarias em todas as refeições.

Dardennes ergueu as mãos, pedindo silêncio.

— Houve também um segundo teste hoje para Jayne.

Todo o mundo se acalmou, com apenas um sussurro ocasional vazando em meio ao silêncio que havia se instalado.

— A Dama do Lago, Naida, testou a criança trocada Jayne em seu reino. Jayne entrou no lago e conectou-se com o elemento Água. Ela foi aceita no reino das ninfas da água. Portanto, temos a confirmação, por parte de Naida, de que Jayne também tem afinidade com a Água. Ainda não sabemos se ela comanda o elemento, porém.

Havia ainda alguns olhares raivosos, mas não ocorreram os surtos que eu esperava. Acho que a água não era lá grande coisa para eles. Ou talvez fosse todo esse lance de eu comandar os elementos que os deixasse enfurecidos.

— E, por fim, o motivo pelo qual chamamos vocês aqui: a criança trocada Jayne passou por mais um teste. Feito pelos duendes verdes.

Todos os fae estavam olhando à nossa direita, onde os duendes verdes estavam, sentados e em pé, formando um grupo. Reconheci um dos rostos quando ele se separou do grupo e foi se postar ao lado de Dardennes, junto à mesa principal. Era Robin. Ele parecia estar bem. Movia-se um pouco devagar, seu rosto era inexpressivo, mas estava vivo.

Bem, acho que isso quer dizer que não estou sendo julgada por assassinato.

— Eu pedi a Robin, do Verde, que passasse seu relato em primeira mão desse teste... Robin?

Robin manteve as mãos na madeira do arco que repousava em seu ombro enquanto falava.

— A criança trocada Jayne foi consignada a nosso grupo hoje à tarde. Ela foi escoltada até o campo de treinamento por nosso novo recruta, a criança trocada Finn. Os duendes verdes haviam consultado o conselho e determinado que nosso primeiro ponto a ser trabalhado seria familiarizá-la com a missão dos duendes verdes e determinar o que suas habilidades poderiam fazer para aumentar ou inibir as nossas. Informei à criança trocada nossos planos. — Ele fez uma pausa e olhou primeiro para a mesa principal e depois para o público ali reunido antes de prosseguir. — Esta é a última coisa de que me lembro ter dito. Minha próxima lembrança clara é de acordar dentro deste complexo, na enfermaria.

Robin terminou seu monólogo, e daria para ouvir se um alfinete caísse no chão da sala, que ficou em completo silêncio por cinco segundos. Então, a sala irrompeu em gritos, murmúrios, e os sons de pessoas se levantando e se movendo ao redor.

Olhei para os fae que estavam à minha frente. Apenas uns poucos deles ainda estavam sentados. O restante estava em pé, gritando para os fae em volta da sala, para os anciões à mesa principal, ou para os que estavam bem ao lado deles. Aquilo estava um completo caos.

O retumbar de uma trombeta de chifre ressoou pela sala. Os fae suspenderam o barulho rapidinho, e todos voltaram a seus assentos, alguns dos quais relutantes, especialmente os anões.

— Por favor, amigos, precisamos determinar o que aconteceu e o que isso significa para nosso povo. Pedimos a vocês que escutem e guardem seus julgamentos até que tenhamos conhecimento de todos os fatos. Esse é o propósito de nossa reunião de hoje. Antes de sairmos esta noite, e quero dizer esta noite, e não esta tarde, porque ficaremos aqui pelo tempo necessário, haveremos de saber com o que estamos lidando e qual deverá ser nosso plano.

A sala estava quieta novamente, com apenas um sussurro ocasional

quebrando o silêncio.

Dardennes dirigiu-se a Robin.

— Quem mais estava presente nesse evento?

— Meus homens principais, a criança trocada Finn e a criança trocada Jayne.

— Criança trocada Finn! Venha para frente! — ordenou Dardennes.

Finn desceu o corredor do meio a passos largos, com a cabeça erguida. Segurava com firmeza a madeira do arco jogado sobre seu ombro, parecendo um orgulhoso membro dos duendes verdes.

Voltou-se e ficou frente a frente comigo, segurando minha mão e dando um breve apertãozinho nela antes de soltá-la. Chase ainda segurava minha outra mão.

— O relato de Robin da Floresta Verde acerca do evento bate com suas lembranças do que aconteceu?

— Hmm — disse Finn com voz trêmula. Estava nervoso, mas prosseguiu. — Bem, hmm, mais ou menos.

Niles se levantou para falar, mal-humorado como de costume.

— Batem ou não batem? Essa é uma simples pergunta de sim ou não.

Dardennes olhou para Niles, mas não o repreendeu.

Finn se preparou para enfrentar a adversidade, endireitando os ombros:

— Não, não batem.

Os murmúrios ameaçaram se erguer novamente, porém, um olhar pungente de Dardennes impediu que a situação saísse de controle.

— E como isso é diferente de suas memórias dos eventos?

— Bem, o que ele disse é do que me lembro até certo ponto. Quero dizer, originalmente, esse era o plano; mas, logo antes de o exercício começar, Robin parou por um segundo, e disse que devíamos fazer algo diferente do que nos havia dito antes.

Finn olhou nervoso para Robin, que não olhava para ninguém; ele apenas mantinha o olhar fixo no chão, confuso, como se tentasse lembrar algo que não conseguia.

Olhei para os outros duendes verdes. Todos eles estavam como Robin:

como se vagassem por entre as ervas daninhas da mente. Algo ou alguém havia bagunçado a cabeça deles.

— O que os instruiu, duendes verdes, a fazer?

— Bem, ele disse... ele disse... hmm, sinto muito, senhor, mas não lembro.

Agora Finn estava fazendo exatamente o que todos os outros imbecis dos duendes verdes faziam: encarando a distância, tentando juntar as peças do que havia acontecido. *Imbecis.*

— Vou contar a vocês o que ele disse, se quiserem — falei com sarcasmo, olhando primeiro para Robin e depois para Dardennes.

Eu não ia esquecer aquilo enquanto vivesse.

— Por favor, Jayne... esclareça as coisas para nós.

— Bem, primeiramente, ele disse o que falou a vocês; depois, fechou os olhos, fez algum tipo de porcaria de meditação e então os abriu e disse: "Gostaria de ver seus poderes de autopreservação" ou coisa assim. Então, disse que eu tinha trinta segundos para traçar um plano. Depois, todos os seus camaradas duendes verdes estavam alinhados, colocando flechas em seus arcos, preparando-se para me transformar em uma almofadinha de alfinetes fae.

As expressões de choque no rosto dos fae era algo que não tinha preço, inclusive no de Robin. Não consegui me conter.

— É, vocês ouviram direito. Aqueles merdinhas iam me matar! O que fiz, foi em *autodefesa.* Eles fizeram por merecer.

Assenti com a cabeça para dar ênfase ao que estava dizendo. De jeito nenhum ia lamentar por ter tentado salvar meu próprio rabo. Se achavam que iam conseguir um pedido de desculpas de minha parte, estavam doidos!

Os duendes verdes encaravam uns aos outros, e o horror se estampava no rosto de cada um. Alguns deles tinham até lágrimas nos olhos.

Lágrimas! Cara, esses duendes verdes eram sensíveis? Como diabos podiam se considerar os guerreiros da floresta se choravam por causa de uma criança trocada quase inútil? Deviam ter tido um verdadeiro ataque de piedade por causa de todos aqueles orcs mortos.

Acho que alguns dos outros fae concordavam comigo em relação a isso.

Todos olhavam para os duendes verdes como se eles fossem malucos. *Acho que deve ser uma droga estar na pele de Finn agora.*

— Com licença, criança trocada Jayne. Você disse alguma coisa sobre meditação?

Essa pergunta veio de um carinha enrugado que estava à mesa principal. Ele me fez lembrar da bruxa, velho, todo enrugado, vestindo um manto cinza.

— Sim. Disse que Robin teve, tipo, um momento zen. Logo antes de dar a ordem de me matar.

Robin agarrou o peito quando eu disse "ordem de me matar", como se estivesse tendo um ataque cardíaco.

— O que você quer dizer com isso? O que ele fez?

— Ele fechou os olhos, ergueu o olhar para o céu, ficou lá assim alguns segundos, e então olhou para frente de novo e voltou a abrir os olhos. E, quando fez isso, seus olhos estavam totalmente zoados.

— Como?

— Como seus olhos estavam zoados?

O homenzinho pigarreou.

— A-ham. Sim. Foi isso que perguntei.

— Bem, seus olhos, a parte colorida, estava preta.

Robin baixou a cabeça para o peito. Os outros duendes verdes se juntaram a ele nesse gesto solene, inclusive Finn.

Eu me inclinei na direção de meu amigo e falei com ele pelo canto da boca.

— Qual é o problema, Finn?

— Vergonha — foi tudo que ele disse.

O homem enrugado que fazia as perguntas disse uma palavra:

— Bruxas.

A sala explodiu em ruídos novamente. Os fae do lado esquerdo da sala gritavam com os fae do lado direito. Um grupo deles, vestindo túnicas cinza, nos fundos da sala, acenava com as mãos de um lado para o outro de um jeito selvagem, e alguns deles brandiam cajados acima da cabeça. A coisa estava começando a ficar feia.

A trombeta soou de novo e todos se acalmaram, relutantes. *Cara, tenho que arranjar uma dessas trombetas.* Fiquei me perguntando se Netter poderia arranjar uma para mim. Como eu a chamaria? A trombeta do “calem-essas-malditas-bocas”. Parecia adequado.

Dardennes disse:

— Acho que seria justo dizer que tivemos alguma interferência no teste por parte de uma fonte externa. Presumirei, por ora, que a fonte externa seja dos Fae das Trevas.

Alguém de túnica cinza se levantou nos fundos da sala.

— As bruxas dos Fae da Luz negam qualquer envolvimento nesse incidente!

Mais murmúrios agora, alguns provenientes da mesa principal.

— E como é que ela está aqui agora? — gritou uma voz no meio da multidão. — Se as bruxas dos Fae das Trevas interferiram e os duendes verdes receberam a ordem de matar Jayne, como ela sobreviveu? Todos sabemos que ninguém escapa dos guerreiros da Floresta Verde.

Hummmm. Um pouco de respeito pelos duendes verdes. *Posso ganhar um huuu-huuu!* Esses fae eram doidos. Os duendes verdes podiam até ser bem durões a maior parte do tempo, mas, hoje, um pouco mais cedo, estavam chorando como criancinhas. Isso não me parecia tão coisa de guerreiro. *Droga, como eu gostaria que Tony estivesse aqui agorinha mesmo para que pudéssemos tirar uma onda com esses caras! Ou para que eu pudesse zoar bastante com a cara deles e Tony pudesse sorrir, indulgente. Fico me perguntando se ele recebeu meu e-mail.*

— Talvez Robin possa esclarecer isso para nós — disse o homem enrugado sentado à mesa principal.

— Acho que também pode ajudar — disse Céline. — Acredito que senti um gostinho, hoje, do que Robin e seus homens vivenciaram nas mãos de nossa jovem Jayne.

Ela sorriu de um jeito gracioso para mim; então, talvez isso quisesse dizer que ela não me trairia por quase matá-la. Eu me perguntava quantos amigos ela teria ali no público… esperava que não fossem tantos. Analisei rapidinho o grupo

procurando túnicas de um cinza prateado, e só vi umas poucas. *Ufa!*

— Jayne tem uma conexão com a Floresta Verde; ela pode estabelecer essa conexão de acordo com sua vontade. É instantâneo para ela. Ela puxa a energia não apenas das árvores, mas também das criaturas, do ar, da água... de tudo na Floresta Verde. A Floresta Verde deseja protegê-la e fazer sua vontade. Eu senti esse poder hoje, e foi demais para uma elfa prateada; até mesmo para uma elfa antiga como eu. Fui colocada em estado de animação suspensa... foram necessárias duas bruxas habilidosas para me puxar de volta.

A sala ficou em silêncio. Todos esperavam ouvir mais.

Robin se pronunciou, falando mais baixo agora.

— Não me lembro de ter dado ordem para fazer nenhum mal a ela, mas, realmente, me recordo uma luz verde me cercando. Eu tive sentimentos... emoções... coisas que não consigo descrever; vieram até mim, tomaram minha consciência, quase me rasgando ao meio enquanto me sufocavam. No fim, quando achei que não conseguiria aguentar mais, eu a vi...

Ele voltou o olhar para mim, juntamente com todos os outros duendes verdes. Eu podia ver com o canto dos olhos a cabeça de cada um girando em bloco. Finn se voltou em minha direção também, e então foi ao chão, apoiando-se em um dos joelhos.

Uma expressão de horror se estampou em meu rosto. *Que diabos ele vai fazer? Vai me pedir em casamento?*

— Finn! Que diabos...?! *Levante!*

Eu gesticulava com a mão indicando que se levantasse, mas ele me ignorou.

Observei enquanto todos os duendes verdes ficavam naquela mesma posição, apoiados em um só joelho. Olhei para Robin buscando uma explicação, completamente perdida, sem palavras.

Robin continuou falando, olhando apenas para mim.

— Todos nós a vimos como ela verdadeiramente é. A Mensageira da Luz. Ela é aquela por quem ansiamos, esperamos e de quem precisamos... por todos esses longos séculos. Ela é... a *Mãe*.

Uma lágrima escorreu por seu rosto e chegou a seu peito. Ele se apoiou em um joelho também, como os outros, e curvou a cabeça em reverência enquanto se abaixava.

Achei que fosse vomitar. Engoli em seco várias vezes seguidas, para manter a bile no lugar. Cravei minhas unhas sujas na mão de Chase enquanto eu a apertava com o máximo de força que conseguia. Tantas coisas se passavam por minha cabeça naquele exato momento... Tony com sua arma apontada para Brad e as folhas chovendo em minha cabeça... o armazém, enquanto cantava com Spike ao violão; Jared soprando anéis de fumaça e se oferecendo para nos ajudar a encontrar um caminho... o encontro no hotel e aquela droga de pergunta ridícula da entrevista...

"Se pudesse ser um super-herói, qual seria, e por quê?"

Por que diabos eu havia feito isso? Por que escrevi aquilo? Dardennes havia tentado me avisar. Ele e Céline haviam me perguntado: "Por que esse? Por que você escolheu esse super-herói?".

Como é que eu poderia saber o que isso significava?

Chase olhou para mim obviamente preocupado. Voltou-se para ficar de frente para mim, soltando minha mão e me segurando pelos ombros.

— Jayne, fale comigo. O que está acontecendo?

— Eu não sabia!

— Você não sabia o quê?

— Chase, eu não sabia, droga!

Eu estava em pânico. Tinha que cair fora dali. Estava presa em uma armadilha. Eu sentia que ia ter um maldito ataque cardíaco, como se estivesse morrendo.

— Jayne, você não sabia *o quê?!*

— Que eu devia ter escolhido um super-herói diferente! — gritei.

O rosto de Chase se contorceu, confuso.

— Do que você está falando?

— Que super-herói você escolheu? — Agarrei-o pelos braços e o apertei com força, afundando as unhas em sua pele. — Durante a entrevista... *qual foi?!*

— O Homem de Ferro — ele falou baixinho. — Por quê? Qual você escolheu?

Olhei para ele com lágrimas de frustração nos olhos.

— É o que todas essas malditas fadas bobocas estão tentando lhe dizer, Chase.

— O quê?

— Mãe Natureza. Eu escolhi *a maldita Mãe Natureza.*

Capítulo 11

CHASE ABRIU UM MEIO SORRISO PARA MIM enquanto seu cérebro processava toda a loucura ao nosso redor. Duendes verdes de joelhos, derramando lágrimas por mim... histórias do poder da Floresta Verde fazendo minha vontade, enviando uma energia para dentro desses fae contra a qual nenhum deles seria capaz de lutar, contra a qual nenhum deles *queria* lutar.

Vi quando a ficha caiu para ele.

Seu rosto relaxou, e ele disse:

— Então, porque você escolheu a Mãe Natureza como seu super-herói naquele questionário, acha que, de alguma forma você *se tornou* a Mãe Natureza. É isso?

Assenti com lágrimas nos olhos. Não confiava que fosse conseguir falar, porque tinha certeza de que ia começar a chorar.

— Não seja boba. Você está vendo o Homem de Ferro parado aqui na sua frente?

Dei de ombros.

— Mais ou menos.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não, não está vendo, não. Você só está vendo um cara maior que a média que tem mania de proteger garotas desbocadas. Então, relaxe. Vamos ver como essa coisa termina. — Ele inclinou a cabeça para o lado, de forma que pudesse ver Finn. — Finn, levante. Você está piorando as coisas.

Relutante, Finn pôs-se em pé. Ele não me olhava nos olhos, de modo que o cutuquei com o cotovelo. Era melhor ele parar com aquela parada ou eu ia colocá-lo em coma, ou sei lá como eles chamavam aquela coisa que eu fazia, que deixava todo o mundo meio doido com O Verde.

Por fim saí dessa onda de autopiedade para ver o que estava acontecendo ao meu redor. Não houve muita comoção depois desse anúncio. Havia muitos rostos confusos na multidão. Alguns fae olhavam para seus amigos ou vizinhos como se

medissem suas expressões, tentando decidir como reagir. Por fim, todos olharam para Dardennes em busca de orientação.

Os fae na mesa principal mantinham uma conferência particular, todos reunidos em volta do velho que me havia feito as perguntas sobre Finn e sobre Robin. Alguns assentiam com a cabeça e alguns só encaravam o velho, que gesticulava como doido e falava mais que os outros.

A conversa do público ali reunido por fim encheu a sala com seu burburinho. Inclinei-me na direção de Chase, que estava em pé a meu lado de novo.

— Acha que a gente consegue sair daqui de fininho?

Ele balançou a cabeça em negativa.

Desmancha-prazeres.

Dardennes separou-se dos outros na mesa principal e ficou de frente para o público novamente.

— Chegamos a algumas conclusões. Por favor, podem ficar em silêncio?

Era como se ele houvesse desligado um botão. Silêncio instantâneo.

— Crianças trocadas, por favor, queiram vir à frente. Todos vocês.

Observei enquanto meus amigos surgiam dos fundos do anfiteatro e iam se juntar a mim, Chase e Finn. Becky ficou na nossa frente e Spike se postou ao lado de Finn.

— Como todos vocês sabem, exceto nossos mais novos membros, esperamos o retorno de nossa Mãe durante séculos. Chamamos essa fae de Mãe, mas creio que os humanos se referem a ela como Mãe Natureza.

Olhei com olhos esbugalhados para Chase, que ergueu uma sobrancelha em resposta. *Puxa vida, eu disse a ele! Ninguém nunca me dá ouvidos...*

— Temos relatos de que os Fae das Trevas têm um elemental consigo com afinidade com o Fogo. O que faz sentido, visto que temos certeza de que nossa Jayne tem afinidade com a Terra e com a Água. — Dardennes olhou para o velho antes de prosseguir. — É quase certo presumir que esse elemental dos Fae das Trevas tenha uma afinidade com o Ar também.

O público murmurava outra vez, e a maior parte das cabeças na sala se mexia, animada, para cima e para baixo. Eu não fazia a mais remota ideia do que

Dardennes estava falando ou do significado daquilo.

Olhei com cara de interrogação para Dardennes, e ele assentiu para mim. Acho que ele estava começando a entender o que aquele olhar significava.

— Visando às nossas novas crianças trocadas que estão aqui, gostaria de alguns minutos para falar, em linhas gerais, de uma parte de nossa história dos fae. — Ele se voltou de modo a falar conosco especificamente. — Na mitologia humana e nas lendas, há duas figuras que são frequentemente mencionadas em relação à Terra e seus habitantes humanos e animais: a Mãe Natureza e o Pai Tempo. Como vocês já aprenderam, muitas lendas ou mitos dos humanos são versões de nossa realidade como fae. Elas têm algumas similaridades, mas também existem algumas diferenças.

Dardennes olhou para o público e prosseguiu.

— A fae que chamamos de Mãe sempre foi um elemental, e sempre esteve ligada ao elemento Terra. Todas as criaturas que habitam O Verde respondem a ela. Com a Mãe, nós encontramos vida, nossa conexão uns com os outros e com nosso planeta; e, essencialmente, amor.

Ele deu uns passos para frente e para trás, alternando o olhar entre o chão e o teto, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— O Pai Tempo, como os humanos o chamam, também é invariavelmente um elemental no mundo dos fae. A divergência no conceito dos fae sobre ele como figura histórica começa com a parte do Tempo. No mundo dos fae, o Pai, Tempo ou simplesmente “Pai”, como nós o chamamos, não tem nenhum poder e nem nenhuma afinidade com o tempo. O Tempo não é um elemento. Contudo, o Pai é a força oposta à Mãe, visto que ele tem afinidade com os elementos com os quais a Mãe não tem. E, ao passo que a Mãe nos mostra as conexões e o amor, o Pai nos mostra a paixão e a força de que todos partilhamos como espécies que vivem neste planeta. Juntos, nossa Mãe e nosso Pai controlam ou estão conectados a todos os quatro elementos do mundo fae.

Eu estava começando a nutrir um sentimento bem desconfortável em relação a essa pessoa que seria o Pai, fosse ele quem fosse, com sua afinidade com o Ar e com o Fogo, especialmente a parte do fogo. Eu nunca havia sido fã de

incêndios nas florestas, porém, especialmente agora era menos ainda, visto que estava tão conectada com O Verde e com tudo e com todos dentro dela. E a ideia de eu ser essa pessoa... a Mãe? *Nem ferrando!* Isso era uma loucura, irreal demais para ser verdade. De jeito nenhum que eu poderia apenas marcar uma resposta em um teste e de repente me tornar uma deusa dos fae, ou sei lá o quê. Especialmente *eu*. Tenho quase certeza de que a verdadeira Mãe não falaria coisas como "ferrando" e outras piores, coisas que eu adoro falar o tempo todo.

— Tivemos um elemental em nosso meio séculos atrás; tenho certeza de que muitos de vocês se lembram bem dele. Nós o perdemos para seu elemento. — Dardennes abaixou a cabeça mostrando respeito pelos mortos, ou desintegrados. — Por muito tempo esperamos outro elemental. — Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, lentamente dando a volta na mesa principal para vir se postar junto a nós, as crianças trocadas. — E parece que agora nós a encontramos. A criança trocada Jayne *é* uma elemental; disso temos certeza. Se ela é a nossa Mãe, só o tempo vai dizer. Porém, uma coisa é certa: precisamos que nossa Mãe retorne se quisermos ter alguma esperança de manter o controle contra as Trevas.

Dardennes olhou com honestidade para mim, falando em voz alta para que todo o mundo pudesse ouvir:

— Jayne, sei que isso é perturbador para você neste exato momento. Você tem muitas perguntas para as quais ainda não tem respostas. Nós haveremos de trabalhar junto com você para ajudá-la a encontrar as informações que quer e que necessita. — Ele olhou para o público ali reunido. — Meu povo, os fae têm em sua natureza o costume de suspeitar e duvidar. Nós já fomos enganados pelas Trevas antes.

Muitas cabeças assentiam em volta da sala, mas ninguém disse nada.

— Assim como pedi a Jayne que trabalhasse conosco, agora peço a todos vocês, meus companheiros fae, que trabalhem com Jayne também em nossa jornada em busca das respostas que procuramos. Se Jayne é ou não nossa Mãe, bem, isso saberemos no futuro. Mas se Jayne é fae? Isso é uma verdade inquestionável. Jayne é uma de nós agora, um membro de nossa família dos Fae da Luz. E nós devemos dar as boas-vindas a ela e às outras crianças trocadas em nossa família e em nosso

meio, sejam eles elementais, elfos, anões, ninfas, ogros, *daemons*, espectros, gnomos, *pixies*, íncubos, súcubos... — ele riu — ... Bem, vocês sabem. Temos que trabalhar todos juntos para ajudá-los a encontrar seu lugar em nossa casa.

Um único "Apoiado! Apoiado!" ressoou pela sala, vindo do grupo dos duendes verdes à direita.

Outros gritos de animação vieram do lado oposto da sala, de um grupo vestindo túnicas vermelhas.

E então, todos eles se juntaram aos gritinhos de animação, criando uma cacofonia atroadora de vozes, fazendo vibrar as paredes da sala.

Senti uma gigantesca onda de alívio. Não seria julgada por nenhum crime contra os fae. Voltei-me para olhar para meus amigos à minha esquerda e direita; todos estavam sorrindo para mim também. Chase soltou minha mão e colocou o braço em meus ombros. Finn pegou minha outra mão, segurando-a com gentileza.

A única coisa que faltava nessa fantástica festa de amor era Tony. Senti algo apertando meu coração. Tinha que pensar em um jeito de tê-lo de volta comigo.

Capítulo 12

A REUNIÃO TERMINOU E TODOS VOLTAMOS PRATICAMENTE corren-do para meu quarto, fazendo o melhor que podíamos para evitar as multidões e os olhares fixos em nós. Bati a porta do quarto com força assim que entramos. Todo o mundo se sentou, em minha cama ou no chão em volta dela.

Fui até eles e dei um tapinha de leve em Becky com o dorso da mão.

— Vá para lá, Beckster.

Ela se moveu rapidamente e abriu espaço para que eu me sentasse perto da cabeceira da cama.

— Então... — disse Becky —, aquilo foi divertido. — Ela abriu um sorriso para mim. — Manhêêêêê...

Dei-lhe um empurrão.

— Nem comece com essa droga comigo, Becky, ou vou...

Ela desapareceu e reapareceu no canto da sala.

— Você vai ter que me pegar primeiro.

Ela pôs a língua para fora e desapareceu de novo, reaparecendo a meus pés.

Chutei-a com rapidez.

— Peguei você!

Ela franziu a testa de brincadeira enquanto esfregava o lábio.

— Malvada. Ei, sabe de uma coisa? Minha *mãe* costumava me chutar assim...

Desferi-lhe meu olhar ameaçador.

— Eu *não* estou de brincadeira, Becky.

Ela ergueu as mãos.

— Ok, ok, relaxe. Só estou brincando.

Nem minha ameaça conseguiu tirar por completo o sorriso boboca do rosto dela.

Spike se pronunciou.

— Algum de vocês notou que havia alguém faltando lá hoje?

Todos olhamos uns para os outros balançando a cabeça em negativa.

— Jared. Jared não estava lá. Não é meio esquisito que ele não estivesse em uma reunião tão importante como essa? — perguntou Spike.

— Ele voltou aos Estados Unidos — explicou Chase.

— Para fazer o quê? — eu quis saber.

— Está vendo uma coisa por lá.

Chase estava sendo evasivo.

— Vendo o quê, Chase?

— Não sei o que com exatidão. Alguma coisa na Flórida. Coisas dos Fae das Trevas.

— Onde, na Flórida?

Estava me perguntando se ele estaria em algum lugar perto de Tony.

— Sei não.

— Por que você não foi? — quis saber Finn.

— Meu trabalho é aqui com Jayne.

— Seu trabalho? Que trabalho? — perguntei.

— Basicamente, ser seu guarda-costas.

Assenti com a cabeça.

— Legal. Superlegal, para falar a verdade. O Homem de Ferro é meu guarda-costas pessoal.

Sorri pensando em quão incrível era isso. Ignorei os pensamentos incômodos sobre os motivos pelos quais as pessoas geralmente precisam de guarda-costas.

Olhei para Becky.

— Você tem um guarda-costas?

Ela deu de ombros.

— Não preciso de um. Ninguém quer mexer com uma ninfa da água. Além do mais, é difícil alguém nos pegar.

Ela lançou um olhar desafiador para Spike.

Ele mordeu a isca.

— Eu poderia pegar você, se quisesse.

— Não, não pode.

Ele começou a se levantar.

— Sim, eu pooooosso.

— Nem.

Spike se moveu tão rápido, que eu não esperava. Em um segundo estava no chão, e no segundo seguinte estava na frente de Becky, com os braços em volta do corpo dela, prendendo seus braços na lateral do corpo.

— Peguei! — Seus olhos brilhavam, vermelhos.

— Nada! — gritou ela com deleite, logo antes de desaparecer, deixando-o ali, parado, abraçando o ar vazio como um completo idiota.

— Que di-...?

Spike baixou o olhar para o círculo que fazia com os braços, confuso.

Seguiu-se uma batida na porta e Spike foi atender, ainda confuso. Abriu a porta e se deparou com Becky parada ali fora.

— Eu disse.

Ela voltou a entrar em meu quarto e se sentou na beira da cama.

A expressão na cara de Spike foi inestimável. Todo o mundo, menos Chase, morria de rir. Até Spike acabou se juntando a todos, e a luz de seus olhos foi desvanecendo até assumir um tom embotado de âmbar. Chase só balançava a cabeça. Devia ser o lance de *daemon* nele que o impedia de perder o controle, como nós parecíamos estar perdendo no momento.

Finn conseguiu retomar o assunto enquanto o restante de nós tentava recuperar o fôlego.

— Então, que lance era aquele que você estava falando conosco antes do início da reunião? Alguma coisa sobre ser eliminado?

Inspirei fundo para me acalmar.

— É, é isso. Eu disse a vocês tudo que eu ouvi. Mas, hoje, reconheci a voz de um deles, e ele estava na reunião.

— Quem era? — quis saber Chase, de repente todo interessado.

— Não sei quem ele é. Acho que estava vestindo uma túnica cinza-claro.

— Elfo — disse Becky.

— A túnica não era da mesma cor da de Céline.

— Eu sei. Os elfos cinza se vestem que cinza-claro.

— Por que um elfo cinza ia querer eliminar um de nós? Somos praticamente inofensivos.

— Eu não diria que você é inofensiva, Jayne — disse Finn. — Você transformou um grupo inteiro de fae guerreiros em um bando de bebês chorões; eu inclusive, lamento dizer.

— É, mas isso é muito diferente de ser uma ameaça de verdade. Claro que posso fazer alguém chorar. Não vejo como isso pode ser muito ameaçador. Eu conseguia fazer isso com outras crianças desde o jardim de infância.

Becky expressou sua desaprovação para mim:

— Jayne, você fazia outras crianças chorarem quando era pequena? Você fazia *bullying*?

— Que diabos, claro que não. Mas, se eu estivesse no *playground* com minha minicozinha e alguma vadiazinha mandona entrasse lá achando que ia pegar minha minúscula frigideira de plástico, então é claro que eu ia trocar umas palavrinhas com ela, o que poderia envolver choro da parte dela. Mas nunca fiz nada sem ser provocada.

Becky deu risada.

— Ah, isso é bem diferente. Eu odiava aquelas crianças que iam entrando e levavam embora as frigideiras.

— Pois é, né? — balancei a cabeça. *Droga de valentões de cinco anos de idade!*

— Hmm, será que podemos voltar ao assunto de guerra e sobrevivência, por favor? — perguntou Spike.

Chase se levantou.

— Sugiro que continuemos de olho nesse elfo cinza. Jayne, quando você o vir de novo, aponte-o para nós. Acho que devemos fazer o que pudermos para chegar perto dele, ver quem são seus amigos, esse tipo de coisa. Se houver algum esquema contra Jayne ou contra qualquer um de nós, precisamos descobrir o que é antes de ir correndo falar com Dardennes.

— É — concordou Finn —, não quero ir lá com as informações pela metade, sendo que somos novos aqui, e tal.

Olhei ao meu redor e vi todos assentindo em concordância.

— Ok, então esse é o plano. Reconhecimento. Eu gosto disso. — Sorri para meus amigos. — Vou voltar à sala de computadores. Alguém quer ir comigo?

— Eu vou — disse Chase.

Os outros optaram por voltar a seus quartos e esperar o jantar.

Eu e Chase fomos à sala dos computadores, onde verifiquei minha conta de *e-mail*. Nada de Tony ainda.

— Vou tirar um cochilo antes do jantar — falei.

Chase deu de ombros.

Nós nos separamos do lado de fora da porta de meu quarto.

— Ei, Chase?

Ele parou na entrada de seu quarto.

— Sim?

— Obrigada por ser meu guarda-costas.

— Eu sou seu *daemon*. Mas, de nada.

Sorri. Ele me deu aquele largo sorriso relutante que era típico dele, e que era bom o bastante para mim. Entrei em meu quarto e me deitei na cama, caindo imediatamente em um sono sem sonhos.



Parecia que apenas alguns minutos depois eu estava de volta no salão de jantar, jantando, tentando não notar que todos os fae estavam me encarando. A maior parte deles voltava para mim olhares fixos e amigáveis, mas não todos. O elfo cinza de que estávamos falando em meu quarto não apareceu. Para falar a verdade, não havia nenhum elfo cinza ali por perto. Nenhum mesmo.

Terminei de comer e me levantei.

— Vou checar meus *e-mails* mais uma vez. Alguém quer vir comigo?

— Eu vou — disse Spike de um jeito casual.

Chase soltou um alto suspiro.

— Não vai, não.

Spike olhou para ele, perturbado.

— E seria da sua conta se eu fosse ou não?

— Eu sei de suas intenções, Spike, o que faz que seja da minha conta.

— Do que você está falando? — Spike era a imagem da inocência.

Chase olhou para mim.

— Ele não está indo por causa dos computadores; está indo por você.

Ergui uma sobrancelha para Spike.

— Você está com más intenções, menino *sexy?*

Ele sorriu e encolheu levemente os ombros.

— Pelo que sei, minhas intenções são todas boas.

— Bem, eu não me importo se você vier. Sou capaz de me comportar, e se um não quer, dois não brigam.

Levantei-me para ir, e Chase e Spike se mexeram para me acompanhar.

Finn e Becky decidiram não se juntar a nós.

— A gente se vê amanhã no café da manhã — disse Becky.

Dei um abraço em Becky e um soco de leve no ombro de Finn, que ainda estava sentado em sua cadeira com o punho cerrado.

— Até mais, animais.

Eu, Spike e Chase fomos até a sala de computadores. Fiz o *login* e vi um *e-mail* de Tony me esperando. Fiquei animadíssima!

> *"Ei, Jayne, quais são as novidades? A escola está ok. É um saco sem você, mas entendo que você tinha que cair fora por um tempinho. Fico preocupado com você, então, continue em contato comigo, ok? Quando é que você vai voltar? Temos um cara novo aqui, o Ben. Ele mora logo ali, descendo a rua. Fomos andando juntos para casa hoje. Ele me parece bem legal. Fazemos todas as aulas juntos, menos uma. Para falar a verdade, não sei bem por que ele está falando comigo. As garotas populares estavam todas em cima dele, e hoje foi só o primeiro dia dele na escola. Brad Powers perguntou-lhe se queria uma carona, mas ele foi andando comigo em vez de aceitar a oferta. Acho que os dias de Ben como garoto popular em potencial estão contados se ele continuar fazendo isso. Ha ha ha. Bem, tenho que ir. Ben vem fazer os deveres de casa comigo. Acho que ele*

é muito bom em ciências e matemática. A gente se vê em breve, assim espero. Tony."

Eu estava feliz por ter notícias dele, mas fiquei um pouco triste por ter aceitado minha ausência com tanta facilidade. E ele já tinha um amigo substituto. Eu nunca havia tido motivos para ser possessiva em relação a Tony antes, visto que eu era a única que realmente queria ser amiga dele. Essa era a primeira vez que eu sentia que tinha concorrentes. *Cara, preciso cuidar da minha vida.*

— Recebeu notícias de Tony? — perguntou Spike, puxando sua cadeira mais para perto da minha.

— Sim.

— Como ele está?

— Bem. Já tem um novo amigo.

Spike esfregou minhas costas.

— Isso é um saco.

— Não, está tudo bem. Nós somos melhores amigos. Nada vai mudar isso.

Spike começou a esfregar minhas costas mais devagar. Ele usava cada vez mais os dedos para pressionar pequenos pontos ao longo dos meus músculos e me fazia sentir calafrios subindo por minha coluna.

— Ahhhhmmmm, que sensação boa! — falei fechando os olhos, sorrindo.

— Spiiiike — disse Chase em tom de aviso.

Spike afastou a mão de mim e atacou Chase.

— *Caramba,* cara, dá um tempo! Ela é solteira e está disponível. Não estou infringindo nenhuma regra aqui!

O tom de voz dele me surpreendeu. Voltei-me e vi Spike em pé, com as pernas afastadas uma da outra e os punhos cerrados, em posição de briga. Ele se voltou e olhou para mim.

— Diga a ele, Jayne. Diga a ele que você não se importa.

O brilho vermelho em seus olhos era completamente hipnotizante. O vermelho girava ao redor nos olhos dele, com um pouco de escuridão mesclada, como se fosse uma fumaça preta se contorcendo e girando, ardendo em lenta combustão, borbulhando, fazendo que eu ardesse de dentro para fora.

— Eu não me importo, Chase. Pode nos deixar sozinhos agora.

Eu não fazia a mínima ideia do que estava dizendo, só queria ficar sozinha com Spike para poder sentir seu corpo todo sobre o meu e me afogar naquele seu sorriso.

O transe foi interrompido quando Chase agarrou Spike por trás e o jogou porta afora. Pude ouvir o barulho de alguém se debatendo e grunhindo do lado de fora da porta.

— Idiotas — falei para o ar, saindo de meu transe *sexy*.

— Concordo plenamente — disse Becky aparecendo de repente na cadeira ao meu lado.

— Caramba, Becky, você tem que parar de fazer isso!

— Ah, é, desculpe. Recebeu um *e-mail* do Tony?

Olhei para ela balançando a cabeça. *Droga de ninfas da água e seu maldito teletransporte.*

— Sim, e se você não se importa, gostaria de escrever de volta para ele agora.

— Com certeza, sem problemas. Diga a ele que mandei um "oi".

Ela se voltou para fazer o *login* no computador ao lado do meu.

Abri uma nova mensagem e digitei:

> *"Tony, oi! Obrigada por seu* e-mail. *Estava começando a achar que você havia se esquecido de mim. Devo estar de volta à casa dentro de poucas semanas. Não sei exatamente quando. Então, fale sobre o Ben. Ah, Becky está mandando um oi. Escrevo mais para você depois. Sinto sua falta. Com amor, Jayne."*

Fiquei lá sentada por um minuto, entediada com meu *e-mail*. Eu não podia dizer muita coisa a ele. Não podia falar nada sobre ser fae, o que era praticamente toda minha existência agora. E não podia dizer a ele o que estava fazendo. Tenho quase certeza de que *"Fiz que trinta duendes verdes entrassem em um coma temporário"* não faria muito sentido para ele agora, considerando que ele tivera todo o conhecimento dos fae apagado de sua memória. Ele acharia que eu estava bancando a doida para cima dele.

Bem, talvez minha pergunta sobre Ben fizesse surgir uma conversa mais significativa.

— Vou embora daqui — disse a Becky desligando o computador e me levantando.

O corredor estava finalmente silencioso.

— Você vem?

— Sim, deixe-me desconectar aqui.

Ela clicou com o *mouse* algumas vezes e se juntou a mim. Voltamos caminhando até meu quarto. Não havia nenhum sinal de Chase nem de Spike em lugar nenhum.

— A gente se vê depois — disse ela dando-me um rápido abraço.

— A gente se vê — falei entrando em meu quarto.

Fui até minha cômoda e peguei as coisas para tomar meu banho.

Trinta minutos depois, eu estava limpa e aninhada debaixo de minhas cobertas, vestindo uma túnica limpa como pijama. Caí no sono me perguntando o que aconteceria no dia seguinte. Se eu tivesse sorte, o dia não incluiria nenhum teste de minhas habilidades saindo pela culatra e nem assembleias com todos os fae reunidos para determinar meu destino.

Capítulo 13

EU ME LEVANTEI BEM MAIS CEDO QUE o necessário e fui correndo até a sala dos computadores para checar meus *e-mails*. Havia um de Tony esperando por mim; cliquei e o abri.

> *"Olá, Jayne. Ben acabou de sair. Ele é bem legal mesmo, acho que você ia gostar dele. Ele me lembra você. Vamos até a casa dele amanhã depois da escola. Ele quer me mostrar algumas coisas. Acha que eu devia usar lentes de contato? E quem é Becky? A gente se fala depois. Tony"*

Isso era estranho. Se eu achava que ele devia usar lentes de contato? De onde surgiu essa pergunta? E ele não se lembrava de Becky. Deviam ter apagado mais do que disseram que apagariam. Respondi bem rápido, antes de ir tomar café da manhã.

> *"Olá, Panetone. Lentes de contato são legais, mas gosto dos seus óculos também. Faça o que achar melhor. Foi Ben quem disse para você colocar lentes de contato? O que ele vai lhe mostrar? Mande outro* e-mail *com detalhes, por favor. Você sabe, sou uma garota, e garotas precisam de detalhes. A propósito, Becky é uma nova amiga minha. Você vai gostar dela. Com amor, Jayne."*

Desconectei, sentindo-me esquisita. Quem diabos era esse cara, esse tal de Ben, que estava dizendo que meu Tony devia usar lentes de contato? Eu sabia que isso era ideia dele. Ninguém mais falava com Tony, exceto eu e seus amigos *nerds*, que também usavam óculos. Nenhum deles teria sugerido uma coisa dessas.

Fui tomar meu café da manhã. Becky notou que eu estava mais calada que de costume e fez um comentário a respeito, mas eu a cortei. Não queria falar disso. Tony não havia feito nada de errado, mas seus *e-mails* ainda me deixavam preocupada.

Depois do café da manhã, Chase foi comigo até meu treinamento com Céline. Pratiquei conectá-la ao Verde e lidar com a força de seu poder. Quando começava a ficar excessivo, ela me fazia um sinal, de modo que eu pudesse começar a reconhecer sua energia no meio de toda essa mistura e fosse capaz de sentir quando ela estivesse quase sobrecarregada. Era esquisito; eu agora podia

sentir Céline individualmente dentro d'O Verde. Nunca havia conseguido fazer isso antes.

Fizemos uma pausa para o almoço. Eu me sentia bem melhor que antes. Era legal ter Chase por perto como uma espécie de companhia. Ele não falava muito, mas fazia que eu me sentisse segura, o que, depois dos últimos dias, significava muito. Uma parte de mim odiava ser essa garota fraca que ansiava pela proteção de Chase, porém, a realidade de minha situação e o que eu já havia confrontado, com resultados mistos, faziam que eu quisesse aquela muleta. Pelo menos por ora.

Fui até a sala dos computadores, deixando que Chase voltasse pela terceira vez ao bufê. Efetuei o *login* e vi uma mensagem de Tony me esperando; cliquei nela e a abri.

> *"Jayne, oi. Eu de novo. Vou dormir daqui a pouco. Ben deu uma passada aqui. Ele me trouxe algumas coisas que não queria mais. Imaginou que talvez eu quisesse. Você não ia acreditar em tudo que ele trouxe! Na maior parte, são roupas. Alguns sapatos. Tudo novinho em folha. Ele disse que a mãe é viciada em compras e lhe compra coisas demais. Não são de meu estilo costumeiro, mas acho que você iria gostar. Tenho hora marcada no oftalmologista amanhã. Ben vai comigo. A gente se fala depois, Tony."*

— Que diabos?! — gritei para a sala.

Quem diabos era esse tal de Ben, afinal? E essa baboseira sobre as roupas... não consigo acreditar que Tony realmente engoliu essa. Tenho que admitir que Tony tinha o pior guarda-roupa do mundo, mas isso não quer dizer que esse tal de Ben tinha algum direito de sair por aí mudando as roupas de Tony. Ele acabou de conhecê-lo, cacete!

Chase abriu a porta e entrou apressado, olhando a nosso redor.

— Que foi, Chase?

— Você está bem?

— Sim. Só um pouco irritada.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Completamente sozinha?

Revirei os olhos.

— Cale a boca, Chase. Venha, vamos.

Fiz *log off* de minha conta de *e-mail* e me levantei.

Ele deu de ombros, mas saiu para o corredor, esperando por mim. Partimos para nosso treino da tarde, dessa vez com Naida e as ninfas da água.

Depois de três horas, finalmente descobri como entrar e sair da água sem ficar ensopada. Foi necessária muitíssima concentração. Fiquei enfurecida porque eles faziam que parecesse tão fácil, quando, na verdade, não era nem um pouco. Esperava não ter um aneurisma tentando sacar essa parada. Já estava com uma bela dor de cabeça.

— Chase, estou acabada. Pode me levar de volta ao meu quarto? Acho que preciso de um cochilo.

Ele me pegou pelo cotovelo e me conduziu para longe do lago, até a porta que nos levaria de volta ao complexo. Comecei a passar pela porta, mas tropecei, caindo para o lado de dentro. Enquanto ia caindo, ouvi um som estranho, que parecia um assobio.

Chase havia se inclinado em minha direção quando caí, sentindo minha perda de equilíbrio, pretendendo me ajudar a me equilibrar. Ele permaneceu naquela posição mesmo depois que me levantei.

Segurei seu ombro e dei-lhe um puxãozinho.

— Eu estou bem, pode se levantar agora.

Ele caiu com tudo no chão.

— Vamos lá, Chase... pare de zoeira. Vamos. Estou cansada para cacete, ok?

Ele não se mexeu.

— Chase?

Eu o cutuquei com o dedo do pé, mas não houve resposta. Curvei-me para ver seu rosto.

Comecei a choramingar imediatamente.

— Não! *Nãonãonãonãonão!* Isso não está acontecendo! Chase? Chase!! Acorde! *Levante!*

Dei um tapa bem forte em seu rosto, mas ele não se mexia.

Passei a mão por suas costas para ver se conseguia ajudá-lo a se levantar, e senti algo saindo dali. A haste de uma flecha. A pequena haste de uma flecha, cerca

de um terço do tamanho da flecha do próprio Finn.

Voltei a olhar para o rosto de Chase, congelado em uma expressão que eu havia visto uma centena de vezes. Paciente, solícito, ficou inclinado para me pegar e levou nas costas uma flechada que era destinada a mim. E, por algum motivo, seu rosto estava congelado como uma estátua de pedra; mas ainda estava respirando.

Eu precisava de ajuda, e rápido. *O que fazer... o que fazer?* Então, fui tomada pela inspiração.

— Spike! — gritei. — Preciso de você! *De verdade*, preciso mesmo de você agorinha!

Tentei nutrir pensamentos *sexy*. Concentrei-me bastante nas imagens do corpo de Spike sem camisa... suas tatuagens cobrindo-o da barriga ao pescoço... seu sorriso reluzente, de dentes brancos e pontudos... seus cabelos pretos espetados que pareciam nunca ter visto um pente, mas que, de alguma forma, ficavam perfeitos nele.

— Venha, venha, venha — eu entoava como um cântico, de olhos fechados. — *Sexy* Spike, *sexy* Spike, Spike é *sexy*, *sexy*, *sexyyyy*.

— Hummmm, gosto disso — disse Spike que, de repente, estava parado bem ao meu lado, e o som de sua voz acariciava meu pescoço, junto com seu hálito.

Empurrei-o com força.

— Agora não, Spike. Por favor, ajude-me com Chase.

Spike fez biquinho.

— Ei! O que aconteceu com o "*Sexy* Spike"? Estou bem aqui, Jayne. Você me chamou, eu vim. Vamos brincar.

— Não estou brincando, Spike, Chase está ferido!

— Ah, caramba! Desculpe, não havia notado.

— Veja, ele está com uma maldita flecha nas costas.

— Uau, que droga! — Spike piscou algumas vezes, chacoalhando-se mentalmente, e depois ficou sério. — Vamos, vamos levá-lo para dentro. — Olhou ao redor. — Quem quer que tenha feito isso, talvez ainda esteja aqui fora.

— É, obrigada. Ele é um pouco grandinho para eu carregá-lo sozinha.

Spike grunhia enquanto levava o corpo gigantesco de Chase pela entrada.

— Então... você não me chamou... para brincar... não?

— Não, sinto muito; não dessa vez.

Spike colocou Chase porta adentro, fechando-a atrás de nós.

— Está tudo bem, temos bastante tempo. Sabia que os íncubos vivem uma média de 2 mil anos?

— Você me conta isso depois. Vamos levar Chase ao médico primeiro.

Juntos, conseguimos levá-lo até a metade do corredor, até que nos deparamos com dois elfos. Com os quatro trabalhando juntos, conseguimos levar Chase até o curandeiro fae, que declarou que ele havia sido vítima de uma flecha enfeitiçada. Nenhum órgão estava danificado, mas tinham que encontrar uma bruxa que conseguisse descobrir como reverter o feitiço. Até então, ele seria um residente da terra do lá-lá-lá.

Eu e Spike fomos caminhando devagar de volta ao meu quarto, conversando o tempo todo.

— Então, você estava me dizendo que os íncubos vivem muito tempo... — disse eu tentando tirar da mente Chase e o medo de que alguém estivesse tentando me assassinar.

— É. Muito, tipo, 2 mil anos.

— Sério? Uau! Fico imaginando quanto tempo vive um elemental.

— Mais. A não ser que fiquem doidos, como aconteceu com o último.

— Doidos? Ah, é, Céline mencionou alguma coisa. Será que isso é... comum?

— Ouvi dizer que sim. Com os elementais, enfim.

Olhei de relance para ele; parecia envergonhado.

— O que você ouviu exatamente?

— Ah, nada. Só fofocas de íncubo. Valentine é um grande fofoqueiro, já lhe contei? É, ele está sempre fofocando sobre alguém. Hoje, estava falando sobre os *daemons*. Você sabia que...

— Pode cortar as baboseiras, Spike. O que ele disse?

— Não, sério. Sabia que Jared tem 500 anos? E ele namorou uma bruxa nos últimos 200 anos. Mas acho que ela está morta agora.

— É, eu a matei. Volte para a outra história, por favor.

— Você a matou? Ah, cara, espere até eu contar isso ao Valentine. Ele vai morrer.

— Sério, Spike, você me assusta às vezes. E não de um jeito de dar medo… mas de um jeito tipo "você é tão *gay!*".

— A maioria dos íncubos não é *gay*, pelo que sei; é só Valentine. Mas, tenho que dizer que ser um íncubo realmente abre os olhos da gente para o *sex appeal* que está presente tanto nos homens quanto nas mulheres, e em todas as raças, aliás.

Finalmente chegamos ao meu quarto.

— Tudo bem, Spike. Isso é informação demais para mim neste exato momento… estou visualizando você com um gnomo, e a imagem não é nada bonita. Estou preocupada com Chase, mas não pense que você se safou dessa conversa. Vamos discutir o assunto que você está evitando… em breve.

— Certo, Jayne, como quiser — disse ele piscando para mim.

Eu podia ver que ele estava distorcendo minhas palavras e transformando-as em alguma espécie de convite proibido para menores, mas não conseguia pensar naquilo nesse momento. Chase havia me deixado preocupada, e os médicos não pareciam nem um pouco confiantes em como dar um jeito de ele voltar ao normal.

Enxotei Spike do meu quarto e entrei, fechando a porta. Spike andava persistente esses dias. Fiquei surpresa por eu não estar embarcando em suas ofertas óbvias, mas acho que estava só estressada demais com tudo que estava acontecendo. Talvez eu fosse capaz de me concentrar em me entregar a um prazer irrestrito em uma intensa sessão de pegação com o íncubo mais *sexy* do mundo depois que resolvessem o lance com Chase. *Assim espero.*

Fui até minha cômoda e pus a mão atrás dela, puxando o Blackie. Senti que havia algo debaixo dele dessa vez que eu não havia notado antes. Peguei-o para olhar melhor. Tratava-se de uma bainha de couro com um cinto preso a ela, que era grande demais para meu braço, mas que se encaixava perfeitamente em minha cintura por cima da calça, pendendo à altura de minha coxa. Coloquei o cinto e deslizei meu graveto preto para dentro do coldre. Olhei para mim no espelho em

cima da cômoda, inclinando-o para baixo de modo a poder ver a parte inferior de meu corpo. *Caramba, meu!* Eu estava simplesmente *incrível* com uma arma junto ao meu corpo delicioso! Pratiquei uns pulos e fiz algumas poses de ataque, sacando meu graveto da bainha e brandindo-o contra meus inimigos imaginários.

Obviamente, eu ia precisar trabalhar um pouco esse lance das posições de ataque. Eu me perguntava se eles já teriam ensinado a Chase algum movimento de combate. Talvez ele pudesse me mostrar alguns quando ele ficasse melhor.

Fiquei cansada de fingir que estava fazendo alguma coisa em meu quarto, e tinha que fazer hora até o jantar; então voltei à sala dos computadores. Fiz o *login* e vi mais uma mensagem de Tony.

"Jayne, oi. Eu não tenho muito tempo para escrever. Estou no laboratório de computação da escola. Ben estará de volta em um segundo. Todas as vezes em que tento escrever para você, ele vem com alguma ideia doida de alguma coisa para a gente fazer. De qualquer forma, estou me divertindo com ele, relaxando. Vou ficar com ele depois das aulas. Ele é incrível em jogos de computador. Vou sair do clube de computação e de xadrez. Estou cansado de andar com aqueles perdedores. De qualquer forma, Ben voltou. Tenho que ir. Tony."

Fiquei lá sentada na sala de computadores sentindo-me pior que antes. *Perdedores? Tony nunca chamava ninguém de "perdedor"*. E aqueles caras eram seus amigos! Isso não era coisa boa. Nem um pouco.

Meu amigo e guarda-costas *daemon* estava enfeitiçado porque se pôs no caminho de alguém que estava tentando me matar, e meu melhor amigo, Tony, estava sendo vítima de algum *babaca* mandão que eu tenho certeza de que o estava influenciando para que mudasse seu visual, suas atitudes e seu grupo de amigos. Minha paranoia começou a me sobrepujar quando li nas entrelinhas da mensagem de Tony que Ben também estava tentando evitar que escrevesse para mim. Isso era simplesmente idiota. Eu era inteligente o bastante para reconhecer o ciúme em mim mesma quando o via.

Soltei um suspiro.

Está na hora de crescer e ser uma boa amiga. Cliquei para abrir uma nova mensagem.

“Meu queridíssimo Tony. Por acaso eu lhe disse quanto sinto sua falta? Estou desapontada por você sair dos clubes de computação e de xadrez. Você gostava daqueles caras, mesmo que fossem um pouco socialmente ineptos. Divirta-se com seu novo amigo, mas não se esqueça de sua amiga antiga. Eu! A gente se vê em breve. Com amor, sua melhor amiga de todos os tempos, Jayne.”

Pronto. Isso devia funcionar. Um pouco de manipulação subliminar de melhor amiga.

Agora estava na hora de ir conversar com Dardennes sobre o aparente esquema de alguém para me derrubar. Saí da sala de computadores e encontrei o escritório dele com bastante facilidade. Bati à porta, mas ninguém respondeu. Experimentei empurrar a porta e ela se abriu; então, dei uma espiada nos arredores com a porta aberta.

— Oi? Tem alguém aí?

Ninguém respondeu; o lugar parecia vazio.

Entrei e fui andando até a escrivaninha, passando os olhos pela sala. O lugar parecia um museu. Todas as estantes não continham apenas livros, mas também engenhocas e bugigangas, muitas das quais eu não conseguia identificar. Fui até a escrivaninha e parei na frente, olhando para sua superfície. Em meio aos itens havia algo que eu não havia visto durante visitas anteriores ao escritório de Dardennes. Tratava-se de um jarro virado de cabeça para baixo. E havia algo dentro dele. E se mexia.

Eu me curvei, olhando com mais atenção.

— Que diabos?! — sussurrei, chocada.

Havia uma pessoa minúscula ali dentro. Uma minúscula pessoinha com umas asinhas bem miudinhas.

— Caramba! Asas! Você tem asas!

Eu podia ver a boca da pessoa minúscula se mexendo, mas o jarro bloqueava o som.

— Não consigo ouvir o que você está dizendo.

A pessoinha revirou os olhinhos minúsculos para mim, fazendo movimentos com as mãos para que eu erguesse o jarro.

Acho que ela queria que eu erguesse o jarro. Coloquei as mãos em cima do

vidro, perguntando-me o que aconteceria se eu fizesse isso. Será que a criaturinha alada simplesmente ficaria ali? Ou sairia voando e iria embora? E, o mais importante de tudo, será que eu me meteria em encrenca por causa isso?

— Ei! O que você está fazendo aqui?! — gritou uma voz na entrada.

Imediatamente, puxei a mão para trás e me endireitei, girando para ficar de frente para o dono da voz.

Reconheci de imediato o fae vestindo a túnica cinza como sendo aquele que eu havia ouvido por acaso discutindo minha eliminação do lado de fora do banheiro.

— Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa — falei com a voz cheia de uma pretensa valentia.

Tinha que manter aquele elfo distraído até que conseguisse convocar a presença de Spike ou gritar chamando outra pessoa. Talvez esse fosse também o cara que havia acertado Chase com uma flecha.

— Não, você não pode, não. Eu tenho permissão para estar aqui. Você não! Vou reportar isso agora mesmo.

— Vá em frente. Por que não aproveita e reporta sobre você também?

— Isso é ridículo. Eu não vou me reportar sobre mim.

— Bem, você deveria. Não vai querer que os outros fae achem que você é um hipócrita, vai?

— Hipócrita? O quê? Isso não faz sentido algum! Fique aqui. Outros estarão aqui em um instante.

— Você não vai me dedurar?

— Já fiz isso.

— Como? Pelo celular?

— O que é um celular?

— Um telefone móvel, dã.

— Elfos não precisam de telefones — disse ele com um tom arrogante.

Desferi meu olhar que dizia “ah, cara, como você é especial, hein?!”. Ele me olhou feio em resposta. Ficamos ali, parados, encarando um ao outro, em um impasse tenso.

Logo a porta se abriu mais e Ivar passou por ela, seguido de dois outros elfos que vestiam túnicas cinza.

— Ela está aqui. A intrusa.

— Ivar, não sou uma intrusa. Eu estava procurando Dardennes.

— Ela ia soltar o *pixie* — disse o elfo.

— Não faço a mínima ideia do que você está falando.

— O *pixie* em cima da escrivaninha. Debaixo da campânula de vidro. Você ia soltá-lo, eu vi.

— Ooooh, o *pixie*. Eu não ia soltá-lo. Só queria ouvir o que ele estava dizendo.

Ele olhou para os outros com uma expressão de "eu disse" no rosto.

— Obviamente, ela é tão burra quanto parece.

Isso bastou. Foi a gota d'água para mim.

— Escute aqui, seu esquisito traidor de uma figa, ninguém me chama de burra e se safa numa boa.

Abordei-o com um jeito ameaçador.

Ele permaneceu firme, mas vi um leve estremecer no canto de sua boca. Ele não era tão durão quanto fingia ser. Ou talvez houvesse subestimado minha vadia interior. Mas o erro era dele, não meu.

Puxei o Blackie da bainha em minha perna, erguendo-o com o punho cerrado, cruzado no peito. Eu havia treinado esse movimento em meu quarto mais cedo. Um corte para baixo e para a esquerda e ele teria um grande talho em algum lugar do torso. Eu não tinha como saber onde exatamente seria feito o corte, visto que não tive um corpo de verdade para praticar, mas isso não vinha ao caso. Já podia ver que minha ameaça estava surtindo o efeito desejado.

Ele deu um passo para trás; seu queixo tremia.

— O-o-o-o-o Aguilhão! O-o... Blackthorn. Não!

Seu corpo ficou nebuloso em minha frente, cada vez menos nítido, começando a girar como Céline havia feito quando me mostrara como conseguia voar.

— Ah, não, não faça isso, seu pequeno elfo cinza de uma figa! — disse eu

com raiva, agarrando sua forma que desaparecia rapidamente.

Ele começou a se materializar de novo, e sua imagem ficou mais nítida.

— Solte-me, sua fera dos Fae das Trevas!

— Fae das Trevas? Quem você está chamando de Fae das Trevas? Não sou eu que estou tramando derrubar o governo aqui... e sim *você*, babaca.

Os outros dois elfos só ficaram ali parados, totalmente fascinados com o que se desenrolava à sua frente. Porém, aquilo parecia ter bastado a Ivar.

— Solte o elfo, Jayne. — Olhou para mim com uma expressão acusadora. — E você, elfo, não vai a lugar nenhum. Pode ficar por aqui.

— É — disse eu —, pode ficar aqui, *traidor.*

Ele voltou para sua forma sólida e olhou feio para mim de novo.

Dardennes entrou em seguida, parando abruptamente ao ver todos ali em seu escritório.

— Ivar, o que está acontecendo aqui?

— Não sei ao certo, senhor; os elfos cinza foram convocados a vir aqui por um membro de sua raça. Eu os acompanhei até aqui e cheguei a tempo de ver a criança trocada Jayne e este elfo cinza se altercando. Várias acusações foram trocadas desde que cheguei.

Dardennes se moveu e se postou atrás de sua escrivaninha, de frente para todos nós.

— Vou começar com o elfo cinza. Gregale, diga-me quais são as acusações que você tem a fazer.

Joguei as mãos para cima. É claro que a droga do elfo tinha que falar primeiro. *Maldito Dardennes*.

O elfo se empertigou por um segundo antes de começar.

— Eu entrei aqui e me deparei com ela se preparando para soltar o *pixie* da campânula de vidro.

— Jayne, o que você tem a dizer sobre isso?

— Por que você não pergunta a ele por que estava aqui, para início de conversa?

Olhei feio para o elfo, cujo rosto ficou um pouco lívido, o que me dizia

que ele ia fazer algo ruim.

— Eu gostaria de ouvir o que você tem a dizer primeiro.

— Eu preferiria não falar sobre isso na companhia desse elfo aí — disse apontando para meu acusador.

— Se você tem algo a dizer sobre ele, o elfo deveria ouvir. Por favor, prossiga.

Revirei os olhos. Esses fae eram umas coisinhas tão terrivelmente irritantes às vezes.

— Tudo bem. Eu vim até aqui para falar com você sobre duas coisas. A primeira, é que eu ouvi *esse* cara e um dos amigos dele, não sei quem, mas era uma garota, conversando no corredor uma noite dessas, quando eles não sabiam que eu estava escutando o que diziam sobre *me* eliminar e eliminar qualquer outro fae que se pusesse no caminho deles. Porque ele é um *traidor.* E a segunda é que eu vim até aqui para contar a você que alguém, droga, e eu me pergunto quem, tentou me acertar com uma flecha enfeitiçada hoje, mas acertou Chase em vez de mim, e ele ainda está na enfermaria esperando que algum xamã descubra como reverter o feitiço. Mas, quando cheguei aqui para lhe contar tudo isso, você não estava. E vi esse carinha minúsculo com asas debaixo do vidro que estava tentando me dizer alguma coisa, então, eu ia erguer o vidro um pouco para poder ouvi-lo. E, falando sério, ele é minúsculo, mas é uma pessoa, ou um fae, ou seja lá o que for, e deve ser uma violação de algum tipo de direitos manter alguém em um jarro em cima de uma escrivaninha desse jeito.

Ivar balançava a cabeça de um lado para o outro, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

Eu o vi e perdi o pouco de compostura que ainda me restava.

— Que foi, Ivar?! Qual é seu problema?

Eu já havia aguentado demais suas baboseiras críticas. Pelo que eu sabia, ele não passava de um escudeiro comum. E eu estava enfurecida. Tínhamos traidores andando pelos corredores, alguém tentando muito me matar, e pobres pessoas-borboletas presas em jarros. Esse lugar era um saco. Eu queria ir para casa.

Dardennes inclinou a cabeça e apertou a ponta do nariz com o polegar e o

indicador, apertando bem os olhos. Ficou assim por um bom tempo.

Eu já estava impaciente o bastante com o jeito que as coisas estavam.

— Ei, Dardennes. Você está aí? Porque eu tenho mais o que fazer.

Ele soltou os dedos do rosto e se empertigou, olhando para mim e para o elfo cinza.

— Deixe-me ver se consigo entender tudo isso. Em primeiro lugar, Gregale, diga-me o que você veio fazer em meu escritório hoje.

— Eu preferiria conversar sobre isso em particular, senhor.

— Como eu disse antes à criança trocada, você vai falar aqui e agora.

O elfo curvou a cabeça em reverência por um breve instante.

— Como desejar. Eu também vinha falar com o senhor.

— Sobre o que, Gregale?

— Sobre... as crianças trocadas.

— E o que é que têm as crianças trocadas?

— É que... senhor... diversos fae não concordam que essas crianças trocadas se encontrem em posição de nos representar em nosso atual estado, com o inevitável conflito no horizonte. Eu... quero dizer, nós... sentimos que uma corrente é tão forte quanto seu elo mais fraco. E cada uma dessas crianças trocadas é um elo fraco.

— Viu?! Eu disse! Ele disse que precisava nos eliminar!

— Ela está distorcendo minhas palavras — gritou o elfo com a voz esganiçada.

— A-ha! Você está admitindo que aquelas eram suas palavras!

Ah, meu pai ficaria tão orgulhoso de mim naquele momento. Era como se eu estivesse em um tribunal, interrogando uma cretina testemunha mentirosa depois de seu pronunciamento.

— Por favor, Jayne. Deixe-me ouvi-lo falar. Você terá sua oportunidade dentro de um instante. — Voltou-se para o elfo. — Por favor, Gregale, continue.

— Como lhe mostrou hoje, e muito claramente, ela é tempestuosa, propensa a atacar sem ser provocada, assim como desinformada e inculta quanto aos modos dos fae e a nós em geral, sendo um grande exemplo disso o fato de que

ela ia soltar aquele *pixie*. — Ele estremeceu com a ideia, e notei que Ivar também não parecia nem um pouco animado com essa possibilidade. — E, por último, mas não menos importante, ela é completamente incapaz de controlar seus poderes. Ela é perigosa, e não temos tempo para ensinar-lhe o que precisa saber.

— Então, o que você faria com ela e as outras crianças trocadas?

— Apagaria suas memórias e as mandaria de volta aos lugares de onde vieram.

— E se os Fae das Trevas clamassem por eles? Você se sentiria bem se essas crianças trocadas lutassem contra nós pelos Fae das Trevas?

— Bem, não, eu não disse isso.

— Bem, então talvez possa me dizer qual é a solução que busca.

Juntei-me à conversa.

— É óbvio que ele quer nos matar. Era isso que ele e seus amiguinhos elfos estavam planejando.

— Não seja ridícula, criança trocada, ninguém está planejando matar ninguém — disse o elfo.

Ele me tratava como se eu fosse cocô, como se *eu* fosse a doida ali.

Dardennes balançou a cabeça, cansado, e talvez com um toque de tristeza nos olhos.

— Infelizmente, Gregale, não podemos nos dar o luxo de escolher a dedo só os mais altamente treinados e bem qualificados fae para se juntar a nossos soldados. Aceitamos quem quer que consigamos que venha até nós de livre e espontânea vontade. É uma exigência absurda, com certeza, pedir a vocês que treinem essas crianças trocadas a tempo para as batalhas. Porém, não temos como pegar um atalho nesse caso. Temos que agir juntos, como um grupo unido. Tenho certeza de que você conhece o ditado que diz: “Unidos venceremos, separados fracassaremos”, não?

Gregale baixou a cabeça.

— Sim, Anton, estou bem familiarizado com esse ditado.

— Entende a posição precária em que poderia colocar nossa família não aceitando essas crianças trocadas e não fazendo tudo que puder para ajudá-las?

Gregale inspirou fundo.

— Estou começando a perceber, sim, Anton.

— Que bom. Então, sei que posso contar com você para levar a jovem Jayne amanhã ao treinamento. Visto que está tão preocupado com suas fraquezas, inabilidades e falta de *insight*, acho que é adequado que você corrija nossas falhas educacionais com a ajuda de seu pessoal.

Gregale ficou boquiaberto, sem palavras. Eu, todavia, não sofria desse problema.

— Nem ferrando que eu vou fazer alguma coisa com esse traidor idiota de uma figa. Provavelmente ele vai me esfaquear pelas costas na primeira oportunidade que tiver! Você deve estar maluco para sugerir isso!

— Garanto a você, Jayne, que todas as minhas faculdades mentais estão ótimas. Você vai sair com os elfos cinza amanhã para treinar. Eles são os mestres do Cinza. Você pode aprender muito com eles.

— Bem, isso não faz nenhum sentido. Não tenho nenhuma afinidade com a fumaça ou seja lá o que for. Isso é um lance de Fae das Trevas.

— Cale a boca, criança trocada! — gritou Gregale, obviamente ofendido.

— Pegue leve, Gregale. Como você já disse, ela só precisa ser educada. Suas declarações surgem da ignorância, e não do ódio ou da raiva.

— Fale por si mesmo, Dardennes — falei.

Eu já havia aguentado demais desses babacas.

— Estou vazando daqui.

Quase consegui chegar à porta antes que Ivar se postasse em minha frente, bloqueando meu caminho.

— Nem pense em colocar as mãos em mim, Ivar. Eu só preciso de mais uma desculpa para acertar você até deixá-lo inconsciente, e não vou precisar de muito.

Eu ainda estava com o graveto na mão, mas não sabia se ele o havia visto... mas isso não era problema meu.

Ele esticou a mão para segurar meu braço e eu girei o graveto, encostando nele com a ponta. Um brilho verde irrompeu do Blackie quando entrou em contato

com a pele de Ivar.

Ele deu um grito e segurou seu próprio braço, aninhando-o junto a seu peito, com uma expressão de choque e surpresa no rosto.

Nem olhei para as reações dos outros, só continuei andando, gritando por cima do ombro.

— Eu disse para não pôr a mão em mim, cacete!

Eu tremia de adrenalina e raiva. Fui descendo o corredor e imaginei a porta da enfermaria. Com sucesso, cheguei lá apenas alguns minutos depois, entrando no início de um corredor cheio de leitos. Vi Chase perto da extremidade oposta e desci correndo para ficar junto dele. Eu não sabia em quanta encrenca podia estar metida por ter atacado Ivar, de modo que achei que devia dizer um rápido adeus a Chase antes que eu fosse pega e chutada para fora do complexo. Afinal, ele havia levado uma flechada nas costas por mim.

Sentei-me na beira de sua cama.

— Ei, Chase — peguei e ergui sua mão fria e a segurei. — Meu Deus, você está com uma aparência horrível. Desculpe pelo lance da flecha. Sei que era para ter me atingido. Acho que isso significa que você é um tremendo de um guarda-costas, levando um tiro em sua primeira semana de serviço. Queria que você soubesse que eu acabei de confrontar aquele elfo traidor no escritório de Dardennes. Provavelmente ele não estava planejando nos matar, pelo menos agora não acho que nos matar estava em seus planos. Porém, ele não gosta da gente, e aparentemente, não é o único.

Olhei para seu rosto, notando que seus olhos e sua boca estavam fechados, e não congelados naquela pose de estátua. Ele respirava regularmente, inspirando e expirando. Virei sua grande mão, passando os dedos pelas linhas da palma.

— Não sei por que eu estou aqui sentada falando com você desse jeito. Nem tenho certeza de que pode me ouvir, ou que vai se lembrar disso. De qualquer forma, este lugar é superzoado. Não quero mais ficar aqui. Sinto falta de Tony. Um cara aí, chamado Ben, está bagunçando com Tony, está mudando meu amigo. Isso é esquisito e me deixa preocupada. Só se passaram alguns dias e esse cara já está influenciando Tony demais. E tem uma coisinha, um fae miniatura, com asas,

debaixo de um grande jarro de vidro em cima da escrivaninha de Dardennes. Todo o mundo surtou quando eu quase o deixei escapar. Eles dizem que é um *pixie*. O que aquela coisinha pequeninha daquele maldito *pixie* vai fazer para incomodar todos esses fae gigantes e poderosos? Seja lá como for, não sei se estarei aqui quando você acordar. Então, queria dizer que lamento e que sinto sua falta. Se um dia você for a West Palm, procure-me.

Soltei sua mão e fiquei em pé ao lado de seu leito um pouquinho mais. Inclinei-me em sua direção e dei-lhe um beijo na testa antes de voltar ao meu quarto. Eu havia tido um longo dia, e tinha que traçar alguns planos. Tinha que dar um jeito de cair fora dali e voltar para Tony.

Capítulo 14

FUI PARA MEU QUARTO E CAÍ NO sono imediatamente. Nem entrei debaixo das cobertas. Ninguém foi me acordar para o jantar, de modo que continuei dormindo; mas não me importei. Acordei no meio da noite, por volta das três da manhã, e decidi ir checar meus *e-mails*.

Cheguei à sala dos computadores e entrei em minha conta. Havia duas mensagens de Tony, enviadas com três horas de diferença. Abri a mais antiga primeiro.

"E aí, Jayne, quais são as novidades? Peguei minhas lentes de contato. Ben disse que fiquei legal com elas. Sinto-me legal também. É a primeira vez que estou sem óculos, desde os quatro anos! Cortei o cabelo, e acho que você iria gostar de meu novo visual. Minha mãe não está muito feliz, mas não me importo com o que ela acha. Ela é um pé no saco. Você está bem? Ando tendo umas vibrações estranhas, como se você estivesse chateada. Isso não é esquisito? Ben me disse para ignorar essas vibrações, que você está bem. Acho que devia seguir o conselho dele. Bem, isso é tudo. Tony."

Abri a segunda mensagem.

"Sou eu de novo. Desculpe incomodar. Escute, estarei ocupado nos próximos dias, então é bem provável que você não receba notícias minhas. A gente se fala depois, Tony."

Li o último *e-mail* umas cinco vezes, e a cada vez a pressão em meu coração aumentava, e mais, e mais. Será que meu melhor amigo estava terminando comigo? Talvez eu estivesse louca, mas era assim que me sentia. Eu me levantei para ir embora, mas decidi que tinha que responder a ele. Até parece que eu ia embora e ia deixar aquele *e-mail* cheio de baboseiras sem resposta... *nem ferrando!*

Abri uma nova mensagem.

> *"Querido Tony. Que diabos é tudo aquilo em seu último* e-mail? *Você está agindo de um jeito estranho. Só para você saber, eu não estou bem, é por isso que você está tendo essas vibrações. Não dê ouvidos a esse tal de Ben. Quem é ele, afinal? Você vem andando com esse cara há menos*

de uma semana e agora, de repente, ouve e faz tudo que ele diz?! Que droga, Tony, eu levei um ano para me tornar sua amiga! Estou tentando não ficar com ciúmes, mas você não está facilitando. Vou voltar logo para casa. Com amor, sua melhor amiga para sempre, e se você tentar deixar de ser meu amigo, vou atrás de você como uma stalker. *Jayne."*

Reli meu *e-mail* algumas vezes, fazendo pequenas correções, acrescentando coisas e apagando outras. Queria que ficasse perfeito. Um pouco triste, um pouco raivoso, um pouco que o fizesse sentir culpa. *Perfeito.* Enviei o *e-mail* na esperança de que Tony o lesse, mesmo tendo dito que ia sumir por um tempinho. Que diabos ele queria dizer com isso, afinal? Aonde ia?

Desconectei e voltei ao meu quarto. Fiquei deitada por duas horas, tentando pensar em como cair fora dali. Nunca cheguei a receber meus quinhentos dólares de Dardennes e dos fae por completar meu teste. Essa seria a primeira coisa a fazer: pegar o dinheiro. Depois, poderia comprar uma passagem de volta para casa. Minha mente ficou repassando os diferentes cenários do que poderia acontecer e de tudo que poderia dar errado. Era uma lista muito longa, na verdade, realmente deprimente. Eu nem sabia direito onde estava. Precisava de um mapa, ou de uma foto da porta certa por onde sair. Precisava de um guia, alguém que tivesse vindo para cá e já saído. Jared foi a primeira pessoa que me veio à cabeça. Ele provavelmente ficaria feliz se eu fosse embora. Talvez ele voltasse logo, e eu poderia perguntar.

Seguiu-se uma batida à minha porta, e olhei de relance para o relógio antes de me levantar: eram cinco e meia. Argh!

Abri a porta e Becky estava ali parada, toda sorrisos.

— Olá! Hora do café da manhã.

Voltei para a cama e me joguei nela, nem sequer olhando para Becky.

— O que houve? Você não estava no jantar ontem à noite. Está tudo bem com você?

— Não, para falar a verdade, não estou bem. Vá lá, tome o café da manhã sem mim. Não estou com fome.

— Bem, se você não jantou, tem que tomar o café da manhã. Eles não têm lá grandes lanches para a gente comer entre as refeições por aqui.

— Não faz mal.

Becky soltou um suspiro.

— Ok, escute... fique aqui, já volto.

Ela saiu e eu soltei um suspiro. *Que bom.* Agora, posso voltar a dormir.

Eu havia acabado de pegar no sono quando ouvi vozes do lado de fora de minha porta. Ouvi alguém bater, e então, em seguida, a porta se abriu devagar, rangendo.

Ergui o olhar e me deparei com Becky entrando com dois pratos, acompanhada de Finn e Spike.

— Voltei! E trouxe reforços! — Ela foi andando até mim e colocou um prato com um pouco de comida em cima de meu criado-mudo. — Coma. E não discuta.

Soltei um gemido, contrariada, mas me sentei direito, peguei o prato e o coloquei no colo. Becky se sentou em minha cama e os caras se ajeitaram no chão à nossa frente.

— Então — disse Becky enfiando metade de uma linguiça na boca e mastigando-a enquanto falava —, qual é a parada? Por que você está tão mal-humorada?

Empurrei a comida de um lado para o outro no prato. Nada daquilo parecia apetitoso.

— Não sei por onde começar.

— Comece com o que aconteceu ontem.

Contei a eles sobre a situação com Chase, e depois o incidente no escritório de Dardennes, inclusive o fato de que eu teria que trabalhar com Gregale hoje. Quando terminei de falar, eles estavam praticamente sem palavras.

— E eu ainda nem contei a pior parte.

— Conte — disse Finn colocando seu prato no chão e me dando sua total atenção.

— Vocês sabem que eu venho trocando *e-mails* com Tony, certo?

Becky e Spike assentiram.

— Bem, ele fez um novo amigo, um cara novo na escola chamado Ben, de

quem eu nunca havia ouvido falar. De qualquer forma, em apenas três dias ele dominou totalmente a vida de Tony, que mudou o cabelo, as roupas, ele usa lentes de contato agora... está totalmente diferente.

Becky olhou para mim, toda sensível.

— Bem, isso é uma coisa boa, não é? Tony era meio... ele tinha um visual desajeitado.

Ela se encolheu um pouco, provavelmente preocupada por ter me ofendido.

— Isso não vem ao caso para mim. É que esse cara entrou na vida dele e mudou radicalmente sua vida. Em menos de uma semana, ele largou o clube de computação, o de xadrez, e ele está respondendo para a mãe, coisa que nunca fez. Ele disse no último *e-mail* que não esperasse notícias dele por alguns dias. E anda me dizendo coisas que dão a entender que esse cara, o tal de Ben, está dizendo para ele não me mandar *e-mails*. — Meneei a cabeça. — Talvez eu esteja só com ciúmes, ou paranoica.

— Bem, eu sei que Tony é especial para você — disse Becky —, por isso, é natural que você sinta ciúmes enquanto ele cuida da vida.

— Mas isso é mais que cuidar da vida, Becky. Pelo menos parece mais que isso.

— Sabe... — disse Finn, cauteloso — ... estamos aprendendo muito sobre uns lances de guerra no treinamento, e isso parece muito guerra psicológica.

— Ah, vamos lá, vocês realmente acreditam nisso? — perguntou Spike dando risada. — Por que alguém faria guerra psicológica para cima de Tony? De qualquer um? Ele nem é fae.

— Não é para cima de Tony que a guerra psicológica está sendo travada, imbecil.

Finn olhou de um jeito expressivo para Spike e depois para mim.

Fiquei confusa.

— O que quer dizer com isso?

— O que quero dizer é que... vocês não acham que é um pouco coincidência demais que Tony tenha voltado e, de imediato, tenha um novo melhor amigo que está dominando sua vida, e ao mesmo tempo Jared volta ao sul da

Flórida para cuidar de uns problemas com os Fae das Trevas? É um tiro no escuro essa possibilidade, mas se o objetivo é mexer com Jayne, está funcionando.

Olhei-o como se estivesse louco.

— Nããããão. Não é isso que está acontecendo. Esse cara só está... não sei. Procurando certo tipo de amigo, e está fazendo Tony se encaixar nesse molde. Só não gosto da facilidade com que Tony está se deixando transformar.

Finn deu de ombros.

— Não sei, não. Do jeito que os duendes verdes falam, essa guerra está bem mais próxima do que os anciões querem que achemos, que inferno! E os Fae das Trevas sabem um monte de coisa sobre nós. Droga, Jayne, um deles tentou fazer que os duendes verdes acertassem trinta flechas em você dois dias atrás, e ontem... uma flecha encantada! Se eles sabem tudo isso sobre você agora... que é uma fae importante que devia ter um alvo desenhado nas costas... não acho que seja viajar demais pensar que saibam sobre seu relacionamento com Tony. Ele também estava aqui, você sabe disso. A melhor maneira de atingir você é por meio das pessoas que ama. A tática de guerra deles é básica assim, senhoras e senhores.

Eu não queria pensar no que Finn estava dizendo porque já estava preocupada o bastante com Tony; isso ia me sobrecarregar de pânico.

— Caramba, Finn, você está fazendo que ela fique toda apavorada agora — Spike se levantou contrariado. — Escute, Jayne. Ouvi o que você estava dizendo sobre Tony. Ele é um cara bom, é só você falar com ele para ver o que vai dizer. Se ele ainda estiver agindo assim todo estranho, talvez possamos conversar com Dardennes e fazer uma visita ao Tony, ou ver se Jared pode pelo menos dar uma passada na casa dele enquanto está na Flórida, ou algo assim.

Becky deu uns tapinhas amigáveis em minha perna.

— É, é uma boa ideia. Por que não fazemos isso agorinha mesmo?

— Acho que, quando saí do escritório de Dardennes, cortando Ivar na saída, devo ter me colocado no fim da lista de pessoas que ele estaria disposto a ajudar.

Becky meneou a cabeça.

— Dardennes é justo. Ele gosta de você. Sei que você não acredita, mas ele

gosta, sim. Mas, se você não quer falar com ele, podemos ir falar com Céline. Sei que dela você gosta.

Assenti.

Becky estava certa: eu estava de boa com a ideia de falarmos com Céline.

— Venha — disse Becky me cutucando. — Talvez consigamos falar com ela antes de terminar o café da manhã.

Todos nos levantamos, eu peguei a escova na cômoda, fazendo o possível para prender o cabelo em um rabo de cavalo decente. Joguei a escova de volta dentro da gaveta quando terminei, e notei a bandeja de prata vazia em cima da cômoda.

— Tenho que pegar uma lembrancinha para meu *brownie* também.

Saímos e fomos ao salão de refeições, sendo o plano básico perguntar a Céline se Jared poderia ver como Tony estava, além de pegar lembrancinhas para nossos *brownies* encarregados da limpeza. Eu só esperava não ver Ivar e nem Dardennes por lá. Em meio a toda essa loucura, eu havia zoado a ordem de Dardennes de trabalhar com Gregale hoje. Como se a vida já não fosse suficientemente uma droga.

Analisei a sala quando entrei, mas não vi Céline. Mas vi Gregale, e ele não parecia mais feliz por trabalhar comigo que eu por trabalhar com ele. Considerei permanecer em meu quarto durante o dia e ignorar a ordem de Dardennes, mas a ideia de ficar sozinha naquela cela por tanto tempo era pior que estar com Gregale.

Sentei-me e tomei o restante de meu café da manhã que havia levado de meu quarto, levantando-me quando vi que Gregale se levantou.

— A gente se vê depois, pessoal. Tenho que ir trabalhar com o traidor agora.

Becky olhou para mim com dó.

— Você vai ficar bem, Jayne, tente pensar positivo.

Revirei os olhos.

— Tudo bem. Você se incomoda de colocar uma lembrancinha em minha bandeja? Acho que Gregale já está indo.

— Com certeza, sem problema — respondeu ela enfiando uma garfada de

ovos na boca um segundo depois.

— Dê uma lembrancinha púrpura a ele, se conseguir encontrar uma.

Becky assentiu e fez sinal de positivo com o polegar.

Arrastei os pés em direção à porta.

Capítulo 15

GREGALE SAIU DA SALA DEPOIS DE OLHAR de relance por cima do ombro para se certificar de que eu o estava seguindo. Permaneci cerca de três metros atrás dele enquanto ele descia o corredor e saía do salão de refeições. Andamos por um longo caminho, muito mais longo do que eu estava acostumada. Era impossível imaginar o tamanho daquele complexo, ou até mesmo seu *layout*, por causa desses corredores enfeitiçados que pareciam todos ir na mesma direção, embora isso não fosse possível.

Por fim ele parou diante de uma porta, puxando a aldraba em forma de aro presa nela. Notei que havia um símbolo no meio dela, que parecia um número oito deitado, como uma pista de corrida realmente perigosa na qual os carros bateriam uns nos outros se não cronometrassem com perfeição suas voltas. Eu me perguntava se todas as portas tinham símbolos, e decidi que era bom eu prestar mais atenção a coisas como essa no futuro, especialmente se quisesse sair dali em breve. Não podia contar com o fato de eles concordarem com minha partida, deste modo era possível que eu tivesse que bolar uma fuga. Esperava que as coisas não chegassem a esse ponto… não que eu me sentisse uma prisioneira ali, mas nunca tinha certeza de nada com esses fae.

Dei um passo para fora do corredor e entrei em uma clareira. Ainda estávamos na floresta, mas, definitivamente, era uma parte diferente daquela onde havia estado antes. Se fosse usar uma palavra para descrever esse lugar, diria: “estonteante”. As árvores eram mais espalhadas ali, e parecia haver mais luz do sol. Havia flores selvagens mescladas com urze e capim a nossos pés. Borboletas voavam rapidamente de uma flor para a próxima, permanecendo no lugar por poucos segundos antes de seguir para mais um local provisório de pouso. Algumas foram pousar nos ombros de Gregale, o que foi uma surpresa para mim. Achei que as borboletas conseguiriam sentir a energia negativa de um tremendo babaca como ele, e que o evitassem como se fosse a peste.

Gregale estava sorrindo. Voltou o rosto para cima, em direção ao sol, e

esticou os braços, como se desse um grande abraço nos quentes raios. Era estranho vê-lo assim. Para falar a verdade, ele parecia feliz. Não consegui evitar olhar fixo para ele.

Ele parou e fixou os olhos em mim, com ódio no olhar.

— O que está encarando?

A expressão de seu rosto passara de feliz a amarga em uma fração de segundo.

— Dr. Jekyl e Mr. Hyde, imagino.

— Quem são eles?

— Na verdade, são uma única pessoa, de uma história; uma pessoa que tinha um transtorno dissociativo de identidade: uma delas era boa e a outra, má.

— E você está dizendo que eu sou essa pessoa?

— Sim.

— Eu não tenho transtorno dissociativo de identidade.

— Quase me enganou.

— Você faz ideia de quanto é irritante?

— Aproximadamente metade do quanto você é irritante, se meus cálculos estiverem corretos.

O elfo inspirou, para se acalmar, mais uma vez com a face voltada para o sol e os olhos fechados.

— Trouxe você até aqui porque este é o lugar mais tranquilo que conheço. Achei que isso poderia nos ajudar a superar nossos... conflitos.

Olhei ao meu redor, apreciando o pensamento.

— Bem, posso ver por que escolheu este lugar. É bem bonito.

Ele inclinou a cabeça um pouco em minha direção e abriu um dos olhos, e ficou só me fitando.

— Que foi? — perguntei.

— Estou verificando se está sendo sarcástica.

Dei de ombros.

— Não estou, não. É um lugar bonito. Isso é o máximo de luz do sol que vejo há dias. Estou acostumada a ter sol o tempo todo.

Ele interrompeu seu exercício “encontre um lugar feliz” e se voltou de frente para mim.

— De onde você é?

— Dos Estados Unidos. De um lugar chamado Flórida.

— Não conheço esse lugar. Nunca estive lá. Você disse que lá faz sol o tempo todo?

— É, quase o tempo todo. Menos quando chove... o que acontece com frequência, para falar a verdade.

Gregale ficou fitando a distância, como se estivesse pensando no que eu havia dito. Depois de um tempo, disse:

— Eu vivi na Floresta Verde a vida inteira.

— Quantos anos você tem?

— Tenho só 258 anos humanos.

— Só? — dei risada.

Ele era mais velho que os Estados Unidos.

— Por que é assim tão engraçado?

— Porque eu só tenho dezessete anos.

Ele sorriu.

— Você não passa de uma recém-nascida em meu mundo.

— Não importa como você sacou isso, mas sou mesmo uma recém-nascida em seu mundo. Sou uma fae de três dias de idade.

Ele abaixou a cabeça, parecendo triste.

— É uma tarefa impossível.

— O que é uma tarefa impossível?

— Tentar preparar você.

— Eu não sou burra, sabia?

Ele balançou a cabeça.

— Peço desculpas por minhas palavras de ontem, questionando sua inteligência.

— Acho que suas palavras foram que eu sou tão burra quanto pareço.

Seu rosto ficou vermelho.

— Sim... aquilo foi um pouco demais, não foi?

Dei risada.

— É, talvez um pouco de exagero. Sabe, Dardennes está certo em relação a uma coisa.

— O quê?

— Eu só sou inculta em relação aos lances dos fae. Para falar a verdade, aprendo as coisas rapidamente quando o assunto me interessa.

— E o modo de vida dos fae lhe interessa?

Não fui tímida ao admitir:

— É claro que me interessa! Você não ficaria interessado se estivesse em meus mocassins... digo, em meu lugar? Tipo, um dia estou andando na rua como uma humana comum, sem nem saber que a espécie dos fae existe, e então, totalmente de repente, tenho superpoderes que detonam as pessoas... meus amigos podem se teletransportar, sentir as coisas, sugar a vida das coisas... para falar a verdade, tudo isso é muito incrível! É de assustar e de surtar às vezes, mas incrível!

— Sim, consigo ver agora, do jeito que colocou as coisas, como isso pode ter sido forte.

— Você não faz ideia do quanto!

— Então, suponho que, já que tem sede de conhecimento, e eu tenho muitíssimo conhecimento, poderíamos com facilidade nos dedicar a esse projeto um dia. Ou muitos dias — ele olhou para mim, um pouco tímido de súbito. — É claro, se você concordar. Se não achar que vale a pena para você, tenho certeza de que há outros lugares onde poderia estar. Há muitos elfos guerreiros que aposto que adorariam comparar suas habilidades com as deles.

— Você não é um elfo guerreiro?

— Provavelmente não do jeito que você considera alguém um guerreiro. Geralmente, não luto com as mãos. Sou mais um elfo que usa a “mente acima da matéria”.

— Isso quer dizer que você move as coisas com a mente? Ou é só uma forma figurada de dizer que usa o cérebro?

— Não, eu não tenho poderes telecinéticos. É óbvio que alguns fae têm esse

poder, mas não os elfos cinza. Não; somos conhecidos por nosso intelecto superior. Somos capazes de ajudar a causa por meio da análise de informações coletadas, e dedicando-as a esquemas de guerra psicológica. Outros fae executam nossos planos.

— Guerra psicológica?

Ecos das palavras de Finn ricochetearam dentro de minha cabeça.

— Sim. É um tópico muito popular nos dias de hoje, o que é divertido para os elfos cinza, mas, de modo geral, um sinal ruim dos nossos tempos.

— É, posso entender o que quer dizer com isso. Bem, seja lá como for, sei que vencer guerras não depende só de músculos. Sem uma boa liderança, as tropas não sabem aonde ir e nem o que fazer.

O elfo cinza abriu um sorriso.

— Sim, você está certa.

— Por outro lado, sem os músculos, todo o planejamento do mundo não serve para nada. É preciso que alguém execute o plano.

O elfo cinza assentiu com a cabeça, relutante.

— Você é jovem, criança trocada, mas não é burra.

Eu ri.

— Hmm, obrigada.

— Gostaria de passar esta manhã comigo discutindo a guerra?

— A guerra? Que guerra?

— A guerra que está a caminho, é claro. De que guerra achou que eu estava falando?

— Acho que eu nem sabia direito que vocês tinham certeza de que havia uma guerra a caminho. Achei que isso tudo fosse um jogo de adivinhação, a esta altura.

— Não. Não há nada de adivinhação em relação a isso. Se quiser usar termos técnicos, podemos dizer que a guerra já começou. Certamente você percebe isso, visto que já foi alvo de nosso inimigo.

— É. Talvez você possa me explicar por que é sempre em mim que atiram.

— Falando em termos gerais, durante uma guerra os alvos de mais alto

valor e mais fáceis são eliminados primeiro.

— Então, isso faz de mim...

— Segundo os Fae das Trevas? De alto valor, fácil de matar.

— Entendo a parte do "fácil de matar". Mas... alto valor? Nem tanto assim. Como você ressaltou muito claramente... eu sou inútil.

Gregale mostrou interesse ao ouvir isso, animado para partilhar seu conhecimento.

— Inútil? Não, eu nunca disse que você era inútil. Não seria correto chamar nenhuma das crianças trocadas de inútil. Todos vocês têm poderes e habilidades que serão úteis para os Fae da Luz contra os Fae das Trevas. O problema é que vocês não sabem como usar a maior parte deles. E você, em particular, nem sequer sabe quais são suas habilidades... na verdade, nenhum de nós sabe. Você é um mistério.

— Você deve adorar mistérios, sendo um elfo das informações e tal.

— Oh, eu adoro sim, acredite.

— Ok. Se isso é verdade, então, diga-me por que estava tramando eliminar a mim e aos meus amigos, e por que foi um tremendo de um pé no saco lá no escritório de Dardennes.

Gregale fechou os olhos e meneou a cabeça.

— Você está falando coisas sem sentido. Nunca fiz planos para eliminar você ou nenhuma outra pessoa. Pode ter havido discussões entre os elfos cinza sobre enviar vocês todos para longe do conflito, assim, eliminando-os de nossas equações aqui, mas não matá-los. Nós não desperdiçamos recursos desse jeito. E, quanto ao outro item que você mencionou, seria totalmente razoável para qualquer um reagir daquela maneira ao ver aquele *pixie* possivelmente solto.

Ele estremeceu com a lembrança.

— O que é que aquele *pixie* tem de mais, afinal? Ele tem, tipo, o tamanho de uma daquelas borboletas. Inofensivo.

— Você está em clara desvantagem ao não saber dos fatos mais básicos relacionados aos fae. Posso ver que parte de seu treinamento foi negligenciada. Essa era a primeira coisa que você deveria ter aprendido, antes de testar suas habilidades. Para que serve se teletransportar, por exemplo, se deixar que um *pixie*

saia de dentro de uma campânula de vidro. É simplesmente ridículo.

— Gregale, você vai me dizer o que é que tem o *pixie*, ou vou ter que chutar sua bunda?

— Ah, acho que devo lhe contar sobre o *pixie*.

— Obrigada.

— *Pixies* são membros dos fae menores. Eu não disse "fae inferiores". Tome cuidado para não confundir "pequeno" com "fraco". Não, na verdade, é melhor se você considerar que "pequeno" significa "concentrado". Às vezes, parte da mágica mais forte vem dos indivíduos mais minúsculos.

Ele andava aleatoriamente enquanto descrevia os *pixies* em detalhes.

— Os *pixies* são uma raça de fae muito antiga, mas muito antiga mesmo. Talvez uma das mais antigas. Datam de antes de nossos registros escritos. São uma raça brincalhona, só se preocupam em dançar, rir, cantar e pular no meio das flores.

— Uau! Que coisa horrível! Não é de se admirar que vocês os mantenham presos em jarros.

Gregale olhou de esguelha para mim, deliberadamente ignorando meu sarcasmo enquanto continuava a falar:

— O poder deles reside em sua capacidade de seduzir e encantar outros fae. Veja bem, os *pixies* não entendem por que os outros fae estão sempre tão preocupados com outras coisas que não sejam se divertir, dançar, rir e cantar. Sendo assim, tão logo veem os fae fazendo alguma coisa que não seja isso, como indo ao trabalho, praticando habilidades, cuidando de suas casas, ou seja lá o que for, decidem que precisam intervir. Eles operam sua mágica *pixie* no fae, que não suspeita de nada, e, em seguida, este que caiu sob o encanto está dançando por aí, brincando e cantando, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Eles nem sequer querem fazer outra coisa. Perdem a vontade de viver, em essência. Sabe-se que alguns deles literalmente dançaram até a morte. O encanto de um *pixie* é muito difícil de ser quebrado; na verdade, todos que foram encantados por um *pixie* e depois tiveram o encanto quebrado, ficaram um pouco "desligados" da cabeça. Nunca conseguimos trazê-los totalmente de volta, e, acredite, todas as melhores bruxas tentaram.

— Você foi vítima do encanto de um *pixie?*

— Isso não é engraçado.

Dei risadinhas.

— É mais ou menos, admita.

— Não. Eu conheço pessoas que foram vítimas do encanto de um *pixie*, e não é nem um pouco engraçado. Não mesmo.

Ele tentou, com valentia, impedir o sorriso de assomar em sua boca, pigarreando várias vezes.

— Eu vi. Você sorriu.

— Não, não sorri. Isso é uma coisa séria.

— Bem, acha que vocês e os *pixies* podem só ter tido algum tipo de mal-entendido?

— Não, não há nenhum mal-entendido. Os *pixies* encantaram centenas de fae no decorrer dos séculos, sempre com o mesmo resultado. Não se pode confiar neles. Sempre que se descobre algum *pixie* em uma área habitada por outros fae, eles são capturados e colocados sob uma campânula de vidro até que possam ser realocados.

— Para onde vocês os mandam? Para uma colônia de leprosos ou algo do gênero?

— Não. Para uma colônia de *pixies*.

Dei risada.

— É claro, é claro.

— Você acha tudo isso tão divertido!

— Sim, acho mesmo. É que os paralelos com meu mundo humano estão aí, mas são, tipo, doentios e engraçados ao mesmo tempo. E eu sempre fui fã do humor doentio.

— Por que isso não me surpreende?

— Ok, então, Sr. Sabe-Tudo, o que você acha que teria acontecido se eu houvesse soltado aquele *pixie?*

— Ele teria saído voando, encantado a mim, a você e a todo o mundo no complexo antes que o capturassem novamente, e as bruxas ficariam ocupadíssimas

tentando nos trazer de volta da terra das brincadeiras eternas.

— Acho que temos uma coisa dessas na Flórida, só que se chama creche, e as criancinhas em algum momento acabam se livrando do encanto dos *pixies*, com todos aqueles adultos em volta delas dizendo que têm que se comportar e parar de agir daquele jeito o tempo todo. Talvez as bruxas devessem tentar uma dose pesada de broncas e uns momentos de pausa para remediar isso.

Gregale dispensou minha ideia balançando a cabeça.

Ah, tudo bem, que seja. Eu não estava feliz com a história do *pixie*, pois ainda não me parecia certo capturá-lo só porque ele queria que todos ficassem felizes o tempo todo. Eu me perguntava se ele teria falado comigo ou jogado seu encanto de *pixie* para cima de mim primeiro se eu tivesse levantado aquele jarro. Não conseguia tirá-lo totalmente da cabeça, mesmo com Gregale falando de outros tópicos.

Mais tarde, interrompi seu discurso de duas horas sobre a expectativa de vida e a natureza das diversas raças de elfos para perguntar sobre a guerra psicológica.

— Então, meu amigo Finn, que é um duende verde, mencionou que há uma guerra psicológica sendo travada agorinha mesmo.

Os olhos de Gregale quase brilharam de animação pela mudança de tópico.

— Ah, sim, com certeza. Essa é uma tática muito eficaz na guerra moderna.

— Você acha que isso está mesmo acontecendo com pessoas que conhecemos? Até mesmo conosco?

— Pode ser. Por que está me fazendo essa pergunta?

— Porque há uma coisa acontecendo que está realmente me incomodando. Psicologicamente, pode se dizer.

— Diga.

Dava para ver que eu tinha sua plena atenção. Contei a ele uma versão resumida da situação com Tony. Ele assentiu com a cabeça em todos os pontos importantes. Quando terminei meu relato, ficou imóvel por um minuto, e eu quase conseguia ver as ideias passando por sua cabeça.

— Está me dizendo que essa pessoa, esse Ben, acabou de aparecer em sua

cidade? Tem certeza de que ele não estava lá antes?

— Tenho certeza. O próprio Tony disse isso. E o cara mora bem descendo a rua de Tony. Perto da casa de minha família também, na verdade.

— Você consegue uma descrição física dele com Tony? Ou até uma foto? Muitos fae conseguem se disfarçar, mas não todos. Talvez possamos fazer uma busca com nossos contatos para determinar se ele já foi visto antes.

— Acha que ele pode ser fae?

Gregale deu de ombros.

— É possível. Não é provável, mas é possível. Como discutimos antes, você é um alvo. Isso quer dizer que os Fae das Trevas a consideram de alto valor. Se achassem que conseguiriam atingi-la por meio de seu amigo, fariam isso. É justo dizer que os Fae das Trevas não se deterão por nada na tentativa de vencer.

Olhei bem nos olhos de Gregale e disse:

— Tony significa tudo para mim. Se mexerem com Tony, mexem comigo.

Gregale olhou à sua volta com temor, e se aproximou de mim.

— Shhh! Não revele coisas sobre si mesma assim, em aberto. Não é seguro.

Recuei um pouquinho, confusa.

— O que você quer dizer com “não é seguro”? Achei que estivéssemos na Floresta Verde.

— E estamos. Mas nem sempre estamos sozinhos.

— Quer dizer que há Fae das Trevas aqui? — sussurrei com medo, perguntando-me por que eu não tinha um *daemon* comigo. Chase havia sido derrubado, mas com certeza eles teriam *daemons* guarda-costas substitutos por ali.

— Poderia haver, sim. Ou poderia haver encantos ou feitiços deixados aqui pelas bruxas dos Fae das Trevas que capturam e reportam informações de volta para eles.

— Então, por que nos é permitido ficar aqui fora?

— Bem, em primeiro lugar, precisamos ficar na floresta; somos fae. Em segundo lugar, não somos indefesos. Apenas os desavisados são pegos de surpresa.

— Bem, talvez você não seja indefeso, mas eu praticamente sou.

— Não seja boba. Contaram-me que seus poderes são um tanto quanto substanciais. — Ele olhou de um jeito incisivo para minha perna. — E você carrega o Aguilhão de Blackthorn. Esta não é uma arma insignificante.

Baixei o olhar para meu graveto, puxando-o de sua bainha e esticando-o à minha frente.

Gregale deu um passo para trás.

— Ele é muito pequeno. É basicamente só um graveto afiado. Por que todo o mundo tem tanto medo dele?

Gregale deu risada. Baixinho a princípio, e depois cada vez mais alto, até que por fim estava gargalhando, e lágrimas escorriam por seu rosto.

— O quê? — perguntei quase rindo eu mesma.

Alguma coisa que eu disse era realmente engraçada, mas não fazia a mínima ideia do que era.

— Gregale, feche essa maldita boca um segundo e me conte.

Dei um passo em sua direção para pôr a mão em seu ombro, mas o movimento o deixou em um instantâneo estado de pânico.

Ele engoliu a risada e olhou para mim com cautela.

— Você não sabe mesmo o que tem nas mãos, não é?

— Sim, eu sei. Um maldito graveto afiado. Certo, ele já queimou algumas pessoas... porém, na maior parte do tempo, simplesmente fica parado sendo uma porcaria de um graveto, não muito bom para nada além de ser usado como lenha.

Gregale exalou um profundo suspiro de descrença.

— Afaste isso e vou lhe contar a história do Aguilhão de Blackthorn. Talvez essa seja a lição mais importante que vai aprender hoje. Talvez em toda sua vida. No entanto, em primeiro lugar, como foi que você tomou posse dessa arma?

— Quando começou o teste com as crianças trocadas, recebemos armas, que escolhemos dentre algumas opções.

— E você escolheu essa?

— Não, foi escolhida para mim.

— Por quem?

— Por falta de opção, na verdade. Todo o mundo pegou uma arma

diferente e eu fui a última a escolher, e só havia esse graveto em cima da mesa.

— Então, ele escolheu você.

Olhei-o como se ele fosse doido.

— Eu não diria isso.

Gregale me ignorou.

— Bem, lembra que eu disse que, no mundo dos fae, "pequeno" não quer dizer "fraco" e que, com frequência, quer dizer "concentrado"?

Respondi que sim com a cabeça.

— Bem, esse é o caso dos *pixies*, e, *definitivamente,* também é o caso do Aguilhão de Blackthorn.

— Por que você fica chamando esse graveto de Aguilhão de Blackthorn?

— Porque esse é o nome dele. Uma arma com esse *status*, essa notoriedade, sempre tem um nome. Essa arma específica recebeu esse nome por causa de seu... dono original, O Aguilhão.

— O Aguilhão? Esse era o nome dele?

— Não o nome dele. O nome "da coisa".

— Que coisa?

— Como que coisa? A coisa era o Aguilhão.

— Droga, lá vamos nós de novo. Vocês adoram bagunçar minha cabeça. Ok, responda-me isso. Quem é Blackthorn?

— A pergunta mais interessante é como você está associada a Blackthorn. Porque o Aguilhão de Blackthorn funciona somente para os membros da linhagem de Blackthorn, e, pelo que vi no escritório de Dardennes quando você o usou em Ivar, você faz parte dessa linhagem.

— O nome de solteira da minha mãe é Blackthorn.

— Não! — disse Gregale, ofegante.

— Sim! — respondi com um falso ofego.

— Você não pode estar falando sério!

— Hmm, sim, estou.

Gregale sorriu, balançando a cabeça lentamente, para frente e para trás.

— Dardennes nunca se cansa de me surpreender. Nenhum dos elfos cinza

acreditava que seu plano de recrutamento de crianças trocadas tinha algum mérito, mas concordamos com ele só para lhe dar corda para se enforcar. E, ainda assim, aqui está você. A primeira em um grupo de fae recrutados para nossa causa. Uma verdadeira Blackthorn, na verdade empunhando o Aguilhão de Blackthorn. — Gregale continuou falando, mais consigo mesmo que comigo. — Ah, meus irmãos vão ficar extasiados ao ouvir como foi meu dia. E pensar que debocharam de mim por ter que passar o dia com uma criança trocada. — Sua atenção se voltou para mim. — Pode me fazer o favor de me lembrar de cumprimentar Dardennes no jantar mais tarde?

Coloquei a mão na extremidade do Blackie, certificando-me de que Gregale visse.

— Escute, seu elfo doido, você tem cinco segundos para começar a me explicar de que diabos está falando antes que eu fique superirritada. Estou cansada e com fome, e essa é uma combinação ruim. Eu fico seriamente irritável quando estou cansada e com fome.

Gregale ergueu as mãos em súplica.

— Ok, ok, não precisa ficar angustiada. Está um pouco cedo para o almoço, mas podemos parar, por ora. O que acha de fazermos nosso intervalo para o almoço agora e depois voltamos e eu lhe explico tudo? Isso é aceitável para você?

Afastei a mão do graveto, cruzando os braços sobre o peito.

— Tudo bem.

— Que bom. Venha... acompanhe-me.

Ele foi caminhando de volta na direção pela qual havíamos chegado horas antes.

— Sabe, esse dia foi bem diferente do que eu esperava.

Sorri para mim mesma.

— É, para mim também. Fiquei feliz por descobrir que você não estava planejando matar a mim e aos meus amigos.

Gregale deu risada.

— Nós nunca desperdiçaríamos recursos desse jeito.

Que ótimo. Sou um recurso. De alguma forma, isso não fazia que eu me

sentisse muito feliz, mas alguma coisa me dizia que era um elogio, vindo de um elfo cinza.

Chegamos ao refeitório e meus amigos já estavam lá. Apressei-me para pegar minha comida, de modo que pudéssemos conversar sobre como havia sido nosso dia até agora.

Coloquei meu prato na mesa, e Becky foi a primeira a me perguntar:

— E aí, como foi? Conte, *baby*, conte!

Enfiei o rango na boca e tentei falar com ela cheia. Vi que Becky se encolheu, de modo que sabia que a cena não estava bonita de se ver. Mas eu estava ansiosa para ir checar meu *e-mail* antes de sair de novo.

— Ele é legal. Eu havia entendido errado. Ele é um elfo cinza. Eles são estrategistas de guerra. Ele está me dando aulas sobre os fae. Vou ter que falar sobre isso com vocês depois. Preciso ir checar meu *e-mail*.

Depois que concordamos em nos reencontrar mais tarde, na hora do jantar, fui correndo do salão de refeições até a sala dos computadores. Assim que cheguei, fiz o *login* e abri minha conta de *e-mail*. Não havia nenhuma nova mensagem.

Eu não podia acreditar. Tony não estava me dando bola. Tentei não pensar na ideia da guerra psicológica, porque se eu considerasse que isso realmente estava acontecendo comigo, saberia que meu melhor amigo estava preso na guerra entre os Fae das Trevas e os Fae da Luz, e ele poderia muito bem se tornar um dano colateral, mesmo que houvesse especificamente escolhido ficar fora disso.

Capítulo 16

MENOS DE UMA HORA DEPOIS EU ESTAVA de volta na clareira das borboletas com Gregale, e nós dois estávamos sentados. Ele me disse que aquela era uma longa história, a do Aguilhão de Blackthorn, então, imaginei que devia ficar confortável.

— Os Blackthorn são uma longa linhagem de fae que vêm de uma área conhecida como Blackthorn. Creio que fica na Irlanda, em seu mundo. Todos eles são Fae das Trevas, o que torna interessante o fato de você estar aqui conosco. Garanto que os elfos cinza estarão discutindo isso nas noites vindouras.

Desferi um olhar austero, que queria dizer "volte a falar do que estava falando", e ele me entendeu perfeitamente.

— Ah, sim, onde eu estava? Certo, Blackthorn. Aquela área de seu mundo é chamada Blackthorn porque há uma abundância dessas árvores lá, Blackthorns ou abrunheiros. Eles têm uma madeira particularmente escura e espinhos bem perigosos. Para falar a verdade, alguns os chamam de arbustos, porque podem crescer de todas as formas. Diz-se que essa árvore, ou esse arbusto, e sua madeira têm propriedades mágicas, e isso é o que dizem até os humanos que moram na região.

Puxei meu graveto e olhei para ele.

— Então, isso aqui é um espinho de uma árvore grande?

Gregale deu risada.

— Não, não, não, isso não é o espinho de uma árvore. Você já havia visto um espinho tão grande assim?

— Não. Mas talvez seja algum tipo de árvore mágica. Você disse que era.

— Bem, ela tem propriedades mágicas, sim; mas parece uma velha árvore ou um velho arbusto comum. Como todas as árvores aqui à nossa volta.

— Mas nenhuma das árvores aqui é como as árvores de lá de onde eu morava. Elas têm energia e falam comigo.

— As árvores da Flórida são exatamente como as árvores daqui. A mesma energia, a mesma conexão. Todas elas estão conectadas, em todo o planeta Terra,

fazendo parte de uma grande, uma gigantesca rede de energia Verde.

— Nunca consegui falar com árvores antes.

Gregale apontou para meu anel.

— Você nunca usou o amuleto de Blackthorn antes.

— É, mas consegui fazer isso na Floresta Verde antes de estar com o amuleto.

— Estar na Floresta Verde ajudou você a se conectar com seu sangue fae enquanto estava lá. Passar pela mudança torna possível que você faça isso em qualquer lugar.

Baixei o olhar para o anel de cristal do qual quase havia esquecido.

— Este é o amuleto do Blackthorn? Por que Dardennes estava com ele? Achei que os Blackthorns sempre fossem Fae das Trevas. Não quer dizer que eles deveriam estar com o amuleto?

— Você tinha razão, aprende rápido mesmo.

Abri um sorriso ao ouvir esse elogio difícil de ganhar.

— Não tenho respostas para todas as suas perguntas, infelizmente. Como foi que Dardennes veio a ter o amuleto em sua posse é um mistério para mim. Talvez você possa perguntar a ele e obter uma resposta direta. Duvido que eu conseguisse o mesmo.

— Então, se meu graveto não é um espinho, o que é? Parte de um abrunheiro cortado?

— Não, de jeito nenhum. Para explicar o que você tem nas mãos, e que eu gostaria que você parasse de ficar mexendo assim, de um jeito tão negligente, tenho que lhe falar sobre os antigos fae.

Ele se afastou alguns centímetros de mim, já que não atendi à sua solicitação de deixar o Blackie. Eu gostava de segurá-lo na mão, porém, para ajudá-lo a ficar menos nervoso, parei de ficar mexendo o graveto na frente dele.

— Temos muitos fae diferentes aqui, de muitas raças diversas: elfos, ogros, lobisomens, anões, ninfas etc. Todavia, há muito mais fae que você ainda não conheceu, e outros que nunca conhecerá.

— Por quê? Porque são tímidos ou algo assim? Ou porque vocês os

baniram para colônias porque são felizes demais?

Gregale franziu o cenho para mim.

— Não. Não porque os banimos. Sim, alguns são tímidos. Porém, muitos outros estão extintos. O número foi minguando, e depois, fosse por causa de alguma doença ou, mais provável, devido a uma interferência por parte dos fae, eles desapareceram por completo da face da Terra.

— Isso é triste. Então, o que isso tem a ver com meu graveto?

— Bem, veja, seu "graveto" não é um graveto. Sua arma é o que sobrou de uma raça de fae extinta há tempos.

Ergui meu graveto que não era um graveto à minha frente com uma expressão de repulsa no rosto.

— O que sobrou? Tipo, um osso ou algo do gênero?

— Não. Um dente. Para ser mais preciso, uma presa.

— Isto? Isto é uma maldita presa? De jeito nenhum. Não é possível. Isto é um maldito graveto. Veja!

Investi com ele na direção do elfo cinza, segurando-o na palma da mão. Ele quase deu um salto mortal para se afastar do Blackie.

— Se você fizer isso mais uma vez, nunca mais vou ajudá-la!

Seu rosto ficou vermelho intenso e gotículas de suor se espalharam por sua testa.

Puxei o graveto de volta para junto de mim, erguendo-o perto do rosto, olhando melhor para ele.

— Sei que o Aguilhão não afeta você como aos outros fae, mas isso está me deixando bem nervoso, assim tão perto de seu rosto.

— Que foi? Como? Assim? — perguntei roçando minha bochecha com ele, para cima e para baixo.

— Bendita Mãe Terra, Lua e Céu, por favor, será que você pode soltar essa coisa?!

Abri um sorriso.

— Você acabou de praguejar?

Gregale se mexeu de um jeito desconfortável.

— Posso ter praguejado, mas você me forçou a isso.

— Falando sério, Gregale, qual é a grande parada com esta coisa? E não venha tentar me dizer que isto é um maldito dente de algum ogro ou vou bater em você com ele.

— Não seja tola. Isso não é um dente de ogro. Ogros não são grandes o bastante para ter incisivos desse tamanho.

— Então, que tipo de dente é este?

— É o dente do Aguilhão.

— E Aguilhão é o nome dele, correto?

Eu estava finalmente entendendo seu jeito de falar.

— Sim.

— E o Aguilhão era de que raça?

— O Aguilhão era um dragão dos Fae das Trevas. E você está segurando seu dente. Um dente foi retirado desse dragão pela fae que o matou há mais de mil anos: Shayla Blackthorn.

Capítulo 17

OLHEI PARA GREGALE INCRÉDULA.

— Nem ferrando! *Não é não!*

Que legal! Eu tenho uma arma que é um dente de dragão! E essa foi a última arma que sobrou na mesa de Niles. *Acho que dei sorte.*

— Sim. É. Qualquer fae pode reconhecer essa arma instantaneamente. Não há nenhuma outra como ela. Exceto pelo outro dente, é lógico. Todos os dragões tinham duas presas, uma de cada lado, na parte de cima da boca. Sei que a sua era do Aguilhão porque é preta. Ele era o único dragão com dentes pretos.

— Os orcs não o reconheceram quando me capturaram na Floresta Verde, durante o teste.

— Orcs não são as feras mais inteligentes e nem mais observadoras, nem em seus melhores dias. E, se as histórias estiverem corretas, aqueles orcs foram despertados depois de um período muito longo de... hmm... hibernação forçada. Então, dá para entender que não tenham notado.

Eu o ergui próximo ao meu rosto de modo que pudesse olhá-lo melhor, batendo nele com as unhas. Agora que sabia que se tratava de um dente, podia ver que aquilo não era como madeira normal: era mais duro e mais escuro. Eu me perguntava se preto seria sua cor normal, ou se estava coberto de placa bacteriana de dragão. A ideia de o Blackie ser um dente de dragão provavelmente deveria ter me incomodado mais, ou me deixado pelo menos um pouco surtada, mas eu já tinha decidido que tudo era possível nesse mundo fae. Se algum fae me dissesse que podia fazer macacos saírem voando de seus traseiros, provavelmente eu apenas assentiria e diria “Legal”, e não duvidaria dele nem um segundo que fosse. É claro que eu pediria uma demonstração, pois quem poderia resistir a ver macacos saindo voando do traseiro de alguém? Definitivamente, eu não.

— Gregale, não sei se é bom ou ruim que nada mais me abale.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que você acabou de me falar que venho de uma linhagem

de caras malvados dos Fae das Trevas, que estou segurando uma droga de um dente de dragão na mão, de alguma criatura do mal que foi morta por um dos meus ancestrais durões, e estou aqui sentada, não surtando nem um pouco. Para falar a verdade, estou ansiosa para usá-lo de novo.

— Isso provavelmente vem de seu sangue de Fae das Trevas.

— Ei, o que quer dizer?

Ele deu de ombros.

— Os Fae das Trevas são seres muito diretos. Eles veem as coisas em preto e branco. Acho que se autodenominariam realistas. Você tem visto muitas coisas nestes últimos dias, coisas que antes poderia ter considerado fantasia ou impossibilidade. Em algum momento, sua mente começaria a perceber que todas as suas noções preconcebidas sobre o mundo são suspeitas. Um Fae das Trevas, então, chegaria à conclusão de que absolutamente todas as noções preconcebidas são suspeitas. É sua fácil adaptabilidade que os torna inimigos tão formidáveis.

— Você não se incomoda com o fato de eu ter tendências dos Fae das Trevas?

— Não, nem um pouco. Nós não somos o passado de nossas famílias. Nós fazemos nossas próprias escolhas na vida. Você não seria a única Fae da Luz com histórico de Fae das Trevas na família. Com o decorrer dos séculos, os fae trocaram de lado conforme ditavam suas naturezas. Dardennes era um Fae das Trevas há muitas luas. Veio para os Fae da Luz antes de eu nascer.

— Dardennes era um Fae das Trevas?! Caramba!!! Isso é inacreditável!

— Na verdade, não é. Conforme as pessoas vão envelhecendo, às vezes suas perspectivas mudam.

— É, mas de malévolo para bom? Isso é possível?

— Essa é uma concepção errônea comum que nós, elfos cinza, sempre nos esforçamos para mudar em nossas raças colegas. Os Fae das Trevas não são malévolos, por mais que os Fae da Luz queiram fazer que assim pareçam. Eles têm suas crenças e nós temos as nossas. Não concordamos com suas crenças, então, nós as rotulamos como “malévolas” ou “más”. No entanto, eles se sentem da mesma maneira em relação às nossas. Acham que nós fazemos escolhas que prejudicam ou

que até acabam matando nossa própria espécie, o que quer dizer a espécie deles também. Então, não é tão simples dizer que nós somos bons e eles são maus. Há muitos tons de cinza no meio, e todos nós estamos no Cinza.

— Você fala do Cinza como se fosse um lugar.

— Oh, e é um lugar. Acredite em mim, é sim. Não que muitos fae vão até lá, mas ele existe, sim.

— O que é?

— É o lugar entre nosso mundo, o Aqui e Agora, e os Outros Mundos.

— Os Outros Mundos?

— Sim. O Submundo e o Mundo de Cima.

— Céu e Inferno.

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, pesando minhas palavras.

— Pode-se dizer que sim. As definições religiosas cristãs desses dois lugares têm algumas similaridades com o que nós conhecemos como os Outros Mundos, mas também há muitas diferenças. Como de costume, os mitos e as crenças têm uma mistura de um pouco de verdade e um pouco de fantasia. Você deve ter em mente que todas as religiões do mundo são fabricadas pelos homens, frequentemente como um mecanismo de controlar e intimidar as massas para que sigam a vontade de uns poucos. Portanto, serve ao propósito deles pintar certos quadros desses lugares de modo a encorajar seus asseclas a aspirar a um deles e a evitar entrar no outro.

— Sim, estou familiarizada com essa tática em particular. Fui forçada a frequentar a escola dominical da igreja durante anos antes de finalmente bater o pé e conseguir não ter que ir mais.

— Estou curioso para saber como fez isso. Tenho certeza, porém, de que foi de um jeito criativo, se é que já conheço um pouco de você.

— Bem, não sei se você consideraria criativo pintar três crianças de vermelho na hora da aula de artes e chamá-las de os novos filhos de Deus, mas foi assim que consegui meu passe livre. Acho que minha mãe ficou com medo que a igreja a excomungasse, ou exigisse um exorcismo, ou algo do gênero.

Gregale sorriu.

— Você me faz rir. Isso é difícil de se fazer com um elfo cinza.

— Talvez essa seja uma de minhas habilidades sobrenaturais. Eu consigo fazer que elfos cinzas deem risada.

Gregale inspirou fundo para se acalmar.

— Você trouxe à tona um ponto interessante. Quais são exatamente suas habilidades?

— Bem, eu poderia mostrá-las a você, mas isso provavelmente o mataria, de modo que talvez não deva. Estou mais curiosa em relação a esse dente de dragão.

— Você deveria mostrar ao Aguilhão o respeito que ele merece. Nunca entenderá plenamente a mágica contida nele; a magia que é um mistério para todos os fae. Essa arma é o Aguilhão de Blackthorn. Nunca se esqueça disso.

— Bem, acho que ele gosta de ser chamado de “Blackie”, então, é assim que o chamo.

Ele balançou a cabeça.

— Como dizem os humanos: problema seu.

— Então me diga. O que exatamente o Blackie é capaz de fazer?

— Bem, eu vi você causar uma bela de uma queimadura de fogo de dragão em Ivar outro dia.

— Queimadura de fogo de dragão? O que é isso?

— Isso é literalmente o que o nome diz: fogo de dragão. O Aguilhão de Blackthorn queima quem quer que toque, como se o poderoso dragão a quem o dente pertenceu houvesse expelido ele mesmo o fogo. Mas é claro que ele não lhe queima, visto que você faz parte da linhagem dos Blackthorn e o dente lhe foi dado de livre e espontânea vontade... você não o roubou.

— Achei que você havia dito que minha ancestral tinha matado o dragão.

— Sim, mas, no momento de sua morte, o dragão sempre se rende ao ser mais poderoso que ele. No caso do dragão chamado Aguilhão, o ser mais poderoso era sua ancestral, Shayla Blackthorn. De livre e espontânea vontade ele sacrificou suas presas e as deu a ela antes de morrer.

— Uau! Que zoado! Não consigo me imaginar dando meus dentes a alguém depois de esse alguém me mandar para o além.

— Dragões vivem segundo um código de conduta diferente do da maioria dos fae.

— Você disse que esse dente queima as pessoas; porém, outros encostaram nele e não se queimaram.

— Quem?

— Ah, amigos. Pessoas que o entregaram a mim, ou sei lá. O Verde. Alguns orcs.

— Até orcs?

— Sim.

Gregale pensou nisso por um minuto.

— Meu amigo Tony tinha um machado que só funcionava se ele estivesse com raiva e girando-o no ar.

— Que machado?

— Não sei. Foi a arma que ele escolheu durante o teste. Ele soltava luzes de um *laser* azul e zumbia quando ele o girava para os orcs. Eles tinham um medo mortal do machado de Tony.

— Definitivamente era feito por anões. Sim, algumas armas somente ficam imbuídas de seu poder quando o usuário deseja usá-lo. Caso contrário, são relíquias inofensivas.

— Talvez o Blackie seja uma delas. Quer fazer um experimento?

Eu tinha uma expressão endiabrada nos olhos.

Podia ver que Gregale estava travando uma batalha mental consigo mesmo. Ele era ao mesmo tempo um fae que tinha medo da arma e um elfo cinza que amava conhecimentos e análise de fatos.

— Qual é sua ideia? — perguntou com ares de suspeita.

— Vou colocar o Blackie no chão e dizer especificamente a ele para não o machucar. Aí, você vê se consegue pegá-lo sem se queimar.

A princípio ele me olhou como se eu fosse louca, mas então, conforme pensava no assunto, fui vendo sua determinação enfraquecer.

— Talvez... — Ele olhou para o Blackie e depois para mim. — Ok, tudo bem. Faça isso antes que eu mude de ideia.

Coloquei o dente no chão, pensando o tempo todo: *Não machuque o elfo, não machuque o elfo, não machuque o elfo...*

Gregale esticou a mão, hesitante, em direção à arma, deixando-a pairar bem perto dela. Então, encostou nela rapidíssimo, puxando a mão para trás na maior velocidade possível. Olhou para o dedo que havia encostado no Aguilhão de Blackthorn. Não havia nenhuma marca ali.

Ele sorriu para mim, de um jeito encorajador, e depois, imediatamente ficou sério. Mordeu o lábio, concentrando-se, enquanto abaixava a mão, movendo-se mais rápido dessa vez, colocando a palma inteira em cima do Blackie. Mais uma vez, puxou a mão rapidinho e viu que não havia nenhuma marca nela. Sua curiosidade finalmente acabou vencendo, e ele esticou a mão e pegou a arma, hesitante. Ergueu-a à altura dos olhos, fitando-a de todos os ângulos, com o êxtase estampado em seu rosto.

— Você não faz ideia da honra que é segurar o Aguilhão de Blackthorn assim.

— Quer fazer a segunda parte do experimento?

— Que seria... Ergui a sobrancelha. Então, enviei uma mensagem ao Blackie dizendo que Gregale não estava mais protegido contra suas queimaduras.

Ouvi um leve chamuscar antes do grito.

— *AAI! Bendita Mãe!!! Você me queimou!!*

Ele soltou o dente de dragão e segurou o pulso da mão machucada. Lágrimas surgiram em seu olhos, e a traição entremeava suas palavras raivosas.

— Você fez isso de propósito! Você sabia que isso ia acontecer.

Ele se esforçou para se levantar sem usar as mãos.

Para falar a verdade, eu não tinha certeza do que ia acontecer, mas suspeitava que isso aconteceria. Mas eu tinha um plano de apoio, caso isso acontecesse, e achei que ele ficaria feliz o bastante com essa última etapa para me perdoar pela queimadura.

— Relaxe, eu posso consertar isso.

— Não! Fique longe de mim, sua... Besta dos Fae das Trevas!

— Escute, eu posso ajudar você, mas vai ter que parar de me chamar disso.

Tenho certeza de que esse é um insulto muito grande, portanto, está me deixando furiosa.

— Chamo você do que é. Eu confiei em você, mas você me enganou. Você gostou de me queimar.

— Ah, cale a boca, Gregale. Eu não gostei de fazer isso. Admito que gostei de fazer o experimento porque ele me ajudou a aprender mais sobre a arma e minha ligação com ela. Vamos lá, você é um elfo cinza. Tem que admitir que isso foi interessante.

Ele esticou a mão com firmeza, ainda fazendo bico.

— Sim, os dados são valiosos, mas seus métodos são dos Fae das Trevas.

— Não, não são. Venha aqui e deixe que eu lhe mostre.

— Rá! Você deve achar que sou muito ingênuo. Não, obrigado, mas vou indo. Até a enfermaria, graças a você.

— Pode parar, camarada. Você não vai sair daqui até que eu tenha terminado meu experimento.

Ele ficou com uma expressão de pânico no rosto, e fez um movimento para sair correndo.

Enviei uma rápida mensagem ao Verde, cujo zumbido me cercou o dia todo, só esperando uma solicitação. Passou por minha cabeça que parecia que eu e O Verde só ficávamos realmente felizes e vivos quando estávamos conectados um ao outro.

Os fios de grama entranhados da campina se enrolaram em volta das pernas dele e fizeram com que tropeçasse no meio de seu passo largo. Ele gritava enquanto caía, rolando com as costas no chão para tirar a mão machucada debaixo do corpo. As vinhas saíram rapidinho da floresta ali perto para envolver seus tornozelos. Ele estava impossibilitado de sair correndo, mas ainda podia mexer todo o resto do corpo, menos as pernas.

— Você... você me sequestrou! Sou um prisioneiro!

— Pare de ser tão dramático. Eu só precisava que você parasse de correr, bobão.

— Para que possa me queimar de novo? Meus irmãos, os elfos cinza,

haverão de vingar minha morte! Você nunca vai sair ilesa disso!

Olhei nos olhos de Gregale. Tudo que vi ali foi pânico. Continuei com o olhar fixo nele, dando-lhe o sorriso mais legal que pude evocar; mas seu nível de pânico aumentava em vez de diminuir.

— Por que está surtando mais se não estou fazendo nada?

— Porque você está sorrindo para mim!

— Isso é porque estou tentando acalmá-lo, seu imbecil!

— Bem, você está parecendo lunática, então, por favor, pare com isso!

— Ah, desculpe. Escute, Gregale, por que eu ia querer matá-lo? Você foi o único que me contou alguma coisa sobre mim mesma, ou sobre minha arma, ou sobre qualquer coisa. Você é o que chamaríamos, no mundo dos fae, de um "recurso valioso". Não faz sentido desperdiçar recursos desse jeito.

Abri um grande sorriso… lunática ou não, eu não estava nem aí.

Vi o pânico lentamente deixar seus olhos. Então, um sorrisinho começou a se formar em seu rosto.

— Eu sou um recurso valioso. Você está certa sobre isso.

— Que bom. Então, permita que eu cuide dessa queimadura para você. É a última parte do experimento, ok?

Ele olhou com suspeita para mim, mas capitulou; sua curiosidade venceu seu medo da dor.

— Tudo bem. Por favor, não me mate, nem me queime mais, eu lhe imploro!

— Sem problemas. Só me faça um favor: faça o melhor que puder para me avisar quando estiver chegando a seu limite.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele em tom de suspeita.

— Você vai ver.

Eu esperava que meu trabalho com Céline, aprendendo a controlar o fluxo d'O Verde por meio dos meus amigos fae, funcionasse.

— Lá vai!

Fechei os olhos e entrei em contato com O Verde que me cercava. Era diferente, ali na campina, mas não menos poderoso.

Peguei as mãos de Gregale nas minhas, deitando com gentileza a palma de minha mão sobre a mão queimada dele. Abri os olhos para medir melhor sua absorção de energia. Eu podia ver que ele a sentia, embora estivesse em um nível muito, mas muito baixo mesmo.

— Ok, Gregale, vou aumentar um pouco essa parada aí. Isso é para curar suas queimaduras. Aguente aí e me diga quando estiver ficando demais. Está me entendendo?

Ele assentiu, e sua boca se movia, mas nenhum som saía dela... aparentemente, estava incapacitado de falar.

Pedi mais a'O Verde, mais do poder curativo, e ele me deu o que pedi, amorosamente, de livre e espontânea vontade, feliz até. Vi o êxtase se espalhar pelo rosto de Gregale. Eu tinha que me forçar a manter os olhos abertos: era muito mais tranquilo sair flutuando n'O Verde e não ter as imagens externas como intrusas em meu fluxo, mas precisava observá-lo para ver se notava algum sinal de AVC de fae. Eu podia sentir sua presença na rede de poder: forte, firme e brilhante.

Baixei o olhar para suas mãos, nós dois envoltos em um fraco brilho verde. Por algum motivo, o brilho verde da energia não alterou as cores que eu via dentro de Gregale. Fiquei olhando enquanto as queimaduras passavam de vermelho intenso a cor-de-rosa, e depois, não havia mais nada. Lentamente, puxei a energia de volta, observando seu rosto enquanto isso. Um leve franzir de cenho surgiu em seu rosto, o que era compreensível, visto que agora estava recebendo só uma fração da energia que recebera apenas dois segundos antes.

Deixei que O Verde se fosse, agradecendo-lhe e dando-lhe um abraço mental. Um suspiro longo e cheio de satisfação escapou de meus lábios. Sorri e olhei para Gregale na esperança de que ele não estivesse permanentemente na terra do lá-lá-lá.

— Gregale? Você está bem agora?

Seus olhos estavam fechados, mas ele sorria.

— Estou aqui. Realmente não quero estar aqui, mas estou.

Apertei suas mãos e as soltei. Ele esticou as mãos em minha direção involuntariamente, mas dei-lhe uns tapinhas de leve, com gentileza, afastando-as.

— Chega de vibrações verdes para você hoje. Hora de jantar.

Ele abriu os olhos.

— Já está na hora?

— Bom, não está bem na hora, mas tenho outras coisas a fazer.

Eu me levantei e lhe ofereci minha mão, que ele pegou e se levantou também. Ele olhou para baixo, para a palma de sua mão sem cicatrizes e sem ferimentos, flexionando-a e virando-a de um lado para o outro.

— Jayne, não tenho como lhe agradecer pelo que fez comigo hoje. Esta foi a experiência mais profunda de minha vida. Só de pensar... que fui queimado pelo Aguilhão de Blackthorn e depois curado, cinco minutos depois, pela força vital d'O Verde... Devo ser o único elfo em todo o universo conhecido que pode dizer que passou por uma coisa dessas. — Ele me olhou nos olhos, com uma expressão muito séria no rosto. — Eu lhe devo um favor, Jayne. Um favor muito grande, que poderá ser invocado quando você assim desejar. A qualquer momento, em qualquer lugar. Farei isso por você. Esta é a promessa de um elfo cinza, que é uma promessa que dura para sempre, até que o favor seja retribuído.

— Uau! Obrigada. Eu não esperava por isso.

Parecia algo bom aquilo, todo oficial e tal. Acho que o que havíamos feito era, de certa forma, importante para ele.

— Você provavelmente está certo ao dizer que foi o único a passar por uma coisa dessas. Sei que não fiz isso antes.

Mas o que eu sabia de verdade? Poderia haver dez outros fae por aí iguaizinhos a mim. E esse dragão devia ter pelo menos outra presa por aí também. Porém, se isso fazia que Gregale se sentisse especial, então, que diabos...?! Eu podia aceitar.

Caminhamos de volta até a porta do complexo. Gregale ficou vagando um pouco na direção errada, então, tive que pegá-lo pelo ombro algumas vezes.

— Por aqui, camarada.

— Ah, sim, você está certa. Desculpe, é que estou um pouco nas nuvens.

— Falando em nuvens, estou surpresa por você não ter saído voando para longe de mim assim que se queimou.

— Bem, nós não podemos fazer isso instantaneamente; e, como você percebeu antes, tudo de que precisamos é que alguém nos segure, e ficamos presos em nossas formas regulares. Isso não é muito conveniente.

— Ainda assim, gostaria de ver você voar. Eu vi Céline fazer isso uma vez.

— Ela é uma elfa prateada. Nós temos diferentes... técnicas.

— Que bom, então. Você pode me mostrar amanhã.

Gregale parou de caminhar e se virou em minha direção. Eu parei também.

— Então, você quer trabalhar comigo de novo?

Dei de ombros.

— Claro. Por que não? Você não é entediante.

Ele riu.

— E nem você, Jayne. Nem você.

Sorrimos um para o outro e depois voltamos a caminhar, logo alcançando a porta. Não sei ao certo se fui eu que fiz que a porta aparecesse ou se foi ele, mas eu estava pensando especificamente naquele padrão do número oito antes que a porta ficasse visível. Talvez eu estivesse pegando o jeito dessa coisa de porta mágica.

Despedimo-nos quando cheguei à entrada da sala dos computadores, prometendo me encontrar novamente com ele na manhã seguinte. Entrei na sala e fiz o *login* em um dos computadores, verificando imediatamente minha conta de *e-mail*. Não havia nenhuma mensagem me esperando, então, comecei a redigir uma nova para Tony.

"Oi, Tony! O que está acontecendo? Onde diabos você está? Se não responder a este e-mail*, vou ligar para os tiras ou algo assim. Você foi sequestrado? Pode me escrever de volta? Com amor, Jayne."*

Pronto. Com isso, eu deveria conseguir uma resposta.

Saí da sala com a intenção de ir até meu quartinho, mas vi um brilho em volta de uma porta que não era a que dava para o corredor dos dormitórios. Fui andando e a abri devagar, percebendo, quando o aposento entrou em meu campo de visão, que eu estava mais uma vez no escritório de Dardennes. E, de novo, o lugar estava vazio, exceto pelo *pixie* preso em cima da escrivaninha. Estava pensando nele

quando saí da sala dos computadores, perguntando-me se ele ainda estaria lá. Talvez fosse por esse motivo que a porta havia aparecido para mim.

Fui andando devagar até a campânula de vidro. O *pixie* estava lá sentado, porém, quando me viu, levantou-se de um pulo de novo, fazendo um gesto para a parte de baixo do vidro e um movimento para que o erguesse. Ele parecia tão esperançoso, que era de dar pena.

Dei a volta até o outro lado da escrivaninha e me sentei na cadeira de Dardennes. Levei-a para frente, de modo que pudesse chegar mais perto do *pixie*, curvando-me para baixo e colocando os braços em cima da mesa com o rosto encostado no vidro.

O *pixie* recuou um pouco.

Acho que deve ter parecido uma coisa bem horrorosa, meu rosto gigantesco assim tão perto dele. Recuei só um pouquinho, bem pouquinho, e o *pixie* voltou para a beira, mais perto de mim. Agora que estava perto assim dele, podia ver melhor suas feições. Ele usava roupas similares às dos outros fae, mas as suas eram verdes e marrons, e muito, muito mais minúsculas. Ele tinha cabelos castanho-avermelhados, e apesar de pequeno, parecia bem proporcional. Eu esperava que ele tivesse orelhas pontudas e um nariz também pontudinho, mas, não, parecia uma pessoa comum. Julguei ver uns músculos minúsculos sob sua túnica também. Eu me perguntava se as garotas *pixies* o achavam gostoso.

Podia ver que ele estava falando comigo porque seus lábios se mexiam. Gostaria de poder ouvi-lo, e me perguntava se conseguiria se ele estivesse fora do jarro, ou se sua voz teria um tom supersônico que só cachorros ou lobisomens conseguiam escutar.

— Gostaria de poder deixá-lo sair daí, mas o elfo cinza me disse que você usaria seu encanto de *pixie* em mim, e então eu ficaria na cidade dos doidos pelo resto da vida. E, ao que tudo indica, elementais como eu podem viver por um longo tempo, então, desculpe, mas não posso me arriscar. — Desferi meu melhor olhar apologético.

O *pixie* jogou as mãos para cima e ficou batendo os pés ao redor, gesticulando de um jeito selvagem. Alguma coisa que eu havia dito o enfurecera.

Percebi que conseguia entender o que ele estava pensando por suas reações. Talvez esse *pixie* soubesse brincar de fazer mímica para que os outros adivinhassem o que queria dizer.

— Ei, Homenzinho *Pixie*, não consigo ouvi-lo, mas talvez você possa me dizer o que quer com sinais ou gestos. Sabe do que estou falando? Tipo o jogo da mímica?

Ele assentiu, mexendo a cabeça para cima e para baixo bem rápido.

— Sei que você quer sair daí. Porém, se eu deixar, alguém vai se machucar.

Ele balançou a cabeça com veemência. Em seguida, colocou a mão no coração e baixou a cabeça, reverente, como se estivesse fazendo algum tipo de promessa para mim.

— Está dizendo que jura que não vai machucar ninguém?

Ele pulou para cima e para baixo, batendo palmas. Agora eu conseguia visualizá-lo dançando nos arredores de uma campina. Ele era bom nisso de pular de alegria.

— Você entendeu que quando eu digo "machucar", quero dizer que uma pessoa poderia ser vítima de seu encanto de *pixie* e acabar dançando e rindo por aí para sempre, certo?

O Homenzinho *Pixie* parecia confuso.

— Você sabia que os fae não gostam quando você os faz ficar dançando por aí?

Agora o Homenzinho *Pixie* olhava para mim como se eu fosse doida.

— É, é verdade. Fiquei sabendo disso só hoje. Veja bem, pessoalmente, acho que nós deveríamos dançar feito bobos com mais frequência, mas, ao que tudo indica, o encanto de sua espécie, dos *pixies*, faz que os fae façam isso o tempo todo. E eles têm que ficar sérios às vezes.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro, e então, deu uns pulinhos ao redor, sorrindo. Jogou os braços para frente, como se dissesse "Tá-dá!"

— É, entendo plenamente o que você está dizendo. Tipo, o que há de errado em ser feliz e estar alegre o tempo todo? Mas nós temos uma guerra rolando, e se passarmos todo nosso tempo curtindo por aí, sem fazer nada, só nos divertindo,

vamos ser mortos.

O Homenzinho *Pixie* parecia horrorizado com essa informação. Ele balançou a cabeça lentamente, como se não quisesse acreditar em mim.

— Estou dizendo a verdade.

Eu me sentei direito e coloquei a mão sobre o coração, fazendo uma leve reverência com a cabeça como o havia visto fazer antes.

Seus olhinhos superminúsculos se arregalaram e seus ombros caíram. Obviamente essa notícia de guerra não era uma surpresa tão agradável para ele.

— Você não sabia da guerra?

Ele balançou a cabeça em negativa. Ele se sentou dentro do jarro, olhando para seu colo.

— Ei, ei, Homenzinho *Pixie*.

Ele não ergueu o olhar.

Bati com gentileza no vidro.

— Ei!

Ele ergueu as mãos até os ouvidos e olhou feio para mim.

— Oops. Desculpe... Escute, tenho uma ideia; mas você não quer ouvir qual é minha ideia...

Levantei da cadeira, fingindo que ia embora.

Ele se ergueu de um pulo e gesticulou com as mãos, acenando na direção de si mesmo. Ele queria ouvir o que eu tinha a dizer.

Voltei a me sentar.

— Acho que eu vou deixar você sair daqui.

Ele sorriu e foi correndo até a beira do vidro, empurrando-o com o nariz.

Não consigo explicar de um jeito adequado quão super-hiper-hilário era ver um nariz de *pixie* pressionado no vidro daquele jeito. Quase fiz xixi nas calças de tanto rir.

Ofegante, eu disse:

— Afaste-se do vidro. Você está engraçado demais!

Ele franziu o cenho para mim, mas recuou um pouco.

— Ok, então, vou deixar você sair daí... com duas condições. Está me

entendendo? Você tem que me fazer duas promessas.

Ele assentiu furiosamente e ergueu dois dedos minúsculos. Eu mal os conseguia ver.

— Em primeiro lugar, tem que me prometer, por sua vida de fae... e pela vida de... pela vida de toda sua família *pixie*... que não vai usar seu encanto de *pixie* com ninguém e que não vai enfeitiçar ninguém e nem mandá-los para seu lugar feliz, feliz. Entendeu?

Ele assentiu. Primeiro, ficou pulando em volta, superanimado, e depois deu um tapa em seu pulso e parecia extremamente triste.

— Exatamente. Nada de hora da alegria para ninguém aqui na Floresta Verde. — Ergui dois dedos e apontei para o segundo. — Em segundo lugar, você tem que ficar comigo por um tempinho.

Ele olhou para mim, confuso.

Dei de ombros. Eu não sabia ao certo por que queria que ele ficasse comigo, só sabia que queria isso. Eu nunca havia conhecido um *pixie*, e estava disposta a apostar que ele tinha todos os tipos de coisas doidas para me contar. Além do mais, seria tão legal ter um amigo *pixie!* Ele devia dar um ótimo espião. As possibilidades eram infinitas.

— Quero que sejamos amigos. Achei que talvez você pudesse andar comigo por um tempinho.

Ele estava mais confuso agora. Apontou para si mesmo e depois para mim, e então voltou a apontar para si.

— É. Você e eu. Amigos.

Ele ficou dando pulinhos de um lado para o outro, rindo dentro de seu jarro. Depois, parou e olhou para mim com ares de questionamento.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não, não quero ir para a cidade dos doidos. Só quero ser meu eu de sempre. — Fiz uma cara séria.

O Homenzinho *Pixie* deu de ombros, como se dissesse: “Como você quiser”.

Eu podia lidar com isso.

— Então, temos um trato?

Estiquei minha mão gigantesca em direção à campânula de vidro, agindo como se estivesse dando um aperto na mão dele.

Ele esticou sua mão minúscula em direção ao vidro, como se estivesse dando um aperto de mão em mim.

Nós dois movemos nossas mãos para cima e para baixo.

— É melhor você não ferrar comigo. Vou esmagar você como se fosse um inseto se fizer isso comigo.

Ele colocou a mão no coração e balançou a cabeça em negativa.

— Ok. Lá vai...

Coloquei a mão em cima da campânula de vidro, segurando a alça e erguendo-a.

O rosto do Homenzinho *Pixie* se iluminou como se fosse um minúsculo raio de sol. Ele estava pulando, alternando-se entre os dois pés, batendo palmas e girando em volta de alegria. Tentei não ficar nervosa. Ele parecia um pouquiiiiinho feliz demais.

Quando o vidro estava alto o bastante para que ele saísse, a porta da sala se abriu com tudo, batendo com força na parede atrás dela. Dardennes e Céline estavam parados na entrada. Ivar, Niles e o homem velho do anfiteatro estavam atrás deles no corredor. Todos arregalaram os olhos quando viram o que eu estava fazendo.

— Não faça isso!!! — rugiu Dardennes ao mesmo tempo que Céline gritava:

— Nããããão!!!!

Mas era tarde demais. O Homenzinho *Pixie* voou para fora do jarro, ficou voando baixo em volta da escrivaninha e então veio direto em direção ao meu rosto.

Capítulo 18

GRITEI, NÃO PORQUE O *PIXIE* TIVESSE ME assustado, mas porque entrei em pânico com todo o mundo surtando ali. Além do mais, o *pixie* era meio parecido com um inseto gigantesco vindo direto para cima de mim, então, isso não ajudava.

Por sorte, tive a presença de espírito de não dar um tapão nele, mesmo sentindo minha mão esquerda se contorcer de vontade de fazer isso. Eu teria me sentido terrível se houvesse esmagado esse pobre carinha.

Todo mundo estava gritando e abaixando a cabeça e agindo, de modo geral, como um bando de doidos. Eu havia abaixado a cabeça também, em um reflexo involuntário. Senti algo em meu ombro e percebi, depois de uns dois segundos de pasmaceira e confusão, que devia ser o Homenzinho *Pixie*. Até então, eu não sentia vontade de dançar e dar risada, de modo que presumi que ele ainda não havia me zoado com sua mágica de *pixie*.

Levantei-me rapidinho porque vi que Ivar vinha em nossa direção. Eu podia ouvir os toncs-toncs de seus passos pesados no chão. Eu me perguntava como ele conseguia fazer tanto barulho se os mocassins de todo o resto do pessoal eram silenciosos nesses pisos.

— Pare! — gritei antes que ele chegasse perto demais.

Ouvi um minúsculo zumbido perto de meu ouvido. *Que diabos?*

Céline e Dardennes gritavam um com o outro, com Ivar e com os fae que haviam se reunido no corredor.

— Dá para todo o mundo calar a maldita boca? — gritei o mais alto que pude.

O lugar ficou instantaneamente silencioso. Dava para ouvir um alfinete se caísse no chão.

Continuei a falar, mais calma, com a voz mais baixa:

— O que você estava dizendo, Homenzinho *Pixie?*

Então, consegui ouvi-lo. Um fiozinho de voz em meu ouvido esquerdo.

— Meu nome é Tim, e não Homenzinho *Pixie!*

Eu ri alto; não pude evitar. Mas não era nenhum encanto de *pixie* que estava causando isso, era o fato de que o nome desse cara era Tim. Como o Pequeno Tim, do livro *Um conto de Natal*. Isso era demais, demais! Eu estava me inclinando para frente, segurando minha barriga, rindo, histérica.

Ergui o olhar, pronta para compartilhar minha piada com os outros fae, mas não via a reação que esperava. Não havia nenhum sorriso. Nenhuma expressão que dissesse "Caraca, queria saber o que é tão engraçado...". Não, a única coisa que eu via era medo mesclado com tristeza.

Céline estava com a mão na boca e lágrimas nos olhos. A cabeça de Dardennes pendia, lentamente balançando de um lado para o outro. O velho homem mago parecia triste, e seu cenho estava franzido. Niles só parecia irritado. Mas isso era normal em se tratando dele.

Olhei para Ivar, ainda rindo um pouco. Ele parecia estar morrendo de medo, e seus olhos estavam grudados em meu ombro. Eu estava pensando, enquanto olhava para ele, que se gritasse "Buu!" naquele exato momento, provavelmente ele gritaria como uma menininha e sairia correndo. Qual era o problema de todo mundo?

Parei de rir por causa da atitude totalmente deprimente deles.

— Que diabos há de errado com vocês, pessoal? Alguém acabou de morrer ou algo assim?

Céline virou a cabeça para olhar para Dardennes e o velho. Niles voltou a cabeça em minha direção, repentinamente parecendo confuso. Ivar deu um lento passo para trás. Dardennes ergueu a cabeça e se pronunciou:

— Jayne?

Olhei-o como se ele fosse imbecil.

— Siiiiiiiim?

— Por que não está mais rindo?

— Talvez porque vocês sejam um bando de corta-barato... vocês me deram um banho de água fria com suas atitudes... vocês são um pé no saco. *Dã!* Por que todo o mundo é tão sério por aqui o tempo todo? Não é de se admirar que os *pixies* estejam sempre usando a mágica com vocês.

Céline deixou a mão cair de sua boca.

— Você quer dizer... que não está sob o efeito da mágica dos *pixies* neste instante?

— Não, não seja ridícula. Você está me vendo pular em círculos e cantar?

— Bem... não... não agora. Mas você estava. Rindo descontroladamente, afinal.

— Isso foi porque Tim disse uma coisa engraçada. Pode me chamar de louca, mas dou risada das paradas quando elas são engraçadas.

Ela parecia confusa. Assim como todas as outras faces à minha frente. Então, ouvi o velho homem dizer:

— Ela está tendo alucinações. Esse é um dos estágios finais. Veio cedo para ela. Deve ser porque é uma elemental.

Olhei para eles com repulsa.

— Não seja idiota, coroa, não estou tendo alucinações. Tim é o *pixie*. Ele havia acabado de me dizer seu nome, e achei bem hilário que um *pixie* se chamasse Tim. Isso não é loucura, isso é normal. — Olhei para eles, mas ainda estavam obviamente confusos. — Vocês não estão entendendo?

Todos balançaram a cabeça em negativa.

— Meu Deus, onde diabos vocês estiveram nos últimos cem anos? O Pequeno Tim, do livro. Entenderam? Pequeno Tim?

Eles olharam uns para os outros para ver se alguém sabia de que diabos eu estava falando.

— Não importa. Se vocês conhecessem minha história humana, estariam morrendo de rir também.

Ouvi o zumbido perto de meu ouvido de novo, então, ergui o dedo para os fae que estavam na porta, fazendo um sinal para que ficassem quietos.

— Repita, Tim...

Escutei com atenção e o zumbido se transformou em palavras.

— Diga a eles que não quero entrar naquela prisão de vidro de novo!

— Escute, pessoal, Tim está dizendo que não quer voltar para dentro do jarro.

Ivar estivera recuando lentamente esse tempo todo, de modo que agora havia alcançado os outros.

— O que quer que eu faça? — perguntou baixinho a Dardennes.

Pela primeira vez desde que o conheci, Dardennes estava sem palavras. Ele só ficou lá, parado, mexendo devagar a cabeça de um lado para o outro. Decidi não esperar por sua decisão.

— Permitam que eu facilite as coisas para vocês, pessoal. Ninguém vai colocar nenhuma pessoa e nenhum fae dentro de nenhum jarro. Entenderam? Tim está comigo agora. Eu e ele temos um trato. Eu o tirei de dentro do jarro em troca da promessa de que ele não usaria a mágica de *pixie* em ninguém na Floresta Verde. Então, todos vocês podem relaxar e parar de fazer tempestade em copo d'água. Vocês não precisam se preocupar, podem continuar sendo seus eus infelizes e sérios. Ele não vai usar o encanto de *pixie* em vocês.

Niles gritou em resposta:

— Sua criança trocada imbecil! Você faz alguma ideia de quão perigoso é fazer tratos com os fae menores?

Aquele cocozinho me irritou tanto naquele momento. que não consigo nem descrever como fiquei. Perdi a compostura e fui para cima dele. Avancei por trás da escrivaninha.

— Não! Para falar a verdade, eu não sei! Quer saber por quê? Porque ninguém, incluindo você, seu anão babaca de uma figa, se deu ao trabalho de me dizer! Vocês apenas me tratam como se eu fosse algum tipo de experimento, deixando-me solta na Floresta Verde para machucar as pessoas, porque não faço a mínima ideia do que estou fazendo… vocês me deram uma droga de um dente encantado de dragão como arma e provavelmente riram para caramba de mim *quando* eu continuava chamando-o de graveto afiado! — Com isso, vi que Dardennes e Céline se entreolharam, e, se não me enganava, com ares de culpa — … Ah, é, e ninguém se dá ao trabalho de mencionar que há Fae das Trevas andando por aí, tentando mirar em mim e talvez atirar em mim para que eu possa comer poeira bonito. Estou começando a ter a impressão de que esse lugar poderia fazer uso de uma equipe de liderança mais organizada. E isso inclui você, seu babaca de

um anão milico... que, por acaso, sei que não é o durão que pensa que é, considerando que essa garota imbecil aqui foi capaz de amarrá-lo por seus pequenos, gordos e feios tornozelos antes mesmo de ser fae!!

Precisei dar cinco passos largos até ficar parada na frente deles, puxando o Blackie para fora de seu coldre e esticando-o à minha frente.

— Agora, saiam do meu caminho. Eu e Tim vamos checar meu *e-mail*.

Relutantes, eles se separaram para que eu pudesse passar. Dardennes esticou a mão para mim antes que eu começasse a andar.

— Jayne, por favor, não vá. Você tem o direito de estar com raiva. Vamos conversar sobre isso. Eu não... não tenho certeza de que tirar o *pixie* deste escritório seja uma boa ideia.

Desferi-lhe o olhar mais raivoso de minha vida.

— O nome dele é Tim.

Empurrei Dardennes para passar por ele, desferindo um olhar cheio de ódio a Niles quando saí. Arrogantezinho de uma figa.

Imaginei a sala dos computadores em minha mente, e em menos de um minuto estava na frente da porta. Entrei e bati com tudo a porta atrás de mim. Sentei-me ao computador mais afastado da porta, ainda fervendo de ódio.

— Tim, pode sair do meu cabelo agora.

Senti algo fazendo cócegas em minha nuca e em seguida Tim estava voando e foi pousar ao lado do teclado. Obviamente ele estava muito feliz. Dançou ao redor um pouco, e então pulou, em uma espécie de manobra de caratê, sorrindo e dando risada como uma pessoa louca enquanto imitava alguém detonando outro alguém com uma série de chutes e socos, que ele dava no ar, ao lado do teclado. Então, apontou para mim e se abraçou com força.

— É, eu fui incrível para caramba lá dentro, não fui?

Ele assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Sabe, gostaria de poder ouvi-lo melhor. Sua voz é tão... um fiozinho de voz.

A única maneira de eu conseguir ouvi-lo era se estivesse em minha orelha e a sala totalmente em silêncio. *Ah, tudo bem.* Poderíamos usar o lance das mímicas

por ora.

Eu digitava e Tim me observava com cautela. Eu não sabia se ele já havia visto um computador, então eu conversava enquanto escrevia minha mensagem.

— Isto é um computador. Nós o usamos para nos comunicar com pessoas no mundo todo. Eu era humana. Tenho um amigo humano que mora na Flórida, e sinto falta dele. Estou verificando se ele recebeu a mensagem que lhe enviei e se me enviou resposta. Viu? Eu clico nesses botões usando o *mouse*.

Tim surtou ao ouvir a palavra *mouse*. Foi voando até meu ombro e se enfiou em meu rabo de cavalo.

— Ai, Tim! Saia daí, você está puxando meu cabelo! Qual é seu problema?

Meu instinto era dar-lhe um tapa para tirá-lo de minha nuca, mas não queria machucá-lo, então só me encolhi pela dor que sentia, mas era difícil, porque aqueles cabelos da nuca eram muito sensíveis quando puxados.

Ouvi seu zumbido novamente, mas a única palavra que consegui entender foi *mouse*.

— Você tem medo de ratos?

Seguiram-se mais zumbidos.

— Saia daí, seu fracote! Não estava falando de um rato de verdade, e sim desse negócio aqui de computador, veja! — Mexi o *mouse* para frente e para trás até que o senti sair de meu cabelo. — Viu? Parece um rato... um rato branco com uma longa cauda, não é?

Tim voou para baixo de novo e pousou em minha mão, que segurava o *mouse*. Continuei a clicar nos botões para abrir meu *e-mail*, não mais preocupada com meu fracote amigo Tim. Ele ficou em minha mão como se fosse um surfista em uma prancha, balançando-se enquanto eu mexia o *mouse* de um lado para o outro.

Eu já havia quase terminado, e ainda pairava sobre o botão de recebimento de novos *e-mails*, quando, de súbito, Tim deu um pulo em minha mão. Com força. Quando aterrissou em minha mão de novo, fez que eu clicasse involuntariamente o *mouse*.

Minhas novas mensagens apareceram.

Dei risada.

— Boa, Tim! Você conseguiu! Você pisou no rabo do rato!

Tim voou e ficou suspenso à minha frente; suas asas batiam tão rápido que se tornavam invisíveis, e um grande e largo sorriso deixava seu rosto radiante. Ele girou com puro deleite. Eu não tinha a mínima ideia de como ele fazia isso sem ficar enjoado.

— Tim, relaxe. Não quero que, sem querer, você acabe usando a mágica de *pixie*, ou vomitando em mim.

Dei-lhe meu olhar mais austero.

Imediatamente, ele parou de voar alegremente e colocou a mão no coração de novo.

— É, é, eu sei que você me prometeu que não ia fazer isso. Só não faça sem querer também. Não quero que aqueles bobocas pensem que estavam certos em relação a você.

Vi que havia uma nova mensagem de Tony, então, imediatamente ignorei Tim. Cliquei com pressa na mensagem para abri-la, e meus olhos analisaram a resposta de uma linha, repetidas vezes, mal acreditando no que dizia.

"Jayne, estou bem. Não precisa mandar os tiras, só ando ocupado. A gente se fala depois. Tony."

Eu estava furiosa. Esse não era meu Tony. Alguém devia estar *hackeando* a conta dele, o que queria dizer que Tony não tinha como entrar em contato comigo. Cliquei com o *mouse* para abrir uma nova mensagem e meus dedos voaram sobre as teclas.

"Quem quer que tenha hackeado a conta de e-mail de Tony, vá se ferrar! É melhor ficar de olho, porque eu vou pegar você, seu babaca!"

Apertei enviar sem pensar duas vezes. Meu coração batia forte e meu rosto estava cheio de suor.

Tim olhava a tela do computador, analisando-a, e analisando também meus movimentos, concentrado. Vi quando ele foi voando até o *mouse* e o empurrou, até que o cursor ficou sobre o botão de "Nova Mensagem". Então, pulou em cima do *mouse*, fazendo que clicasse e abrisse uma nova mensagem. A seguir, voou até o

teclado e ficou pulando sobre as teclas. Lentamente, a sentença apareceu na tela.

quem é tony

Instantaneamente fiquei triste, e a vontade de lutar me abandonou.

— É meu melhor amigo no mundo. O humano que mora na Flórida.

a mensagem dele a deixa triste

— Sim. Mas acho que não foi ele que escreveu isso. Acho que foi outra pessoa fingindo ser Tony. Ele nunca me mandaria uma mensagem dessas.

por que você não vai vê-lo?

— Eu vou. Acho. Não sei como sair dessa floresta ou como voltar à Flórida. Além disso, não tenho dinheiro para pagar por uma passagem de avião. Eu e Tony vivemos em mundos diferentes agora, e eu deveria cuidar da minha vida e deixá-lo cuidar da dele. Logo que me tornei fae, achei que ficaria aqui só por algumas semanas e depois iria para casa. Mas, quanto mais aprendo sobre os fae e sobre sua vida, e história e futuro, mais percebo que ir para casa poderia não ser uma boa opção para mim. Acho que eu não me encaixaria por lá. Não que antes eu me encaixasse, mas acho que realmente, *de verdade*, agora não vou me encaixar.

Era a primeira vez que eu falava de meus medos em voz alta. Parecia mais fácil falar com Tim, por algum motivo… talvez porque ele era assim tão pequenino.

Tim estava ocupado no teclado.

Você é especial, não é como os outros fae

— Não sei, mas sei que Tony optou por permanecer humano em vez de se tornar uma criança trocada. E eles disseram que, uma vez que se renega o sangue fae, não se tem uma segunda chance. Então, ele vai ser humano para sempre e eu vou ser fae para sempre. Eu devia simplesmente esquecê-lo. Isso está me matando, mas parece ser a única forma de ser justa com ele. Tony precisa de novos amigos, não posso continuar me prendendo a ele desse jeito. Sei que isso seria o certo a fazer, mas eu sou egoísta e o quero todinho para mim. Estou ficando paranoica, achando que alguém o está influenciando. Mas isso é só obra da minha imaginação.

Tim parecia meio em pânico. Acho que ele não estava preparado para lidar com esse nível de tristeza. Seu rosto ficou radiante de repente; pulou até um espaço vazio em cima da mesa e dançou.

Ele estava hilário, jogando os cotovelos para os lados e chutando o ar em todas as direções. Não consegui evitar, e dei risada.

— O que é que há de errado com você? Você é um *pixie* com problemas mentais? Foi por isso que eles conseguiram pegá-lo?

Ele parou de dançar e colocou as mãos nos quadris, na defensiva.

— Brincadeira, estou brincando. Relaxe.

Nesse exato momento, soou um bipe na sala. Vinha do computador, um alerta dizendo que eu havia recebido uma nova mensagem. *Tony!*

Cliquei na mensagem e a abri, esquecendo Tim temporariamente.

> *"Jayne, não é um* hacker. *Sou eu, lembra? O cara que consegue ler suas vibrações? Só preciso de um pouco de espaço. Sinto muita sua falta. Dê-me um tempo. Tony."*

Lentamente realizei todas as etapas, saindo da conta e desligando o computador. As lágrimas faziam meus olhos arderem. *Acho que é isso. O começo do fim.* Tony estava me tirando da vida dele. Parecia tão errado, mas tão errado, mas eu sabia que esse sentimento vinha de um lugar egoísta. Meu coração estava se partindo. Eu tinha que forçar minhas malditas lágrimas a voltar para onde estavam.

— Venha, vamos jantar. Já tive agitação suficiente para um dia.

Um olhar de preocupação tomava o rosto de Tim, que voava para lá e para cá à minha frente, agitado com alguma coisa. Estiquei a mão.

— Que foi? Relaxe, ok?

Ele pousou na palma de minha mão. Fiz um grande esforço para ouvi-lo.

— Alguns fae gostam de comer *pixies!*

— Quêêêêêêê? Que coisa repulsiva! Quem come *pixies?*

— Ogros!

— Eca. Ivar é um ogro, mas ele não comeu você. Além disso, você não daria lá uma grande refeição. Você é meio... pequeno, e parece ossudo.

Tim cruzou os braços.

— Aquele ogro queria me comer; e só para você saber, *pixies* são considerados iguarias por muitos.

Balancei a cabeça em negativa.

— Tudo bem. Fique comigo que estará a salvo. Quem tentar comer você ou enfiá-lo em um jarro, vai sentir o gosto da chama de dragão... ou do fogo de dragão... do Blackie... que seja.

Tirei o dente de dragão do coldre para mostrá-lo a Tim.

Ele voou para o teto com tanta rapidez, que tudo que vi foi um borrão. Gesticulava de um jeito selvagem, mas eu não fazia ideia do que estava falando; só entendi que ele queria que eu levasse o Blackie para bem longe dele. Coloquei-o de volta no coldre.

— Pronto. Volte para baixo. Venha, estou com fome.

Ele desceu flutuando devagar, de olho em minhas mãos o tempo todo.

— Escute aqui, *pixiezinho*, pare de olhar para mim como se eu fosse machucá-lo. Se esse fosse meu plano, já teria feito isso há muito tempo. Estou confiando que você não vai usar sua mágica de *pixie* em mim e nem em nenhum dos outros fae aqui, e tem que confiar que não vou queimá-lo. Ok?

Ele pairou à frente de meu rosto, de modo que eu pudesse ver que estava assentindo, com a mão no coração de novo.

Cara, esse pixie *certamente gosta desse lance formal de juramento.*

Saí da sala com Tim no ombro. Conforme nos aproximávamos do salão de jantar, senti que ele foi para dentro do meu cabelo. Meu rabo de cavalo estava bem solto e bagunçado a essa altura do campeonato, oferecendo-lhe vários lugares para se esconder. Acho que enquanto tivesse um amigo *pixie*, teria que fazer algumas concessões em relação a meu penteado, sendo uma delas usar rabos de cavalo bagunçados, em vez de arrumadinhos e bem presos. Dei de ombros pensando nisso. Não que o amor da minha vida estivesse ali...

Abri a porta e entrei na sala, esperando ser recebida pelos ruídos normais de fae conversando e o tinido de pratos e talheres. Em vez disso, os sons que se ouviam segundos antes de eu abrir a porta desapareceram de imediato. O único barulho que ouvi foi o de alguns fae deixando cair seus garfos. Várias pessoas se levantaram de súbito de suas cadeiras e recuaram, afastando-se de mim, procurando saídas.

— Caramba, pessoal! Ele é só um *pixie* minúsculo! Não vai machucar

nenhum de vocês!

Os únicos que não pareciam assustados eram meus amigos. Olharam para mim e depois voltaram os olhos para o resto do grupo, completamente confusos.

Tentei mais uma vez.

— Parece que fui vítima de mágica de *pixie*? Parece? Fui? Não! Não fui! Viram? Estou raivosa como sempre. Caras, vocês são uns racistas, sabiam?

Alguns deles olharam para mim em estado de choque. Outros olharam de relance para os fae próximos, provavelmente para checar se haviam ouvido direito.

Revirei os olhos e meneei a cabeça, caminhando até o bufê. Os fae que lá estavam tentavam sair do caminho de um jeito casual, agindo como se não estivessem assustados.

Idiotas.

— Não se preocupe com isso, Tim... eles vão se acostumar. — Peguei um prato no fim da fila. — O que os *pixies* gostam de comer? — perguntei a ninguém em particular, na esperança de que Tim falasse em meu ouvido. No entanto, os ruídos haviam começado de novo na sala, de modo que eu não conseguia ouvir o que ele dizia, embora ele tentasse.

Senti alguém bater em meu cotovelo. Abaixei o olhar e me deparei com Niles. Eu estava preparada para sua encheção de saco de novo, de modo que levantei a guarda de imediato.

— Não estou aqui para brigar — disse ele com sua voz rouca. — Vim aqui para... pedir desculpas.

Pedir desculpas? Niles?

— Acabo de ser vítima da mágica de *pixie*, ou ouvi você dizer que queria me pedir desculpas?

— Não precisa tornar isso ainda mais difícil — disse ele com voz rouca.

— Não preciso tornar isso mais fácil — falei na defensiva.

Se meus olhos não me enganavam, os cantos de sua boca se curvaram um pouquinho para cima.

— É justo. Só para que saiba, os *pixies* comem frutas.

Ele se virou e voltou para seu lugar, a uma das mesas que agora estavam

dispostas nas laterais da sala.

Vi que ele estava sentado com o grupo que havia confrontado a mim e a Tim no escritório de Dardennes. Desferi a todos um olhar cheio de raiva, mas eles não me olharam do mesmo jeito. Em vez disso, todos pareciam um pouco decepcionados. *Que bom. Vamos deixá-los de molho um tempinho.* Coloquei algumas carnes que pareciam recheio de sanduíche em meu prato e algumas frutas diferentes de uma bandeja no fim da fila. Fui achar um lugar para me sentar junto com meus amigos.

— Que diabos foi aquilo tudo? — disse Becky sem fôlego. — Cara, ah, cara... você sempre vem com drama. Não sei se devia ficar com ciúmes ou sentir pena de você.

— Vá por mim, você devia sentir pena de mim. Porém, se ficar com pena de mim agorinha mesmo, posso lhe dar uns tapas.

— Então, minha pequena causadora de problemas, o que foi que você fez para transtornar todos os fae desta vez? — perguntou Spike com um sorriso em seus olhos cor de âmbar.

— Bem, quando ele estiver pronto, vou mostrar Tim a vocês.

— Quem é Tim? — perguntou Finn.

— Você vai ver — falei em tom de mistério, comendo minha comida. — Tim, hora de comer. Pode sair. É melhor você se apressar, ou vou comer suas frutas.

Senti que estava se mexendo, mas ele não apareceu de imediato.

— Sei que deve estar com fome. Você ficou naquela campânula de vidro por pelo menos um dia.

Senti-o rastejar por ali. Então, senti seus passos leves em meu ombro. Poucos segundos depois, ele estava voando e zunindo no ar perto de meu ouvido.

— Eles não vão surtar... vão, pessoal? — perguntei olhando para meus amigos, dirigindo-lhes um olhar de aviso e revirando os olhos.

Eu estava tentando lhes dizer que Tim era um pouquinho medroso.

Lentamente, ele desceu voando por meu lado, de forma a pairar acima de meu prato.

Becky ficou ofegante e depois sorriu com alegria.

— Ah, minha nossa, ele tão fofinho!

Ela esticou a mão na direção dele, mas deu um gritinho e afastou-a rapidinho quando ele lhe deu um tapa no dedo.

— Por que diabos você fez isso?

Ri da expressão indignada dele.

— Ele não é fofinho, Becky. Só porque é pequeno, não quer dizer que é fofinho. Ele é bem durão. Ele poderia jogar sua mágica de *pixie* neste lugar inteiro e mandar todo o mundo para eterna terra do lá-lá-lá.

Becky arregalou os olhos, e lentamente colocou a mão debaixo da mesa, o mais longe possível de Tim.

— Des-desculpe, T-t-tim.

Ele voou na direção dela com um largo sorriso no rosto. Girou em volta dela no ar até que não passava de um borrão de asas, e repousou a apenas poucos centímetros do nariz dela.

Becky ficou sentada, pasmada, sem se mexer, olhando vesga para ele porque estava perto demais.

— Tim, vá para trás. Você está perto demais dela. Vai fazê-la ter um ataque cardíaco.

Cutuquei Becky, quebrando seu transe, e ela olhou para mim, ainda em choque.

— Ele não vai machucá-la — falei para confortá-la. — Ele prometeu guardar o pó de *pixie*, ou seja lá o que for, para si mesmo. Pode me passar o sal?

Finn me entregou o sal sem tirar os olhos de Tim em momento algum.

— Você está querendo me dizer... que esse pequeno... quero dizer, que esse velho e durão *pixie*... pode derrubar esta sala inteira completamente sozinho?

Obviamente, Finn estava pasmado.

— Sim. Como eu disse, ele é durão.

Então, Tim, o durão, deu um mergulho no ar e tentou pegar um morango de meu prato. Tive a sensação de que ele planejava levá-lo de volta para dentro do meu cabelo para comê-lo, e eu não ia topar isso de jeito nenhum. Mas não precisei

me preocupar, visto que, obviamente, o morango era pesado demais para ele.

Finn observava o esforço do pequeno *pixie* tentando pegar o morango e tentou esconder seu sorriso com o dorso da mão.

— Acho que força física não está no baú de truques dele.

Tim ergueu o olhar para Finn e fez uma cara feia.

— Tsc, tsc, Finn. Você não aprendeu ainda? Pequeno não quer dizer fraco. No mundo dos fae, geralmente pequeno quer dizer concentrado. Como em *poder concentrado.*

Tim se levantou, tentando parecer indiferente, mas obviamente estava se aprumando. Passou a palma da mão pelo cabelo, alisando-o, flexionando o minúsculo músculo de seu braço enquanto baixava a mão.

Santas asas de morcego, esse carinha é hilário! Eu só esperava que não fosse banido para alguma maldita colônia de *pixie* tão cedo. Ele me deixava alegre, e tenho certeza de que se tratava de uma alegria totalmente natural, e não do tipo induzida pela mágica de *pixie*.

Capítulo 19

TERMINAMOS O JANTAR E FOMOS ATÉ O quarto de Spike depois. Nenhum de nós estivera lá antes. Seu quarto parecia muito com o meu, sendo a única diferença que ele tinha algumas coisas artísticas em sua cômoda. Também tinha uma bandeja de prata para as lembrancinhas dos *brownies*, como a minha, só que os ornamentos nas bordas eram diferentes.

Caminhei até a cômoda e peguei o treco artístico lá de cima. Tratava--se de um pingente pesado em uma corrente com uma aparência antiga. Ergui-o, observando enquanto aquilo oscilava para frente e para trás à minha frente. Tim chegou voando e se agarrou ao pingente, balançando-se nele com um grande sorriso no rosto. Parecia uma criancinha no parque.

Spike se aproximou e observou enquanto o *pixie* se balançava, olhando por trás de meu ombro.

— Isso é legal, o que é? — eu quis saber.

— É uma cruz.

Aquilo não parecia a cruz normal cristã. Havia alguns elementos diferentes nela, e as duas partes eram simétricas.

— Isso eu sei, ora! Você é religioso?

Eu estava meio surpresa com o fato de ele ter uma cruz. Eu me lembrava da primeira vez que vi Valentine na floresta, e todos presumimos que ele fosse um vampiro. Ele havia mordido o pescoço de Chase e parecia sugar o sangue dele. Mas depois Chase nos disse que ele estava sugando sua força vital. Eu havia visto sangue nos dentes de Valentine, então, não estava nem um pouco convencida daquilo.

— Não, para falar a verdade, não sou nem um pouco religioso. É que isso faz parte do meu treinamento... tenho que me focar em alguma coisa para me ajudar a encontrar meu centro. Sabe, conseguir me controlar para que minhas ânsias não me dominem. Muitos íncubos usam esses medalhões em forma de cruz. Acho que essa vem de alguma parte do mundo onde esse *design* específico tem uma história especial, ou coisa assim.

Spike se inclinou em minha direção e cheirou meu pescoço. A sensação fez que calafrios subissem e descessem por minha coluna.

— Spike. Concentre-se na cruz. Encontre seu centro.

Ele deu risada.

— Dê-me isso aqui.

Ele esticou a mão para pegar o pingente, fazendo que Tim saísse voando em uma rajada de asas de *pixie*.

Tim continuou voando baixo por cima de meu ombro oposto, irritado por ter sido despejado de seu balanço.

— Tenho uma pergunta a fazer sobre os íncubos — falei. — Como é que Valentine não é um vampiro? Ele sugou o sangue de Chase... todos nós vimos.

Spike parecia confuso em relação ao motivo de minha pergunta.

— Porque ele não é um morto-vivo!

— Morto-vivo? O que é isso? Isso significa algo além de zumbi?

— Na verdade, não. Bem, mais ou menos. Acho que é um pouco complicado. Eu mesmo só estou aprendendo essas coisas agora.

— Eu estava me perguntando isso também — disse Becky. — Valentine mordeu Chase. Isso quer dizer que você vai morder as pessoas também, Spike? Você é, tipo, um vampiro?

Fiquei impressionada com a atitude de Becky. Ela foi tão pragmática... Eu havia ficado preocupada com a possibilidade de ofendê-lo, mas acho que não devia.

— Do jeito como me explicaram, e se entendi direito, é que quando um fae está vivo, aqui, neste mundo, caras como eu são íncubos. A versão feminina é súcubo. Para falar a verdade, mal posso esperar para conhecer uma delas!

Ele esfregou as mãos uma na outra, e o vermelho em seus olhos se acendeu com o pensamento.

Peguei o pingente e o balancei na frente de seu rosto de novo.

— Foco! Conte a história, idiota.

Spike balançou a cabeça.

— Ah, é. Então, como estava dizendo — olhou feio para mim —, enquanto eu estiver vivo aqui, sou um íncubo. Minha expectativa de vida é de alguns milhares

de anos, mais ou menos. A princípio, achei que eu fosse imortal, mas, ao que parece, nenhum fae é imortal, embora alguns vivam uma vida realmente longa, muito longa mesmo, e são difíceis de matar. Então, resumindo, quando eu morrer, vou para um dos Outros Mundos.

— Ah, é, eu ouvi isso de Gregale, o elfo cinza — falei.

Spike prosseguiu:

— Então, se de alguma forma eu fizer por merecer o privilégio, e não sei exatamente como se faz isso, acabo indo parar no Mundo de Cima.

— O que é isso? É tipo o Céu? — perguntou Finn.

— É, acho que sim. E então, se de alguma forma eu ferrar com tudo, acabo indo parar no Submundo.

— Não me diga, deixe-me adivinhar... inferno? — disse Finn.

— Bem, talvez. Não exatamente, mas, é. E se eu for para o Submundo, vou me juntar às legiões dos mortos-vivos, ao que tudo indica.

— Caramba, carambola! E o que acontece então? — quis saber Becky, ansiosa.

— Então eu me torno um vampiro. Os íncubos se tornam vampiros no Submundo. Somos similares, mas não iguais.

— Odeio ter que dizer, mas isso é infernalmente interessante! — falei.

— Por que você odeia ter que dizer isso? — perguntou Spike.

— Não sei. Vampiros? Submundo? Isso é meio sinistro. Então, qual é o lance de sugar o sangue enquanto se é um íncubo? Isso não é um lance de vampiro?

— Bem, nunca fiz isso, mas, aparentemente, o íncubo obtém sua... energia, sugando a energia sexual ou vital de outras criaturas. Humanos são os melhores, mas os fae são bons também... alguns mais que outros... — com isso, ele me desferiu um olhar penetrante, que por um lado era lisonjeiro, e por outro, assustador. — E Valentine me disse que se perfurarmos a pele do... doador de energia... a sensação é mais intensa e o fluxo mais forte. É como perfurar um invólucro, e a energia sai mais fácil. — Ele deu risada, um pouco envergonhado. — Disseram-me para visualizar um saco de açúcar. A gente pode chupar do lado de fora do saco, e em algum momento acaba sentindo o gosto doce. Porém, se fizer

um furo no saco, o açúcar vai começar a vazar bem rápido. A gente pode ter um grande barato fazendo as coisas desse jeito.

Estremeci.

— É, mas se rasgar, se abrir um buraco no saco faz com que saia mais... por que Valentine simplesmente não arregaçou a garganta de Chase?

— Ah... o ponto-chave é que não se pode matar o doador. Tanto a energia sexual quanto a vital desaparecem junto com o espírito do doador assim que ele deixa este mundo... quando o doador morre. Temos que nos certificar de que ele fique vivo. E não só um pouco vivo... bem vivo. É claro que sugar demais sua energia também pode matá-lo, então... — ele deu de ombros.

— Então, o que você está dizendo é que... isso não é uma ciência perfeita... esse lance *sexy* de íncubo de sugar energia.

— Não, de jeito nenhum. E a parte mais difícil é aprender a controlar isso. Vou precisar de muita prática...

Ele veio de fininho para perto de mim, colocando as mãos de leve em meus ombros, apertando-os bem de levinho.

Eu não podia acreditar que nosso superbacana amigo violonista e provedor de *pizza* fosse um sugador de energia-sexual-vital que furava as pessoas com os dentes. Isso não se enquadrava na personalidade dele, mas eu tinha que admitir que definitivamente se encaixava com sua aparência. Ele era gostoso, bem gostoso, gostoso como um íncubo é gostoso, da cabeça aos pés. Mexi os ombros para que ele tirasse as mãos dali e dei um passo para o lado. Era desconcertante o calor que havia surgido dentro de mim.

— No Submundo, todos os fae se tornam algo similar ao que eram quando estavam vivos. Até você — disse ele com um toque diabólico nos olhos.

— Eu? É sério? Fico imaginando o que eu me tornaria... — pensei alto.

Tinha que me lembrar de fazer essa pergunta a Gregale.

— Bem, isso não me parece certo — disse Becky incomodada.

— Que foi?

— Bem, a gente vai para o Submundo e se torna outra criatura. Imortal, dessa vez. E vai para o Mundo de Cima e vira o quê? Nada? Uma lembrança? Não

quero simplesmente desaparecer quando morrer. Mesmo que isso aconteça daqui a um bom tempo.

— Valentine me disse que nós nos tornamos alguma coisa no Mundo de Cima também, mas não vampiros. Algum tipo de anjo ou algo do gênero.

Assenti. Aquilo estava começando a fazer algum sentido. *Tanto sentido quanto essas drogas sobrenaturais podem fazer.*

— Então, vampiros realmente existem. E zumbis?

— É...

— Nem ferrando! Isso é tão esquisito!

— Não é? — concordou Spike.

— Cara, ah, cara, eu realmente levava uma vida protegida antes de vir para cá — disse Finn balançando a cabeça. — Mas, às vezes, gostaria de voltar para lá, sabem? Chega uma hora em que as informações são demais!

Ficamos todos calados pensando nisso.

O que fez que eu me lembrasse de Tony.

— Ei, tive notícias de Tony.

Becky recuperou o ânimo instantaneamente.

— Legal! Como ele está?

Soltei um suspiro.

— Ele está bem, acho. Mas ele, de certo modo, mandou que eu me afastasse e lhe desse um pouco de espaço.

Becky ficou de queixo caído.

— Ah, Jayne, sinto muito, muito mesmo.

Ela se levantou da cama de Spike e veio até mim para esfregar meu braço.

Dei de ombros, olhando para baixo, para o chão, e não nos olhos dela. Não queria sentir dó deles e começar a chorar. Tim veio até mim e pousou em meu ombro. Senti quando ele se sentou ali e parou de mexer as asas.

— É melhor assim — admiti. — Não posso voltar para lá, e ele não pode vir até... aqui.

Minha voz falhou na última palavra. Eu tinha que parar de falar para não passar vergonha.

Becky me deu um abraço apertado e Tim se lançou para cima, voando acima de nossa cabeça. Eu podia ouvir o zumbido de suas asas enquanto batiam com fúria para mantê-lo no ar.

Dei um apertãozinho em Becky e me afastei um pouco dela.

— Então, de qualquer forma, vou lhe dar um pouco de espaço e me concentrar em entender essas paradas dos fae. Então, talvez depois de um tempo, eu consiga voltar a entrar em contato com ele, e não ficar tão emotiva.

Finn olhou em minha direção, e havia solidariedade em seus olhos.

— Eu entendo você, Jayne. Nossos mundos não se misturam muito bem, acho. Mas não fique tão deprimida por causa disso. Ele é um cara bom. Sei que não quer ficar totalmente sem você. Provavelmente só precisa de um tempo. Ele vai ficar bem. Pelo menos, não está aqui se preparando para entrar em uma guerra.

— É, tem isso aí.

Spike veio até mim e esfregou minhas costas. Dessa vez, não do jeito *sexy*. Estava só sendo amigo, que era o que eu necessitava nesse momento.

— Sei que não somos substitutos para ele, mas você tem a nós também, não se esqueça disso.

Sorri para ele e para os outros.

— Não, não vou esquecer.

Tim decolou repentinamente, vindo de cima, e ficou pairando na frente de meu rosto, dando um giro no meio do caminho.

— Sim, e tenho Tim também.

— Tim, o *pixie* durão — disse Finn com um sorriso permeando sua voz.

Tim olhou para ele com ares de suspeita, mas depois sorriu. Sua exuberância natural não podia ser abafada. Nem pela provocação de Finn.

— Bem, estou cansada — falei bocejando. — Vou para a cama. Boa--noite, pessoal.

Eu não fazia a mínima ideia de que horas eram. Queria ir visitar Chase antes de dormir, mas sozinha, sem um bando de fae comigo. Mas Tim não tinha problema, eu queria mesmo que ele conhecesse Chase.

Assim que chegamos ao corredor, expliquei a Tim aonde estávamos indo.

Qualquer um que passasse por nós acharia que eu estava louca, falando sozinha, porque Tim havia, de novo, feito de meu cabelo sua casa.

Chegamos rapidinho à enfermaria, visto que ficava perto do quarto de Spike. Segui até o corredor do centro, até o leito de Chase, e ao chegar, sentei-me na beira da cama, olhando para baixo, para ele.

Tim saiu de seu esconderijo, primeiramente pairando acima da cabeça de Chase e depois descendo até ficar em pé em seu travesseiro, ao lado do rosto dele.

— Este é Chase — expliquei. — Ele levou uma flechada nas costas que era para ter me acertado, então é meu herói. Mas eles não sabem qual era o feitiço, então, não conseguem ajudá-lo ainda.

Tim foi marchando até parar ao lado da bochecha direita de Chase. Inclinou-se na direção do rosto dele tentando olhar mais de perto seus olhos. Voou para cima, pousando na testa de Chase, prostrando-se de joelhos. Fiquei olhando enquanto ele se inclinava e pegava com suas mãozinhas de *pixie* os cílios de Chase, puxando-os para trás com toda sua força.

— Que diabos você está fazendo, seu esquisitinho? Tentando virar as pálpebras dele do avesso? — estiquei a mão para afastá-lo dali. — Isso não se faz, viu? O cara está indefeso.

Tim deixou os cílios de Chase caírem, colocando as mãos nos quadris em sinal de frustração.

— Que foi?

Obviamente, ele estava perdendo a paciência comigo, mas eu não sabia qual era o motivo.

Ele ergueu seu próprio olho, forçando sua pálpebra a se levantar.

— Oh. Dã. Você quer olhar nos olhos dele? Bem, por que simplesmente não disse?

Estiquei a mão e ergui a pálpebra de Chase. Sua pupila não respondia à mudança na luz. Eu não era médica, mas isso não tinha como ser coisa boa.

Tim pulou para a bochecha de Chase, caminhando sobre ela de modo a poder olhar seus olhos. Então, voou até o peito de Chase e pousou em cima, com o ouvido pressionado junto ao coração. Por fim, voou até a mão de Chase, fazendo

um esforço tremendo para virá-la. Eu o ajudei, virando a mão de Chase com a palma para cima, e observei enquanto Tim colocava suas mãozinhas minúsculas no pulso de meu amigo.

Tim inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse se concentrando no que sentia. Depois de cerca de trinta segundos, subiu voando até meu ouvido, tagarelando. A enfermaria estava em completo silêncio, de modo que eu podia ouvi-lo com facilidade.

— Conheço alguém que pode ajudá-lo.

— Quem?

— Uma bruxa.

— Bem, quem é ela? Vamos buscá-la.

Eu me levantei.

— Não, ela não está aqui. Ela fica lá fora.

— Lá fora, onde?

— Na Floresta Verde.

— Ela é uma Fae das Trevas? — perguntei sussurrando.

— Não sei... que diferença isso faz? Mas ela mora lá, e não aqui.

— Você pode me levar até ela?

— Sim, amanhã.

— Por que não esta noite?

— Está escuro, e eu tenho medo de escuro.

— Fracote.

— Posso bater em muitas coisas ao voar. Os *pixies* não têm a melhor visão noturna do mundo.

— Ok, amanhã então. Vamos indo. Tenho que fazer o que puder por ele.

Tim decolou e ficou voando baixo, em volta do rosto de Chase, repousando em sua testa. Curvou-se e deu tapinhas de leve perto da linha dos cabelos de Chase. Era uma fofura ver esse *pixie* me tranquilizando e se importando com meu amigo.

— Venha, vamos dormir. — Olhei para a forma imóvel de Chase enquanto me levantava. — Boa-noite, Chase. A gente se vê amanhã.

Eu odiava vê-lo ali deitado, incapaz de me responder.

Saímos da enfermaria ignorando os olhares de esguelha da enfermeira fae noturna. Provavelmente achava que eu estava falando sozinha o tempo todo.

Fomos até meu quarto, nosso quarto, creio, e abri a gaveta de minha cômoda para tirar uma túnica limpinha e roupa de baixo. Queria tomar um banho antes de dormir.

— Aonde você vai? — Tim me perguntou ao pé do ouvido.

— Tomar um banho. E você não vai ficar olhando, seu pervertido, então fique aqui.

— Preciso de um banho também.

— Bem, você pode tomar um banho na pia, se quiser, mas não tenho nenhuma roupa limpa para você.

Ele foi voando até a cômoda e ficou em pé na bandeja, franzindo o cenho.

Um pensamento surgiu em minha cabeça.

— Mas posso arranjar algumas roupas para você, amanhã. Esta noite, você pode ficar sujo. Aqui — mantive a gaveta aberta —, durma aqui dentro. Vou deixá-la semiaberta para você. Vai ficar seguro e quentinho aí.

Tim deu um pulo para dentro da gaveta e ficou em pé em cima de minhas roupas dobradas. A parte de cima de seu corpo estava para fora da gaveta. Ele colocou as mãos na parte da frente da madeira, olhando para mim. Eu me curvei, de modo que ficamos cara a cara, tentando, com dificuldade, não sorrir demais, mas era difícil. Ele parecia tão adorável pendurado na beira da gaveta daquele jeito; mas eu sabia que ele não apreciaria esse tipo de admiração. Ele se via como o cara durão que era — dane-se o tamanho —, e não como o garotinho fada do tamanho de um brinquedo que meus olhos viam.

— A gente se vê amanhã, Tim.

— Jayne?

— Sim?

— Obrigado por me tirar de baixo do vidro. E por acreditar em mim.

— De nada. Obrigada por não usar sua mágica de *pixie* em meus amigos. Ou em qualquer um daqueles outros babacas.

Ele sorriu.

— De nada. E se um dia mudar de ideia, posso usar minha mágica de *pixie* em quem você quiser.

— Vou me lembrar disso.

Estiquei a mão e fechei a gaveta quase por completo.

Tomei banho e vesti meu pijama em tempo recorde, estando de volta ao meu quarto em menos de dez minutos. Fui até minha cômoda para me certificar de que Tim estava bem. A princípio, não o vi, o que fez meu coração bater mais rápido, mas então ergui com cuidado uma túnica e o encontrei dormindo profundamente embaixo dela, com as asas envolvendo seu corpo, fazendo que parecesse estar dentro de um casulo. Com gentileza, coloquei a túnica de volta em cima dele e fui para a cama, pensando na bruxa que encontraria no dia seguinte e que poderia ou não ajudar meu amigo *daemon*, Chase.

Capítulo 20

VI GREGALE NO CAFÉ DA MANHÃ E disse a ele que trabalharíamos juntos depois do almoço. Ele assentiu, distraído, com o olhar fixo no *pixie* que voava em volta de minha cabeça. Não parecia importar o fato de que ninguém havia sido vítima de mágica de *pixie* até então. Acho que todo o mundo estava preocupado com a possibilidade de ser o primeiro. Devia ser um pé no saco para um fae como Tim todo o mundo ficar olhando para ele como se fosse algum tipo de terrorista. Pobres pequenos *pixies*. Tudo que queriam fazer era cantar, dançar e ser felizes. Todos esses outros fae estavam sempre tão sérios... Em minha opinião, a alguns deles faria muito bem uma boa mágica de *pixie*. Como Niles, por exemplo.

Minha completa falta de planejamento ou de pensamentos sobre a missão de encontrar a bruxa me atacou assim que entramos no corredor e percebi que não fazia a mínima ideia de *aonde* ir. Para achar a porta de saída correta, teria que ser capaz de imaginá-la, mas eu não sabia onde ficava nosso destino.

Fiquei parada no corredor, do lado de fora da porta do salão de jantar, perdida.

— Tim, não faço a mínima ideia de que caminho seguir. Nunca estive do lado de fora da porta que você provavelmente necessita.

Ouvi um "Siga-me" fraquinho perto do ouvido. Tim voou para minha frente, descendo o corredor, e acabou parando diante de uma porta que tinha uma cabeça de gárgula no meio. Aquilo era meio esquisito. Mais uma vez, fiquei me perguntando sobre o significado desses diferentes símbolos.

Tim ficou pairando na frente da porta, fazendo gestos para que eu a abrisse, fazendo-me pensar em como era um saco ser tão pequeno a ponto de ter que pedir que alguém abrisse todas as portas para que conseguisse ir a algum lugar. Logo além da porta aberta ficava uma densa parte da floresta.

— Caraca! Onde estamos? E como foi que você achou aquela porta?

Tim saiu voando à frente de novo, fazendo que eu o seguisse. Deveria estar claro lá fora com o sol da manhã, mas estava sombrio. Olhei para cima, para o topo

das árvores, mas só havia tons de cinza entre os galhos. Uma névoa pesada se prendia ao solo mais à frente. Naturalmente, era essa a direção que Tim seguia.

— Tim! — gritei sussurrando. — Espere!

Ele ficou pairando no ar, esperando que eu o alcançasse.

— Tim, estou um pouco preocupada com este lugar. Tem certeza de que não há nenhum Fae das Trevas aqui? Sabe que alguém tentou me atingir antes, certo?

Tim se sentou em meu ombro. Com a plena imobilidade da floresta, era mais fácil escutar seu fiozinho de voz.

— Ninguém sabe que você está aqui fora além de mim. E se alguém se aproximar, vou mandá-lo para a Terra da Felicidade Eterna.

— É, mas as duas últimas tentativas foram feitas de longe. Com flechas. Você não vai nem mesmo ver o cara malvado que estiver vindo atrás de mim.

— Bem observado.

— Acho que eu poderia me conectar ao Verde e pedir que me proteja.

— Não! Não faça isso! — Tim se lançou à minha frente acenando freneticamente diante do meu rosto.

— Tudo bem, entendi. Por que não?

Ele voltou para meu ombro.

— Ela vai nos ouvir chegando. Ela pode sentir a energia; está ligada a tudo isso por meio das linhas *ley*[1] daqui de perto.

— Linhas *ley*? Que diabos é isso?

— Canais de energia que existem sob a superfície da Terra. Você também as utiliza. Se puxar o poder delas, a bruxa vai saber que você está aqui. Eu preferiria aparecer sem ser anunciado.

Meu cérebro estava nadando entre tantas perguntas.

— Em primeiro lugar, Tim, como você sabe dos meus poderes? E como sabe que eu uso as linhas *ley*? E como as uso?

Droga! Todas as vezes que eu achava que entendia esses poderes, descobria algo totalmente novo que fazia que eu questionasse tudo que achava que sabia. Essas linhas *ley* eram uma coisa importante e inesperada. *Como é que eu podia puxar*

poder delas sem nem saber o que eram?

— Não temos tempo para essas perguntas agora, mas sei tudo isso porque eu estava naquela campânula de vidro naquele escritório onde as pessoas sempre ficavam entrando e discutindo sobre você. Ouvi o que eles disseram sobre o que você estava fazendo, e é óbvio que as linhas *ley* estão envolvidas. É como muitos fae se comunicam uns com os outros e a mágica a nosso redor.

Ele parou por um segundo para voar à minha frente e me encorajar a seguir adiante.

Fixei nele meu olhar sério.

— Vamos falar sobre isso com mais detalhes mais tarde. Ainda não sei por que temos que pegar essa bruxa de surpresa.

Tim voou para trás de minha orelha de novo, e eu podia dizer que estava ficando frustrado comigo.

— Confie em mim. Você não vai querer que ela saiba que estamos chegando. Ela é um pouco... doidinha.

— Ela não vai nos machucar, vai?

— Espero que não. Ele é bem legal; não inofensiva, mas legal. Só não minta para ela. Ela fica perturbada quando os fae mentem.

Uma hora depois, após passar por cima de galhos caídos, chutar uma centena de cogumelos mais ou menos, um dos meus passatempos prediletos, e tropeçar na névoa que havia começado a se juntar em volta dos meus tornozelos, chegamos a uma árvore supergigantesca e bem retorcida.

Eu nunca havia visto uma árvore tão grande assim, nem tão nodosa. Sua base tinha uma circunferência grande quanto um caminhão basculante. Tim voou direto para ela, subiu e desceu e foi para o lado, voando como se estivesse possuído. Conforme cheguei mais perto, percebi que ele estava me mostrando uma porta, cortada bem na lateral da árvore. No meio dela havia uma aldraba. Era outra gárgula, exatamente como o símbolo na porta lá no complexo. *Interessante*. Eu tinha que me lembrar de perguntar a essa bruxa qual era a dessas coisas.

Tim se sentou em meu ombro.

— Vá em frente. Bata três vezes na porta. Não quatro, nem duas. Três.

Ergui a mão e bati à porta seguindo as instruções.

Esperei, mas nada aconteceu; então, ergui a mão de novo e bati à porta como louca, ignorando os guinchos de Tim em meu ouvido. Senti quando ele subiu pelo meu ombro correndo e se escondeu em meu rabo de cavalo.

— Oláááá! Sra. Bruxa! Alguém em casa?

A voz veio de trás de mim.

— O que acha que está fazendo, tola garota fae?

Eu me voltei, olhando para frente, mas não havia ninguém ali. Então, olhei para baixo e me deparei com a fonte da voz. Não sei porque, mas eu esperava que ela fosse maior. Sua altura era por volta de 1,20 m, e ela era um pouco corcunda. O calombo em suas costas parecia doloroso.

— Ah, olá... aí embaixo. Estou... hummmm... estou aqui para ver se você pode me ajudar com um problema.

— *Aff* — ladrou ela. — É claro que está. Você e todo o resto deles.

— O resto deles quem?

Ela olhou para mim com desprezo.

— Você não gostaria de saber?

— Sim, na verdade, eu gostaria.

Ela gargalhou de mim.

— Você não está com medo de mim, mas alguém aqui está.

Eu podia sentir a tremedeira de Tim em meu cabelo.

— É, não estou mesmo. Talvez eu devesse estar, mas sei quem você é, e não estou aqui para lhe fazer nenhum mal. Então, enquanto não tentar me machucar, vou presumir que você seja uma boa pessoa.

Mas coloquei a mão de um jeito casual no Blackie. Não para ameaçá-la, mas para tranquilizar a mim mesma. Eu me perguntava se ela se queimaria se eu encostasse o Blackie nela. Seria terrível se eu precisasse dele, se o puxasse do coldre e ele se comportasse como um maldito graveto em vez de como aquela incrível presa de dragão que queimava.

A bruxa sorriu para mim. Ela tinha os mais longos dentes que eu já havia visto na vida, além de meu Blackie. Faltavam alguns perto da frente, e eram

amarelos como milho.

— Uau. Belos dentes.

Simplesmente não consegui me conter.

Isso fez que ela caísse na gargalhada.

— Entre. Você me faz rir. Faz muito tempo que ninguém fala comigo com tanta franqueza.

— Hmm. Bem... se você gosta disso, vamos nos dar bem. A maioria das pessoas não gosta quando sou tão franca.

— A honestidade é a melhor política, nunca se esqueça disso.

— É, mas algumas pessoas preferem que se minta para elas.

— Não eu — disse ela arrastando os pés.

Saí de seu caminho para que ela pudesse chegar até a porta da frente, que um dia havia sido pintada de verde.

Ela passou a mão pela aldraba da gárgula e ouvi a porta se trancar com um clique.

— Tranca legal. Ela vai se destrancar para mim?

— Não! — ladrou ela ignorando meus esforços contínuos de fazer que a tranca se abrisse, enquanto eu seguia atrás dela.

Acenei com a mão para frente e para trás diante da tranca ao passar por ela, mas não ouvi nada. Tentaria fazer isso na porta do complexo quando voltasse; talvez fosse o mesmo tipo de tranca, só que para não bruxas.

— Uau, que casa legal.

Meus olhos vagaram pelo interior da casa, que havia sido entalhada dentro da árvore.

— Esse deve ter sido um tremendo de um projeto de entalhe.

Ouvi mais gargalhadas vindo de outra sala, ligada àquela em que eu estava, dentro da qual ela havia acabado de desaparecer. Nessa sala principal havia fileiras de prateleiras cobertas de jarros e outras pilhas de coisas para as quais eu certamente não queria olhar com muita atenção.

Ela voltou da outra sala com algo preto pendurado na mão. Jogou-o na mesa que estava onde parecia ser a cozinha. Dei um passo mais para perto para ver

o que era aquilo, e instantaneamente senti repulsa ao reconhecer o que era.

— Eca, isso é um corvo?

— Sim! — ladrou para mim.

Olhei para sua expressão demente e decidi que Tim havia me levado até a casa de uma bruxa louca de dar nó. Não era de se admirar que esperasse que eu tivesse medo dela. Provavelmente devia sentir medo. Eu podia ouvir Finn falando em minha cabeça: *Comer corvo simplesmente não é certo.*

— Você vai comer o corvo?

Meu senso de humor doentio estava começando a mostrar sua cara feia. Decidi que enquanto ela não agitasse uma varinha mágica em minha direção, provavelmente eu estaria bem.

— Não! — gritou ela.

Estiquei a mão e limpei meu ouvido com o dedo.

— Você percebeu que grita sempre que responde, não é?

Tim puxou meu cabelo.

— Ai!

— Que foi?! Por que está gritando? — ela me perguntou aos gritos.

— Eu não estou gritando! Você é que está gritando!

— Oh. Estou? — disse ela em um tom de voz mais baixo, não tão hostil.

— Sim, você estava gritando. Agora não está mais.

— Ah, peço desculpas. Estou acostumada a conversar com Melvin e Marshall.

Ela se inclinou em minha direção usando a mão para formar uma parede perto de sua boca, como se estivesse dividindo um segredo comigo. Sussurrou, alto:

— Eles são velhos.

Olhei ao redor com cautela, perguntando-me se Melvin e Marshall seriam frutos de sua imaginação. Fui dominada pela curiosidade.

— Quem são Melvin e Marshall?

— Meus ratos.

Ouvi o guincho de Tim ao mesmo tempo que senti um bom punhado de

cabelos ser puxado. Fiz um grande esforço para não perder a compostura.

— Tim, se você puxar meu maldito cabelo mais uma vez, vou esmagá-lo como se fosse um inseto!

A bruxa ergueu o olhar, cheirando o ar, olhando ao redor da sala.

— Com quem você está falando?

Eu podia sentir a tremedeira de Tim.

— Hmm, com ninguém.

A bruxa pegou uma colher de pau e bateu-a com *força* em cima do balcão, e depois apontou-a para mim de um jeito ameaçador.

— Eu não gosto de mentirosos.

O tom de ameaça em sua voz era inconfundível.

— Muito bem. Eu estava falando com Tim, o *pixie* que está em meu cabelo.

Seus olhos ficaram radiantes, quase soltando fagulhas.

— Você disse *"pixie"?*

— Sim. *Pixie*. Carinha pequenino. Asas. Nervoso também.

Ela soltou uma gargalhada.

— Ah, que alegria! Um *pixie* veio até minha casa. Isso não é legal? Tão raramente eu vejo *pixies* hoje em dia. Eu tinha um *pixie* aqui, sim, eu tinha. Mas ele foi embora, oh, sim, ele foi embora. Saiu voando por aquela porta afora.

Ela apontou com sua colher na direção da porta verde.

Foi arrastando os pés até perto de mim, até chegar a meu cotovelo.

— Oh, *pixie!* Saia para ver a Maggie, sim? Venha... Melvin e Marshall não vão machucar você, VÃO, MEUS BICHINHOS DE ESTIMAÇÃO?!

Eu me encolhi com a última parte, que foi gritada tão alto perto de meu ouvido.

Ouvi tinidos e sons de pés se arrastando em uma das prateleiras à nossa frente. A bruxa ainda erguia o olhar para mim, procurando o *pixie* em minha cabeça. Mas eu estava mais interessada nos sons que ouvia. Captei um movimento perto de um dos jarros empoeirados e cobertos de teias de aranha. Um focinho com bigodes surgiu de trás dele.

— Uau. Esse é um rato grande para caramba!

A bruxa se virou.

— Ah, sim. Melvin. VOCÊ É O GAROTÃO DA MÃE, NÃO É, MELVIN?!

Cara, essa bruxa ia me deixar com dor de cabeça se eu tivesse que ficar ali dentro por muito mais tempo, ouvindo-a gritar com seus ratos surdos.

Pigarreei para chamar sua atenção.

— Então, Maggie, meu amigo Tim, o *pixie,* acha que você é a mais legal e mais inteligente bruxa que ele conhece...

— Tome cuidado, garota fae. Mentiras...

— Ah, droga! É. Então, talvez você seja a única bruxa que ele conheça, não sei bem. Mas parece que ele acha que você poderia ajudar meu amigo. E nenhuma das bruxas lá onde moramos sabe como resolver o problema dele, então, isso quer dizer que se Tim me disse para vir até aqui, você deve ser uma tremenda de uma bruxa excelente! E essa é a verdade, juro!

Ela foi se arrastando até a mesa. Colocou a mão embaixo dela para pegar um pote preto, que ergueu e deixou cair na mesa, fazendo um barulhão. O grande, retorcido, fosco e sujo rato de estimação dela nem se encolheu ao ouvir o barulho, mas tanto eu quanto Tim nos encolhemos. Achava que havia perdido mais alguns fios de cabelo pela raiz.

Havia quatro pés agachados embaixo do pote, que estava inteiro coberto de fuligem preta e tinha uma alça de metal em forma de aro em cima. Ela se virou para as prateleiras atrás, tirando coisas dali e colocando-as sobre a mesa ao lado do pote, enquanto cantava para si mesma: *"Alguma coisa verde, algo verde, nada é bom sem alguma coisa verde..."*.

Continuei falando sem esperar sua resposta, visto que ela não parecia querer contribuir muito para a conversa.

— Então, meu amigo levou uma flechada enfeitiçada nas costas.

Ela pegou o corvo morto da mesa e olhou para ele, dizendo:

— Você não é verde.

E então, jogou-o dentro do pote.

Tentei não sentir meu estômago se revirar, mas estava difícil. Ela não ia nem tirar as penas ou a cabeça? *Eca!*

— Hummmm — falei, preparando-me para fazer um comentário favorável à sua lista de ingredientes.

Porém, com seu olhar de aviso, mudei as palavras para:

— ... Isso não parece nem um pouco delicioso.

Ela soltou uma gargalhada enquanto pegava e colocava no lugar garrafas e jarros diferentes, procurando algo que não encontrava.

— Pode me contar sobre seu amigo.

Meus olhos passaram do pote ao rato, que agora estava completamente fora do jarro. Era do tamanho de um gato pequeno.

— Caramba, Tim, não é de se admirar que você tenha medo de ratos aqui na floresta! Se eles tiverem metade do tamanho daquele monstro lá, você daria uma bela refeição para um deles.

— Seu amigo! — ladrou ela.

— Ah, é, desculpe. Então, ele levou uma flechada nas costas e caiu no sono, ou ficou paralisado. Está em coma há alguns dias. Suas pupilas não reagem à luz.

Senti Tim se esgueirando para fora de meu cabelo e ficando em pé atrás de minha orelha, ainda tremendo.

— Diga a ela que a pulsação dele está lenta, metade da taxa da normal, e seus batimentos cardíacos estão irregulares.

— A pulsação dele...

— Eu não sou surda! Consigo ouvir o que seu *pixie* está dizendo!

— Oh. Bem, então sua audição é melhor que a minha. Eu mal consigo ouvi-lo.

— Então... — gritou ela virando-se de frente para a mesa, segurando um jarro púrpura de vidro na mão enrugada e cheia de manchas de velhice. — ... você está aqui por causa de seu amigo enfeitiçado ou por seu problema de audição?

Olhei-a como se ela fosse doida.

— Por causa de meu amigo. Não tenho nenhum problema de audição.

Ela colocou o jarro púrpura em cima da mesa e apertou os olhos para mim.

— Você não acabou de dizer que não consegue ouvir seu *pixie?*

— É, mas isso é normal. Ele tem cordas vocais microscópicas.

— Um simples feitiço, garota, um simples feitiço haverá de retificar seu problema.

Eu não havia pensado nisso.

— Bem, minha prioridade é meu amigo doente. Se você também puder me ajudar com, hmm, meu problema de audição... bem, isso seria bom, acho.

A bruxa sorriu para mim com astúcia, o que me deixou instantaneamente nervosa.

— Sim, posso ajudá-la. Sei qual é a doença de seu amigo. Alguns Fae das Trevas desses bosques têm flechas de espinheiro embebidas em tintura de *filipendula vulgaris* e *calotropis*. Uma mistura nervosa. O que foi que seu amigo fez para deixá-los irritados?

— Bem, a flecha devia ter me atingido, para falar a verdade.

Ela ergueu a sobrancelha cinza para mim.

— Você é a elemental que está se conectando às linhas *ley*. Eu senti seu toque.

Tentei não me sentir culpada por ter feito algo que a incomodara. Meus olhos se moviam de um lado para o outro enquanto eu dava de ombros e me encolhia de medo ao mesmo tempo.

— Pode ter sido eu. Desculpe se... isso interferiu no sinal, ou seja lá o que for.

Ela gargalhou, dando um golpe no ar com sua colher para enfatizar o fim de cada frase.

— Não precisa pedir desculpas. Foi divertido. Eu não me sentia energizada assim fazia séculos! — ela estendeu sua colher em minha direção. — Você tem um espírito rude e indisciplinado e uma técnica terrível — ela fez uma pausa de um minuto para chupar por entre seus dentes tortos — ..., mas tem poder. Grande poder. Você poderia ser uma força formidável neste mundo. Com o treinamento correto, é claro.

— Os fae dizem que vão me ajudar a aprender.

Ela soltou uma bufada, resmungando consigo mesma. Tive a impressão de que não ficou impressionada com o programa de ensino dos fae.

— Então, você acha que pode me ajudar?

— Uma barganha! — gritou.

Droga. Como é que eu sabia que isso não ia ser fácil?

— Que tipo de barganha?

— Dois feitiços. Um para ajudar seu amigo. Um para resolver seu problema de audição.

— Ceeeeeerto.

— Por uma asa verde de *pixie!*

Ela gargalhou como louca, claramente deleitada com sua parte do trato.

Fiquei instantaneamente irritada. Eu havia trilhado um longo caminho até ali e passado um tempo na casa nojenta dela, com seus ratos asquerosos, para nada!

— Sua vadia louca! Você é sádica ou o quê? Ninguém vai arrancar as asas de ninguém para que você possa misturá-las em um cozido nojento de corvo morto.

Voltei-me para ir embora.

— Vamos, Tim. Vamos cair fora daqui.

A bruxa demente assobiava pelo espaço entre seus dentes. Eu podia ouvir o tinido de jarros enquanto ela os mudava de lugar.

Tim puxou meu cabelo com força e gritou:

— Espere!

— Tim, juro por tudo que é mais sagrado que se você puxar meu maldito cabelo *mais uma vez...*

— Espere! Por favor, volte! — ele suplicava em meu ouvido.

Eu estava quase perto da porta. Olhei sorrateiramente para a bruxa: ela estava ocupada acrescentando coisas dos jarros ao corvo no pote, cantando o tempo todo algo sobre adicionar alguma coisa verde ao cozido, fosse lá o que isso significasse. Estremeci pensando no cozido horroroso que ela ia fazer. *Repulsivo!*

Tim foi mais para perto de meu ouvido enquanto eu me virava em direção à porta.

— Você tem que fazer a barganha com ela.

Eu falei o mais baixo que pude:

— Nem ferrando, Tim! Você está doido? Ela quer desmembrar você!

— Escute, as asas dos *pixies* nascem de novo. Uma nova asa vai crescer em mim.

Hesitei por um segundo.

— É, mas deve doer ter a asa arrancada.

Ele não me respondeu de imediato.

— Diga a verdade, Tim — falei para ele em tom de aviso.

Eu me senti como a bruxa por um breve segundo: cansada de todas as mentiras. Era assustador pensar que nós duas poderíamos ter alguma coisa em comum.

— Dói... mas não muito! E temos que fazer isso, ou seu amigo já era, para sempre.

— O quê?!

— Já vi essa doença antes. O que a bruxa disse antes, é um veneno raivoso que foi usado contra ele. Se não receber ajuda logo, não haverá mais nada que se possa fazer.

— Você deve estar tirando uma com minha cara! Por que isso está acontecendo?

Eu estava frustrada, enfurecida e triste, tudo ao mesmo tempo. Para ajudar um amigo que havia me ajudado, tinha que desmembrar outro amigo que estava se oferecendo para me ajudar. Minha vida como fae era seriamente zoada.

Tim prosseguiu com sua súplica.

— Você me salvou. Eu lhe devo uma. Permita que eu faça isso por seu amigo.

— Isso é um golpe baixo, Tim. Nós já temos uma barganha. Eu salvei você em troca de duas promessas, às quais você se manteve fiel.

— *Pixies* fazem o que têm que fazer. Eu não exijo nada em troca de minha asa. É um presente.

— Como você vai voar? Quanto tempo vai demorar até que sua asa nasça de volta?

— Não vou conseguir voar sem duas asas, então, vou depender de você para me ajudar, pelo menos por um tempinho. Você pode me esconder em seu

quarto até eu ficar curado, se quiser. Ou em algum lugar aqui na floresta.

— De jeito nenhum, Tim. Eu nunca deixaria você por aí onde alguma coisa poderia... não sei. Comer você? Arrancar fora sua outra asa?

Estremeci só de pensar quão perigoso esse mundo poderia ser para um *pixie* com uma asa só. Ele era pequeno, mas tinha uma vida para viver, tão grande quanto a de Chase, tão grande quanto a minha, tão grande quanto a de qualquer pessoa que eu conhecia. E agora, eu sabia que seu coração também era gigantesco. Eu sentia como se concordasse em deixar que ele arrancasse um braço por mim. Para falar a verdade, isso era meio revoltante, de certa forma.

— Não sei, Tim. Não consigo tomar essa decisão. Isso é demais para mim.

— Você não tem que tomar decisão nenhuma.

Com isso, ele saiu voando de meu ombro e foi até a bruxa. Pousou na beira do pote dela. Fui correndo até lá, mas apenas a tempo de ouvir Tim dizer:

— Pegue a asa, bruxa. A barganha foi feita.

Ela gargalhou então, lentamente pegando sua colher. Recuei involuntariamente. Vi a centelha maligna em seus olhos antes de agir, mas era tarde demais para detê-la. A colher já estava subindo e girando no ar, dando um duro golpe no minúsculo corpo de Tim, fazendo que voasse para dentro do pote de cozido preto.

---

1 Linhas *ley* são supostos alinhamentos de locais antigos ou sagrados, como os círculos de pedra, por exemplo.

Capítulo 21

— NÃÃÃÃO!!!!!! — GRITEI LANÇANDO-ME NA DIREÇÃO do pote para salvar a vida de meu pequeno amigo.

A bruxa apontou sua colher de pau para mim, murmurando algo baixinho. Eu estava a dois passos de distância dela, e meus pés, de súbito, ficaram paralisados. Olhei para baixo e fiquei chocada ao ver que haviam sido literalmente enraizados no chão.

— Que diabos?! — gritei todo o desespero contido em minha voz.

Então, tentei fazer que Tim ajudasse a si mesmo, visto que eu estava presa.

— Tim! Saia voando daí de dentro! Voe para fora daí!

A bruxa enfiou a mão dentro do pote e tirou alguma coisa de lá. Era a forma sem vida de meu amigo. Ela ergueu seu corpo pequenino.

Comecei a chorar e soluçar:

— Você o matou! Sua vadia horrível, pavorosa! Você é uma completa babaca! Por que você fez isso?! Ele é um *pixie* legal, sua bruxa velha duma figa!

A bruxa era completamente indiferente a meus insultos e a minhas emoções desenfreadas. Ela ergueu Tim para a luz, examinando-o de todos os lados. Eu estava horrorizada com sua casualidade em face a esse assassinato e mutilação.

— Solte-o já! Você não merece pôr as mãos nele! Ele é cem vezes um fae melhor que você!

Em meio à minha raiva, comecei a sentir alguma coisa. Era O Verde... que se conectava a mim em meio à minha dor.

— É isso aí, sua vadia sem coração! Agora você vai lamentar isso!

Usei a dor e a raiva que estava sentindo e as canalizei n'O Verde. Senti a onda de energia vindo em meu auxílio. O Verde rugia pelo canal que eu havia criado. Era algo que eu nunca havia sentido antes. Era mais bruto, mais pungente. Mais tudo. A essa altura do campeonato, eu não me importava de irromper em chamas também. Eu havia perdido meu amigo Tony, havia feito que meu amigo Chase fosse nocauteado, e agora, meu pequeno amigo Tim havia sido assassinado

na frente de meus olhos por uma vadia insensível e sua colher de pau do mal. Ela ia pagar por isso...

A bruxa olhou em minha direção e começou a falar. Eu estava a dois segundos de mandá-la com tudo para o Submundo, onde era seu lugar, quando finalmente entendi o significado de suas palavras.

— Menina, ele não está morto. Eu simplesmente tornei a remoção da asa menos dolorosa para ele. Desligue a força aí, ou vai perder toda a diversão.

Ela olhou para o chão perto de meus pés.

— Você está em cima de uma linha *ley*, sabia?

O quê?

— Você está mentindo!

Ele só podia estar morto.

— Não. Eu não minto. Eu desprezo mentiras.

Por algum motivo, então, acreditei nela. Até Tim me havia dito que ela não gostava de mentiras. Parei de enviar O Verde para cima da bruxa velha e feia, mas ele permaneceu comigo. Eu não estava pronta para me separar dele. A energia contida fazia que minha pele formigasse todinha, e estava me fazendo rir. Eu tinha que lançar logo a energia nela ou desfazer a conexão. Não sabia por quanto tempo mais seria capaz de conter aquilo.

— Que inferno, é melhor você andar logo com isso, velhota, se não quiser que eu a transforme em poeira!

Era, em parte, uma ameaça vazia, visto que eu nem mesmo sabia se era capaz de fazer isso. Mas soava bem.

Ela abriu um dos jarros que estavam sobre a mesa. De dentro, ela tirou um punhado de pó, que espalhou cuidadosamente sobre as asas de Tim. Fiquei observando enquanto sua asa se enrugava um pouco e depois caía. Ela pegou a asinha caída com a tampa do jarro, colocando-a com gentileza em cima da mesa. Sussurrava para si mesma:

— Bela asa verde. Verde, verde, verde... todo bom cozido deve conter algo verde...

Então, ela foi até mim arrastando os pés e me entregou o corpo mole de

Tim.

— Desative a fonte do poder antes que você se machuque, garota.

Soltei o ar que estava prendendo, esticando a mão para tirar meu amigo Tim dela. Deixei O Verde partir, agradecendo-lhe por estar ali comigo. Ele foi se retirando devagar, deixando uma sensação de vazio.

Depois de colocar Tim em minha mão, ela disse “Sente-se!” em um tom imperativo, apontando para uma cadeira no canto. Olhei para baixo e notei que meus pés não estavam mais enraizados ao solo. Pareciam normais novamente.

Puxei a parte de baixo de minha túnica para fazer uma tipoia, deitando Tim com gentileza dentro dela. Fui com cuidado até a cadeira, certificando-me de causar o mínimo de solavancos possível enquanto andava. Minha garganta doía pelas lágrimas não derramadas. Dava tanta pena vê-lo ali, só com uma asa e um toco murcho do lado. Sentei-me com ele aninhado em meu colo.

— Droga! — foi tudo que consegui dizer.

Eu estava tão triste... Por que isso tinha que acontecer? Por que as bruxas eram assim tão malvadas?

— Os feitiços mais potentes requerem os maiores sacrifícios.

— Precisava de algo assim tão grandioso para curar meu outro amigo?

— A asa? Não. A asa é para outra coisa. O problema de seu amigo é simples de resolver, assim como seu problema de audição.

Olhei para ela boquiaberta, de choque e de raiva.

— Isso é tão injusto!

Ela franziu o cenho.

— De jeito nenhum. Você fez a barganha.

— Você ditou os termos. Não foram negociáveis.

Ela sorriu para mim mostrando um lampejo daqueles seus dentes odiosos de bruxa.

— Tudo é negociável, minha querida. Tudo. Não se esqueça disso.

Então, riu de um jeito maníaco, e seus olhos brilhavam com loucura.

Nem minha tristeza impedia o fiozinho de medo que senti naquele instante. Essa bruxa era, com certeza, maluca. Eu precisava cair fora daquele inferno de

lugar com ou sem a poção secreta para Chase.

Eu estava olhando para a porta, tentando pensar em um jeito de me mover rapidamente sem machucar Tim mais do que já estava machucado, quando ela começou a falar de novo.

— Aqui está. Duas poções por uma asa de *pixie*.

Ela ergueu um pequeno jarro azul e uma folha.

Olhei com suspeita para ela, sem me mexer. Ainda considerava sair correndo dali rapidinho.

— Vamos, não seja tímida. Seu amigo pagou caro por essas coisas. Você não vai querer que ele acorde e descubra que você as deixou para trás, vai?

Ela estava certa, vadia horrível. Levantei-me com cautela.

— O que tenho que fazer com essas coisas?

— A poção? Leve-a até as bruxas que estão cuidando de seu amigo. Elas saberão o que fazer com ela. Diga que foi Maggie quem mandou.

Fui até ela e peguei aquilo, o tempo todo atenta. De jeito nenhum que eu ia confiar totalmente em uma bruxa velha que havia transformado meus pés em raízes e acertado a cabeça de meu amigo com uma colher de pau. Eu tinha grandes esperanças de que as bruxas lá no complexo tivessem como testar essa poção antes de dar uma dose a Chase. Com a sorte que eu tinha, ia transformá-lo em um sapo.

Ela ergueu a folha.

— Coma isso. Engula tudinho.

— Por quê? O que é isso? O que isso vai fazer?

— É uma folha de loureiro mergulhada em um extrato de óleo de verbasco e... outras coisinhas. Depois que a ingerir, vai conseguir ouvir a voz de seu amigo *pixie* e de outros fae menores também. — Ela se inclinou para perto de mim e baixou o tom de voz. — Tenha certeza de que quer isso, pois não há volta.

Então, ela quase morreu de tanto rir de alguma piada particular que eu não ia querer saber qual era.

Peguei a folha e baixei o olhar para meu amigo. Ele estava lá deitado, ainda desmaiado por causa da concussão causada pela colher de pau. Só pensei nisso por um segundo antes de enfiar a folha dentro da boca e mastigá-la. Ele havia feito o

sacrifício por mim; eu queria poder ouvir o que quer que ele quisesse me dizer, a partir de então até o dia que ele saísse voando de minha vida.

— Ai, caramba, cacete, nossa! Essa porcaria tem um gosto horrível!

Coloquei a língua para fora, com pedaços partidos da folha grudados nela.

— Coma tudo e engula também, ou seus efeitos serão... imprevisíveis.

Mastiguei aquilo, tentando com muito esforço não vomitar. Nunca havia comido algo assim tão ruim em toda minha vida! Era como lamber a bateria de um carro e a parte de baixo de uma vassoura suja ao mesmo tempo. É, era ruim *assim!*

Engoli aquilo com dificuldade, e pedaços da folha ainda flutuavam dentro de minha boca, grudados nas laterais e no fundo de minha garganta. Acho que eu teria sacrificado a outra asa de Tim em troca de um refrigerante naquele momento se alguém houvesse me oferecido.

Fui em direção à porta ainda mastigando e fazendo caretas horríveis que refletiam as sensações do "sabor" que eu sentia na boca. Segurei a parte de baixo da túnica com extremo cuidado, tentando me certificar de que minha tipoia de *pixie* não se mexesse demais.

— Bem, obrigada por... *aff!*... tudo. Eu vou tentar me lembrar de ser grata a você, mesmo que neste momento odeie suas malditas entranhas!

A bruxa sorriu.

— Adoro sua honestidade. Volte para me visitar! Traga outro espécime do povo pequeno. Sempre posso achar algum uso para suas asas, ou dedos dos pés, ou chifres, ou globos oculares...

Encarei-a, horrorizada.

— Você é doida, sabia?

Ela deu de ombros.

— Já ouvi coisas piores.

Saí porta afora, mas lembrei que havia esquecido uma coisa. Voltei--me para fazer a pergunta.

— Ei, você me disse que me sentiu nas linhas *ley*...

— Sim, senti.

— Eu posso fazer isso? Sentir outros fae nas linhas *ley?*

— Eu não vejo porque não.

— Você acha que...

Minha boca se movia rápido demais para que minha cabeça a acompanhasse. Quase perguntei a ela se podíamos passar algum tempo treinando juntas. *Será que eu estava doida?*

— Deixe para lá. Adeus.

— Que foi? O que você ia dizer? A verdade, garota! Conte-me.

— Eu ia perguntar se você achava que poderíamos treinar um pouco juntas, mas, decidi que era uma má ideia porque você é uma tremenda de uma doida. E essa é a verdade.

A bruxa sorriu, nada ofendida por meu insulto.

— Se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Dei uma risada nervosa.

— Para falar a verdade, não sei. Acompanhei o *pixie* até aqui. Não faço a mínima ideia de onde estou.

— Você está na Floresta Escura.

— Na... Floresta Escura?

— Sim.

— E quem exatamente habita a Floresta Escura? — perguntei quase com medo de ouvir a resposta.

— Ora, os Fae das Trevas, é claro.

— Minha nossa!

Dei um pulo e fui correndo para longe dela, de volta na direção por onde havia vindo. Gritei por cima do ombro, sem fôlego, de tanto nervosismo e medo:

— Tenho que ir agora! A gente se vê depois!

Tipo, daqui a uns cem anos, murmurei bem baixinho.

Conversei com meu amigo inconsciente enquanto corria, visualizando a porta de nosso complexo da melhor forma possível.

— Não posso acreditar que você me trouxe à Floresta Escura. Você é doido? E se eles me pegassem aqui fora? E se eu ficasse perdida?

Ouvi um gemido e fui diminuindo o passo até parar. *Que diabos era isso?*

Eu podia ouvir um homem gemendo, e estava ficando mais alto. *Ah-caramba-caramba-caramba-caramba...*

— Ah, droga, minha cabeça está me matando. E minhas costas... o que há de errado com minhas costas? Ah, não, minha asa! Minha asa se foi! Ah, cara, esqueci como isso dói. *Aaaaaah*, que saco!

— Tim? — perguntei hesitante.

— Jayne?

— Tim, é você que estou ouvindo reclamar das costas?

— Como você consegue me ouvir? Eu não consigo nem ver você. Onde estou?

Puxei a beira de minha túnica, deixando Tim à mostra, atordoado, esfregando a cabeça e apertando os olhos para olhar para cima, para mim.

Sorri ao ver que meu amigo ainda estava vivo.

— Oi! — falei toda animada.

Aí, lembrei que ele tinha me levado até a Floresta Escura.

— Ah, e quando voltarmos, vou pensar em arrancar sua outra asa... e, dessa vez, sem a anestesia da colher de pau.

— Você consegue me ouvir! — ele gritou tentando pular de alegria, mas caindo com o traseiro na túnica porque a parte de baixo da tipoia estava instável demais. — Ah, cara, isso dói! O toco de minha asa está pegando fogo! Ela simplesmente a puxou ou usou o pó?

Olhei-o como se ele estivesse louco.

— Ela usou o pó. Você notou que me trouxe para a Floresta Escura?

Ele teve a decência de parecer culpado.

— É, bem, é onde ela mora.

— Bem, um pequeno aviso teria sido legal. Eu poderia ter trazido reforços, ou algo do gênero.

— Ela não gosta dos Fae da Luz. E, viajando em grupos, fica mais fácil ser avistado. Estamos melhor sozinhos. Você conseguiu a poção para seu amigo?

— Sim, mas não graças a você. Bem, sim, graças a você. Mas vamos ter uma conversinha sobre isso quando voltarmos. Preciso que você me ajude a

encontrar o caminho.

— Tire-me daqui e vou ver o que posso fazer.

Trinta minutos depois, estávamos parados em frente à porta do complexo. Nunca na vida fiquei tão feliz ao ver uma gárgula.

Antes de empurrar a porta para abri-la, acenei na frente do símbolo, só para ver o que acontecia. Não houve nenhum clique, o que provavelmente era uma coisa boa, pensei. Trancar a porta enquanto estava do lado de fora, em território dos Fae das Trevas, não era a ideia mais inteligente que eu já tivera na vida. Precisava ficar melhor nesse lance... tipo, acender a luz em vez de dar um tiro no escuro.

Desci correndo até a enfermaria, irrompendo na porta tão logo ela apareceu. Havia um grupo de fae ali perto, em uma espécie de reuniãozinha, todos eles vestindo jalecos brancos.

— Olá, pessoal... fae... médicos... fae. Eu, hmm, lamento interromper, mas essa é uma situação de vida ou morte. — Estiquei o jarro azul. — Isso aqui vem da bruxa, Maggie. É para meu amigo Chase... — fiz um gesto apontando a cama dele no fim do corredor — ... o *daemon* ali. Ela disse que isso vai curá-lo. E temos que nos apressar, ou ele não vai mais poder ser curado.

Um dos homens fae veio até mim e pegou o frasco comigo.

— Você disse que isso veio de Maggie?

— Sim.

— Maggie da Floresta Escura?

— Sim.

Ele me lançou um olhar austero.

— E você pegou isso lá com ela?

— Sim! Chega de perguntas! Cuide dele, por favor.

— É claro.

Ele entregou o frasco a uma mulher fae, que foi, junto com dois outros, descendo o corredor em direção a Chase.

— Mas também temos que reportar a origem dessa cura ao conselho.

— Tudo bem. Faça o que tiver que fazer, dedo-duro, mas conserte meu amigo *daemon*. Eu e meu camarada, Tim, passamos por uns bons bocados para

conseguir isso.

Olhei para baixo, para a tipoia em minha túnica, onde Tim voltava a repousar.

— Venha, Tim. Vamos voltar para nosso quarto.

Ele apenas gemeu. Eu podia ver que ele estava sentindo dor.

Voltei-me depois de um segundo.

— Ei... vocês têm algum analgésico para *pixies?*

O velho homem olhou para mim franzindo o cenho.

— Você disse "para *pixies"*?

— Sim, meu amigo *pixie*, que é totalmente inofensivo, então, não surte, perdeu a asa dele hoje e está sentindo dor. Você tem alguma coisa que possa ajudá-lo?

O médico olhou para mim com ares de suspeita.

— Eu tenho o dever de ajudar qualquer fae que necessite. Mas não estaria sendo nem um pouco honesto se não lhe dissesse que ajudar um *pixie* é perigoso para mim. Para minha saúde.

— Bem, prometo que ele não vai machucá-lo nem mandá-lo para a cidade dos doidos. Ajude-o. Ele sacrificou a asa por meu amigo ali. — Fiz um gesto, inclinando a cabeça para apontar para Chase.

— A bruxa exigiu uma asa para a cura...

— E ele a deu?

— Sim, de livre e espontânea vontade. Então, como vai ser? Vai ajudá-lo ou sair correndo como uma mocinha assustada?

O médico se encolheu diante de minha escolha de palavras, mas esticou a mão.

— Entregue-me o *pixie*. Verei o que posso fazer.

Estiquei a mão e peguei Tim, que gemeu e se agarrou a mim, e disse:

— Deixe-me em paz, estou bem. *Aaaai! Au!* Cuidado, o toco é sensível.

Com cuidado, coloquei-o na mão do médico.

O médico ergueu Tim na frente de seu rosto para observá-lo com atenção. Ele sorriu.

— Fascinante. Tão perfeito em todos os detalhes...

Tim olhou com amargura para ele.

— Por favor, mande-o virar o rosto para lá. Seu hálito fede a fezes de orc.

Pigarreei para chamar a atenção do médico:

— Hmm, você está deixando Tim nervoso. Melhor não tão perto.

— Ah, sim, é claro — disse o médico colocando Tim em uma pequena bandeja cirúrgica em uma mesa ali perto. — Deixe-me ver o que tenho que possa ajudar.

— Caramba, essa bandeja é fria! — gritou Tim.

O médico procurou alguma coisa em um armário ali perto e voltou um instante depois com um pacotinho branco, que entregou a mim.

— Diga a ele para pegar um pedaço pequeno desta erva e mastigá-la depois de comer. Ela tem os mesmos efeitos do analgésico para humanos chamado aspirina, creio eu, só que não vai afinar seu sangue e vai reduzir o inchaço.

— Obrigada — falei esticando a mão para que Tim subisse nela.

Ele se sentou na beira da palma de minha mão e eu, com cuidado, coloquei-o de volta em minha túnica.

— Boa sorte — disse o médico observando enquanto saíamos. — Podem voltar para visitar seu amigo dentro de poucas horas, se quiserem.

Assenti e saí da sala. Queria colocar Tim na cama e arranjar alguma comida para nós dois.

Fomos até o salão de refeições, mas não havia ninguém lá ainda. Peguei duas lembrancinhas da cesta, porque sabia que ia pedir algumas coisas extras em breve. Saí do salão de refeições e entrei em meu quarto justamente quando Netter estava terminando sua limpeza mágica.

— Ei, Netter. Aqui estão algumas coisas que peguei para você.

Ele franziu o cenho para as lembrancinhas que lhe estendi.

— Há duas lembrancinhas aí. Isso não está certo.

— Sim, é que preciso que você arranje umas coisas para mim. Além do mais, estou superfeliz com a maquiagem que você trouxe. É perfeita.

Netter baixou o olhar para o chão, tímido.

— Netter é bom em encontrar as coisas, isso é verdade.

Fui mais perto dele e falei baixinho:

— Veja bem, Netter, eu tenho um... um amigo muito pequeno. E ele está machucado. Então, preciso de algumas coisas para ajudá-lo. Acha que seria capaz de encontrar as coisas de que necessito?

— Tenho certeza de que consigo. Posso encontrar qualquer coisa. Qualquer coisa que seja.

— Ok, então, o que estou pensando é o seguinte: preciso de uma cama em miniatura, um criado-mudo miniatura e uma cômoda miniatura. Basicamente, tudo que tenho aqui neste quarto, só que em um tamanho bem minúsculo.

Ele olhou para mim, confuso.

— Quão minúsculo?

— Minúsculo que nem um *pixie*.

Netter ficou de olhos esbugalhados.

— Você tem um *pixie* aqui?!

Ergui o dedo até os lábios.

— Shhh. Ele está dormindo.

Netter se inclinou em minha direção e sussurrou:

— Você sabia que *pixies* podem ser muito perigosos?

— Não este. Ele é meu amigo. Então, você tem como conseguir as coisas ou não?

Netter ergueu-se, orgulhoso.

— Encontrarei esses itens. Mas foi bom você ter trazido duas lembrancinhas, pois é uma tarefa difícil.

— Obrigada, Netter. Eu sabia que você conseguiria.

— Estarei de volta antes do cair da noite com os artigos que solicitou.

Ele desapareceu antes que eu pudesse pensar em dizer “tchau”.

Olhei para meu relógio e vi que eram só dez horas ainda, dava tempo suficiente para tirar um cochilo e descansar meus pés exaustos. Tirei Tim de minha blusa e o coloquei na gaveta de cima da cômoda, debaixo de uma túnica limpinha. Ele dormia profundamente, e esperava que continuasse dormindo mais um

pouquinho, de modo que eu pudesse descansar também.

Deitei-me de costas na cama, entrelaçando as mãos atrás da cabeça, pronta para cair no sono, em uma tranquila letargia. Justamente quando estava adormecendo, ouvi um ruído esquisito. Parecia alguém serrando madeira. *Que diabos?* Então, o som sumiu. Fechei os olhos de novo, pronta para dormir, e o ruído começou de novo. *Quem diabos está serrando madeira enquanto estou tentando dormir?*

Levantei-me, forçando o ouvido para identificar a fonte do barulho. Parecia que o som vinha do outro lado de meu quarto. Ouvi aquilo de novo, e rapidinho fui na ponta dos pés seguindo o som. Era mais alto perto da cômoda. Quando olhei para a cômoda, ouvi de novo. Cheguei mais perto e percebi que o som vinha da gaveta de cima. Lentamente, abri a gaveta e levantei a túnica.

Tim estava deitado, profundamente adormecido. *Roncando.* O som de seus roncos era como se estivesse serrando lenha.

De repente, percebi a imensidão dos meus apuros. Minha audição estava tão aguçada, que eu podia, de verdade, ouvir um *pixie* roncando. *Que diabos eu havia feito?*

Capítulo 22

MEU VERDADEIRO TREINAMENTO COMEÇOU DEPOIS DO ALMOÇO naquele dia. Circulavam rumores de que eu havia me aventurado em território dos Fae das Trevas sem um *daemon* e sem as habilidades adequadas para me proteger, e isso fez que o complexo inteiro entrasse em pânico, mesmo que todos concordassem que eu havia feito a coisa certa; sabíamos que a poção de Maggie havia funcionado e que trouxera Chase de volta da beira da morte.

Meu treinamento e o das outras crianças trocadas se tornaram prioridade máxima. Nada mais de dias cheios de lazer e nem refeições preguiçosas para nós. Agora que haviam obtido sucesso com o programa das crianças trocadas e estávamos aumentando o recrutamento, haviam se esforçado para formalizar o programa de treinamento. Mais uma vez, era dever de Jared fazer que tudo fosse levado a cabo, e ele não relaxava em seu dever.

Eu achava que havia aprendido muito antes, mas aquilo não era nada em comparação com o que me trouxeram as semanas seguintes: não apenas para mim, mas para todos os meus amigos. Uma vez que soube da existência das linhas *ley* por meio da velha e louca Maggie, além de ter pesquisado um pouco sobre o assunto na internet, consegui incorporar essas informações no meu treinamento com os duendes verdes, os elfos prateados, principalmente Céline e até Dardennes; com os lobisomens, que, acreditem se quiserem, são excelentes rastreadores e caçadores em grupo, e com os anões, que são os mais incríveis manipuladores de machado. E seu treinamento de força? Bendita seja a Mãe Terra, a Lua e o Sol, eles são os mais durões mestres no assunto. Mas, graças a eles e a todos os outros, sou uma elemental incrível agora, por dentro e por fora.

Nunca estive em uma ótima forma física como essa antes, e nunca me senti assim tão confiante. Outro bônus foi que aprendi novos xingamentos para acrescentar a meu repertório, mas ainda achava que faltava aquela energia. Eu só os usava com os fae antigos; pareciam ser os únicos que ficavam chocados com eles. Um bem colocado *Bendita Mãe Terra, Lua e Sol* e todo o mundo ficava

desconcertado. Alguns deles até me davam broncas, o que era algo hilário, superdivertido de se instigar.

Foi com essa recém-adquirida confiança que entrei, aprumada, na sala de refeições para o café da manhã, com Tim em meu ombro exibindo sua asa recém-crescida, que era tão verde opalescente quanto a antiga. Ele continuava pulando e fazendo piruetas no ar, simplesmente porque podia fazer esse tipo de coisa. Eu sorria por causa de seus movimentos engraçados, nem notando os fae ao meu redor. Fui até a mesa onde meus amigos estavam e por fim notei que alguma coisa estava acontecendo. Todo o mundo parecia realmente sério.

Olhei para os rostos sérios e meu sorriso rapidamente foi sumindo. Nenhum deles tinha pratos ainda, e todos mantinham os olhos fixos em mim, como se esperassem que eu dissesse alguma coisa.

— Que foi?

Era sinistro ver todos eles focados em mim daquele jeito.

— Aonde você foi? — perguntou Becky.

— Por aí...

Eu não queria admitir que, na verdade, estivera na Floresta Escura novamente. Eu havia começado a visitar Maggie de vez em quando. Mas, um dia, quando estava treinando com Tim, ele notou a presença de uma coisa verde parecida com um cogumelo crescendo nas raízes de uma das árvores perto da qual estávamos, e me disse quanto Maggie prezava aquilo. Perguntei a ele em diversas ocasiões como ele sabia de todas essas coisas sobre ela e suas preferências e poções, mas tudo que me disse foi que havia passado algum tempo com ela. Era um assunto delicado para ele, e não sei ao certo o quanto se devia ao fato de ela ter lhe tirado uma asa em troca da poção para Chase, e quanto era por causa de outra coisa. Mas ele foi claro em relação a uma coisa: aparentemente, Maggie tinha uma espécie de fixação por ingredientes verdes. Ela achava que todas as poções que preparava tinham que conter algo verde, ou não funcionariam. Por isso as asas de Tim eram especialmente valiosas para ela, visto que não apenas eram verdes, mas também eram asas de *pixie*, que têm propriedades mágicas.

Agora, sempre que encontrava alguma coisa verde que Tim achava que

Maggie poderia usar em suas poções, eu a levava a ela. Imaginava que um dia poderia precisar dela de novo para um dos meus amigos, e não faria mal a ninguém ter Maggie do nosso lado. Além do mais, ela era uma enciclopédia de informações sobre linhas *ley* e a energia que flui pelo Verde. Foi ela quem me ensinou como usar as linhas *ley* a meu favor. Era tão mais fácil canalizar aquilo de que eu precisava, e do jeito que precisava, usando esses canais... E as linhas *ley* estavam no mundo todo. Sua casa ficava bem em cima de uma, o que tornava muito mais fácil para ela fazer seus feitiços. Nesse dia, ela havia me ensinado como localizá-las, para que, mesmo não estando em cima de uma, pudesse sentir onde estavam. Não é que eu precisasse delas, mas realmente tornavam meu trabalho mais fácil.

— Então, você não sabe? — perguntou Spike.

— Aparentemente não. O que está acontecendo?

Chase puxou uma cadeira a seu lado.

— Sente-se.

Chase era um cavalheiro antes, mas agora estava educado além da conta, assim como Tony. Ele me atribuía o mérito de ter salvado sua vida. E eu dava o mérito a Tim. Mas quando Chase agia daquele jeito, todo cheio de cavalheirismo, eu ainda pensava em Tony; porém, a dor em meu coração ia diminuindo cada vez mais. Eu havia parado de enviar *e-mails* a ele naquele dia em que ele me pedira um tempo, fazia mais de um mês. Deixá-lo para lá foi a coisa mais dolorosa que já fiz, mas fiz. Era melhor assim.

Sentei-me, de repente me sentindo paranoica.

— Parem de enrolar. Contem-me o que está acontecendo.

— Conte a ela, Chase — disse Finn reclinando-se em sua cadeira, balançando as duas pernas.

— Jared está de volta.

— Da Flórida? Ele trouxe novos recrutas?

— Sim, mas esse não é o problema — disse Finn, incapaz de esperar que Chase terminasse de explicar.

— Problema? Ok, então, qual é o problema?

— Não sabemos exatamente — disse Becky —, mas haverá uma reunião

depois do almoço e eles convocaram a presença de todos nós.

— Todos os fae no complexo?

— Não. Só nós. Nosso grupo de crianças trocadas.

Desde que havíamos sido levados para a comunidade, vários outros grupos de crianças trocadas haviam chegado. O salão de jantar estava cheio de suas conversas entusiásticas. Éramos o grupo mais antigo dentre todos, então, de certa forma, era meio legal, porque eles nos viam como modelos. Porém, por outro lado, com frequência era um pé no saco, porque eles eram tão cheios de perguntas e agiam de um jeito tão idiota às vezes... Eu não tinha paciência com eles a maior parte do tempo; estava obcecada demais com meu próprio treinamento. Por sorte, meus amigos eram pacientes e bons em inventar desculpas para mim; até agora, eu não havia conseguido fazer nenhum inimigo dentre os novatos.

— Só nós? Que estranho.

— É — disse Becky olhando para baixo da mesa.

Em se tratando dela, isso certamente entregava que sabia mais alguma coisa.

— Ela está escondendo alguma coisa — disse Tim embaixo da mesa, onde estava sentado.

— É, eu sei.

Becky olhou de relance para mim, a princípio sem entender o que eu havia dito. Então, sua expressão me disse que percebeu que eu estava falando com Tim. Eles estavam se acostumando a me ver conversando como uma pessoa louca, mantendo conversas nas quais aparentemente só eu falava. As novas crianças trocadas acharam durante dias que eu era doidona, andando por aí falando sozinha. Uma parte de mim sempre ficava um pouco desapontada quando eles descobriam os detalhes, geralmente por meio de Becky. Eu, de certa forma, gostava quando me tratavam como louca.

— Confesse aí, Becky. Eu e Tim sabemos que você está escondendo alguma coisa. O que foi que vocês não nos contaram?

Ela soltou um suspiro.

— Odeio que vocês consigam ler tão bem minhas expressões — ela fez

uma pausa, olhando para Finn e Spike, e então prosseguiu. — Seja o que for que Jared tenha a falar com a gente, envolve Tony.

Eu podia, de verdade, sentir minha pressão arterial escalando as alturas quase instantaneamente, e meu coração passou a bater duas vezes mais rápido.

Tim deu um pulo e aterrissou em minha mão. Ele fazia isso sempre que eu precisava de um pouco de conforto. Eu continuava lhe dizendo que isso era perigoso, porque um dia eu provavelmente apertaria a mão sem querer e o esmagaria, mas ele não me dava ouvidos. Isso foi algo que descobri sobre meu amigo *pixie*, Tim: ele fazia o que queria, e quando queria. Podia ser pequeno, mas era teimoso como uma mula de tamanho normal. Além disso, roncava e tinha muitos gases. Ele colocava a culpa disso nas frutas.

— Tony está bem?

— Não sabemos de nenhum detalhe, além de que está vivo. Por isso, não entre em pânico, não ainda.

— Não entrar em pânico? Você está de brincadeira comigo? Como posso não entrar em pânico?

Chase se levantou, cutucando meu ombro.

— Comam. Nós vamos descobrir o que é.

Ele saiu da mesa e se dirigiu ao bufê.

— Ele está certo, temos que comer. Não fazemos a mínima ideia do que está acontecendo, mas pular refeições não vai ajudar — disse Spike abrindo um sorriso frouxo para mim.

De todos nós, acho que Spike era quem havia mudado mais nas últimas semanas. Seu treinamento era o mais árduo, porque era em grande parte mental, e não físico. É claro que ele tinha alguns exercícios físicos a fazer, mas, na maior parte do tempo, tratava-se de aprender a dar uso prático à sua velocidade e a controlar seus anseios. Seu corpo era de um jeito tal que nunca ficaria maior ou mais musculoso, de modo que não havia nenhum sentido em malhar como eu, Chase e Finn fazíamos. Ele havia aprendido a controlar suas necessidades prementes, a usar a energia que tomava dos outros para curar suas feridas e, o mais importante de tudo, Spike havia aprendido a extrair energia de humanos e de fae

sem drená-los a ponto de secá-los. Era mais fácil para ele trabalhar com os fae: eles tinham uma força vital maior, que era difícil de drenar por completo — o que fazia mais difícil que morrêssemos por coisas regulares como flechas no peito, por exemplo. Para a sorte de Valentine e de Naida, visto que ambos haviam sofrido com flechas no peito em nosso treinamento, e ocasionalmente eram feridos novamente quando outras crianças trocadas passavam por seus testes. Ainda eram só os da velha guarda que trabalhavam na floresta durante aqueles testes, comparando seus raciocínios e habilidades com os dos candidatos e as crianças trocadas em potencial.

Spike estava se saindo bem em seu treinamento, mas estava muito cansado. Faltava-lhe o costumeiro entusiasmo e brilho. Ele não dava em cima de mim fazia semanas, mas eu estava contente. Não porque ele não fosse *sexy* demais e não estivesse no topo de minha lista para uma gostosa sessão de pegação, mas havia ficado mais forte, e eu tinha um pouquinho de medo dele, mesmo que fosse sempre um cavalheiro comigo e com Becky.

— Você está certo, eu sei.

Levantei-me, relutante, para pegar comida no bufê. Uma nova criança trocada estava lá e parou, deixando-me passar na frente. Outra vantagem de ser uma criança trocada sênior era a prioridade no bufê. Coloquei algumas coisas em meu prato, mesmo sem vontade de comer.

Voltei para a mesa e Chase havia terminado de comer metade do prato, muito cheio. Pelo menos alguém ainda tinha apetite. Não era de se surpreender que esse alguém fosse Chase.

Antes mesmo de eu me sentar, a porta do outro lado da sala se abriu e Jared passou por ela a passos largos. Essa era a primeira vez que eu o via em semanas. Ele realizava os testes com as crianças trocadas todas as vezes, sempre desaparecendo da floresta e deixando-as sozinhas para se defender e aparecendo de tempos em tempos para explicar suas ausências. Entre momentos em que ele aparecia para incitá-las pela floresta, ele voltava ao complexo e nos ajudava com o treinamento, com decisões do conselho e qualquer coisa que se fizesse necessária. Eu e ele ainda não conversávamos muito. Estava demorando um bom tempo para

que eu perdoasse seu engodo, mesmo agora sendo capaz de entender os motivos por trás de tudo aquilo.

Jared veio até nossa mesa.

— Ei, vocês se importam de levar sua comida para a reunião? Tenho que cair fora daqui e voltar a meus candidatos a crianças trocadas em breve.

— Deu mais uma desaparecida, foi? — falei.

Ele balançou a cabeça em negativa e revirou os olhos, sem dizer nada. Acho que ele não estava com humor para minhas provocações. Isso não era um bom sinal. Geralmente, ele me dava pelo menos um meio sorriso.

Havia algo nele que me fazia querer incomodá-lo. Eu não sabia o que era. Talvez fosse porque ele era tão legal o tempo todo, calmo. Nada o incomodava. Talvez eu tivesse alguma necessidade doentia de ser a única coisa que o incomodava. Às vezes, eu procurava encrenca, mesmo onde não havia nenhuma. Ter me tornado fae não mudara essa parte de minha natureza.

Pegamos nossos pratos e nossas bebidas e o acompanhamos porta afora. Ele nos levou até uma sala de reuniões que tinha uma mesa de conferência com cadeiras e nada mais. Eu nunca havia estado nessa sala antes. Na porta, havia um círculo cruzado por uma linha que parecia uma letra grega, ou algo do gênero.

Dardennes e Céline já estavam lá. Cada um de nós ocupou uma cadeira, acenando com a cabeça em cumprimento. Eu estava em paz com eles, apesar de relutante. Jared era meu último baluarte para perdoar. Até Niles, aquele cocozinho, havia feito por merecer meu respeito. Ele podia ser rude, mas manjava das coisas em se tratando de treinamento de força e força bruta em batalha. Podia ser do tamanho de uma criança pequena, mas tinha o coração de um leão. Ele fingia estar bravíssimo o tempo todo, mas eu sabia que tinha um fraco por mim. Devia ser porque eu era a única que o derrotara na floresta durante os testes das crianças trocadas. Até então, ele havia derrubado cinco candidatos com seu pequeno bando de anões guerreiros, e tinha muito orgulho disso. Sempre dizia que somos tão fortes quanto nosso elo mais fraco, e que seu trabalho era encontrar os elos fracos e se livrar deles. O grupo de crianças trocadas do qual eu fazia parte era o único que havia chegado até ali sem perder ninguém. Soubemos, posteriormente, que Becky

teve permissão de entrar, mesmo não tendo terminado o teste, porque foi capaz de estabelecer seu *status* como ninfa da água por meio de sua interação com Naida, e porque eu havia prendido sua bandeira no último ponto da rota, de modo que, tecnicamente, suas bandeiras estavam erguidas em cada um daqueles pontos. Desde então, eles haviam mudado as regras, de modo que apenas a pessoa detentora da bandeira podia oficialmente prendê-la. Becky e eu tínhamos uma conexão especial em um monte de coisa, e entre elas estava aquela droga de quarta bandeira.

— Ok, Jared, pode nos deixar a par do que andou fazendo? Creio que as crianças trocadas aqui apreciariam saber um pouco mais.

Jared se levantou.

— Obrigado, Anton — ele acenou com a cabeça para nós. — Crianças trocadas... — Todos meneamos a cabeça em resposta. — Como vocês sabem, eu estava indo e vindo de e para a Flórida, Nova York e Califórnia nas últimas semanas, trabalhando na busca de recrutas e trazendo-os para cá para nosso teste, para ver se eram crianças trocadas. Os resultados foram bem satisfatórios. Estamos felizes em dizer que, como resultado de nossos esforços, agora temos trinta e dois novos fae, incluindo uma diversidade de raças — ele fez uma pausa para reconhecer nossa aprovação. — Minha última missão foi na Flórida de novo. Eu estava em uma área muito familiar para Jayne, creio eu. West Palm Beach.

Meu coração martelava meu peito de novo. Agora estávamos chegando às coisas boas... ou ruins, dependendo do ponto de vista.

— Estávamos recebendo relatórios de nossos colegas de lá informando que havia uma forte presença de Fae das Trevas em ação, de modo que estávamos de olho na situação, tentando determinar a extensão do problema e o motivo para essa investida.

Jared olhou para mim e depois para Dardennes, que assentiu, encorajando-o a prosseguir.

— Não sabemos todos os detalhes, mas acreditamos que os Fae das Trevas descobriram alguma maneira de identificar candidatos a fae sem fazer que passem por nenhum teste. Eles estão recrutando ativamente para seu lado, e parecem não estar apenas mirando candidatos indiscriminadamente, o que resultou em um grupo

de fae composto não apenas de idiotas, mas de pessoas perigosas. Mas também parece que estão usando recursos consideráveis no recrutamento de alvos específicos. Vimos que construíram esquemas elaborados e até identidades e famílias falsas, só para deliberadamente tentar ganhar os favores e entrar na vida daqueles que mais desejam recrutar.

Sinos de aviso, alarmes dispararam dentro de minha cabeça. Isso estava começando a se parecer aos meus pensamentos mais paranoicos em relação a Tony, e Jared estava falando sobre West Palm, minha cidade natal.

— E isso me leva ao motivo pelo qual pedimos que vocês estivessem aqui hoje. Parece que Tony virou alvo dos Fae das Trevas como um recruta em potencial.

Dei um pulo da cadeira.

— Eu sabia! Caramba, eu sabia, eu sabia que ele estava sendo influenciado! É Ben, não é? O nome do fae é Ben!

Jared parecia surpreso.

— Como é que você sabia disso?

— Tony me falou dele no dia em que voltou. Em um *e-mail*. Ben dominou de imediato a vida de Tony, mudando-o, tornando-se seu novo melhor amigo.

Engasguei com as duas últimas palavras, e lágrimas saltaram aos meus olhos. Limpei-as com raiva, voltando a me sentar. Eu tremia de fúria, tristeza e medo. Uma grande bola de tristeza se alojou bem ali em minha garganta, e ameaçava me fazer vomitar. Inspirei e expirei ruidosamente, tentando manter minhas emoções sob controle. Senti a mão reconfortante de Becky em minhas costas. Spike esticou a mão e colocou-a em meu antebraço, dando um apertãozinho gentil.

— Jayne — disse Tim alertando-me —, estou sentindo sua energia zunindo em minhas asas. Controle-se.

Ele estava certo. Às vezes, quando eu ficava realmente emotiva, parecia que O Verde entrava em ação. Nossa conexão era tão próxima, que às vezes eu me esquecia de onde eu terminava e ele começava. Tim era meio que meu medidor de energia, capaz de sentir quando havia desequilíbrio. Tomei um segundo para me

recompor. Eu reconhecia o poder fluindo a meu redor, descontrolado e separado de mim. Não era hora de mandar as pessoas para a terra do lá-lá-lá. Quase nunca mais havia feito isso, mas era sempre uma leve preocupação para qualquer um que estivesse treinando comigo.

— Você está certa. O nome dele é Ben, e é um fae particularmente poderoso. Nós não sabemos exatamente o que ele é, mas sabemos que os outros fae o procuram para obter instruções, e que muitos de sua própria espécie o temem.

Eu quase não queria perguntar, mas precisava:

— O que ele fez com Tony?

— Até agora, pelo menos até o que podemos saber, não fez nada além de... influenciá-lo. E não do jeito que poderiam pensar — Jared sorriu antes de prosseguir. — Na verdade, eu vi Tony. Foi de longe e quase não o reconheci. Mas senti a assinatura de sua energia, então, soube que era ele. No entanto, para falar a verdade, acho que nenhum de vocês o reconheceria. Nem mesmo você, Jayne.

— O que quer dizer com isso? — quis saber Finn.

— Ele parece muito diferente. Cabelo diferente, roupas diferentes... até anda como se fosse outra pessoa.

Pensei no *e-mail* que Tony havia me enviado contando sobre as roupas que Ben lhe dera. Isso me deixou enfurecida de novo.

— Então, o que vamos fazer? Não podemos deixar Tony lá para os Fae das Trevas. — Olhei para Jared, depois para Céline e para Dardennes, com expectativa, mas eles não disseram nada. — Que foi? Vocês não podem deixar Tony lá. Certo, pessoal?

Olhei ao meu redor, para meus amigos. Todos assentiam e concordavam comigo.

Dardennes pigarreou.

— Temos aqui uma situação única, um problema, em essência, e o conselho tomou uma decisão.

Fiquei enfurecida. Geralmente, o conselho envolvia os outros fae em decisões importantes, e Tony era importante. Eles deviam ter nos envolvido nisso. Não tive uma boa sensação, de jeito nenhum.

— As regras são: uma vez que um candidato a criança trocada tenha recusado a mudança, é liberado depois que suas lembranças são apagadas e nunca mais poderá se tornar um fae usando um de nossos amuletos. Essa tem sido a regra desde sempre, e não será alterada pelo conselho.

Todos falávamos ao mesmo tempo, alguns de nós, como eu e Tim, mais alto que os outros. Bem, Tim falava mais alto, mas em minha orelha.

— Que baboseira!

— Vocês não podem abandoná-lo desse jeito!

Dardennes ergueu as mãos e tentou nos acalmar, mas eu não estava calma.

— Isso não faz nenhum sentido! Todos sabemos que Tony tem sangue de fae nas veias. Se ele não vier conosco, vão tomá-lo e levá-lo para o lado dos Fae das Trevas! Nós o perderemos para sempre! — eu estava tão frustrada, que comecei a citar as palavras de meu amigo elfo cinza, Gregale. — Isso é um desperdício de recursos, e nós não fazemos isso.

Dardennes assentiu, ainda erguendo as mãos. Todo o mundo se aquietou para ouvir suas próximas palavras.

— Eu não poderia concordar mais com vocês, mas o conselho se pronunciou. Eu não posso trazer o candidato de volta para cá, dar-lhe um amuleto e nem permitir que pronuncie as palavras que trarão a mudança. Não posso fazer isso. Estou impotente aqui. Não há nada que eu possa fazer. — Ele ergueu a sobrancelha para nós, expectante.

Ele não parecia nem um pouco triste. Parecia que... estava esperando que disséssemos alguma coisa.

Franzi o cenho, analisando todos os outros rostos em volta da mesa. Meus amigos estavam, obviamente, tão confusos quanto eu. Jared tinha a mesma expressão de Dardennes e Céline no rosto, como se estivesse esperando que sacássemos alguma coisa.

Finn se pronunciou.

— Disse que você não pode fazer nada disso. Isso quer dizer que ninguém pode, ou que só você não pode?

Dardennes abriu um largo sorriso para ele, e depois para todos nós.

— O conselho decidiu que nenhum de seus membros pode trazer Tony para nosso complexo nem lhe dar um amuleto, e nem permitir que pronuncie as palavras da mudança. Isso é tudo que posso lhes dizer. É meramente a verdade, nada mais, nada menos que a verdade. — Ele e Céline se levantaram para deixar a mesa, os dois trocando largos sorrisos cúmplices. — Vamos embora agora. Tenho certeza de que todos vocês têm muito a discutir. É um triste dia por eu não ter podido trazer Tony de volta até vocês. Mas tenho esperanças de que vocês possam encontrar em seu coração uma maneira de consertar as coisas.

Céline assentiu com a cabeça, parando na porta e se voltando para nós.

— Desejo a vocês a melhor sorte do mundo em suas... futuras diligências. E, Jared?

— Sim, Céline?

— O jato está completamente abastecido e esperando para levá-los de volta à Flórida. Ivar estará a bordo para ajudá-los, a você e a todos que precise levar para sua próxima missão.

— Obrigado, Céline.

Céline e Dardennes saíram da sala. Durante poucos segundos reinou o mais completo silêncio. Então, Finn disse:

— Todos vocês estão captando o mesmo significado que eu?

— Se quer dizer que estão dizendo que nós podemos fazer esse tipo de coisa, só que sem que eles digam que podemos, então, sim — disse Spike.

Jared soltou um suspiro.

— Escute, pessoal. Nem Anton e nem Céline podem lhes dizer para fazer isso. Mas não vão impedi-los se quiserem ir. A decisão cabe a vocês. Mas temos que ficar calados sobre esse assunto, porque os anciões foram claros. Anton não pode sancionar essa viagem e nem o que vamos fazer nela. Para eles, estou partindo em missão de recrutamento. Para Anton e Céline, estou recrutando e levando assistentes.

— Eu não ligo a mínima se os anciões ou Dardennes dizem sim ou não. Eu vou. — Olhei para cada um dos meus amigos, um de cada vez. — Vocês, pessoal, podem ir ou ficar aqui. Seja como for, ainda serão meus amigos. Mas nada vai me

manter aqui enquanto Tony estiver com problemas.

Jared olhou para mim.

— Sugiro que você passe um tempinho com Gregale, Jayne. Ele pode lhe dar uma amostra daquilo com que lidaremos. Peça a ele que a leve até o Cinza. Vá ver Tony com ele.

— De que diabos está falando? Se eu pudesse ir ver Tony, não acha que já o teria feito?

O que Jared estava dizendo era loucura, pelo que eu sabia.

— Simplesmente vá ver Gregale. Ele vai lhe explicar tudo. Mas não conte a ele nossos planos. Quanto menos pessoas souberem, melhor. Diga só que você sente falta de Tony e que realmente precisa vê-lo no Cinza.

Jared se voltou para os outros.

— Vocês, pessoal, precisam me dizer se vêm conosco. Tenho que embalar provisões para o número certo de pessoas.

Ele olhou ao redor com ares de expectativa.

Chase foi o primeiro a se pronunciar.

— Aonde Jayne for, eu vou.

— Eu também! — gritou Tim.

— Tim disse que vai — informei.

— Estou dentro — disse Spike em um tom preguiçoso. — Esse lugar estava ficando entediante mesmo.

Algo me dizia que ele estava só procurando mais energia fresca, mas, tudo bem. Quanto mais, melhor.

— Acho que devia ficar aqui — disse Becky.

Olhei para ela um pouco magoada.

— Não, não me olhe desse jeito. Eis o que eu estava pensando: posso ficar ouvindo as conversas, e tal, e apareço onde vocês estiverem para contar o que eu ouvi, para avisar se os anciões descobrirem o que vão fazer.

— Você pode ir tão longe assim?

— Acho que sim — ela abriu um sorriso tímido. — Estou ficando muito boa nisso, na verdade.

— Essa é uma boa ideia — disse Jared. — E quanto a você, Finn?

— Com certeza. Não vou ficar para trás e deixar que Spike fique com toda a diversão. *Nem ferrando.*

— Então, é isso. Quatro vamos, um fica.

— Cinco!

— Cinco, Jared, não se esqueça de Tim.

— É, desculpe, Tim. Cinco fae a bordo, além de mim e de Ivar.

— Ivar vai dificultar as coisas para nós? — quis saber Finn.

— Não. Ele sabe o que está acontecendo — Jared saiu da mesa, dirigindo-se à porta. — O avião parte dentro de três horas. Estejam na porta que tem a asa de Mercúrio por volta das nove horas. Isso são duas horas e meia a partir de agora. Certifiquem-se de colocar comida nas mochilas antes de ir. Não teremos muita comida no avião, e eu não quero ficar na Flórida por mais de dois dias. Não quero que os anciões mandem ninguém atrás de nós, e acho que dois dias é o máximo de tempo de que precisaremos para controlar essa parada. Juntos, estabeleceremos nosso plano no avião. Jayne, você vai até Gregale o mais rápido possível. Provavelmente ele ainda está no salão de refeições. Faça o que for preciso para que ele a leve até o Cinza.

Todos nós nos levantamos, dirigindo-nos à porta de uma vez só.

Jared fez um último comentário antes de sair.

— Lembrem-se de pegar suas armas.

Capítulo 23

CAMINHEI O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL ATÉ O salão de refeições. Gregale estava lá, conversando com alguns de seus amigos gênios.

— Ei, Gregale, posso falar com você um segundo?

Tentei relaxar soprando o ar para cima, para meu próprio rosto. Eu estava suando feito louca por ter voltado correndo, e devido ao nervosismo de modo geral.

— Claro, Jayne. O que posso fazer por você?

— Pode me acompanhar um minuto?

— É claro que sim.

Ele me acompanhou para o corredor. Imaginei a porta com a figura do oito deitado, e ficamos na frente dela em menos de quinze minutos, o que devia ser um recorde.

— Estamos com alguma pressa? — disse Gregale com a respiração pesada.

— Não, de jeito nenhum. Só estou animada.

— Com o quê?

Empurrei e abri a porta, dando um passo para a campina onde eu e ele havíamos tido nossa primeira sessão de treinamento juntos.

— Bem, fiquei sabendo hoje que você tem um talento especial, e espero que o possa mostrar para mim.

Ele me olhou com o cenho franzido.

— E que talento seria esse?

Voltei-me e fiquei de frente para ele.

— O talento de entrar no Cinza.

Ele arregalou os olhos.

— Ah, não, não acho uma boa ideia, Jayne. Talvez devêssemos voltar ao salão de refeições.

Ele deu meia-volta para passar pela porta de novo, mas agarrei a manga de sua túnica, impedindo-o.

Ele olhou para trás e viu minha mão na manga de sua túnica, parecendo surpreso.

— Jayne, o que está fazendo? — perguntou-me com uma voz carregada de raiva. — Tire a mão de mim.

— Escute, Gregale, por favor. Preciso de você. Muito. Você se lembra daquele dia que passamos aqui fora juntos? E lhe mostrei O Verde.

Eu sabia que aquele evento havia feito que ele ganhasse altos pontos com seus camaradas, os elfos cinza.

Ele sorriu com a recordação.

— Sim, é claro.

Peguei pesado com ele.

— Bem, adivinhe só. Você me deve uma. Eu lhe mostrei meus talentos, e agora chegou a hora de você me mostrar os seus.

Sua expressão era irritada, mas ele não discutiu comigo.

— Por que quer tanto entrar no Cinza, assim de repente?

— Sinto falta de meu amigo Tony. Recebi um *e-mail* dele que me deixou preocupada. — Isso não era totalmente mentira; só não disse a Gregale que o havia recebido fazia seis semanas. — Preciso ver como ele está, certificar-me de que esteja bem. Ele deve estar dormindo agora, então, sei onde encontrá-lo.

Gregale soltou um suspiro, sentindo-se derrotado.

— A projeção astral não está ligada a um lugar, está ligada aos espíritos.

— Projeção astral?

— Sim. É isso que você está pedindo que eu faça. Que a leve comigo enquanto projeto meu espírito no Cinza, o espaço existente entre nosso mundo e os Outros Mundos.

Senti um frio na espinha. Tenho quase certeza de que, se Tim estivesse comigo, estaria tremendo. Mas ele estava em nosso quarto, arrumando-se para sair.

— Ok, então... o que preciso fazer?

— Venha. Acompanhe-me. É melhor encontrarmos um lugar confortável para deitar — ele deu uns passos pela campina até que chegamos a um lugar adequado. — Seria muito melhor se você estivesse com seu *daemon* aqui.

— Por quê?

— Porque ele poderia proteger seu corpo enquanto seu espírito não estiver nele.

Ora, carambolas! Em que eu havia me metido?

— E quanto ao Verde? Posso fazer que ele proteja nós dois.

Gregale se empertigou um pouco.

— Sim... isso pode dar certo.

Ele se deitou no chão e deu uns tapinhas de leve a seu lado.

— Deite-se aqui.

Eu me deitei, enviando silenciosamente minha mensagem ao Verde, pedindo que protegesse a mim e a Gregale de qualquer criatura que desejasse nos fazer algum mal. Também pedi que nos protegesse de qualquer criatura que tentasse ver o que estávamos fazendo. *Isso deve cobrir todas as possibilidades.* Não queria que ninguém entrasse de fininho dessa vez. Senti o zunido da resposta dada de boa vontade pelo Verde.

— Segure minha mão — instruiu Gregale.

Estiquei a mão e coloquei-a na de Gregale, que era fria e esguia, sem calos... as mãos de um intelectual que tocava só em papel o dia todo.

— Agora, feche os olhos. Vou lhe pedir que imagine algumas coisas. Você sentirá energia proveniente de mim... então, sentirá um puxão perto de seu âmago. Não entre em pânico. Assim que seu espírito estiver livre, não será tão desagradável.

— Ok.

Eu estava tentando não surtar, mas estava difícil. Não tinha tanta certeza de que queria que meu corpo e meu espírito ficassem separados.

Como se pudesse ler minha mente, Gregale pronunciou-se mais uma vez:

— Seu espírito não deixará seu corpo por completo. Sempre haverá uma conexão. Quando você estiver fora de seu corpo, verá essa conexão, que vai parecer um fio reluzente.

— Um fio. Entendi.

— Ok, é só relaxar. Lá vamos nós, entrando no Cinza...

A princípio, não senti nada. Depois, senti algo indo até minha mão, partindo de Gregale. Achei que ele estivesse me puxando, mas percebi que sua mão estava imóvel. Era algum tipo de força esquisita que me puxava. Subia por meu braço e depois para meu ombro. Chegou a meu peito, rosto e cabeça... minha barriga, coxas e panturrilhas... e depois, por último, meus pés. Por fim, todo meu ser estava sendo puxado, cada vez com mais força. Minha respiração se acelerou, quando entrei em pânico.

— Apenas relaxe, Jayne, não lute contra isso. Você está tentando trazer O Verde consigo, e não pode fazer isso. Tem que se soltar por completo. Só ficar livre. Solte-se de suas ligações terrenas.

Eu me visualizei flutuando acima das amarras que me mantinham na Terra. Soltei-me até d'O Verde, o que, para mim, foi emocionalmente mais difícil. Conforme ele ia se soltando, percebi que O Verde havia se tornado quase uma parte de mim. Por um breve instante, eu me perguntei se esse tipo de integração era o que dava início ao processo que levava um elemental a, por fim, enlouquecer. Precisava lembrar de conversar com Spike sobre isso depois, visto que Valentine parecia ser o cara que tinha as boas fofocas.

— Isso. Agora, lá vamos nós, vamos começar.

Senti um *pop!* logo antes de perder completamente minhas sensações físicas normais. Eu não sentia mais o peso da energia de Gregale, nem d'O Verde e nem mesmo de meu próprio corpo.

— Que diabos...

— Abra os olhos. Olhe para baixo.

Fiz conforme Gregale me instruiu, agora vendo meu corpo deitado no chão ao lado do dele, nós dois de mãos dadas.

— Uau! Essa é a coisa mais esquisitona que já vi em toda minha vida! Meu corpo deitado no chão daquele jeito! Parece que estou morta. É como se eu estivesse tendo uma experiência de quase morte.

Tentei olhar para mim mesma, a parte de mim que estava flutuando acima de meu corpo, mas não havia nada a ser visto, exceto uma leve névoa verde que tinha um fio reluzente atado a seu centro, esticando-se até o chão e preso no meio

de meu corpo. Era como um gigantesco e reluzente cordão umbilical.

— Ei! Eu sou um grande e reluzente feto aqui em cima!

Eu podia sentir a paciência de Gregale comigo.

— Sim, pode-se dizer isso, suponho. Então, aonde vamos? Agora, estamos no Cinza.

A voz de Gregale se projetava em minha consciência de alguma forma, porque ele não estava realmente falando. Ele não tinha boca ali no Cinza, e eu também não tinha ouvidos.

Olhei ao meu redor. Parecia meio cinza, para falar a verdade. Eu sentia como se não estivéssemos sozinhos, mesmo não podendo ver nada além de nosso corpo abaixo e os fios brilhantes nos conectando.

— Sinto como se... não estivéssemos sozinhos aqui, Gregale.

Eu estava começando a achar aquilo sinistro também.

— Não estamos sozinhos aqui. É por isso que eu gostaria de andar logo, se você não se importar.

— Há... coisas ruins aqui?

— Bem, isso depende de sua definição de "ruim". Por favor... para onde vamos?

Tentei não pensar em sua resposta evasiva.

— Preciso ver Tony.

— Visualize Tony e o lugar onde acha que ele está. Vou me ancorar à sua energia e segui-la, enquanto fico de olho.

— Fica de olho no quê?!

— Shhh, apenas se concentre. Deixe que eu me preocupe com todo o resto.

Coloquei as preocupações com o desconhecido de lado e procurei em minha mente as lembranças de Tony... Tony parado no vestíbulo de sua casa enquanto fazíamos sua mala para ir a Miami. Depois, Tony em seu quarto com as paredes cobertas de pôsteres de planetas. Tony segurando portas abertas para mim. Tony e seu sorriso tímido.

— Chegamos? — perguntou Gregale baixinho.

Olhei para baixo e vi o quarto de Tony. Pelo menos, achava que podia ser o

quarto de Tony, mas parecia bem diferente. Todos os pôsteres de planetas e de ciências não estavam mais lá. No lugar deles, havia pôsteres de bandas de *rock*. O chão do quarto estava uma zona, com roupas sujas e papéis espalhados por todo lado. Havia pilhas de coisas em cima de sua escrivaninha, e nada daquilo parecia lição de casa.

— Não tenho certeza. Esse é o quarto dele, todas as dimensões estão certas, e as janelas e as portas estão no lugar certo, mas, além disso, tudo está diferente.

Baixei o olhar para a cama, que estava vazia. Onde ele poderia estar? Já passava da meia-noite lá.

— Olhe pela janela — disse Gregale sussurrando.

A janela estava subindo sozinha. Depois, vi uma cabeça passando por ela, uma cabeça cujos cabelos precisavam urgentemente de um pente. O restante do corpo passou pela janela e caiu no chão. Vi que essa pessoa estava usando pesadas botas pretas, tipo coturno, uma calça *jeans* e uma desleixada camisa de flanela.

— Quem é aquele cara no quarto de Tony?

Talvez a família de Tony tivesse se mudado.

Mas, então, ele ergueu o olhar do chão, levantando-se para se limpar, e vi seu rosto. Fiquei ofegante.

— Que foi? — quis saber Gregale.

— É Tony!

— Ótimo!

— Não, não é ótimo. Nem um pouco ótimo. Olhe para ele!

— Ele parece outros garotos humanos que já vi.

— Mas ele não parece Tony. Está totalmente mudado.

Fiquei olhando enquanto ele caminhava a passos pesados pelo quarto, tirando e chutando suas botas desamarradas e ligando seu aparelho de som. Ele deu dois passos em direção à porta, esticando a mão para acender a luz, antes de voltar a se sentar na beira da cama. Eu podia ouvir a música alta.

Seguiu-se uma batida na porta, e o som da voz de sua mãe vindo daquele espaço:

— Está alto demais, Tony!

Tony pegou uma de suas botas que estava ao lado de sua cama e a jogou na porta, atingindo-a com um ruído alto, e pude ouvir o som de sua mãe se afastando sem dizer uma palavra.

Fiquei ofegante com o que vi.

— Você viu aquilo?! Tony nunca faria uma coisa dessas. Nunca!

Gregale não disse nada.

Eu estava me preparando para ir embora, tão estressada, que não conseguia nem pensar direito, mas, então, vi Tony se mexendo de novo. Ele se levantou e foi até sua escrivaninha, tirando um bocado de coisas do caminho, procurando algo.

A curiosidade fez que eu ficasse.

Ele encontrou o que estava procurando escavando no meio das tralhas que havia em cima de sua escrivaninha. Estava de costas para mim, então, não conseguia ver o que era. Ele se inclinou para frente e apertou um botão no aparelho de som, acendendo a luz do tocador de CD. Fiquei observando enquanto ele ia clicando e passando pelas faixas até chegar à que queria. Pressionou "*play*" e se sentou na beira da cama de novo, com alguma coisa na mão, aquilo que estava procurando e que depois encontrou enterrado debaixo das porcarias em cima de sua escrivaninha.

A música soava pelos alto-falantes, uma melodia pungente e melancólica que eu não ouvia fazia tempo. Era *My Immortal*, do Evanescence, cuja letra tinha um significado completamente novo para mim nesse momento, enquanto meu corpo flutuava acima da nova e perturbadora vida de Tony. Eu sabia, olhando para meu melhor amigo, que essa música também significava muito, mas muito mais para ele também... mais do que um dia podia ter significado antes de sermos expostos ao mundo dos fae. Mais do que poderia significar quando estávamos juntos, na vida um do outro, todos os dias.

O corpo de Tony tremia, tremia, e seus ombros estavam arqueados. Ele se mexeu um pouco para a esquerda e finalmente pude ver o que estava segurando. Era uma foto minha com ele que eu havia colocado em um porta-retratos um ano atrás. Havíamos ido ao *shopping* e ficado de bobeira em volta da grande fonte. Lembro-me de erguer minha câmera e tirar um retrato de nós dois. Depois, coloquei a foto em um porta-retratos no aniversário dele, e disse para colocá-la em sua

escrivaninha para lembrar de não ser tão sério o tempo todo quando estivesse fazendo a tarefa da escola. Fiquei observando enquanto uma lágrima pousava no vidro.

De repente, Tony ergueu o olhar para o teto, como se pudesse me ver ali, e gritou:

— Por que você não pode simplesmente me deixar em paz?

Ele deu um pulo para cima, jogando o porta-retratos com nossa foto do outro lado do quarto. Ele bateu na parede, estilhaçando-se em uma imensa explosão de vidro. A foto e a moldura caíram pesados no chão, em meio à zona que era essa sua nova vida... vida essa que não mais me incluía.

Já havia visto o bastante. Demais.

— Gregale! — gritei com desespero —, tire-me daqui! Por favor!

Senti a energia de Gregale me envolver com calidez e me puxar para trás através do plano por onde havíamos viajado. Não prestei atenção às coisas frias que passaram nos roçando enquanto descíamos. Eu só conseguia pensar em uma única coisa: a imagem de meu melhor amigo, sozinho e abandonado por mim, a garota que devia estar com ele, mas que havia escolhido a glória pessoal e a aventura em vez da amizade.

Capítulo 24

ESTÁVAMOS DE VOLTA NA CAMPINA, DEITADOS EM meio à urze, e eu soluçava e chorava descontroladamente. Não conseguia superar a dor que minhas escolhas egoístas haviam causado à pessoa que eu mais amava no mundo. *Como pude deixá-lo sozinho daquele jeito? Que foi que eu fiz?*

— Jayne — disse Gregale baixinho. — Jayne, por favor, não chore. — Ele deve ter entendido errado o motivo de minhas lágrimas. — Ainda não considero paga minha dívida para com você. Ainda pode me pedir o que desejar, a qualquer hora. Receio que isso que fiz por você não tenha sido nenhum favor.

Apenas balancei a cabeça em negativa. Não conseguia nem falar, as lágrimas corriam por meu rosto descontroladamente. Lamentei por meu amigo perdido, gemendo de dor. Era tarde demais. Tarde demais para mim. Não havia razão para voltar à Flórida. Já o havia perdido. Ele não queria mais ser meu amigo.

Senti Gregale sair de meu lado, mas não me importei. Era melhor assim. Eu era uma amiga terrível. Uma pessoa terrível. Todo o mundo devia me deixar sozinha. Eu devia me juntar aos Fae das Trevas, que era o lugar de pessoas egoístas como eu.

Não sei por quanto tempo fiquei ali sentada, perdida nas lembranças de Tony, dos momentos que passamos juntos antes de Dardennes e todos eles entrarem em nossa vida: até memórias mais antigas, antes de o namorado de minha mãe entrar em cena e dar início à cascata de eventos que me levaram a estar ali, com o coração partido, no meio das urzes e das campinas da floresta dos Fae da Luz... no meio de um lugar encantado que eu nem sequer sabia onde ficava. Meu próprio inferno particular.

Eu ia perder o avião para a Flórida, mas isso não importava. Eu não ia. Tentei bloquear a imagem de Tony jogando nossa foto do outro lado do quarto ao som da música, a foto batendo na parede, mas não consegui. Isso estava me assombrando. As lágrimas correram de novo, ameaçando me lavar e me levar com elas.

Notei outra presença segundos antes de sentir um toque gentil em meu braço. Ergui o olhar em meio às lágrimas e me deparei com Maggie, a bruxa, ao meu lado. Ela se curvou para se sentar a meu lado, e a dor que isso lhe provocou ficou esculpida em seu rosto enrugado. Eu não podia falar com ela nesse momento. Não estava a fim de aguentar seus comentários cheios de farpas nem suas críticas implacáveis. Só meneei a cabeça para ela, com as lágrimas ainda inundando meu rosto.

— Você viu algo que não devia ter visto.

Meneei a cabeça. Eu não concordava com isso. Precisei ver aquilo.

— O Cinza distorce as coisas. Coloca uma sombra em cima das coisas que não têm.

— Preciso deixá-lo ir. Ele já se foi.

— Não! Se permitir que o tirem de você, não é a fae que achei que fosse!

— Eu gostaria de não ser fae!

— Mentira!

— Gostaria de não ter deixado Tony.

— Mentira!

— Gostaria que ele houvesse vindo comigo.

— Verdade. Até que enfim. Você não pode controlar as escolhas dos outros, mas a vida dele está diferente agora. Sua escolha pode ser diferente agora também. Vá até ele. Deixe que ele faça a escolha de novo. Não faça a escolha por ele.

— Eu já o decepcionei.

— Não! Você faz o que é certo para você. Ele faz o que é certo para ele. Às vezes, o que é certo os reúne. Às vezes, separa. A única coisa que você tem é a honestidade. Seja honesta consigo mesma agora. Qual é seu desejo mais profundo?

Aquelas palavras voltaram a mim; o sussurro de um passado próximo, o dia em que eu estava diante do último ponto da rota, o primeiro dia de minha vida como fae. Pensei bastante nisso, concentrando-me com toda minha força, tentando ignorar a dor e as autocríticas. *Qual é meu desejo mais profundo?*

— Quero que as coisas voltem a ser iguais com Tony.

— Mentira!

— Não, não é! É a verdade!

— Não! Mentira!

Eu estava chorando de novo, mas dessa vez, de raiva. Gritei com ela.

— O que é que você sabe? Você não me conhece! Não conhece Tony! Você não faz a mínima ideia do que eu quero!

— Eu sei a diferença entre verdade e mentira. Fale a verdade, garota, ou não vou mais perder meu tempo com você!

— Tudo bem! Vá embora! Eu não me importo mesmo!

— Mentira!

Ri com amargura. Toda a força de lutar se esvaiu de dentro de mim. Não sei se era porque estava mentalmente exausta ou se havia finalmente surtado de vez, mas não conseguia gritar mais e nem chorar.

— Você não bate bem da cabeça, velha doida.

— Já ouvi coisas piores. Então, acabou de sentir dó de si mesma? Está pronta para dizer a verdade?

Desferi-lhe um olhar malévolo.

— Você é uma bruxa velha e feia.

— Verdade!

— Gostaria de poder esmagar sua cabeça agorinha mesmo e não me preocupar em ser transformada em sapo.

— Verdade!

— Quero acabar com a pessoa que está bagunçando a cabeça de meu Tony.

— Verdade!

— Sinto falta dele.

— Verdade!

— Quero entrar no avião e ver se ele mudou de ideia e se quer se juntar a mim aqui.

— Verdade — ela fez um esforço para se levantar. — Então, o que está fazendo aqui? Não tem que pegar um avião?

Olhei para ela com curiosidade.

— Como você sabe?

Ela deu uma gargalhada, afastando-se, capengando e entoando um cântico para si mesma, com sua voz estridente:

— Coisas verdes, coisas verdes, belas e adoráveis coisas verdes...

Logo desapareceu em meio às árvores na beira da campina.

Inspirei fundo e ergui o olhar para o céu, enviando uma mensagem ao Verde, com a esperança de que, de alguma forma, de alguma maneira, Tony a recebesse.

— Estou indo buscar você, Tony, e quem se meter em meu caminho, é melhor tomar um cuidado dos infernos, porque estou enfurecida!

Levantei-me e voltei a entrar pela porta que dava para o complexo. Eu tinha um avião a pegar.

Capítulo 25

FUI CORRENDO ATÉ MEU QUARTO, ABRINDO A porta com tudo. Tim estava lá, voando rapidamente de um lado para o outro, com as asas zunindo.

— Onde você estava? Todo o mundo está procurando você.

— Eu estava tendo uma crise, mas estou de volta à ação agora. Está pronto?

— Sim!

Ele estava usando a pochete em miniatura que eu havia pedido a Netter que lhe arranjasse. Ele não podia usar mochila nas costas por motivos óbvios, mas me enchera o saco por semanas dizendo que queria algum tipo de bolsa, como todo o mundo. Então, finalmente cedi e pedi a ajuda ao *brownie*. Não tive coragem de dizer a Tim que pochetes eram ridículas; ele amava tanto a sua... Eu tentava não rir todas as vezes que o via usando-a, mas era difícil. Nem sei o que ele guardava dentro daquela porcaria, era tão pequena!

Tim desceu voando e aterrissou em sua caminha, dando um pulo para fora dela e voando no ar, dando saltos mortais e rodopios. Ele gostava de usar seu minúsculo colchão como trampolim para voar. Tinha um quarto completo em miniatura arrumado em cima de minha cômoda, que era uma duplicata do meu, igualzinho até na colcha e na minúscula bandeja de prata em cima da cômoda. Todos os dias ele fazia que eu colocasse uma lembrancinha na bandeja para o Netter. A bola de chocolate ocupava todo o tampo de sua cômoda.

Joguei minhas velhas roupas humanas dentro da mochila, junto com meus tênis Converse All Star. Não precisava voltar para lá parecendo uma *hippie* doidona, que é como eu parecia de túnica. Netter havia se certificado de que minhas velhas roupas estivessem limpas e passadas; agora, estava feliz por ele ter se preocupado com isso. Estava com o Blackie preso à minha perna, como de costume. Acrescentei minha escova de cabelos, escova de dentes e maquiagem à mala, e pronto!

Eu e Tim saímos do quarto tentando não parecer apressados, caso passássemos por alguém no caminho. Por sorte, não vimos ninguém, porque não

sei se seria possível não parecer ansiosa nesse momento. Eu sentia essa incrível urgência depois de ter visto Tony e quão chateado estava, e o quão zoada se tornara sua vida. Um quarto bagunçado não era nada demais, na verdade; sempre achei que Tony tinha um parafuso a menos, sempre tão arrumadinho... Era a mudança drástica em sua aparência e a forma como havia agido em relação à sua mãe que me preocupavam. Sua reação violenta à nossa foto foi só a gota d'água.

Chegamos à porta com o símbolo da asa e a puxei para abrir. Havia uma trilha curta do lado de fora da porta e Becky estava ali, parada, esperando por nós.

— Achei que não vinha — falei, alegre ao pensar que ela havia mudado de ideia.

— Não vou. Só vim me despedir — ela esticou os braços para um abraço. — Cuide-se. Envie uma mensagem pelo Verde, se precisar de mim.

— Farei isso. Você também, cuide-se. Fique longe dos membros do conselho nos próximos dias, se puder.

— É o que pretendo fazer. A gente se fala em breve.

Desci a trilha apressada, ouvindo alguém dar partida no motor de um carro. Tim foi voando na frente para anunciar nossa chegada. Irrompi em meio às árvores e vi uma *van* à espera, com todo o mundo já dentro. Eu e Tim fomos os últimos a entrar.

— Venham! Vamos! — disse Jared no banco do passageiro da frente.

Dei a volta e fui correndo até a traseira da *van*; joguei minha bolsa em cima do resto das coisas e bati a porta do porta-malas com força para fechar. Em seguida, corri até a grande porta na lateral, pulando no banco perto da porta, deslizando e fechando a porta.

— Tim está aqui? — perguntei sem fôlego.

— Sim! — respondeu ele guinchando em algum lugar lá atrás.

O carro partiu. Ivar dirigia o mais rápido que podia pelas estradas esburacadas da floresta, e pegou uma via expressa. Era a primeira vez que qualquer um de nós, crianças trocadas, via a rota que havíamos tomado para chegar ao nosso novo lar. Da última vez, estávamos todos dopados e inconscientes. Parecia fazer tanto tempo, mas, na verdade, não era tanto assim. É incrível quanto nossa vida

mudou; não só a de Tony.

Eu estava muito obcecada com as possibilidades e os porquês para prestar atenção à paisagem ou às conversas que fluíam ao meu redor. A presença reconfortante de Tim em meu ombro me ajudava a manter os pés no chão. Sempre que eu começava a ficar tensa pelo que estava acontecendo com Tony, Tim sem querer puxava meu cabelo ou peidava perto de meu ouvido.

— Droga, Tim, o que foi que você comeu no café da manhã?! — por fim gritei.

Todos ficaram quietos de repente, imaginando de que diabos eu estava falando.

Balancei a cabeça.

— Desculpem. Não liguem para mim.

Eu podia ouvir Tim dando risadinhas na traseira da *van*. Sabiamente ele havia ficado fora de meu alcance.

Menos de uma hora depois, estávamos em um aeroporto particular onde o jato nos esperava. Estávamos atrasados, mas acho que esse é um dos benefícios de ter seu próprio jato: ele não ia partir sem nós. Em trinta minutos, estávamos a bordo e no ar. Estávamos todos sentados em nossas confortáveis poltronas de couro, refletindo sobre a última vez que estivemos a bordo desse avião.

— Ei, Ivar! — falei em voz alta, conseguindo sua atenção.

Ele estava em pé perto dos pilotos.

— Tem alguma coisa para beber nesta coisa? Um drinque, talvez?

Todo o mundo abriu largos sorrisos. Ivar virou as costas para mim, não antes de eu ver uma pontinha de sorriso em seu rosto. Ivar nunca sorria por completo, por nada.

Da última vez que estivemos nesse avião, todos, menos eu, haviam sido dopados pelos famosos drinques de Ivar. Eu recebi uma injeção de tranquilizante no braço, visto que me recusei a beber aquilo. Se eu tivesse uma seringa comigo, ia enfiá-la em Ivar, só para me divertir. Ainda não havia lhe dado o troco, e nem perdoado.

Jared veio da frente e se postou no corredor, ao lado de Chase.

— Pessoal, querem traçar um plano antes que todos acabemos dormindo?

Spike e Finn estavam sentados do outro lado da mesa à minha frente, e Chase ao meu lado. Olhei para eles em busca de uma resposta. Todo o mundo assentiu, inclusive eu.

Jared puxou uma pequena banqueta dobrável para frente e se sentou no corredor, de frente para nós.

— Então, alguém tem alguma ideia sobre como abordar esse lance com Tony?

Spike olhou para Jared.

— Bem, o que você sabe sobre a situação, Jared? Alguma coisa que possa nos ajudar?

— Na verdade, não. Sei como é sua aparência agora, mas isso não é lá de grande ajuda.

— É, eu também sei como está seu visual — falei. — E nenhum de vocês vai reconhecê-lo. Peguem Tony e transformem-no em um roqueiro grunge e chegarão perto.

Spike ergueu as sobrancelhas.

— Isso eu não esperava.

— Nem eu — disse Finn.

— Então, somos três — falei. — Também posso lhes dizer que ele está com raiva. Possivelmente, de mim.

— Não tire nenhuma conclusão precipitada — disse Jared. — Se está dizendo isso por causa do que viu no Cinza, provavelmente está errada. Pelo menos um pouco. O Cinza macula as coisas com uma luz negativa, às vezes, tornando difícil ver o que realmente está acontecendo.

— É. Espero que sim. Espero que o Cinza esteja maculando muito as coisas por lá.

Jared mudou o rumo da conversa.

— Então, fale dos hábitos de Tony, de sua casa, da escola... o que quer que ache que vá ser útil.

— Bem, ele não mora longe da escola, umas poucas quadras. Disse que o

tal de Ben também mora ali perto. Tony ia bem na escola, mas tenho a impressão de que ele não liga mais para isso. Ele não é popular. Costumava andar com... bem... eu e alguns caras não populares, uns *nerds*, mas só isso. Mas agora? — soltei um suspiro. — Não faço a mínima ideia. Acho que ele mudou muito. — Pensei em nossas noites na biblioteca, que sempre terminavam por volta das nove horas. — Ele nunca saía à noite, a não ser para estudar, mas eu o vi entrando escondido em seu quarto depois da meia-noite, e sei que ele não havia saído para estudar. Não estava com nenhum livro e entrou no quarto pela janela.

Todos refletiram sobre o que eu disse.

— Ok, então. Que tal isso: Jayne, acho que você deve entrar em contato com Tony, talvez ligando para ele, e convidá-lo para se encontrar com você em algum lugar. E certifique-se de dizer que quer se encontrar sozinha com ele — sugeriu Jared.

— E nós, o que vamos fazer? — quis saber Finn.

— Vamos dar apoio a Jayne, caso o tal de Ben apareça.

— O quê? Vocês vão tirá-lo de cena ou algo do gênero? — perguntei.

— Não. Vamos ficar no fundo, só para o caso de alguma coisa sair errado.

— E o que eu deveria fazer? Dizer "Ei, Tony, está na hora de você vir comigo e se tornar um fae"? Ele teve a memória apagada, nem sabe mais que os fae existem. Nem sei se ele se lembra de vocês. Lembro que Céline me disse que ele se lembraria de tudo desde antes da reunião no hotel, o que quer dizer que ele deveria se lembrar de vocês; mas, como ele acha que foi de Miami para West Palm? Imagino que deve haver um espaço em branco em sua memória. E quando mencionei Becky em um *e-mail*, ele não se lembrava dela.

Jared explicou:

— O fae que apaga a memória tenta preencher os espaços em branco com explicações sugeridas, mas, no fim das contas, é a mente humana que preenche o desconhecido com aquilo que acha adequado. Nenhum de nós sabe o que Tony acha que aconteceu entre nos conhecer no armazém e voltar para a casa dos pais alguns dias depois.

— Ele nunca mencionou nada nos poucos *e-mails* que me enviou; e depois

me mandou aquele dizendo para eu me afastar e lhe dar espaço, então...

Tim desceu voando e pousou em minha mão. Fingi que ia pegá-lo, fazendo com que voasse para cima bem rápido para evitar os meus dedos. Ele odiava quando eu fazia isso, mas tinha que lhe dar o troco pelos peidos de *pixie* na *van*. Por sorte, a folha da bruxa não me deu superpoderes para sentir cheiros também, mas, ainda assim, tenho certeza de que ouvir o peido de um *pixie* é quase tão ruim quanto sentir o cheiro.

— Então, e se esse tal de Ben for realmente um problema e tentar interferir no encontro de Jayne com Tony? — perguntou Spike, sorrindo, distraído com os movimentos engraçados que eu estava fazendo com Tim. — E se ela não conseguir ficar sozinha com ele?

— Não sei. Acho que teremos que nos reunir e pensar em alguma coisa.

— Chase, tem algo a acrescentar? — perguntei.

— Só que vou aonde você for.

— Como vai explicar sua presença a Tony, Chase? — perguntou Spike.

— Podem dizer que estão namorando — sugeriu Jared.

Chase e eu nos entreolhamos. Ele deu de ombros.

— Não sei se Tony vai cair nessa — falei.

— Por que não? — perguntou Spike. — Porque todo o mundo sabe que é a mim que você realmente quer?

Ele piscou.

Sorri.

— Não. Bem, mais ou menos. É que Chase não faz exatamente meu tipo.

Chase ergueu a sobrancelha para mim, mas não disse nada.

Fiquei preocupada com a possibilidade de ter ferido seus sentimentos.

— Não se ofenda. Você é gostosão, e tal, só que... não sei... é legal demais.

— Você merece alguém mais legal que eu — disse Chase de um jeito enigmático, desviando o olhar.

Jared ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

Minha atenção se distraiu com Finn:

— Bom, acho que se Tony mudou tanto quanto vocês estão dizendo, ele

pode não dar muita atenção a isso. Ele mudou tanto, que não tem por que duvidar que você mudou também.

Assenti.

— Concordo. Eu me sentiria melhor com um parceiro. Obrigada, Chase.

Dei uns tapinhas de leve em seu bíceps musculoso tentando fazer que saísse desse estado de humor em que havia entrado. Ele sempre ficava caladão, e às vezes era difícil sacar onde estava sua cabeça.

Imaginei-o como meu namorado durante um minuto, e foi meio engraçado para mim, porque nunca havia pensado nele dessa forma. Acho que eu havia passado tanto tempo com ele nas refeições, e depois, em nossos quartos, e tal — isso sem falar durante os horrores do teste —, que ele havia se tornado um daqueles amigos que deixam de ter qualidades sexuais, meio como Tony. Eu tinha mais sentimentos de irmã por eles. Porém, olhando para Chase agora, visualizá-lo como meu namorado fez que eu questionasse todo esse lance de amor de irmã. Bom, ele era bem gostoso, não havia como negar. Era grande, estava em excelente forma física — Jared havia garantido isso com seus exercícios e treinamento —, mas Chase já era praticamente assim antes. Ele tinha lindos olhos azuis-claros e cabelos loiros. Suas mãos pareciam de jogador de futebol americano, fortes e grandes. Sempre que ele se mexia, eu podia ver seus músculos se flexionarem por baixo das roupas. Nesse dia, ele estava vestindo a camiseta e a calça *jeans* que havia usado durante nosso teste. De alguma forma os *brownies* haviam conseguido tirar o sangue da camiseta. Estava pensando em quando o vira ser atacado por aquele íncubo, Valentine, quando Spike interrompeu meus pensamentos.

— Hmm, Jayne. Melhor pegar leve aí com esses pensamentos *sexy* que está tendo em relação a Chase, porque estamos em um espaço fechado aqui, e eu estou meio com fome.

Ergui o olhar em sua direção e vi seus olhos ardendo em fogo novamente. Meu rosto começou a pegar fogo também, ficando vermelho berrante.

— Cale a boca, Spike. Você está imaginando coisas. Com licença, vou pegar um copo com água.

Cutuquei Chase para que ele me deixasse passar. Ouvi-o rir baixinho

enquanto eu me afastava. Eu estava envergonhada demais para olhar para trás, para Chase.

Quando voltei, sentei-me do outro lado do corredor, à frente deles, na poltrona ao lado da janela na mesma fileira de Chase. Assim, não teria que olhar para ele. Peguei um cobertor debaixo da poltrona e me cobri dos pés ao pescoço. Por sorte, minha poltrona reclinava por completo e virava uma cama confortável. Ignorei Spike e Finn, que eu sabia que estavam se coçando para me provocar, e fechei os olhos, planejando dormir o máximo possível nessa longa viagem. Tim se juntou a mim em meu travesseiro e virou de costas, obviamente se preparando para dormir ao lado de meu rosto. Abri um dos olhos e avisei:

— Um peido e você cai fora daqui. E certifique-se de dormir de lado para não roncar.

Tim bocejou enquanto se virava.

— Sabia que você parece uma esposa de *pixie?*

— Tanto faz. Eu avisei.

— É, é, é... — disse ele caindo no sono.

Isso era algo que eu havia notado em relação aos *pixies*, ou, pelo menos, em relação a esse *pixie*. Ele pegava no sono quase instantaneamente. Gostaria de ser capaz de fazer isso, especialmente agora. Queria fugir de minha vergonha na terra dos sonhos, mas demorei um pouco para conseguir dormir. Continuei pensando em Chase e em seus músculos, em Tony e nesse cara, o tal de Ben, e no que eu ia dizer a Tony quando o visse, isso presumindo que ele fosse concordar em me ver.

Capítulo 26

CHEGAMOS AO AEROPORTO EXECUTIVO MENOR, AO LADO do Aeroporto Internacional de Palm Beach em West Palm Beach. Era fim de tarde, quase hora em que Tony estaria saindo da escola. Descemos do avião e pegamos as nossas malas para levá-las conosco à área de repouso do aeroporto executivo, onde nos reuniríamos. Tim permaneceu em meu cabelo; eu havia soltado o rabo de cavalo, de modo a escondê-lo melhor.

Jared fez um telefonema, de um celular que tirou da mala. De repente, lembrei-me de meu antigo celular e me perguntei o que teria acontecido com ele. A última vez que o vi foi quando me dirigia ao avião com Ivar e sua poção venenosa a bordo. Engraçado como eu nem mesmo havia pensado em meu celular durante mais de um mês, sendo que antes, era como uma extensão de minha mão.

Logo depois de Jared dar seu telefonema, um carro do hotel foi nos buscar. Estávamos hospedados na mesma rede de hotéis onde fizemos nossa reunião e entrevistas em Miami. Eu dividia um quarto com Chase e Tim, e todos os outros estavam no quarto ao lado. Depois de me trocar e vestir minhas roupas normais, e de jogar minhas coisas na cama, todos nos encontramos no térreo para finalizar nossos planos. Tim continuava com sua pochete, recusando-se a deixá-la no hotel.

— Jayne, sabe o número do celular de Tony? — perguntou Jared estendendo seu celular para mim.

— Sei. Eu ligava para ele umas dez vezes ao dia.

— Então, o que você vai dizer?

— Vou pedir para ele me encontrar na biblioteca às seis horas. Isso nos dará tempo suficiente para comermos um sanduíche, porque estou morrendo de fome. Além do mais, a biblioteca é um lugar seguro e público, certo?

— Todos acham que essa é uma boa ideia? — quis saber Jared, olhando ao redor para todos nós.

O pessoal assentiu. Tim disse “Sim!” do fundo de minha cabeça.

Digitei o número do celular de Tony e esperei que ele atendesse. Eu estava

surtando, ouvindo o celular tocar. Mal podia esperar para ouvir sua voz, mas também tinha medo de ouvi-la, medo de que soasse diferente ou cheia de raiva.

Toda minha preocupação foi à toa, porque ele não atendeu. Desliguei quando entrou a mensagem de sua caixa postal.

— E agora, o que faço? Mando uma mensagem de texto?

— Claro, isso mesmo.

"T. SOU EU, JAYNE. PODE ME ENCONTRAR DEPOIS DA AULA? BIBLIOTECA, ÀS 6H?"

Ficamos ali sentados, esperando para ver se ele respondia.

Cinco minutos depois, o telefone vibrou. Apanhei-o da mesa à nossa frente e li a mensagem.

"OI, JAYNE! Q DOIDEIRA. A GENTE SE VEH LAH. VC PODE CONHECER BEN"

— *Droga.* Ele quer levar Ben.

— Diga que você quer se encontrar sozinha com ele e que pode conhecer Ben depois — disse Jared.

"Q TAL SOH VC E EU? POSSO CONHECER BEN DEPOIS. MAL POSSO ESPERAR!"

Eu podia ver Maggie, a bruxa, gritando "Mentira!" em minha cara com aquela última parte do SMS. *Não, eu não quero nem um pouco conhecer Ben, Tony, muito obrigada.* Mas eu tinha que mentir, só para o caso de Ben estar lendo minhas mensagens.

A resposta veio imediatamente.

"OK. A GENTE SE VEH LOGO."

— Hmm, isso foi mais fácil do que achei que seria.

Olhei para todos, e estavam com a mesma expressão cautelosamente otimista no rosto, assim como eu sabia que devia ser a minha.

Finn se levantou.

— Bem, estou morrendo de fome. Vamos pegar um rango. Eu mataria para comer um hambúrguer suculento agora.

— Há um lugar que vende hambúrguer a dois minutos da escola, se

quiserem.

— Eu quero abacaxi — disse Tim.

— Eles têm salada de frutas também, mas, Tim, você não vai comer essas coisas em meu cabelo.

Eu podia ouvi-lo resmungar, dizendo que os *pixies* não eram nem um pouco respeitados.

— Ótimo. Vamos pegar um táxi — disse Jared.

Jared cuidou do transporte e em trinta minutos estávamos na lanchonete pedindo nossos hambúrgueres com fritas e uma salada de frutas, de onde tiramos dois pedaços de abacaxi. Levei Tim para o banheiro para que ele pudesse comer seu abacaxi em uma das cabines enquanto eu fingia fazer xixi. Tínhamos quase uma hora antes do encontro. A biblioteca ficava perto da escola, e levaríamos cerca de dez minutos a pé para chegar. Por sorte, o tempo estava cooperando, o que queria dizer que não estava chovendo como normalmente chovia nessa época do ano. Estava horrivelmente úmido, mas isso era de se esperar.

Quanto mais se aproximava das seis, mais nervosa eu ficava. Às cinco e meia, saímos da lanchonete e fomos à biblioteca. Eu e Tony costumávamos estudar no segundo andar da biblioteca, nos fundos, onde era mais silencioso. Havia várias fileiras de estantes de livros em cada lado dos bancos e das mesas de estudos; o pessoal se acomodou entre elas, onde poderiam ficar escondidos da visão de Tony. Tim ficou com Finn, em um dos bolsos da frente de sua camisa. Eu me sentei a uma das mesas, com o celular na mão. Chase se sentou ao meu lado, com um livro aberto à frente. Ele estava bem engraçado, sentado ali, tentando parecer que estava estudando. Eu não achava que fosse enganar ninguém, especialmente porque ele raramente virava a página do livro, e quando virava, era para o lado errado. Não havia mais ninguém ali atrás, então, não fazia diferença.

Não conseguia ver os outros de onde estava sentada. Eu tinha uma sensação esquisita, de que estávamos fazendo algum tipo de operação policial disfarçada para pegar um criminoso, em vez de um reencontro com Tony. Isso não me parecia nada bom.

Ouvi o som baixinho de passos no chão acarpetado vindo de alguém

virando a esquina. Levantei-me, ansiosa, quando vi um cara de calça *jeans* e camisa de flanela detonada vindo em minha direção. Se não houvesse visto Tony em minha viagem astral, teria deixado que passasse reto por mim sem reconhecê-lo. Ele estava totalmente diferente. Chase me cutucou debaixo da mesa, mas não saiu do lugar.

Empurrei minha cadeira para trás e saí correndo na direção dele. Não consegui me conter: pulei nos braços desse estranho, apertando-o com toda minha força. A princípio, ele só ficou ali parado, com os braços pendendo na lateral do corpo. Senti as lágrimas ameaçando cair por causa desse ataque de amor unilateral. Antes de pensar demais nisso, falei:

— Tony, cacete, é melhor você me abraçar também, ou vou ter que dar um chute em sua bunda aqui mesmo na biblioteca.

Senti que ele riu por cima de meu ombro antes de, relutantes, seus braços me envolverem e me apertarem. Ele descansou a cabeça em meu ombro por um segundo e disse:

— Eu ainda consigo sentir suas vibrações. Todo esse tempo, não sabia ao certo se era você, mas agora sei que era. Era você o tempo todo.

Recuei um segundo para olhar seu rosto. Coloquei as mãos em suas bochechas e disse:

— Você está tão diferente, quase não o reconheci. Que diabos aconteceu?

Tony olhou ao redor, nervoso.

— Muita coisa. Eu preferiria não falar disso aqui.

Olhei ao redor também, lentamente deixando cair as mãos de seu rosto.

— Algo errado?

— Não.

Não acreditei. Alguma coisa não estava cheirando bem ali.

— Vamos lá, Tony, sou eu. Pode me contar o que está acontecendo.

Tony ficou com o olhar fixo em meus olhos e ergueu a mão, colocando-a em meu braço. Parecia que ia dizer alguma coisa, mas então, uma voz se pronunciou, de trás dele.

— Ei, Tony, e aí, cara? Não sabia que você estava aqui.

Tony sorriu e se voltou, deixando cair a mão que estava em meu braço.

— Ei, Ben! Também não sabia que você estava por aqui. O que conta de novo?

— Nada. Só dando uma volta. Quem é ela?

Tony deu um passo para o lado e vi pela primeira vez meu arqui-inimigo. *Ben.*

Eu não estava preparada para a suprema beleza com que meus olhos se depararam. Tive uma sensação estranha na garganta, meu rosto ficou vermelho, e, de repente, estava difícil respirar.

Ele tinha cabelos escuros desgrenhados, um pouco compridos, quase pretos, e olhos de um verde bem escuro; a princípio, achei que fossem castanhos, mas ele virou a cabeça um pouco e vi o tom esmeralda captado na luz. Sua pele era bronzeada e supermacia. Seus lábios eram carnudos, como esculpidos, um nariz forte, porém estreito, altas maçãs do rosto e o maxilar quadrado de *top model* masculino de algum país estrangeiro. Era maior que Tony, mas menor que Chase, com peito e ombros largos e musculosos. *Minha Nossa. Ai, Caramba, Uau!* As garotas na escola devem ficar babando em cima dele como cachorros vendo um osso apetitoso. Esperava, ah, que inferno!, como esperava que Spike estivesse com seu medalhão, de modo que conseguisse respirar no meio dos pensamentos *sexy* que eu estava tendo no momento, porque, *aaaah, meu!, esse cara era lindo!* Bem... lindo como em um cara malvado e pessoa horrível, mas lindo.

Vi quando ele ergueu a sobrancelha, avaliando-me. Não sei se gostou do que viu, mas eu não estava nem aí para isso. Vi a expressão de nervosismo no rosto de Tony e sabia que tinha que levar meu amigo — ah, que inferno! — para longe desse lindo monstro.

Tony esticou a mão em minha direção e sorriu.

— Ben, esta é a Jayne. Jayne, este é Ben.

Ben esticou a mão para mim.

— Prazer em conhecê-la, Jayne.

Estiquei a mão para pegar a dele e o cumprimentei.

— Prazer em conhecê-lo também.

Mentira!

Senti o calor quando nos tocamos. Aquilo não era um calor normal. Era calor de fogo. Nem pensei antes de agir; foi uma reação automática. Busquei O Verde da Flórida por meio da linha *ley* que felizmente eu descobrira que passava por debaixo da biblioteca. E ele me respondeu com a rapidez de um relâmpago. Chegou com tudo em meio a meu ardor e apagou o fogo como se alguém houvesse derrubado um punhado de gelo na palma de minha mão. Abri um sorriso para Ben, serena.

— Fico feliz por finalmente conhecer o cara que *tentou* roubar meu Tony de mim.

Ênfase no "tentou", babaca!

Ele sorriu com sagacidade para mim, soltando minha mão e esfregando, distraído, a palma de sua própria com os dedos da outra mão.

— Eu não sabia que ele era *seu* Tony.

— Ah, é. Pode acreditar que é.

Tony esticou a mão e deu uns tapinhas amigáveis em meu ombro.

— Ela sempre foi um pouco possessiva.

— É mesmo? — disse Ben encarando-me, controlando a raiva.

— Você não faz ideia! — falei com minha inconfundível ameaça nas entrelinhas.

Ouvi alguém pigarreando atrás de mim e Tony pareceu ficar confuso por um segundo, olhando fixo por cima de meu ombro.

— Conheço você de algum lugar — disse ele. — Só não consigo me lembrar exatamente de onde.

Chase esticou a mão.

— Ei, Tony. Sou Chase. Eu e você nos encontramos em Miami uma vez.

— Ah. Hummmm. — Tony e Chase trocaram um negligente aperto de mãos. — Então, você está aqui com Jayne?

— É, só dando uma volta.

Ele olhou para Ben e acenou com a cabeça.

Ben desferiu um olhar avaliador, sem dizer nada.

— Então, o que você queria falar comigo, Jayne — perguntou Tony abrindo um fraco sorriso.

Fiquei encarando Tony, analisando seu rosto e seus olhos, mas não conseguia sacar qual era a dele. Ele parecia feliz, mas nervoso também. Achei que antes ele fosse me dizer alguma coisa, mas então, Ben apareceu. Mas Tony não parecia ter medo dele, na verdade. Eu não sabia o que fazer, de modo que decidi improvisar.

— Ah, sabe, sobre os velhos tempos, ver o que você andou fazendo, contar a você o que andei fazendo, esse tipo de coisa.

— Parece interessante — interrompeu Ben. — Eu adoraria ouvi-la falar sobre isso.

Olhei para ele e disse, em um tom tão doce quanto um adoçante:

— Sim, Ben, eu adoraria lhe contar tudo isso qualquer hora, mas tenho certeza de que você entenderia se eu dissesse que senti falta de Tony e que gostaria de passar um tempo sozinha com ele.

Ben deu de ombros.

— Acho que cabe a Tony decidir. O que acha, Tony? Vou ficar segurando vela?

Tony parecia desconfortável. Olhei feio, com ódio, para Ben quando Tony não estava olhando e ele só sorriu, erguendo uma sobrancelha, como um imbecil arrogante.

Babaca.

— Bom, para falar a verdade, Jayne, eu e Ben tínhamos planos para hoje. Mas talvez amanhã ou um dia desses. Você está em sua casa, certo?

— Hmm, é.

Entrei em pânico. Não sabia ao certo porque respondera sim a essa pergunta.

— Ainda não passei por lá, mas estou indo agora.

— Ok, eu ligo para você depois. Mais tarde. Quando tivermos terminado.

O que eu ia fazer? Dizer não? Não queria que ele achasse que eu era louca e que se recusasse a me ver de novo.

— Ok, tudo bem — dei um passo para frente e o abracei com força. — Fiquei tão feliz por vê-lo de novo! Senti sua falta.

Tony deu uns tapinhas de leve em minhas costas.

— É, eu também.

— Foi um prazer finalmente conhecê-la — disse Ben —, especialmente depois de tudo que ouvi sobre você nesses últimos meses. Espero que possamos nos encontrar enquanto estiver por aqui.

— Ah, claro — falei.

Provavelmente nem ferrando, babaca! Dei a ele meu maior e mais falso sorriso.

Tony e Ben saíram andando e eu afundei no peito de Chase quando os dois estavam fora de meu campo de visão. Chase colocou o braço em volta de mim e deu um apertãozinho, levando a mão a meu ombro e deixando-a ali.

— Você se saiu bem.

Tim veio zumbindo em minha direção e pousou em meu outro ombro.

— Aquilo foi interessante. Achei que teríamos um confronto!

— É. Fico feliz por termos escolhido a biblioteca — baixei o olhar para minha mão, aquela que havia cumprimentado Ben. — Sem sombra de dúvida, aquele cara é um Fae das Trevas e tem alguma ligação com o fogo. Eu achei que ele fosse fazer minha mão cair, queimando-a.

Spike se aproximou e pegou em minha mão.

— Parece boa para mim — puxou minha mão até sua boca e a beijou, piscando para mim. — Melhor ainda agora.

Chase apertou um pouquinho meu ombro com a mão que ali estava. Ergui o olhar para seu rosto, mas não havia expressão alguma ali, ele só encarava Spike.

Puxei minha mão da de Spike e dei um tapinha, com gentileza, em seu rosto.

— Guarde suas presas.

Tentei ignorar o calor que o corpo de Chase emanava, tão perto de mim, ali, parado, com a mão imóvel em meu ombro. Isso me deixava confusa, e eu não aguentava ficar mais confusa do que já estava com todo esse drama de Tony.

Jared e Finn se aproximaram.

— Então, com o que estamos lidando? — quis saber Finn. — Fae das Trevas? Íncubo?

— Sim e não. Fae das Trevas, sim, mas não íncubo. Elemental, talvez? Não conheço todas as raças ainda.

— Hummmm. Achei que aquele cara era um íncubo, pelo jeito como você estava suando — disse Finn.

Dei um tapa em seu peito.

— Cale a boca. Não pude evitar, ele era bem mais gostoso do que eu esperava. Achei que os Fae das Trevas fossem, tipo, sei lá, orcs ou algo assim. Ele deveria ser feio para danar!

Jared se pronunciou.

— Fiquei um pouco agitado lá. Ainda bem que Chase estava ao seu lado.

— Agitado? O que quer dizer com isso? — perguntei.

Não era típico de Jared se abrir em relação a seus sentimentos ou deixar que víssemos o que estava acontecendo por trás de suas portas fechadas.

— *Daemons* ficam agitados quando uma protegida está sendo ameaçada. Ele fez alguma coisa quando encostou em você. Ou tentou fazer, tanto faz. Não consegui ver o que estava acontecendo.

Chase grunhiu, concordando, apertando meu ombro mais uma vez antes de soltá-lo.

— Bem, ele me deu um aperto de mão e tentou me queimar com algum tipo de fogo, então, chamei O Verde e fiz que ele abaixasse um pouco a bola.

Finn ergueu a mão com um largo sorriso no rosto.

— Toque aqui! Você mostrou a ele quem manda. Gosto quando nossas mulheres Fae da Luz dão uma de duronas.

Bati na mão dele para comemorar, retribuindo seu sorriso.

— É, fui bem incrível.

Ergui o indicador perto de meu ombro para que Tim pudesse bater com sua mãozinha nele, já que ele era pequeno demais para batermos uma mão na outra.

Senti sua mão minúscula fazer contato com a minha.

— É isso aí, garota! — disse ele com admiração na voz.

— Fico imaginando o que eles vão fazer hoje à noite — disse Chase.

— É, Tony disse que não poderia me ver mais tarde porque ele e Ben tinham planos. Ele deve me ligar na casa de minha mãe. Não sei porque disse que estaria lá. Entrei em pânico.

— Tudo bem. Você devia ir dar um oi à sua mãe. Se Tony não puder se encontrar com você hoje, marque para amanhã. Passe a noite na casa de sua mãe, se puder. Talvez tenhamos oportunidade de encontrar Tony mais tarde, depois que ele terminar o que for fazer com Ben. É melhor se puder ficar em sua casa, e não na rua ou em algum lugar por aí. O hotel fica muito longe para ir a pé até lá, e os táxis são um pé no saco.

Só de pensar em passar a noite em meu quarto, um instantâneo suor frio me dominou, a única coisa que eu tinha eram as más recordações de lá. Nem tinha muita certeza de que minha mãe aceitaria. Mas eu estava disposta a tentar. Eu sentia falta dela, mesmo que não concordássemos com quase nada ultimamente, e Jared estava certo: era o jeito mais fácil de lidar com as coisas... e o namorado de minha mãe já havia ido embora fazia tempo, então, eu não tinha com que me preocupar. Balancei a cabeça, afastando esses pensamentos o máximo possível. *Argh*!

Saímos da biblioteca e liguei para o celular de minha mãe. Ela chorou a princípio, dizendo quanto estava feliz por ter notícias minhas e como havia ficado preocupada, o que me fez sentir um pouco culpada. Quando lhe disse que queria passar em casa para fazer uma visita, ela ficou realmente animada e disse que obviamente eu podia ficar por lá. Não lhe contei que seria só por um dia, mas ela parecia estar de boa com a visita.

Fiquei com um pouco de raiva por ela ficar tão de boa com o fato de eu, sua filha de dezessete anos, estar apenas fazendo uma visita a ela... mas, tudo bem. Algumas crianças tinham mães incríveis, e algumas tinham mães como a minha. Pelo menos eu tinha mãe. Ela já estava planejando fazer meu jantar predileto. Disse que ia levar um amigo, no caso, Chase. Não contei sobre os outros porque não achava que ela ficaria de boa com um grupo inteiro de estranhos em sua casa; mas ela ia amar Chase, meu novo namorado totalmente americano.

Os caras iam ter que se virar sozinhos durante a noite se não conseguíssemos falar com Tony mais tarde; mas eles disseram que ficariam esperando do lado de fora de casa até que eu dissesse que não ia rolar, se fosse o caso, antes de voltar para o hotel. Fosse como fosse, Chase ia ficar comigo, mesmo que tivesse que entrar sorrateiramente pela janela e dormir no chão de meu quarto. Ele insistiu nisso, aparentemente levando seus deveres de *daemon* muito a sério, mesmo ali na Flórida. Fiquei tão feliz, mas tão feliz quando ele disse aquilo, mesmo que qualquer medo que eu tivesse fosse irracional. Minha mãe não era nenhuma ameaça para mim, além dos danos que poderia causar ao meu coração, e isso já havia sido feito. Tim ia ficar com Jared, Spike e Finn, apesar de que poderia ter ficado escondido em meu cabelo; ele não tinha medo de nenhum Fae das Trevas, mas tinha de Mr. Biggles, o gato de minha mãe. Ao que parece, todos os *pixies* ficam petrificados de medo de gatos.

Saímos da biblioteca e ficamos do lado de fora alguns minutos, solidificando nossos planos.

— Gostaria de ver onde Tony mora, se não se importar em nos mostrar, Jayne — disse Jared. — Talvez possamos ficar de olho na casa dele, de modo que saberemos quando ele voltar. Se não for muito tarde, provavelmente poderíamos fazer contato com ele.

— Claro, não é longe. Vamos.

Caminhamos umas poucas quadras até a casa de Tony, parando depois de descer e passar por algumas casas e atravessar a rua.

— É aquela ali, a casa azul. A minha fica só a duas ruas e uma quadra da dele. Cherokee Way, 42.

— Perfeito. Vamos ficar por aí, e teremos uma ideia de quem vem e quem vai.

— Posso voar até a janela dele e ficar observando de lá, se me disser qual é a janela certa — disse Tim.

— Boa ideia, Tim. A janela do quarto dele fica lá na frente, à direita — apontei para ela e fiquei observando enquanto Tim ia voando até lá, zunindo para cima e para baixo na frente dela, antes de voltar ao meu ombro. — É, é aquela

janela.

Voltei-me para o pessoal e expliquei a conversa com o *pixie*, visto que eles não conseguiam ouvir.

— Tim vai subir até a janela dele para ficar de olho nas coisas lá de cima.

— Não sei se isso vai ajudar muito. Nenhum de nós consegue ouvir nadinha do que ele diz — comentou Finn.

— Ele é muito bom com mímicas.

— Pergunte a ele se sabe o que eu estou falando agora — disse um Tim mal-humorado, zunindo, voando para cima e para baixo enquanto gesticulava para Finn, imitando o menor passarinho do mundo.

Dei um tapa nele para fazê-lo parar. Ele voltou voando para meu ombro e puxou meu cabelo.

— Faça isso de novo e vou esmagar você como se fosse um inseto! — ameacei.

Ele me respondeu com um minúsculo peido de *pixie* e subiu voando até a janela de Tony. Eu mal conseguia discernir sua forma minúscula, sentado no peitoril do lado de fora da janela. Sorte dele poder se mover tão rápido.

— Cocozinho.

O pessoal ignorava meu bate-papo com Tim, ocupados em terminar seus planos.

— Tudo bem — disse Spike —, então, Chase, você e Jayne vão até a casa dela, e nós esperamos vocês saírem mais tarde e nos contarem as novidades, se vamos atrás de Tony hoje ou se esperaremos até amanhã.

Chase assentiu.

— Isso.

— Ok. Esse é o plano então. A gente se vê depois, pessoal.

Jared assentiu para nós, abrindo espaço para que eu e Chase passássemos.

Eu e Chase fomos caminhando até minha casa. Quando passamos pela casa de Tony, pude ver que Tim estava lá em cima, no teto, dançando ao som de algum ritmo interno. Qualquer pessoa que erguesse o olhar acharia que estava vendo uma libélula tendo espasmos. Não tinha como não rir.

— Que foi?

Balancei a cabeça em negativa.

— Nada.

Pixie *pateta!* Ele fazia que meu coração parecesse mais leve.

Eu e Chase chegamos à minha casa dez minutos depois, ao mesmo tempo que minha mãe chegava e estacionava seu carro. Ela surtou quando me viu; chorou e foi correndo até mim, abraçando-me até que eu não conseguia respirar, o tempo todo ignorando Chase, que ficou ao lado. Ela se acalmou e me soltou, voltando ao seu carro e esticando o braço até o banco traseiro, puxando de lá duas braçadas de comida, que, sem sombra de dúvida, incluíam a mistura especial de carnes e ervas que, de alguma forma, se transformavam magicamente em seu famoso bolo de carne. Ela abriu um fraco sorriso para Chase enquanto ele se mexia com rapidez para pegar as sacolas dela, e entramos na casa, onde ela me abraçou com força de novo e chorou um pouco mais, dizendo o quanto estava feliz com minha volta.

Depois que se recuperou de seu miniataque de nervos, fomos para a cozinha, onde Chase recebeu as boas-vindas adequadas. Eu e Chase ficamos à mesinha da cozinha onde minha mãe descarregou as coisas que comprou na mercearia. Não falamos sobre minha fuga nem do motivo pelo qual fugi, porque nenhuma de nós queria tocar nesse assunto, e eu tinha problemas maiores e mais urgentes com que lidar nesse momento. Sua entusiástica reação de boas-vindas não significava muita coisa quando eu pensava nos motivos pelos quais havia ido embora. Minha mãe era uma pessoa conflitante, mas isso não mudava o claro fato de que havia escolhido o babaca do seu namorado em vez de mim, sua filha, vezes demais, até que perdi a conta. Não importava que ele não estivesse mais em sua vida. Ele não havia ido embora porque ela o havia chutado, mas porque eu o havia forçado a se expor como era.

Chase olhou para mim e ergueu uma sobrancelha.

Acho que minha raiva estava vazando por meus pensamentos e se tornando óbvia. Entendi a indireta e me forcei a empurrar minhas lembranças perturbadoras acerca da insensibilidade de minha mãe para o fundo da mente, de modo que eu pudesse me focar no objetivo supremo: salvar Tony e cair fora desse inferno de

lugar.

Fiquei observando enquanto ela cozinhava e conversava com Chase. Ele era um ótimo namorado de mentira. Ele conversou mais com ela do que jamais o vi conversar com alguém antes. Minha mãe estava completamente encantada com a bela aparência e a educação de garoto todo americano que ele era. O mistério de Chase me pegou mais uma vez de surpresa. Mas coloquei a intenção de sacá-lo em segundo plano na mente. Por mais que houvesse gostado de bancar a namorada coruja de meu gostoso amigo *daemon*, tinha que sacar essas coisas sobre meu amigo Tony... tipo... como ia conseguir fazer que ele ficasse longe de Ben para termos nossa conversa franca. E então, o que exatamente ia lhe dizer quando conseguisse vê-lo.

Capítulo 27

MINHA MÃE HAVIA ACABADO DE TIRAR O bolo de carne do forno quando disse:

— Jayne, pode pôr a mesa, por favor?

Nós duas estávamos sozinhas na cozinha; Chase havia ido para a sala de jantar.

— Claro. Pode me passar três pratos?

Ela não disse nada, só esticou a mão dentro do armário à sua frente, tirando os pratos e entregando-os a mim. Notei de imediato que havia mais de três pratos ali.

— Acho que você me deu um prato a mais, estou com quatro aqui.

— Não, está certo. Ponha a mesa para quatro pessoas.

Ela estava preparando purê de batatas agora, então, eu não podia ver seu rosto.

— Quem é a quarta pessoa?

— Quem você acha que é? — perguntou ela como se me testasse, recusando-se a olhar para mim.

Então, a ficha caiu. Aquele babaca ainda estava morando ali. Acho que minha fantasia de que ela havia se livrado dele não passava mesmo disso… de uma fantasia.

— Você só pode estar de brincadeira, caramba! Ainda está morando com aquele babaca?

Ela bateu o amassador de batata, ainda sem olhar para mim.

— Veja lá como fala, Jayne! Você não vai falar assim comigo em minha casa!

Fiquei encarando-a, incrédula por um segundo, e depois saí com tudo da cozinha, batendo os pratos também com tudo na mesa da sala de jantar. Infelizmente, eles não haviam terminado.

Chase ergueu o olhar da revista que estava folheando.

— Que foi?

— A minha mãe ainda está namorando o babaca infeliz duma figa que namorava antes de eu ir embora.

— Pelo visto, vocês dois não se dão bem.

Dei uma risada amarga.

— É, pode-se dizer que sim.

— Vai me contar algum detalhe?

— Bem, vou evitar os detalhes cabeludos, mas vamos apenas dizer que ele é o motivo pelo qual Tony começou a andar armado e o motivo pelo qual fugimos para Miami. Ele é o motivo por trás de minha decisão de me tornar fae.

— Entãããão, você fica feliz por ele ser um babaca, certo?

— Chase!

— Que foi?

— Pode parar com essa de ficar vendo o lado bom das coisas, ok? Isso me irrita, e já não estou de bom humor.

— Ok.

Ele deu de ombros e voltou a ler sua revista *Martha Stewart Living*.

Pus a mesa, deliberadamente derrubando os talheres do babacão no chão e pisando neles antes de colocá-los de volta no lugar. Precisei usar toda minha força interior para não "limpá-los" também em meu traseiro. Chase me viu fazendo isso, mas não disse nada. Eu, de algum modo, esperava que ele fosse falar alguma coisa, porque eu estava no clima para briga, mas acho que ele me conhecia bem o bastante para ficar longe de mim quando estivesse de mau humor. *Daemon* esperto, ele.

Ouvi a porta da frente se abrir e um bando de coisas pesadas sendo jogadas no chão. Era o babaca, deixando seu cinto de ferramentas e sua marmita do almoço no chão para que sua empregada pessoal, minha mãe, fosse buscá-las.

Fiquei atrás de Chase, com as mãos em seus ombros, com raiva e nervosa ao mesmo tempo. Eu não estava só com raiva do babaca, também estava com raiva de mim mesma por estar nervosa. O cara tinha sorte de estar vivo, eu não tinha motivo para estar nervosa. Porém, alguma coisa em relação a ele, em relação ao que ele havia feito comigo, fizera que eu sentisse medo e ansiedade. Senti vontade de vomitar.

Chase cobriu minha mão com a sua, embora parecesse não prestar nem um pouco de atenção em mim, ainda folheando sua revista.

A primeira coisa que notei quando o babaca apareceu foi seu novo corte de cabelo. Ele tinha cabelos longos e oleosos, com frequência presos em um rabo de cavalo. Agora estavam curtos. Acho que meu ataquezinho com o barbeador em seu couro cabeludo fez com que precisasse de uma mudança de estilo de cabelo. Isso me deixou feliz. Fiquei triste ao ver que sua sobrancelha já tinha crescido de novo. Não dava nem para saber que eu a tinha raspado... que a raspara naquela noite fatídica que deu início a todo esse lance dos fae. Chase estava certo: eu estava grata por esse efeito colateral da tentativa de ele me molestar. *Babaca de uma figa!* Havia algo de muito errado em ver o lado bom de alguém que havia tentado me atacar sexualmente.

— Ora, ora! Veja quem está aqui. Se não é a pestinha.

Sua voz me dava nos nervos. Apertei com muita força os dentes, a ponto de sentir o maxilar doer.

Chase largou a revista lentamente, fechando-a e colocando-a de lado.

— Quando foi que chegou? — perguntou o babaca, ignorando Chase e tendo a audácia de me encarar.

Falei em um tom de voz baixo e maldoso:

— Vamos deixar uma coisa clara, babaca. Não vamos fingir que somos amigos e nem que eu quero ver sua cara feia. Então, vá se ferrar!

Ele abriu um sorriso lascivo para mim, apertando seus olhinhos brilhantes.

— Vejo que não perdeu nem um pouco seu charme. Mas, tudo bem. Você sabe que eu sempre gostei de sua boca suja.

Então, piscou para mim.

Engasguei. Eu só queria esmagar aquela sua cara de urso cinzento de dentes amarelos, e aqueles olhos cor de cocô, com toda a força de meu ser. Achava que não era possível que ele ficasse mais feio, mas estava errada: ele havia ficado mais repulsivo enquanto estive fora. Estava pior que um orc. Eu tremia de ódio, que ameaçava irromper e vazar por toda a sala de jantar de minha mãe.

Chase se levantou devagar, puxando a cadeira para o lado de modo a poder

ficar em pé atrás da mesa, desimpedido. Ele se ergueu acima de mim até o ponto de bloquear por completo minha visão do babaca. Inclinei-me para o lado e vi que os olhos do babaca acompanhavam a forma de Chase enquanto ele continuava a se levantar, vários centímetros mais alto que ele, o que tirou o ar irônico de sua cara por alguns segundos.

É isso aí, Chase! Acabe com esse cara!

Então, o babaca disse:

— Você trouxe seu namorado? Ei, cara! Meu nome é Rick.

Ele foi na direção de Chase e estendeu a mão.

Eu queria que Chase não apertasse a mão dele, mas, em vez disso, que a quebrasse, mas Chase se inclinou para frente, para pegar a mão do babaca e dar um aperto de mãos educado.

Maldito Rick. Maldito Chase.

— Chase — foi tudo que disse.

Bem, pelo menos não disse "Prazer em conhecê-lo". Acho que se houvesse dito, eu teria dado um soco em seu rim.

— É você, Rick? — gritou minha mãe da cozinha.

— É! — gritou ele com rudeza, sem tirar os olhos de mim e de Chase.

— Pode vir aqui um minuto, por favor? Preciso de ajuda com esse bolo de carne.

Rick olhou para nós por mais um segundo e depois saiu dando risadinhas para si mesmo.

Depois que ele saiu da sala, dei um tapa nas costas de Chase.

— Que diabos foi aquilo? Por que apertou a mão nele?

Chase puxou sua cadeira para trás e se sentou.

— Só estava sendo educado.

— Bom, espero que saiba que só estava sendo educado com o maior babaca de todos os tempos.

— É. Entendi.

Só olhei para suas costas, balançando a cabeça em negativa. *Homens.* Às vezes eles não fazem sentido.

Minha mãe saiu da cozinha com as batatas, seguida de Rick, o Babaca, carregando o bolo de carne. Assim que toda a comida estava disposta sobre a mesa, minha mãe pediu que nos sentássemos.

Eu me sentei entre Chase e minha mãe, e Rick ficou do outro lado da mesa, à minha frente. Esforcei-me muito durante a refeição inteira para não olhar para sua cara feia em momento algum, mas sorri algumas vezes quando o vi usando seus talheres sujos. Eu esperava — ah, inferno, como esperava! —, ter pisado em cocô de cachorro em algum lugar. Seus olhos se estreitavam para mim quando eu sorria, o que me deixava ainda mais feliz. Ele que tentasse adivinhar o que estava me divertindo tanto. Talvez eu lhe contasse depois.

Pensar na possibilidade de haver cocô de algum animal debaixo da sola de meu sapato fez que eu pensasse no gato de minha mãe.

— Onde está Mr. Biggles, mãe? Não o vi ainda.

Minha mãe baixou o olhar triste para seu prato.

— Mr. Biggles já era, docinho.

— O que quer dizer com "já era"? Ele morreu?

Fiquei instantaneamente triste. Ele era realmente fofinho, mesmo tendo problemas de comportamento, às vezes.

— Não sei o que aconteceu. Em um minuto estava bem, e no minuto seguinte, espumava pela boca e... ah, foi terrível. Vamos deixar isso para lá.

— É, foi terrível mesmo — disse Rick, sorrindo com o bolo de carne na boca. — Foi como se alguém o tivesse envenenado.

Ele deu risada.

— Quer saber... Rick...?

Soltei meu garfo e joguei meu guardanapo ao lado do prato, preparando-me para acabar com ele. Eu podia ver, pela expressão em seu maldito rosto feio, que ele havia envenenado meu gato. Não estava nem tentando esconder. *Como minha mãe pode ser tão idiota?*

Minha mãe se levantou de repente.

— Hora da sobremesa! — disse em um tom estridente, pegando rapidamente os pratos, mesmo com Chase ainda comendo.

Ele enfiou na boca a última metade de um belo pedaço de bolo de carne e entregou o prato a minha mãe, olhando para mim com uma expressão de alerta no rosto enquanto mastigava. Olhei feio para ele, mas peguei meu guardanapo e o coloquei no colo. Eu só tinha que terminar essa refeição e depois poderia cair fora dali, ir para longe daquele cocozinho de macaco e da minha mãe idiota.

O restante da refeição correu sem incidentes. Eu estava furiosa com a morte do meu gato, oscilando entre a tristeza e a fúria, enquanto Chase se ocupava de comer três pedaços de torta de maçã cheias de sorvete. Minha mãe ficou falando e falando sobre o trabalho, os vizinhos, o jardim, um monte de lixo que não poderia me interessar menos. Palavras vazias preenchendo um espaço vazio.

Terminei minha torta e me levantei.

— Ouça, mãe, importa-se se eu e Chase passarmos a noite aqui?

Ela olhou para Rick com ares de expectativa.

Recusei-me a acompanhar seu olhar.

— Não perguntei a ele, mãe. Perguntei a você. Podemos ficar aqui ou não?

— Bem, Jayne, a casa é do Rick também.

— Nem ferrando que a casa é dele! Essa casa é sua, você ficou com ela no divórcio.

— Bom, o nome dele está na escritura também... agora que... bem, docinho, para falar a verdade, temos excelentes notícias!

Ela olhou para mim com olhos brilhantes, reluzentes, e um sorriso trêmulo.

— Nós nos casamos enquanto você estava fora! Rick é seu novo padrasto!

Empurrei a cadeira para longe da mesa com tanta rapidez, que ela foi voando para trás de mim. Corri até o banheiro bem a tempo de vomitar na privada todo meu jantar e a sobremesa.

Um pouquinho depois, Chase foi até a porta, empurrando-a e abrindo-a. Apoiou-se no batente. Eu estava sentada no piso frio do banheiro, descansando a cabeça na tampa fechada do vaso sanitário. Não queria olhar para ele. Estava exausta de vomitar e de todo o choro em seguida. Simplesmente não conseguia entender como uma mãe podia se casar com o cara que queria molestar sua filha.

Minha mãe tinha que saber o que havia acontecido; ela não era assim tão ingênua. A situação era simples e completamente irreal para mim. Eu me sentia aprisionada em meus próprios pesadelos, incapaz de sair deles.

— Ei, você está bem?

— Parece que eu estou bem?

— Não.

— Bom. Obrigada.

— Rick disse que eu não posso ficar aqui, mas você pode.

— Não vou ficar aqui sem você.

— Não vou deixar que você fique aqui sem mim. Eu entro de fininho e fico em seu quarto com você depois que eles forem dormir.

Ergui o olhar.

— Vai fazer isso mesmo?

— Sim.

Naquele instante, eu o amava. Ele era uma presença forte e constante. Sentia-me totalmente segura olhando para ele, e isso era incrível. Era exatamente o que eu necessitava: sentir-me segura quando havia me sentido tão vulnerável e violada.

— Talvez eu devesse voltar para o hotel — falei com muito da vontade de brigar se esvaindo.

— Não. Você precisa entrar em contato com Tony esta noite, se possível.

Soltei um suspiro.

— Você está certo. Tudo bem, vou ficar neste inferno de lugar por uma noite.

Peguei o celular no bolso traseiro e enviei uma mensagem de texto a Tony.

"VAMOS NOS ENCONTRAR. 10*H SUA CASA?"*

Um minuto depois, enquanto lavava a boca com um pouco de enxaguante bucal que encontrei debaixo da pia, Tony me respondeu.

"Ñ POSSO. VOU FICAR C/ BEN ATEH TARDE. Q TAL AMANHÃ?"

— *Droga!* Ele disse que vai ficar até tarde com Ben. Quer se encontrar comigo amanhã.

— Diga a ele que tudo bem. Mais tarde, hoje à noite, vamos entrar à força no quarto dele e conversar com ele.

Finalmente. Um pouco de luz do sol em minha vida.

— Excelente plano, meu amigo *daemon.* — Estiquei a mão e fiz carinho, distraída, em seu bíceps, enquanto enviava uma resposta à mensagem de Tony com uma mão.

"Ok. A gente se fala depois."

Cutuquei o braço de Chase quando terminei.

— Venha. Vamos para meu quarto.

Fui andando até a cozinha, onde minha mãe estava lavando louça; fiz um esforço imenso para afastar o tom de amargura de minha voz.

— Vou mostrar meu quarto a Chase, ok?

Minha mãe parecia nervosa.

— Hmm... não sei... Rick disse...

Em vez de explodir, tentei falar calmo com ela.

— Ah, qual é, mãe. Só vou ficar um pouco com ele antes que vá embora. Não tem nada de mais.

Ela soltou um suspiro.

— Ok, mas só alguns minutos.

Não fiquei para ouvir mais nada.

— Vamos — falei para Chase, voltando-me para subir as escadas.

Subimos até meu quarto. Eu podia ouvir o chuveiro no banheiro de minha mãe. Poderia ter dito àquele babaca que não havia água no mundo que fosse tirar o tipo de sujeira que havia nele.

— Então, foi aqui que tudo começou — falei abrindo a porta de meu quarto e entrando.

Chase entrou depois de mim, olhando os arredores. Foi até minha escrivaninha e ergueu coisas, olhando para elas.

Fechei a porta atrás dele.

Ele pegou uma foto minha com Tony. Havíamos tirado essa foto quando fomos ao baile de Halloween da escola, ano passado. Eu me fantasiara de tigre, e

ele de zumbi. Éramos terríveis para criar fantasias. Eu havia colocado a foto num porta-retratos e escrito o ano na borda.

— É, eu sei. Fantasias fracas, não é?

— Talvez. Mas eu estava olhando esse outro cara na foto, nos fundos. Parece Ben.

Fui andando até Chase e peguei o porta-retratos de sua mão.

— Deixe-me ver.

Parado, atrás de mim e de Tony, com o olhar fixo em minha nuca, estava um cara que parecia exatamente Ben. E digo exatamente... exatamente! Estava todo vestido de preto.

— Que diabos...?

— Achei que você havia dito que ele era novo aqui.

— E é. Ele não frequentava nossa escola antes. Acredite, eu saberia. Ele é muito gostoso para ser impopular. Além do mais, Tony disse nos *e-mails* que o cara era novo e que havia acabado de se mudar para cá.

— Bem, o que ele estava fazendo em seu baile de Halloween do ano passado?

— Não faço a menor ideia. Talvez estivesse com alguém. O que foi? *Trolagem* com fae?

Era uma ideia assustadora: pensar que eu poderia ter sido recrutada pelos Fae das Trevas antes de encontrar Jared. Agora, as mãos sujas de Rick Vigarista estavam me deixando enfurecida de novo. Não queria saber dessa baboseira de ver o lado bom das coisas, se ele estivesse envolvido.

— Isso é zoado. Quer dizer que eu cheguei seriamente perto de ser puxada para o lado negro.

— Isso quer dizer que precisamos chegar a Tony rápido. Se Ben agora sabe que você é Fae da Luz, e que está aqui para levar Tony de volta, vai entrar em ação logo.

Olhei para Chase completamente enfurecida.

— Acha mesmo que está me ajudando nessa situação? Deixando-me ainda mais em pânico?

Chase segurou meus braços e me olhou nos olhos.

— Jayne, relaxe. Vamos conseguir. Você viu Tony hoje e ele está bem. Hoje à noite vamos conversar com ele, tentar fazer que tenha bom senso, e amanhã vamos tirá-lo daqui, ok?

Ele continuou fitando meus olhos, e, de alguma forma, conseguiu me despir de todas as defesas. Em um segundo eu estava toda durona e pronta para chutar a bunda de alguém, e no próximo meus olhos se marejavam. Estar na casa de minha mãe estava mexendo sério com minha cabeça. Correção: estar na casa de minha mãe e do cara que queria me molestar. Que coisa mais zoada!

Chase me puxou para seus braços, esfregando minhas costas, sem dizer nada.

Fiquei ali por alguns segundos, apenas só e desfrutando a sensação de ser confortada por seu grande, forte e quente corpo.

— Isso consta de seu manual de *daemon*? Como acalmar uma garota fae louca?

— Sim.

— Sério?

— É. Tenho sorte de ter que proteger uma que é fofinha.

Ri um pouco, visualizando Chase abraçando um cara como Spike e dando uns tapinhas amigáveis nas costas dele.

— Eu não sou fofinha.

— Sim, você é. Muito fofinha.

Chase acabou de me dizer que sou muito fofinha?

Soltei um suspiro e me inclinei mais para junto dele. Era como se eu estivesse derretendo um pouco nele, e a sensação era boa.

Ele começou a esfregar minhas costas em mais lugares e pressionava a mão com mais firmeza. Eu podia sentir mais seus músculos junto a meu peito e minha barriga. Eu estava ficando quente, e não só por causa de nosso calor corporal.

Minha cabeça girava com perguntas. O que exatamente estava acontecendo? Eu estava ficando com tesão por Chase? Será que eu gostava dele desse jeito? Será

que poderia gostar dele desse jeito? Será que ele gostava de mim? Será que ele sentia o que eu sentia?

Senti sua cabeça caindo em direção a meu pescoço, seu hálito me fazendo cócegas quando ele exalava o ar e depois inspirava fundo. Envolvi sua cintura com os braços, tocando, com hesitação, o fim de suas costas. Eu podia sentir os músculos de cada lado de sua coluna como grandes e grossas cordas que se moviam enquanto seus braços continuavam a esfregar lenta e languidamente minhas costas.

De repente, ouvimos um "bangue!" na porta e nos afastamos de um pulo, e meu rosto instantaneamente ficou vermelho quando me dei conta do que estávamos fazendo… ou estávamos prestes a fazer. *Santa gostosura! Santa gostosura dupla!*

A porta oscilou e se abriu, revelando a presença de Rick Vigarista.

— Seu namorado precisa ir agora.

Chase se inclinou em minha direção, dando-me um rápido e aparentemente casual beijo nos lábios.

— A gente se vê amanhã.

E então, saiu andando, empurrando Rick para passar.

Rick ficou ali, parado na entrada do meu quarto por um segundo, olhando com desdém para mim. Então, saiu andando.

Fechei a porta com um chute e tranquei-a, voltando-me para cair na cama.

Ele me beijou. Não consigo acreditar que ele realmente me beijou! Chase!

Ele mal havia tocado em meus lábios, mas, *uau!*, eu ainda estava sentindo o beijo. *Chase?* Isso meio que me pegou de surpresa. Todo esse tempo eu vinha olhando para Chase como… bem… como apenas Chase. O cara calado. O cara que só ficava presente pela metade na maior parte do tempo. Agora, de súbito, ele era meu grande *daemon* dos beijos e abraços.

Levantei-me e fui até minha janela, abrindo-a. Fiquei olhando enquanto a forma de Chase ia desaparecendo enquanto ele ia se juntar aos outros. Eu sabia que ele viria até mim quando estivesse na hora de ir à casa de Tony. Nesse meio-tempo, eu ia ficar sonhando acordada por causa daquele beijo e tentaria pensar em que diabos ia dizer a Tony para convencê-lo a voltar comigo, antes que fosse tarde

demais.

Capítulo 28

DEIXEI A JANELA ABERTA PARA QUE TIM pudesse entrar. Por volta das onze, subiu voando e parou no peitoril de minha janela.

— Rapunzel! Está na hora de ir! Sua carruagem a espera!

— Acho que você está misturando os contos de fadas — falei em tom irônico enquanto me sentava e calçava os sapatos. — O que um *pixie* sabe de contos de fadas humanos, afinal?

— Oh, você ficaria surpresa com o que sei sobre o mundo dos humanos — disse Tim em tom de mistério.

Um dia desses eu ia entrar naquela cabecinha minúscula dele e descobrir todos os seus segredos. Tinha certeza de que ele tinha um monte.

— Quais são as novidades, ô coisinha?

— Bom, Tony havia saído com Ben, mas acabou de voltar. Vimos quando Ben o deixou em casa. Ele está no quarto agora, ouvindo música. — Tim ficou gingando em cima de minha escrivaninha. — Está na hora de colocarmos em prática nossa intervenção fae.

Ele estava um pouco animado demais por invadirmos a casa de Tony, falando com sua voz cantada, todo feliz da vida.

Fui até a janela e ergui o caixilho por completo, subindo e saindo no teto do pórtico. Passei sorrateiramente pelas telhas o mais silenciosamente possível, até que cheguei à beira perto da calha. Vi os caras me esperando na calçada sob o brilho do poste da rua. Seria uma queda um pouco grande até o chão, mas havia uma árvore ali perto. Essa parecia uma hora tão boa quanto qualquer outra para trocar uma ideia com O Verde local. A árvore era um carvalho.

Enviei um sinal pedindo ajuda. A árvore respondeu, mas foi lenta... como se fizesse um bom tempo que ninguém se conectava com ela. O Verde ali parecia diferente. Era como se tudo estivesse dormindo ou meio em brumas, diferente da energia que eu havia alcançado por meio da linha *ley* na biblioteca. Pedi que a árvore se inclinasse em minha direção e me provesse alguns galhos para que eu

descesse, e ela respondeu da melhor forma que pôde; não se tratava da maior árvore do mundo, nem um pouco perto do tamanho daquelas da Floresta Verde, mas era boa o bastante para me permitir pelo menos pular só pouco mais de um metro. Saí em meio aos galhos e me abaixei até um ponto mais ou menos um metro e meio acima do solo. Pulei, aterrissando sem quebrar nem deslocar nada; mesmo tendo ficado um pouco suja ao cair na grama, considerei uma fuga satisfatória.

Eu poderia simplesmente ter saído pela porta da frente, mas tinha certeza de que minha mãe teria me trancado para fora. Rick havia conseguido convencê-la, em poucas horas depois do jantar, que eu estava metida em problemas que precisavam ser resolvidos. Ela havia passado por meu quarto a caminho do dela para me dizer que eu precisava dormir e que teríamos uma conversa de manhã.

Ah, claro. Como se isso fosse acontecer.

Mas mantive meus pensamentos para mim mesma, porque tinha que permanecer nas boas graças dela por mais um tempinho; se não conseguisse convencer Tony a voltar comigo essa noite, teria que ficar ali mais um dia e repensar os planos. Eu poderia voltar ao hotel, mas ficaria preocupada por estar longe demais de Tony. Decidi que o melhor plano de ação seria grudar nele feito cola, com ou sem Ben. Eu ficaria do lado de fora de sua casa de manhã, e parada do lado de fora da escola à tarde... o que quer que fosse necessário.

Saí do quintal de minha casa em direção à casa de Tony, com Chase controlando os passos para andar ao meu lado e os outros atrás de nós. Ergui o olhar para ele, mas Chase mantinha os olhos à frente enquanto caminhávamos. Será que ele estava pensando no beijo? Tim voava baixo à nossa frente sem saber de meu estresse.

Chegamos à frente da casa de Tony e eu pude ver um brilho esquisito, que significava que ele estava sentado ao computador... ou que seu computador estava ligado. Ficamos bem juntinhos na calçada.

— Ele está em casa? — perguntei em um sussurro.

— Sim. Tim disse que ele estava lá em cima antes de irmos buscá-la — disse Finn.

— Então, o que devo fazer? Enviar-lhe uma mensagem de texto?

— Isso. Diga para ele sair — disse Spike.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não, os pais deles ficariam observando se ele saísse. Eles não podem saber que estamos aqui.

— Tim, o que ele está fazendo?

Tim subiu voando e depois voltou.

— Ele está ao computador.

Tim deu risadinhas, mas deixei para lá, já que esse era um dos hábitos esquisitos dos *pixie:* dar risadinhas sem nenhum motivo aparente. *Esquisitão!*

— Quero subir. Alguém me dê um impulso.

Fui andando até a cerca que passava debaixo da janela de Tony. Sua casa tinha uma varanda na frente, como a minha, de modo que o teto ali era o lugar ideal por onde entrar e sair sorrateiramente nos quartos de cima. Seu quarto era até mais fácil de se alcançar que o meu.

Chase foi até lá comigo e ficou ao lado da cerca, entrelaçando as mãos para que eu pudesse usá-las como escada. Segurei-me em seus ombros, tentando evitar olhar em seus olhos para não ficar toda babando por ele quando precisava me concentrar em Tony. Coloquei o pé em seus dedos entrelaçados e me preparei para pular para cima. O cheiro de sua colônia, ou fosse lá o que fosse que o fazia ter um cheiro tão bom, enchia minhas narinas e minha cabeça, tornando difícil não imaginar seus lábios nos meus como antes. *Por que aquele beijo teve que ser tão curto?* Eu podia ouvir Spike pigarreando alguns passos adiante, e sabia que, se olhasse para ele, seus olhos estariam brilhando, vermelhos. Ele parecia ter um radar para detectar quando me sentia atraída por alguém, e isso estava começando a ficar irritante.

Dei um pulo para cima com a ajuda de Chase e me segurei na beira do teto, colocando os pés na cerca e usando-a para subir o resto do caminho. Como eu estava grata por aquelas sessões de exercícios que tive com os anões! Meus músculos do abdome estavam durinhos, e isso facilitou muito puxar meu corpo para cima. Uma vez lá, fui de quatro até a janela do quarto de Tony. Eu podia vê-lo sentado ao computador, no quarto totalmente escuro, exceto pela luz brilhante da

tela. Bati de leve no vidro, na esperança de que ele não se assustasse muito.

Ele não respondeu, então, bati com mais força. Ele se voltou, mas não consegui ver seu rosto; o quarto estava escuro demais. Ele se levantou devagar, caminhando até a janela, abaixando o rosto e olhando para fora, acusando o choque ao me reconhecer.

Coloquei meu sorriso mais feliz no rosto e acenei toda animada para ele.

Ele abriu a janela.

— Jayne? Que diabos está fazendo aí fora?

— *Shhh.* Alguém vai ouvir. Posso entrar?

— Hmm, pode.

Ele abriu o restante da janela e dei um passo para trás.

Subi e entrei. Tony começou a fechar a janela atrás de mim, mas eu disse que a deixasse aberta. Queria me certificar de que Tim me ouviria e passaria as informações para o pessoal. Mas não contei isso a Tony.

Voltei-me para me explicar, e de repente me dei conta de que ele estava só de cueca.

— Ai, caramba, Tony, você está seminu!

Não era de se admirar que Tim estivesse rindo antes. Provavelmente ele estava rachando o bico nesse momento, sabendo que eu estava vendo Tony assim. Tim sabia muito bem que eu e Tony não tínhamos o tipo de relacionamento no qual um vê o outro sem roupas. *Engraçadinho!* Ia fazer ele me pagar por isso.

Tony foi andando a passos largos até sua cama, pegando uma calça de uma pilha de roupas no chão e vestindo-a apressadamente. Ficou de costas para mim enquanto fechava o zíper.

— Bom, eu não estava esperando ninguém. O que está fazendo aqui, enfim? Eu falei que nos veríamos amanhã.

— Eu não podia esperar até amanhã. Tinha que conversar com você agora.

Ele soltou um suspiro. Eu podia ver que ele estava irritado, mas tentei não me preocupar. O velho Tony nunca teria se enfurecido comigo se eu entrasse sorrateiramente em seu quarto; talvez preocupado com a possibilidade de eu arranjar encrenca com minha mãe, mas não com raiva.

— Sabe, Jayne, alguma coisa esquisita está acontecendo com você, e gostaria que me dissesse o que é. Não estou me sentindo à vontade com essa coisa toda.

— Que coisa toda? Só quero conversar com você!

— Não se faça de boba, Jayne. Você sabe do que estou falando. Primeiro, você desaparece sem se despedir, depois me envia *e-mails* em código; pelo que sei, você está usando drogas e andando com criminosos. E o que eu devia fazer? Simplesmente aceitar? Fingir que está tudo bem? Porque não está.

— Tony, de que diabos você está falando?

Eu estava estupefata. Não fazia a mínima ideia do que ele queria dizer, mas suspeitava levemente de que alguma coisa tinha dado errado com esse lance de apagar suas memórias.

Tony soltou um suspiro.

— Escute. É melhor você ir embora. Ben tem razão. Preciso seguir em frente... e você também tem que cuidar da vida.

O nome de Ben me fez entrar em ação:

— Aquele filho da mãe anda falando um monte de cocô desde que você voltou da floresta, Tony. Você não pode acreditar em nada do que ele vem falando. Ele está fazendo uma lavagem cerebral em você.

— *Shhh.* Fale baixo, vai acordar minha mãe.

— É, e daí? O que você vai fazer? Jogar um sapato nela de novo?

Tony ficou paralisado.

— Como você sabe disso? Andou me espionando?

Fui até ele e acendi o abajur de sua escrivaninha.

— Tony, sente-se. Precisamos conversar.

Vi que ele olhava para a escrivaninha. Segui a direção de seu olhar, até o celular que estava ali.

— Por que fica olhando para seu celular? Quer falar com Ben agora, não quer? *Não quer?*

Tony parecia culpado.

— Ele é meu amigo, Jayne.

— Não, não é, Tony! Ele é o inimigo!

— Ben disse que você diria coisas assim. São as drogas.

— Tony, se você disser que estou usando drogas mais uma vez, vou arrebentar sua cara.

— São as drogas falando.

Fui até ele e parei bem à sua frente.

— Você me conhece melhor que qualquer um no mundo inteiro, então, responda você mesmo a essa pergunta: o que Jayne Sparks faria se alguém continuasse insistindo que ela estava usando drogas se ela não estivesse?

— Ela detonaria a pessoa.

— Exatamente, então, diga isso mais uma vez para ver o que acontece.

Tony olhou para mim de cara fechada por um minuto. Esticou a mão e acendeu a luz, e olhou um pouco mais para mim.

— Bem, seus olhos não estão dilatados.

— Obrigada! Ah, e veja, não tem nenhuma marca de picada em meus braços! — puxei as mangas para cima para que ele pudesse ver meus braços. — Ah, e veja! Escovei os dentes todos os dias! — abri um largo sorriso maníaco para ele. — Não sou nenhuma drogada e não tenho tempo de ficar com essas porcarias de joguinhos com você, Tony. Tem umas paradas bem sérias rolando, e você está bem no meio delas!

— Bem, posso ver que sua linguagem de maloqueira não melhorou nem um pouco.

— Tony, juro por tudo que há de mais sagrado...

Ele ergueu as mãos.

— Ok, ok, vou parar. É que Ben disse...

— Sei, entendi. Ben vem enchendo sua cabeça de cocô desde o dia em que você voltou.

— Por que fica dizendo isso? Voltei de onde? E o que quer dizer quando fala que eu estava em uma floresta?

Soltei um suspiro. Ia dar um tremendo de um trabalho fazer que ele entrasse na nossa; muito mais trabalho do que eu havia esperado. Eu teria que ter

uma conversinha com quem supostamente deveria ter apagado a memória de Tony só até o ponto da reunião. Aparentemente, o imbecil havia tirado lembranças de Tony começando bem antes daquele ponto.

— Sente-se. Tenho um monte de coisas para lhe contar, e é super-importante, ou eu não teria me dado ao trabalho de invadir seu quarto no meio da noite. Acredite, isso não poderia esperar até amanhã.

Tony se sentou na cama. Eu me sentei ao lado dele e lhe contei a história, desde quando ele teve o confronto com o Brad Powers até quando os fae apagaram sua memória e o mandaram de volta para casa.

Quinze minutos depois, Tony olhava para mim com um sorriso paciente no rosto.

— Ok. Deixe-me ver se entendi. Supostamente, devo acreditar que eu e você fugimos juntos para Miami, andamos com outro pessoal que também havia fugido de casa, que nos inscrevemos para um teste aí, fomos dopados e mandados para uma remota floresta encantada, travamos batalhas com antigos seres sobrenaturais, e então nos ofereceram a chance de nos juntarmos à raça secreta deles? Porque haverá uma guerra e nós precisamos ajudá-los, lutando nela?

— Bem, quando você coloca as coisas assim, realmente parece meio doideira... mas, sim. É bem por aí.

— Jayne, essas drogas que você anda usando fizeram horrores em seu cérebro. Estou realmente preocupado com você!

Eu me levantei, furiosa:

— Escute aqui, seu cocozinho... eu não estou drogada, não estou bêbada e não estou sofrendo um colapso mental. Seu amigo, Ben, não é seu amigo. Faça a si mesmo algumas perguntas, ok? Seja inteligente. Por que o cara mais gostoso da escola inteira vira instantaneamente seu amigo? Hein? Durante toda nossa vida, moramos aqui e éramos os párias na escola. Invisíveis. De repente, depois que você passou no teste dos fae, é o melhor amigo dele? E de onde diabos ele vem? Alguma vez ele lhe disse de onde é? Supostamente, chegou à cidade no último mês, mas isso é engraçado, porque eu tenho uma foto dele em nosso baile de Halloween do ano passado, seguindo a mim e a você. É! Aposto que ele começou a encher sua cabeça

com coisas negativas a meu respeito logo no primeiro dia, não foi?

Tony se contorceu um pouquinho.

— Sim, você sabe que ele fez isso. Ben é um *deles*, Tony. Um Fae das Trevas. Ele quer que você se junte ao lado dele. Quer usar você contra mim... contra os amigos que você fez quando fugimos juntos. Você reconheceu Chase, puxa vida! — ergui as mãos. — Não sei que mais lhe dizer, Tony. Essa é a verdade. Não estou inventando nadinha.

Tony olhava para suas mãos.

— É verdade que Ben é muito popular. Muitas vezes me perguntei por que ele quer ser meu amigo...

— Ah, sério?

— Mas achei que fosse porque eu sou uma pessoa legal e o bom amigo que alguém gostaria de ter.

Seu jeito de falar era de dar dó, e instantaneamente me senti uma perfeita babaca. Fui correndo até a cama e me sentei ao lado dele, segurando sua mão.

— Você é uma pessoa legal e o amigo mais incrível de todos os tempos! Eu sei disso! Mas pessoas como Ben nunca veem esse tipo de coisa! Elas são muito egoístas!

— É, mas ele é diferente.

— Você está certo. Ele é diferente. Ele não é humano, é um *fae*.

Tony balançou a cabeça em negativa, olhando para mim.

— Jayne, você foi uma boa amiga para mim. Quero acreditar em você, mas o que está dizendo é simplesmente *demais para minha cabeça.*

— Tony, você tem as memórias em sua cabeça! Elas foram apagadas ou lavadas, mas você esteve lá comigo! Você quase foi morto!

Ele pigarreou, tentando colocar as próximas palavras para fora.

— Bem, se eu era tão seu amigo, por que me deixou ir embora?

Dei uma risada amarga.

— Sabe, venho me fazendo essa mesma pergunta. Mas, a verdade, é que você não queria estar no meio de uma guerra que não achava que era problema seu. As coisas que você viu o fizeram surtar. Você queria sua vida normal de volta, e eu

respeitei isso. E achei que, depois que fizesse meu treinamento por lá, eu poderia voltar e ficar com você de novo — soltei um suspiro. — Acho que não pensei muito bem nisso tudo. Mas, para ser justa, eu também não sabia como as coisas seriam.

— Bem, presumindo, só para argumentar, que o que você está dizendo é verdade, e sinto muito, mas ainda não acredito em nenhuma palavra, por que eu mudaria de ideia agora e me envolveria nisso? Ainda não é minha guerra e eu não sou uma pessoa mágica.

— Não é pessoa mágica, o nome é fae, e você é fae... ou poderia ser. E, queira ou não estar envolvido, está. Ben estabeleceu você como um alvo de grande valor. Ele quer você do lado dele. Por algum motivo ele não o forçou, mas vai fazer isso quando quiser se você não for de livre e espontânea vontade. Os Fae das Trevas não se importam com isso de fazer que essa parada seja voluntária. O que eles querem, tomam. Não sei o que ele está esperando, mas algo me diz que, agora que estou aqui, ele não vai esperar muito mais.

Tony colocou a mão na minha, e seu rosto mostrava só pena.

— Acho que você tem as melhores intenções, mas aconteceu alguma coisa com você quando fugiu... desculpe, mas acho que você precisa ir ao médico.

Eu estava desesperada. Aquilo não estava melhorando, só piorando. Quanto mais eu tentava fazer que ele desse ouvidos à razão, mais louca ele achava que eu era. Precisava ativar um gatilho em sua memória.

— Lembra-se da noite de ontem ou anteontem? Você estava ouvindo aquela música, *My Immortal*. Olhou para a nossa foto e a jogou na parede. Como eu poderia saber disso? Eu estava aqui, Tony, em projeção astral com um elfo cinza.

Tony olhou para mim com um pouco de medo, puxando sua mão para longe da minha.

— Jayne, você devia estar lá fora, no telhado de minha casa, exatamente como você fez hoje. Você está sofrendo de delírios sérios e provavelmente está me perseguindo obsessivamente, como uma *stalker*. Você precisa tomar remédios.

Ele estava recuando, afastando-se devagar de mim, tentando parecer de boa com isso, mas ficava olhando de relance para seu celular.

Estiquei a mão e peguei seu telefone.

— Aposto que Ben vem controlando você bastante, não é?

Tony ficou enfurecido.

— Ele tem sido um bom amigo! Você foi embora, ele veio e recolheu meus cacos!

— Não! Nós fugimos porque você percebeu que o namorado de minha mãe estava me molestando. Você pagou nossas passagens até Miami no Tri Rail. Você entrou na floresta comigo e ganhou o direito de clamar seu lugar junto aos fae. Ben é um impostor tentando tirar você de mim. De nós!

— Nós quem, Jayne? Quem?

— Eu! — disse uma vozinha na janela.

Claro que Tony não ouviu, mas eu sim. Foi então que tive a ideia.

— Tony, se eu conseguir provar que os fae existem mesmo, você vai, por favor, me dar uma chance de ajudá-lo a enxergar a verdade?

Tony balançou a cabeça em negativa.

— Não, Jayne, não posso deixar você fazer isso. Vou chamar meus pais.

Ele se levantou, mas eu pulei à sua frente.

— Por favor! Só uma chance!

— Jayne, não me faça machucá-la. Não quero fazer isso.

Isso me irritou.

— Escute aqui, Tony. Eu não fiquei colhendo flores em uma maldita campina durante seis semanas. Eu venho treinando. Para a guerra. O único que vai se machucar se a gente se atracar é você. Agora, sente aí, cacete, para que eu possa provar que você está errado.

Ele deu um leve passo para frente e eu assumi uma posição de luta.

— Eu vou fazer *i*sso caramba! Tony — eu estava chorando. — Eu vou machucar você, mesmo amando-o, só para que possa ver que estou falando a verdade.

Com raiva, limpei a maldita lágrima de minha bochecha e pigarreei ruidosamente, forçando o sapo que havia se alojado em minha garganta a ir para o inferno.

Ele ergueu as mãos e deu um passo para trás.

— Tudo bem. Vou ouvir mais uma única coisa. Se isso não me convencer, então você vai ter que concordar em me deixar em paz.

— Combinado.

Relaxei os músculos, que estavam em posição de luta, e estiquei a mão.

— Tim, pode vir até aqui um minuto?

Capítulo 29

OUVI AS ASAS DE TIM ANTES DE vê-lo chegar. Mas ele chegou, sim, ainda bem, aterrissando bonitinho em minha mão esticada.

— Tony, quero que conheça meu colega de quarto fae, Tim. Tim é um *pixie*.

Olhei para Tim, que estava em pé em minha mão; o *pixie* de pochete mais incrível e durão que se poderia imaginar.

— Tim, esse é meu melhor amigo em todo o mundo, Tony. Ele é humano.

— Prazer em conhecê-lo, Tony! — gritou Tim.

— Ele disse que é um prazer conhecê-lo. Sei que é difícil ouvir o que ele diz. Ele tem um fiozinho de voz, mas seu poder é imenso.

Tim se aprumou com meu elogio, oscilando de um lado para o outro, tentando com muita dificuldade parecer um pirata, acho, com os polegares enganchados na beira de sua pochete.

Tony só ficou ali parado, com o olhar fixo em minha mão, de queixo caído. Esperei que seu cérebro conseguisse acompanhar o que seus olhos viam. Ergueu as mãos para o rosto, esfregando-o algumas vezes, e depois, devagar, afastou-se um pouco. Apertou os olhos, fechando-os, e abriu-os de volta, arregalados e fixos em minha mão.

— É...?

A boca e a voz de Tony não pareciam querer trabalhar juntas. Sua boca se mexia, mas nenhum som saía. Depois, parou de se mexer, mas sua garganta fazia uns barulhos.

— Qual é o problema dele? — quis saber Tim. — Ele é retardado?

— Não, ele não é retardado — falei impaciente. — Só está em estado de choque. Ele nunca viu um *pixie* antes.

Tim soltou um peido.

— Ah, caramba, Tim, agora não! Puxa vida.

Voltei a olhar para Tony, que desviou o olhar contemplativo de Tim para

mim, confuso.

— Isso é... ele é...

— É. Isso... ele é um fae. Ele é um *pixie*. Eu sou uma fae. Você tem sangue fae. É isso que venho tentando lhe dizer, Tony. Não estou mentindo, cacete. Toda essa droga é verdade!

— Ele está usando uma... *pochete*?

Dei risada, e a alegria irrompeu em meu rosto.

— Sim, está. Legal, né?

Ergui as sobrancelhas para ele, implorando para que concordasse comigo.

O celular de Tony vibrou em minha mão. Ergui-o e olhei para a tela. Era uma mensagem de texto de Ben.

"Q HOUVE? ALGUM PROBLEMA?"

— Veja — ergui o celular perto do rosto de Tony. — Tente me dizer que seu amiguinho Ben não é fae. Como ele podia saber o que está acontecendo com você neste instante? Os fae têm o poder de sentir as emoções de outras pessoas. Ou eles têm amiguinhos que espionam para eles. — Ergui Tim mais um pouco como evidência. — Viu só?

Tony olhou para ele, e a dúvida tomava seu rosto.

Puxei o celular de volta.

— Vou enviar uma mensagem a ele e dizer que você está bem. Você está bem, não está?

Tony assentiu, sem falar nada.

Enviei uma mensagem de texto em resposta a Ben.

"TOH BEM. MINHA MÃE. :(A GENTE SE VEH DEPOIS"

Tim deu um pulo de minha mão e saltou no ar, exibindo suas habilidades insanas de voo. Voou baixo pelo quarto, dando saltos mortais e rodopios, e saltos de cabeça no meio do ar. Acabou pousando em meu ombro. Tony não desgrudou os olhos de Tim o tempo todo, e o *pixie* estava adorando a atenção.

— Tim, pode ir dizer aos rapazes para subirem aqui?

— Rapazes? — perguntou Tony. — Tem mais deles?

— Sim, mas não *pixies*. Eu trouxe nossos amigos. Caras que você conhece.

Quero ver se você se lembra deles.

Tim saiu para entregar a mensagem.

Tony balançava a cabeça.

— Ou eu vi um carinha em miniatura com asas voando por meu quarto e usando uma pochete, ou você me drogou e estou tendo alucinações seriamente estranhas. Assim que é uma viagem de LSD?

— Caramba, carambolas, Tony, você parece um cachorro que não larga o osso, às vezes. Eu bem que gostaria de estar sob efeito de drogas e não vivendo essa porcaria toda. Bom, isso não é verdade... mas, por favor, acredite em mim. Eu nunca usei drogas e nunca vou usar. Não faço a mínima ideia de como seja uma viagem de LSD. Estou descobrindo que a vida é louca o bastante... não preciso do estímulo extra, vá por mim.

— É, bem, se seu mundo inclui *pixies* voando por aí com pochete, posso ver por quê — ele balançou um pouco mais a cabeça. — Não consigo acreditar que estou dizendo isso. *Pixies*. Como se eles existissem.

Eu me inclinei mais para perto de Tony, feliz ao notar que ele não recuou.

— Escute, Tim é minúsculo, mas tem um grande ego. Odeia quando as pessoas agem como se ele não fizesse diferença, só porque é pequeno. Então, tente não agir como se ele fosse fruto de sua imaginação. Ele pode ser um verdadeiro pé no saco quando não está feliz.

— Oh — disse Tony ainda estupefato.

Tornou a se sentar em sua cama com o olhar vazio.

Logo se ouviam ruídos perto da janela. Fiquei olhando enquanto primeiro Jared entrava, e depois Chase, Spike e, finalmente, Finn.

— Venham até aqui, rapazes. Contei as novidades para Tony e ele finalmente concordou em tentar acreditar em mim.

Jared foi o primeiro a se aproximar.

— Ei, Tony. Legal ver você de novo. Você se lembra de mim?

Tony parecia envergonhado.

— Não, desculpe, não lembro.

Ele se levantou da cama e trocaram um aperto de mãos.

Finn foi o próximo.

— Ei, Tony. Sou Finn. Provavelmente você não se lembra de mim, mas eu me lembro de você. Mesmo que não se lembre de nada daquilo, você foi bom lá na floresta, durante o teste e tal. Detonou legal uns orcs! Eu vi isso acontecer com meus próprios olhos.

Ele assentiu para dar ênfase ao que estava dizendo.

— Eu fiz isso?

Assenti.

Chase veio em seguida.

— Chase.

— Tony. Prazer em conhecer... ver... você de novo.

Spike foi o último, indo na direção dele e esticando a mão. Tony pegou sua mão e começou a cumprimentá-lo.

— Ei, camarada. Sei que isso é difícil para você. Meu nome é Spike.

E então, Spike sorriu para Tony... aquele imenso sorriso que era sua marca registrada. Começou a puxar a mão, mas foi interrompido pela pegada de Tony.

— Seu sorriso...

Spike ergueu uma sobrancelha.

— Meu sorriso?

— Há algo de familiar em seu sorriso... — Tony olhou para mim. — Jayne, por que estou me lembrando do sorriso dele? Dos... dentes dele?

Senti o calor subir por minha face. Inclinei-me na direção de Tony para sussurrar ao seu ouvido: *Depois eu conto.*

Tony soltou a mão de Spike, disposto a me dar o benefício da dúvida; ainda bem. Nem ferrando que eu ia querer confessar minha obsessão pelos dentes de Spike na frente de todo o mundo. Pelo menos essa obsessão teve um resultado bom; de alguma forma, tirou as dúvidas de Tony, ou pelo menos causou uma tremenda de uma impressão. Devia ter sido por todas aquelas vezes em que eu havia enviado minhas vibrações a ele enquanto lançava, de forma chamativa, olhares sedutores para Spike em Miami.

Todos os caras estavam no meio do quarto.

— Então, o que acontece agora? — perguntou Finn.

Assim que disse isso, um som alto de vento forte se ouviu, proveniente de fora da janela do quarto de Tony. As persianas que pendiam até a metade balançaram com a rajada, batendo em volta ruidosamente, retorcendo-se e se curvando. Olhamos uns para os outros, confusos. A noite estava tão calma. Por que parecia que havia uma tempestade a caminho? A menos que...

Antes que o pensamento pudesse se formar por completo em minha cabeça, já era tarde demais para agir. Vi o movimento na janela antes que as palavras de alerta pudessem sair de minha boca.

O vento havia trazido a única pessoa que eu não queria ver.

Ben.

Ele estava lá, em pé, em toda sua glória de Fae das Trevas, vestido de preto, materializando-se do vento que, aparentemente, fazia sua vontade, fazendo-o aparecer lindo bem no meio do quarto de Tony.

— O que acontece agora é que Tony vem comigo.

Capítulo 30

DEI UM PASSO PARA FICAR NA FRENTE de Tony, empurrando-o para trás de mim a fim de protegê-lo.

— Só se for por cima de meu cadáver!

Os caras se juntaram rapidamente e formaram uma linha à minha frente, com Chase mais perto de mim, bloqueando com eficácia a maior parte da visão do rosto cheio de raiva de Ben. Eu estava me odiando por ter deixado o Blackie no hotel. *Como pude ser tão idiota?*

— Eu preferiria mantê-la viva, Jayne. Talvez, com Tony do nosso lado, eu possa persuadi-la a se juntar a nós também.

— Vá sonhando. Tony não vai com você, e nem eu.

Ben ergueu os olhos na direção de Tony.

— Tony. Lembra-se do que eu disse a você sobre Jayne? Sobre os amigos dela?

— Sim — disse Tony com fraqueza.

— Eu estava certo?

— Até certo ponto, sim.

Voltei-me.

— O que ele disse, Tony? Ele mente, você sabe. Você não pode confiar nele. Ele só está tentando fazer que você vá para o lado dos Fae das Trevas.

— Ele disse que você ia voltar e tentar me persuadir a me juntar a sua gangue.

— Não é uma gangue, Tony. Somos uma família. E Ben pode tentar negar isso, mas ele faz parte de uma família de fae também. Só que eles são os caras maus e nós somos os bons — segurei as mãos de Tony nas minhas. — Você tem que escolher um lado ou Ben vai escolher para você!

Eu estava desesperada e sabia que pareceria louca, mas não tinha como evitar. Simplesmente não podia perder Tony para esse cara. Eu podia sentir sua presença tenebrosa na sala perto de mim. Queimava.

— Se eu fosse forçar Tony a fazer alguma coisa, já não teria feito isso? Você é a única que o está forçando a alguma coisa. Ei, Tony... alguma vez eu pedi que você se juntasse a alguma gangue? Que deixasse sua família? Pedi que fizesse alguma coisa que não queria fazer?

Tony balançou a cabeça em negativa.

Senti que ele estava escorregando para longe de mim. Eu tinha que lhe mostrar que Ben ia forçá-lo, se não hoje, algum dia em breve. Mas, como?

Não pensei, apenas agi. Soltei a mão de Tony e estiquei-a em desespero, buscando uma conexão com O Verde. Notei, assim que comecei, que a casa de Tony devia estar diretamente em cima de uma linha *ley* ou muito perto de uma, como a biblioteca. O canal estava ali, vazio, não usado, esperando que uma fae como eu fizesse despertar seu verdadeiro potencial.

Invoquei todas as árvores e todos os arbustos e todas as flores que faziam do solo seu lar. Invoquei as criaturas da noite que vagavam na Terra, longe dos olhos humanos a seu redor. Fui até o mais longe que meu coração conseguiu, atravessando oceanos e águas com os quais tinha afinidade, e os lugares que nos conectavam à Floresta Verde e além dela. Invoquei tudo em minha única aposta pela vida de Tony.

O zunido encheu meus ouvidos e o poder crepitava nas pontas de meus dedos. O rugido da energia vital do mundo se ergueu ao redor de todos nós. Até Tony, que ainda não era fae, podia sentir que alguma coisa estava acontecendo. O ar estava repleto dessa energia. O chão e as paredes vibravam com sua imensidade.

— Você! — gritou Ben. — É você!

E então, rosnou. Sua boca se abriu e uma vermelhidão fogosa ardia ali dentro, e fumaça preta saía de sua boca e escorria por seu queixo, como se fosse sangue preto escorrendo em câmera lenta por seu corpo.

Jared deu um passo para trás para se alinhar em sincronia com Chase. Eles se aproximaram mais um do outro, bloqueando ainda mais minha visão. Finn e Spike fizeram uma formação em leque de modo a ficar em diagonal em relação a eles, formando um semicírculo com Ben próximo do meio.

— Diga-nos o que você quer que a gente faça! — gritou Jared esperando

meu sinal.

Nenhum deles estava com sua arma. Eu era a única que podia fazer alguma coisa contra Ben nesse exato momento.

Senti um puxão vindo do outro lado da sala... um calor que ia aumentando, vindo de Ben. Olhei entre os ombros de Chase e de Jared e pude ver um brilho vermelho vindo de trás das costas de Ben, cercando-o, fervendo e subindo sobre ele, dominando-o por completo. Ele estava se transformando em um fae demoníaco vermelho, em chamas.

— Tony! — gritei. — Está vendo isso?

— Sim! — ele gritou.

— Ele ou eu, Tony! Escolha agora!

Capítulo 31

TONY AGARROU MEU BRAÇO, SURTANDO POR COMPLETO.

— Não sei o que fazer, Jayne! Não sei o que dizer!

— Está na hora de sair de cima do muro, Tony! — eu gritava para ser ouvida acima do embotado, mas ominoso rugido que vinha do corpo em chamas de Ben. — Você está comigo ou não?! Porque se disser "não" agora, vai me perder para sempre. Não haverá nada que eu possa fazer por você depois. Você pertencerá a Ben e aos Fae das Trevas para todo o sempre. E quando digo para sempre, estou realmente falando sério. Os fae vivem milhares de anos, então... — olhei a fundo em seus olhos e falei a seu coração, do meu — ... digamos que para sempre é um bom tempo.

Tony olhou para o fae vermelho raivoso que era Ben. A criatura fae ainda se parecia com ele, mas estava praticamente em chamas, fervendo com seu poder de Fae das Trevas. Ele não queimava, mas eu sabia que se quisesse nos queimar, estaríamos em chamas em segundos. Eu não conseguia imaginar por que ele simplesmente não jogava uma bola de fogo e nos matava ali mesmo. Provavelmente porque Tony iria embora, e ele queria muito Tony, por algum motivo.

— Tony! — rugiu Ben — venha até mim agora!

Parecia a voz de Ben, com um toque extra de rugido de orc, o que a tornava cascalhenta, em tom de comando. Tentei não me assustar, mas era impossível.

A expressão no rosto de Tony era de pavor. Ele olhava para mim, agarrando meu braço.

— Não quero ir com ele, Jayne.

Agora Tony estava me deixando de mau humor.

— Então, isso quer dizer que quer vir comigo?

— Gosto de você, Jayne, você sabe disso... mas não posso simplesmente ficar aqui? Você não pode voltar para casa e ficar aqui também? Por que não podemos voltar a viver como antes... sem toda... essa loucura desse lance de fae?

Nesse exato momento, Tim decidiu ficar um pouco agressivo. Nunca vou

entender o que deu nele, porque todo o resto do pessoal na sala estava vendo um Fae das Trevas durão e flamejante, parecido com um demônio, e estava bem afastado dele. Mas não Tim. Não... ele mais parecia uma mariposa atraída pela luz.

— Eu cuido disso! — gritou Tim com sua vozinha.

— Tim! Não!! — gritei, mas ele não me deu ouvidos, como de costume.

Ele se lançou de meu ombro e foi voando em direção a Ben, com o corpo esticado em uma pose em miniatura de Superman, batendo furiosamente as asas.

Livrei-me de Tony e o empurrei, para passar entre Jared e Chase.

— Tim! Não!

Finn e Chase tentaram me segurar, mas me contorci e me soltei deles. Dei três passos para frente na esperança de agarrar Tim e arrastá-lo para trás, talvez enfiá-lo em meu bolso ou algo do gênero. Mas não cheguei a tempo.

Ben viu Tim chegando e abriu um sorriso afetado. Ergueu uma das mãos e soltou um raio *laser* vermelho de chamas de demônio, ou fosse lá o que fosse aquilo que o cobria sem consumir. Atingiu Tim direto na asa esquerda.

Seguiu-se uma centelha e um pouco de fumaça, e então todos vimos, horrorizados, enquanto Tim caía ao chão rodopiando, como um avião a jato descontrolado com defeito no motor. Eu podia ouvir seus minúsculos gritos de desespero, dor e choque enquanto vinha abaixo.

Tim ricocheteou no carpete, ficando com o rosto voltado para baixo, sem se mexer. Cheguei a tempo de pegá-lo rapidamente e recuar com ele. Abaixei o olhar e vi que sua asa esquerda era um calombo encarquilhado de carne e osso. Seus olhos estavam fechados. Não saberia dizer se estava respirando ou não.

— Você é mau, Ben... seja lá qual for seu sobrenome. Mau até o âmago. Só o maior dos tremendos dos babacas do mundo atiraria em um *pixie* minúsculo e indefeso!

Continuei recuando até que senti Chase atrás de mim. Ele tentou ficar à minha frente de novo, mas eu não lhe permitia. Voltei-me e entreguei Tim a Chase.

— Segure-o. Tenho que ensinar uma lição ao nosso amigo ali.

— Jayne, não... — disse Jared. — Não podemos fazer isso aqui.

— Jaaaayne — disse Spike. — Acho que é melhor você dar ouvidos a Jared

dessa vez.

— Ben devia ter pensado nisso antes de matar meu amigo Tim e de tentar levar meu melhor amigo, Tony, para longe de mim.

O Verde que eu havia invocado antes ainda estava ali, esperando-me, zunindo, zumbindo de poder. Puxei-o para meu corpo, canalizando-o através dos braços e fazendo que descesse até minhas mãos. Projetei a energia à minha frente como uma gigantesca bola reluzente verde. O poder quase me consumiu. Quase coloquei meu próprio ser dentro do brilho, porém, no último segundo, contive essa pequena parcela.

Observei Ben e o brilho vermelho que aumentava atrás dele, erguendo-se e reunindo-se nas laterais de seu corpo e indo repousar em suas mãos. O brilho das chamas vermelhas e laranja tinha a mesma intensidade do brilho verde reluzente de minha energia. Eu podia ouvir seu rugido raivoso em contraste com o zumbido d'O Verde.

Lá estávamos nós, cara a cara, preparados para jogar nossa energia um no outro. Olhei fixamente em seus olhos, e ele fez o mesmo comigo. Naquele exato momento, eu queria poder ler sua mente. Parecia que ele via dentro de minha alma. Quem era esse cara? Por que queria Tony tanto assim? Por que estava naquela fotografia minha e de Tony do ano passado? E por que eu queria atirar essa bomba nuclear verde nele, mas, ao mesmo tempo, queria-o vivo?

Tenho certeza de que nenhum de nós sabia exatamente o que ia acontecer; porém, fosse o que fosse, seria épico. Ergui os braços acima da cabeça para fazer que O Verde fosse para cima de Ben.

— Espere! Parem! — gritou Tony cuja voz soava bem distante. — Não precisa fazer isso, Jayne! — ele passou por Chase e por Jared e se pôs diretamente atrás de mim, onde eu podia ouvir sua voz com clareza.

— Jayne, eu vou com você!... Está me ouvindo?

Ele esticou a mão atravessando a energia d'O Verde que me cercava, colocando-a em meu ombro.

— Jayne — disse ele com mais calma —, eu vou com você.

Você odeia suspense?

NÃO SE PREOCUPE! VÁ ATÉ O *SITE* da Amazon, seguindo o *link* na página seguinte para o próximo livro da série, clique em "*Look Inside*" na capa do livro e poderá ler os primeiros capítulos do próximo livro da série, de graça. Eu sei, eu sei... suspense é de enlouquecer a gente, certo? Desculpem! Simplesmente não consigo evitar. :)

Sobre a autora

ELLE CASEY É UMA ESCRITORA AMERICANA QUE mora no Sul da França com o marido, e Hercules, seu *poodle* prodígio. Em seu tempo livre, escreve romances adultos.

Uma nota pessoal de Elle...

SE VOCÊ GOSTOU DESTE LIVRO, POR FAVOR, deixe um *feedback* positivo no *site* Amazon.com ou em qualquer *blog* literário de que você participe. Mais *feedbacks* positivos significam que posso passar mais tempo escrevendo livros! Ah, e eu adoro interagir com meus leitores, então, se tiver vontade de bater um papo comigo ou conversar sobre livros, visite-me. Você pode me encontrar em:

www.ElleCasey.com
www.Facebook.com/ellecaseytheauthor
www.Twitter.com/ellecasey
www.Shelfari.com/ellecasey

Outros livros de Elle Casey

A GUERRA DOS FAE — LIVRO 1 — As Crianças Trocadas

A Guerra dos Fae — Livro 2 — Chamado às Armas

War of the Fae: Book Three, Darkness & Light

War of the Fae: Book Four, New World Order

Apocalypsis

My Vampire Summer

Wrecked

Agradecimentos

ESTE É MEU TERCEIRO ROMANCE, E EU nunca me canso de achar incrível a quantidade de trabalho que é necessário e o apoio de que um escritor precisa para chegar ao produto finalizado. Porém, antes que eu agradeça à equipe que me ajuda a fazer isso acontecer, eu gostaria de estender meu obrigado em especial, primeiro e acima de tudo, aos meus **leitores**. O amor de vocês por meus personagens e pelas minhas histórias me proporcionou uma vida completamente nova, a qual eu muito aprecio. Obrigada por suas palavras bondosas, Amazon.com e resenhas de *blogs* sobre livros, *e-mails*, *tweets* e lealdade. Eu também gostaria de reconhecer e agradecer aos meus **editores** e **leitores beta**, especialmente **Beth Godwin, Alexis Arendt, Margaret Rainforth** e meu **marido**. Pessoal, vocês tornam minha vida tão mais fácil e os meus livros muito melhores. Eu gostaria de agradecer à banda **Breaking Benjamin** por ser minha inspiração para muitos dos personagens nesta série, e também da história em si. Obrigada ao **Evanescence** por sua grande canção, *Immortal*, que é tão perfeitamente adequada para a cena perto do final deste livro (escute-a enquanto estiver lendo, se for possível!). Obrigada à escritora *indie* **Samantha Young** por suas palavras encorajadoras e seu espírito pioneiro. Grandes abraços aos **blogueiros literários** que me deram espaço em seus *blogs* com resenhas dos meus livros, entrevistas, *guest posts* e sorteios. Vocês são o máximo! Por fim, eu gostaria de agradecer à **minha família** profundamente pelo apoio deles. Escrever ocupa muito de meu tempo agora, e vocês têm sido muito pacientes e apoiadores desde o começo. Incluo neste grupo não apenas minha família em casa, mas também **Lady O** e **Sir Richard**, que, com amor, me deram as boas-vindas em seu lar, que se tornou um refúgio de escrita para mim, e à minha **família estendida** nos Estados Unidos, de quem sinto muita falta. Superabraços a todos vocês!